



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

JANAICA GOMES MATOS

AS REDES REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE NOTAS JORNALÍSTICAS

FORTALEZA

2018

JANAICA GOMES MATOS

AS REDES REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE NOTAS JORNALÍSTICAS

Tese apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: **Linguística**

Linha de pesquisa: **Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização**

Orientador(a): **Dra. Mônica Magalhães Cavalcante**

FORTALEZA

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária Gerada automaticamente pelo Módulo Catalog., mediante os dados
fornecidos pelo (a) autor (a)

M381r Matos, Janaica Gomes.

As redes referenciais na construção de notas jornalísticas / Janaica
Gomes Matos. – 2018.

259 f.: il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceara, Centro de
Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2018.

Orientação: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante.

1. redes referenciais. 2. recategorizações. 3. notas jornalísticas. I. Título.

CDD 410

JANAICA GOMES MATOS**AS REDES REFERENCIAIS NA CONSTRUÇÃO DE NOTAS JORNALÍSTICAS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Doutora em Linguística. Área de concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Aprovada em 28/05/2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Valdinar Custódio Filho

Universidade Federal do Piauí (UECE)

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito

Universidade da Integração Intern. da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Francisco Alves Filho

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes Sousa

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Franklin Oliveira Silva

Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

Profa. Dra. Aurea Suely Zavam

Universidade Federal do Ceará (UFC)

Dedico os frutos desta tese:

A Deus, de quem todas as bênçãos vêm;

Aos meus pais biológicos, Neusa e Antônio,
aos meus pais adotivos, Expedita e Antônio,
por me fazerem acreditar em Deus, em mim e
na força de meu querer;

Ao meu esposo Mário, que tem me dedicado
tantas horas disponíveis de seu tempo e de sua
vida, desprendendo-se de si por mim;

À minha filhinha Paloma, que nasceu junto
com a tese e que um dia irá entender todo esse
processo e tudo o que isso representa... É por
ela que tudo faço.

AGRADECIMENTO

A Deus, que me sustenta, inspira, ilumina a minha mente e me concede a vida para construir e celebrar cada conquista;

Aos professores examinadores do projeto e da tese, prof. Dr. Valdinar Custódio Filho e profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito, pelo acompanhamento do trabalho nas etapas iniciais de confecção, durante a qualificação do projeto e, mais uma vez, nesta etapa conclusiva da tese. Pela dedicação com que se lançaram às leituras, primeiramente de meus esboços de pesquisa e, agora, dos trajetos já percorridos de meu trabalho. Agradeço pela sobriedade de suas reflexões e pertinência de seus comentários, que muito me fizeram progredir;

Também ao prof. Dr. Evandro de Melo Catelão, por ser meu parecerista sobre a tese em andamento, que muito me direcionou durante os Seminários de Pesquisa. Ao prof. Dr. Francisco Alves Filho e a profa. Dra. Maria Margarete Fernandes Sousa, a minha gratidão pela leitura cuidadosa e pela gentil aceitação de meu convite, deixando-me honrada por suas presenças e pelo empenho de cada um nas considerações sobre a tese que, indubitavelmente, far-me-ão crescer cientificamente;

Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL), à coordenação do curso, aos funcionários que atuam na coordenação, a todos, pela ajuda de cada dia, ao longo desse período;

Um agradecimento especial, *in memoriam*, aos inesquecíveis e geniais mestres da UFC, pelas incontáveis contribuições que deram à área de Letras, especialmente ao PPGL, do qual sou aluna: à profa. Dra. Bernadete Biasi-Rodrigues, a qual rememoro, especialmente por sua magnífica atuação no trabalho com os gêneros textuais, e ao prof. Dr. Paulo Mosânio Duarte, um professor que, por suas tantas qualidades de pesquisador sábio, encantou-me com suas aulas, das quais sempre me lembrarei com afeto e saudade. Ficarão eles eternizados em nossas vidas, pois o conhecimento uma vez plantado nunca morre ... Perpetua-se;

Ao apoio institucional da UFC, da UESPI e da CAPES/FAPEPI, pela pronta ajuda acadêmica, técnica e financeira, sem as quais seria muito mais difícil chegar a esse momento de consolidação da tese;

Aos meus colegas de trabalho, professores componentes do Conselho de Campus da UESPI de Picos, no Piauí, assim como aos coordenadores e ex-coordenadores do curso de Letras da mesma instituição, prof. Dr. Vicente de Lima Neto, profa. Maria do Carmo Martins e profa. Dra. Mônica Feitosa Gentil, pelo apoio profissional, pelas vezes em que se solidarizaram diante de meu esforço e da vontade de aprender, oportunizando meu afastamento das atividades docentes para poder estar aqui em Fortaleza, no Ceará, dedicando-me, com exclusividade, ao curso de pós-graduação da UFC;

A meus colegas do doutorado, especialmente aos do grupo de pesquisa Protexito, por tantos momentos de partilha do conhecimento, de dúvidas, de anseios e de êxitos nessa longa e prazerosa estrada do saber, pois a produção compartilhada na comunhão com amigos nesse grupo foi, para mim, uma das melhores experiências desse espaço acadêmico na UFC;

Agradeço, particularmente, à Mariza Angélica Brito, pela amizade e presteza em servir com a qual sempre se mostra. Pela motivação, inclusive nos eventos científicos dos quais participamos. Enfim, por fazer parte da minha vida acadêmica com o coração generoso que possui;

Ao meu querido esposo, Mário Junglas, que, devido ao seu olhar didático e mais voltado à cognição, acrescentou dicas perspicazes e sensatas a meu modo de conduzir a tese e, além disso, por sua experiência de doutorando comigo compartilhada, soube me compreender como ninguém;

Uma especialíssima menção de agradecimento aos meus pais, à minha mãe biológica Neusa e à minha mãe adotiva Expedita (*In memoriam*), aos meus dois pais Antônio Barbosa (*In memoriam*) e Antônio Pereira (*In memoriam*) e à minha quase-mãe, a irmã mais velha, Vanja Maria; a todos eles, pelo amor e pelo suporte que sempre me ofereceram em minha vida estudantil e profissional, a minha gratidão para sempre;

A todos da minha família a quem tanto prezo, meu 'obrigada' por terem me entendido pelas vezes em que precisei ficar fisicamente longe nos momentos de dedicação ao doutorado, ou mais confinada e solitária nos momentos de produção da tese, mesmo que soubessem que estarmos juntos em família é algo demasiadamente precioso;

À minha sempre estimada professora Dra. Mônica Magalhães Cavalcante, que, mesmo tolerando a "teimosia" de certas posturas teóricas minhas, soube me conduzir grandiosamente pelo caminho vitorioso, embora tantas vezes espinhoso, de uma defesa de tese. Pelo exemplo que é e sempre será para seus alunos e orientandos do Protexito, construindo um grande legado à ciência e à Linguística Textual no Brasil e no mundo. Agradeço muitíssimo também pela

força que deu a mim e pelo respeito ao meu trabalho, adotando, prontamente, ao fenômeno investigado o nome de “redes referenciais” já mesmo durante a pesquisa em curso, acreditando, pois, no potencial desta tese antes de mim... Enfim, a toda essa rede de referentes que ajudaram no construto da tese, agradeço.

“Nós não podemos dominar a móvel rede do
sentido

Nem alisar o líquido tapete das analogias

Cada palavra é uma abertura para o insondável

Antes de ser uma relação horizontal com as
outras palavras”.

António Ramos Rosa, in: As palavras (2001,
p.17)

RESUMO

Nossa tese se centra na necessidade de rediscutirmos as visões clássicas em torno das cadeias referenciais, na Linguística Textual, de tal modo a propormos a noção de redes referenciais, mais compatível com os pressupostos sociocognitivo-discursivos, na área de estudos da referenciação, de maneira a atender aos parâmetros do gênero textual e à construção das recategorizações (progressões referenciais) aplicadas à nota jornalística. No que tange aos gêneros, apoiamos-nos, teoricamente, em Figueiredo (2003), autora que propõe os modelos de padrões retórico-composicionais dos subgêneros das notas jornalísticas: nota noticiosa, nota comentário e nota comentário relatado, as quais consideramos como nota noticiosa e nota opinativa e relacionamos ao funcionamento das categorias de redes referenciais nesses subgêneros, prototipicamente. No que concerne à observação da interveniência das relações entre os referentes nas recategorizações, temos como aporte teórico os trabalhos de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), que tratam dos processos sociocognitivos de referenciação, bem como de Custódio Filho (2011), que sugere o esquema das etapas de (re) elaboração por que passam textualmente os referentes, e, ainda, de Cavalcante e Brito (2014), autoras proponentes do quadro de funções da construção referencial. Com isso, analisamos um total de quarenta (40) exemplares de notas jornalísticas *on-line* (vinte (20) noticiosas e vinte (20) opinativas), vindo a confirmar certa regularidade entre elementos composicionais dos subgêneros e a construção de determinadas redes referenciais, de forma a atenderem às diversas funções na estruturação genérica, fornecendo, com isso, variadas informações a acarretarem mudanças (recategorizações) que acrescentam, confirmam, ou até desconfirmam dados sobre os referentes, todos discursivamente interligados. Tais redes assim se organizam em uma complexa rede de interações, construindo-se de diversos modos, explícitos ou não, em prol de fatos noticiados, ou comentados de modo central, nesses textos.

Palavras-chave: redes referenciais; notas jornalísticas; recategorizações.

ABSTRACT

Our thesis focuses on the need to rediscuss the classical views around referential chains in Text Linguistics, to propose the notion of referential networks, more compatible with sociocognitive-discursive presuppositions, in reference studies, so to consider the parameters of the textual genre and the construction of recategorisations (referential progressions) applied to the newspaper note. Regarding the genres, we theoretically have support in Figueiredo (2003), author who proposes the models of rhetorical-compositional patterns of the subgenres of newspaper notes: news note, comment note and reported comment note, which we adapt as news note and opinative note and relate to the operation of the reference network categories in these subgenres, prototypically. As regards the observation of the interrelation between referents in recategorization, we have as theoretical contribution the works of Cavalcante, Custódio Filho and Brito (2014), which deal with the sociocognitive processes of reference, as well as Custódio Filho (2011), which suggests the schematic of the stages of (re) elaboration by which the referents textually pass, and also, by Cavalcante and Brito (2014), proposing authors of the frame of functions of the referential construction. Thus, we analyzed a total of forty (40) copies of online newspaper notes (twenty (20) news notes and twenty (20) opinative notes), in order to confirm a certain regularity between compositional elements of the subgenres and the construction of certain reference networks, in order to attend to the various functions in the generic structuring, thus providing a variety of information that entails changes (recategorizations) by adding and confirming, or even disconfirming data on the referents, all discursively interconnected. Such networks are thus organized in a complex network of interactions, constructed in various ways, explicit or not, in favor of central facts reported, or commented in these texts.

Keywords: referential networks; newspaper notes; recategorizations.

RESUMEM

Nuestra tesis se centra en la necesidad de rediscutir las visiones clásicas en torno a las cadenas referenciales, en la Lingüística textual, de tal modo que proponemos la noción de redes referenciales, más compatible con los presupuestos sociocognitivo-discursivos, en el área de estudios de la referencia, a atender a los parámetros del género textual ya la construcción de las recategorizaciones (progresiones referenciales) aplicadas a la nota periodística. En lo que se refiere a los géneros, nos apoyamos, teóricamente, en Figueiredo (2003), autora que propone los modelos de patrones retórico-composicionales de los subgéneros de las notas periodísticas: nota noticiosa, nota comentario y nota comentario relatado, las cuales adaptamos como nota noticiosa y nota opinativa y relacionamos al funcionamiento de las categorías de redes referenciales en esos subgéneros, prototípicamente. En lo que concierne a la observación de la intervención de las relaciones entre los referentes en las recategorizaciones, tenemos como aporte teórico los trabajos de Cavalcante, Custodio Filho y Brito (2014), que tratan de los procesos sociocognitivos de referencia, así como de Custodio Filho (2011), que sugiere el esquema de las etapas de (re) elaboración por la que pasan textualmente los referentes, y aún, de Cavalcante y Brito (2014), autoras proponentes del cuadro de funciones de la construcción referencial. Con ello, analizamos un total de cuarenta (40) ejemplares de notas periodísticas on-line (veinte (20) noticiosas y veinte (20) opinativas), de modo a confirmar cierta regularidad entre elementos composicionales de los subgéneros y la construcción de ciertas redes referenciales de modo a atender a las diversas funciones en la estructuración genérica, proporcionando, con ello, variadas informaciones a acarrear cambios que añaden, confirman, o hasta desconfirman datos sobre los referentes, todos discursivamente interconectados. Tales redes así se organizan en una compleja red de interacciones, construyéndose de diversos modos, explícitos o no, en pro de hechos centrales noticiados, o comentados en esos textos.

Palabras clave: redes referenciales; notas periodísticas; recategorización.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Quadro 1 - Cadeias coesivas no texto 5
- Quadro 2 - Modelo CARS sobre introduções de artigos de pesquisa
- Quadro 3 - Análise retórico-composicional
- Quadro 4 - Análise retórico-composicional
- Quadro 5 - Análise retórico-composicional
- Quadro 6 - Análise retórico-composicional
- Quadro 7 - Análise retórico-composicional
- Quadro 8 – Análise retórico-composicional
- Quadro 9 - Análise retórico-composicional
- Esquema 1 - Modelo de cadeias de associação
- Esquema 2 - Cadeias de referência
- Esquema 3 - Espaço anafórico 1
- Esquema 4 - Espaço anafórico 2
- Esquema 5 - Fusão dos espaços anafóricos 1 e 2
- Esquema 6 – Funções da construção referencial
- Esquema 7- Estrutura composicional da nota noticiosa
- Esquema 8 - Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura básica da nota noticiosa e as redes referenciais
- Esquema 9 - Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura complementar nota noticiosa e as redes referenciais
- Esquema 10 - Estrutura composicional da nota comentário
- Esquema 11- Estrutura composicional da nota comentário relatado
- Esquema 12- Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura básica da nota opinativa e as redes referenciais
- Esquema 13- Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura complementar da nota opinativa e as redes referenciais
- Esquema 14- As redes referenciais no subgênero noticioso (nota 80)

Esquema 15- As redes referenciais no subgênero noticioso (nota 81)

Esquema 16- As redes referenciais no subgênero opinativo (nota 82)

Esquema 17- As redes referenciais no subgênero opinativo (nota 83)

Esquema 18- A construção avaliativa de redes referenciais evocadas por outras (nota 95)

Esquema 19- As relações entre os referentes nas recategorizações avaliativas (nota 96)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	AS NOÇÕES CLÁSSICAS DE CADEIA NA ABORDAGEM TEXTUAL DA REFERÊNCIA	23
2.1	Noção sobre as cadeias de coesão: os nexos de formação do texto	23
2.2.	A área da referenciação: as cadeias na perspectiva da construção intersubjetiva do referente	29
2.2.1	<i>A noção clássica das cadeias referenciais na referenciação: a designação de referentes</i>	35
3	REVENDO AS PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO E DE ANÁLISE DAS CADEIAS	39
3.1	A sugestão classificatória das <i>cadeias coesivas</i> em Halliday e Hasan (1976; 1985)	39
3.2	O estudo de Antunes (1996) sobre as <i>cadeias de nexos</i> no contexto das funções do léxico	44
3.3	A proposta de Corblin (1995) sobre as <i>cadeias de referência</i>	50
3.4	Um enfoque sobre os <i>espaços anafóricos</i> no estudo da narrativa em Bonomi (1994)	58
3.5	A contribuição de Roncarati (2010) sobre as cadeias do texto	67
3.5.1	<i>Proposta taxionômica de Roncarati (2010) sobre as cadeias</i>	68
3.5.2	<i>A análise das cadeias segundo os tópicos discursivos</i>	72
4	AS (RE)CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS EM SEUS MODOS DE REDIMENSIONAMENTO	77
4.1	Os estudos de recategorização na primeira tendência dos estudos de referenciação	77
4.2	A ampliação das noções sobre as construções referenciais e as recategorizações, na segunda tendência da referenciação	83
4.2.1	<i>As estratégias de referenciação redimensionadas pelas funções da construção referencial</i>	90
4.3	A proposta de Custódio Filho (2011) como base para o estudo das recategorizações nas redes referenciais	102
4.3.1	<i>O esquema de Custódio Filho (2011) sobre os modos de (re)elaboração</i>	

	<i>referencial</i>	105
5	A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA DOS GÊNEROS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ANÁLISE DAS REDES REFERENCIAIS	114
5.1	John Swales (1990; 1992) e a abordagem sociorretórica dos gêneros textuais	116
5.2	A aplicação do modelo CARS à pesquisa de Figueiredo (2003): um aporte para o estudo das redes referenciais na nota jornalística	118
5.2.1	<i>Os subgêneros da nota jornalística segundo Figueiredo (2003)</i>	121
5.2.1.1	<i>A estrutura retórico-composicional da nota noticiosa e sua relação com as redes referenciais</i>	122
5.2.1.2	<i>A estrutura retórico-composicional da nota opinativa e sua relação com as redes referenciais</i>	155
5.3	Por fim, que noção pretendemos atribuir às redes referenciais?	168
6	METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS	171
6.1	Caracterização da pesquisa	171
6.2	Bases metodológicas da pesquisa	172
6.3	Delimitação do universo	172
6.3.1	<i>A construção do corpus</i>	172
6.4	Critérios de análise	174
6.5	Procedimentos metodológicos	175
6.6	Análise dos dados	177
6.6.1	<i>As redes referenciais: um caso prototípico de elementos básicos da nota noticiosa</i>	177
6.6.2	<i>Quando o elemento espacial é o próprio elemento afetado pelo fato na nota noticiosa: um indicativo de variação</i>	185
6.6.3	<i>Um caso prototípico de elementos da nota opinativa</i>	194
6.6.4	<i>A construção inferencial do fato e de seus elementos na nota opinativa</i>	204
6.6.5	<i>Mais algumas formas de (re)construção implícitas dos objetos de discurso pelas redes referenciais</i>	212
6.6.6	<i>Algumas variações não previstas no modelo de Figueiredo (2003) e suas implicações na construção do referente</i>	219
6.6.7	<i>Observações sobre as relações entre os referentes e suas implicações nas recategorizações avaliativas</i>	224
6.6.8	<i>Outras possibilidades de recategorizações consideradas em consequência de</i>	

<i>nossa análise</i>	238
6.6.8.1 <i>A hipótese da recategorização por desconfirmação e sua função argumentativa na nota jornalística</i>	238
7 CONCLUSÃO	247
REFERÊNCIAS	252

1 INTRODUÇÃO

A motivação para a elaboração de nossa tese advém da necessidade de se explicar melhor certas nuances do fenômeno de referenciação que implicam a elaboração de *cadeias referenciais*, também conhecidas como *cadeias anafóricas*. Assim, este é o objetivo geral da presente pesquisa: o de buscarmos uma nova roupagem ao tratamento desse conceito, propondo a noção de *redes referenciais*, de modo a atender aos parâmetros do gênero textual e à construção das recategorizações, na confecção de notas jornalísticas.

De acordo com Cavalcante (2011; 2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), as manifestações dos elos referenciais significam processos amplos, visto que os objetos de discurso, enquanto entidades construídas mentalmente no texto, são capazes de estabelecer tanto relações textuais explícitas em nível cotextual quanto implícitas, na medida em que são resgatadas pela memória discursiva, através de processos inferenciais, capazes de assegurar a mútua compreensão no fio discursivo tecido entre os falantes. Assim sendo, tal fenômeno não se apreende em sua totalidade pelas informações circunscritas aos espaços materiais do texto.

Partimos do pressuposto sociocognitivo-discursivo de que os referentes tendem a ser (re)modelados ou referenciados de diversas formas pelos interlocutores. Essas remodelações, ou recategorizações, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p.156), devem ser conceituadas como um “contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes ao longo de um texto”. Logo, a imensa variabilidade das entidades que compõem as tessituras referenciais existe porque elas podem ter seu *status* negociado interativamente, sob a plasticidade e a multifuncionalidade das formas de construção e manutenção dos objetos, seja no fluxo de um mesmo texto, seja em textos de diferentes locutores, nas muitas versões públicas e simbólicas do mundo, consoante Mondada e Dubois (2003). Daí a enorme adaptabilidade das tessituras referenciais aos gêneros (RONCARATI, 2010) e sequências textuais (RONCARATI, 2010; KOCH E ELIAS, 2010; SOUSA, 2013) nos quais se inserem.

Um diferencial do tratamento que pretendemos dar às redes são as relações que antevemos entre elas e os gêneros textuais, especificamente os padrões noticioso e opinativo dos subgêneros da nota jornalística, observando-se de que maneiras tais redes podem

contribuir para a construção dos sentidos nos textos. Dessa forma, tratamos do gênero textual de maneira compatível com os pressupostos da referenciação, enquanto ações sociais recorrentes e tipificadas em uma comunidade (MILLER, 1984; BAZERMAN, 2005; 2006), consoante a abordagem sociorretórica dos gêneros. Além disso, analisamos a problemática das relações entre os referentes, na promoção das retomadas recategorizadoras nas redes desses subgêneros, visto que tais vínculos propiciam a mudança dos objetos de discurso na progressão referencial e textual.

Quanto à literatura a respeito das teias referenciais, muitas questões ainda estão por ser revisitadas pelos estudiosos do tema da referenciação e do texto, sob um olhar mais cuidadoso quanto à sua natureza e função. Apesar da importância de se descrever as ligações entre os referentes para a organização do texto e a construção dos sentidos, em geral, os teóricos não têm se ocupado em refinar a observação dessas possibilidades, a trazer nova tônica sobre o fenômeno. Dentre os poucos autores que trataram mais diretamente da problemática, são discutidos aqui os trabalhos de Halliday e Hasan (1976; 1985), posteriormente o de Antunes (1996), o de Corblin (1995) e o de Roncarati (2010), todos de tendência estruturalista formal.

Mas ao contrário de tais propostas, buscamos, nesta tese, justamente defender que a abordagem de tal fenômeno seja menos presa a uma análise redutora de suas amarras formais, em prol de uma concepção sociocognitivo-discursiva e, para tanto, adotamos, metodologicamente, o critério funcional de análise. Percebemos, assim, a necessidade de contemplar, em nossa pesquisa sobre as redes, certos aspectos sociocognitivos que, nos estudos conhecidos sobre as cadeias, não são considerados. Primordialmente, é importante salientar o fato de não estarmos atrelando as redes exclusivamente às expressões referenciais, ou ao emprego de elos coesivos. Isto porque, ao contrário das definições tradicionais sobre as cadeias, que as concebem como nexos coesivos, ou ainda, como designações de referentes presas aos encadeamentos superficiais do texto (o que, a nosso ver, sugere o nome “cadeias”), admitiremos, como ponto de partida, que as redes referenciais não devem ser consideradas unicamente pelas formas léxico-semânticas de denominação dos referentes, haja vista os contextos passíveis de determinação de um referente, mediante uma série de indícios que emergem no cotexto para essa construção.

Com o objetivo de propormos o gênero textual como parâmetro de investigação, tomamos os elementos de função retórica dos subgêneros das notas jornalísticas para a análise e a segmentação das redes, tendo como aporte teórico o modelo retórico-composicional

sugerido por Figueiredo (2003). Já para a observação de como as relações entre os objetos de discurso podem intervir na construção das recategorizações nesses subgêneros, adotamos o esquema das quatro (4) etapas de Custódio Filho (2011), que classifica os modos de continuidade referencial, para avaliar quais percursos evolutivos as redes elaboram, bem como nos amparamos nos pressupostos de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) quanto aos processos sociocognitivos de referenciação e de Cavalcante e Brito (2016) sobre as funções da construção referencial.

Assim, analisamos um total de quarenta (40) notas jornalísticas, das quais vinte (20) são noticiosas e vinte (20) são opinativas, extraídas de diversos jornais e revistas brasileiras *on-line*. A publicação das notas colhidas compreende os períodos entre 2009 e 2017, abordando as temáticas mais diversas.

Em seu formato, a presente tese se estende em quatro capítulos teóricos. No capítulo 2, discutimos as noções clássicas de cadeias de acordo com a literatura sobre a referência, na Linguística Textual, mostrando todo um quadro evolutivo desde a visão dos nexos de constituição do texto até a noção de cadeias referenciais, pelo viés sociocognitivo da referenciação, que adotamos a fim de justificarmos a concepção de redes por nós defendida na pesquisa.

No terceiro capítulo, realizamos o trajeto teórico das propostas de classificação e análise das cadeias segundo as concepções abordadas no segundo capítulo. Na obra clássica de Halliday & Hasan (1985), os autores traçam uma tipologia lexicogramatical das cadeias, servindo de suporte para outros autores, inclusive para Antunes (1996) e até mesmo para Roncarati (2010), que, apesar de seguir os postulados da referenciação, ainda mantém certos pressupostos teóricos de Halliday e Hasan (1976; 1985).

Em um mesmo rastro formal, encontra-se a investigação exploratória de Corblin (1995), que, não obstante considere certos traços pragmático-inferenciais em sua abordagem, acaba por separar as tipologias de cadeias em termos de diferenças linguísticas e inferenciais, de maneira não compatível com as noções sociocognitivo-discursivas.

Embora Halliday e Hasan (1976; 1985), Antunes (1996), Corblin (1995) e Roncarati (2010) tenham o valioso mérito de classificarem e analisarem tais tipos de construto, o tratamento dado a este fenômeno revela-se bastante preso a questões de ordem estrutural, pois seus critérios de análise consistem, principalmente, na ligação léxico-semântica entre os termos. Deste modo, a perspectiva dos autores supracitados se mostra um tanto contrastante com as terminologias e tendências atuais na Linguística Textual.

Já a obra de Bonomi (1994) fornece-nos importantes conceitos sobre a evolução dos objetos de discurso nas redes, na medida em que sugere o texto como uma rede de espaços anafóricos que criam condições para que as entidades referenciais travem relações entre si, proporcionando-lhes verdadeiros pontos de acumulação de informações e predicções a seu respeito.

No que toca ao quarto capítulo, discorremos sobre a construção referencial e seus modos de redimensionamento, a iniciar pela noção de evolução referencial retratada como uma estratégia alternativa de designação de referentes, pelo estudo pioneiro de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), que veio sofrendo certas reformulações até se chegar à concepção de processo contínuo e inerente de mudança dos objetos, mais radicada na sociocognição, sob o veio de estudos da segunda vertente de referenciação. Nesta tendência, sobressai-se a sugestão taxionômica por nós seguida em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) no tocante aos processos sociocognitivos de referenciação que compõem as redes - divididas em introduções referenciais e tipos de anáforas e de dêixis - e ainda, os pressupostos teóricos de Cavalcante e Brito (2016), que redimensionam o esquema das quatro (4) etapas de Custódio Filho (2011), em termos das funções que possuem os modos de elaboração referencial, que são a apresentação e a retomada recategorizadora, bipartida nas funções de manutenção e de progressão referencial.

Demonstramos ainda que Custódio Filho (2011), retomando a ideia dos espaços anafóricos em Bonomi (1995), reafirma o caráter interventivo dos contatos entre os objetos de discurso na recategorização referencial, conquanto o autor não tenha se ocupado de uma análise mais profunda sobre as redes de referentes nestes processos. Descrevemos a proposta do autor sobre as quatro (4) etapas de elaboração referencial (apresentação e mudança por acréscimo, por confirmação e por correção), as quais aplicamos à luz das redes de referentes, nos subgêneros noticioso e opinativo das notas jornalísticas.

No último capítulo teórico, discorremos sobre a abordagem sociorretórica de gênero e sobre a sua contribuição para a análise das redes referenciais. Em seguida, apresentamos o esquema retórico-composicional de Figueiredo (2003), abalizado no modelo CARS de Swales (1990), expoente autor de tal corrente. Tal estudo que nos serviu de parâmetro leva-nos a uma correlação entre determinados tipos de redes de referentes e os elementos de composição da nota jornalística, cujos subgêneros (conceito explicado em Bhatia (2003), como subpropósitos ou pequenas alterações de um propósito maior do gênero), divididos por Figueiredo (2003) em três (3), a nota noticiosa, a nota comentário e a nota

comentário relatado, são por nós condensados em apenas dois (2) tipos: a nota noticiosa e a nota opinativa, por conta da proximidade de funções e de padrões entre eles.

No capítulo de análise dos dados, descrevemos nossa metodologia analítica das redes no gênero baseada no modelo de Figueiredo (2003), a partir do qual observamos as redes em correlação aos movimentos e passos retóricos das notas jornalísticas, na observância do papel funcional do fenômeno na construção dos sentidos do referido gênero e dos modos de continuidade que ocasionam, com base em Custódio Filho (2011).

Em resultado desse novo olhar teórico, defendemos que as cadeias sejam denominadas *redes referenciais*, o que, a nosso ver, sugere a desvinculação do fenômeno de base exclusivamente formal, uma vez que nossa análise nos faz conceber as redes em consequência de um entrelaçamento dos sentidos na construção dos referentes os quais mantêm uma diversidade de relações entre si, adaptando-se funcionalmente aos modos de construção dos textos.

Assim sendo, tais aspectos desse fenômeno é algo que nunca foi meticulosamente observado pelos pesquisadores da área, dada a tendência de o tratarem sempre fora de seu papel nos gêneros e fora de suas relações com todos os outros referentes, na promoção das recategorizações de um texto.

2 AS NOÇÕES CLÁSSICAS DE CADEIA NA ABORDAGEM TEXTUAL DA REFERÊNCIA

Nosso primeiro capítulo teórico se centra na necessidade de sequenciarmos o percurso das noções clássicas que se tem atribuído às *cadeias* na abordagem da referência no texto - desde as formalistas, como as de nexos coesivos até as chamadas “cadeias referenciais”, numa primeira vertente de pesquisas sobre referenciação. Com base nisto, repensamos um novo tratamento a conferir sobre o fenômeno das cadeias, mais compatível com a defesa dos pressupostos sociocognitivo-discursivos, os quais explicitaremos com base na área de estudos da segunda corrente de pesquisas em referenciação, na Linguística Textual. Isto porque o objetivo desta tese é o de propor uma análise em favor da noção sociocognitiva de *redes referenciais*, atendendo aos parâmetros do gênero textual e à construção das recategorizações aplicadas à nota jornalística. Iniciemos pela noção mais disseminada de que temos notícia na tendência estruturalista formal sobre as cadeias constituintes do texto.

2.1 Noções sobre as cadeias de coesão: os nexos de formação do texto

As pesquisas da Linguística Textual, bem como da referência no texto, nascem guiadas pela epistemologia estruturalista e são impulsionadas, inicialmente, para atenderem a interesses centrados em fatos gramaticais que não poderiam ser explicados somente tendo a frase como unidade de estudo. Fenômenos interfrásticos, tais como a correferência, a seleção do artigo definido/indefinido, a relação tema/tópico – rema/comentário e as ligações entre enunciados não conectados por termos explícitos, mereciam ser esclarecidos mediante estudos que abarcassem, em seu campo de observação, o texto, compreendido nesta época como uma sequência de enunciados.

Nessas circunstâncias, as pesquisas pertencentes a essa primeira fase, marcadamente formalista, da década de 1960 e 1970, assentam-se sob a ideia de texto como uma tessitura, composta por mecanismos responsáveis por tornar as mensagens coesas e coerentes. É importante destacar que não há ainda, entre os estudiosos, uma nítida separação entre *coesão* e *coerência*, na medida em que a coesão significa a manifestação formal da coerência, a qual consiste tão somente em uma mera qualidade ou propriedade que todo texto

deve possuir para que seja reconhecido como tal. Sob esse prisma, Koch e Fávero (2009) advertem que, nesta fase da Linguística Textual, a *referência* é tida como um dos mecanismos de coesão, formando o texto através de uma grande concatenação de “elos”, “nexos” ou “laços coesivos” mobilizados em prol de tornar significativa uma sequência de enunciados. Nesta operação, além dos elementos de referência, são também encadeadas as partes do texto que se unem entre si (frases, orações, parágrafos, segmentos textuais).

Dentre os autores mais representativos dessa época, destacamos Halliday e Hasan (1976; 1985), cujo estudo tornou-se clássico, sendo disseminado no Brasil, principalmente pela obra de Koch (1999) sobre a coesão textual. Estes autores tratam das cadeias como fato essencialmente coesivo, reservando a este fenômeno, portanto, a designação de “cadeia coesiva” (*cohesive chains*). Com este termo, os autores se referem às sequências do texto que se ligam, de forma imediata, a um cotexto precedente. Posto dessa maneira, para Halliday e Hasan (1976), a coesão acontece quando a interpretação de um elemento no discurso é dependente da de outro, devendo-se tomar como pressuposto o caráter eminentemente semântico deste fenômeno. Portanto, a coerência, sob este olhar, é o corolário de uma coesão materialmente manifestada por laços ou cadeias de elementos, sem que outros fatores da interação social possam ser integrados de modo decisivo. Vejamos:

- (1) *Lave e doure seis maçãs cozidas. Coloque-as em um prato à prova de fogo.*
(HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 2)

Segundo os dois autores, o termo “as” refere-se a “seis maçãs cozidas”, mencionadas na frase anterior. Esta função anafórica de “as” fornece a coesão entre ambos os enunciados, fazendo com que os interpretemos como um todo de sentido que os consolida como texto. Logo, a relação entre “as” e “seis maçãs cozidas” é coesiva, formando um laço de significado entre eles.

Sendo assim, o termo “recategorização” inexistente nessa época, o que há é uma noção puramente lexical, chamada de “substituição”, frontalmente oposta à de “referência”.¹ Ou seja, nesta vertente, a referência é conceituada como dois elementos linguísticos que se relacionam, de modo que um se refere ao outro; já a substituição concerne a um elemento linguístico quando não é repetido, e sim substituído por outro. Deste modo, ambos os

¹ Tal divisão de Halliday e Hasan (1985) foi, na época, bastante criticada, porque a substituição, na verdade, seria um tipo de referência, algo discutido por autores como Brown e Yule (1983) e comentado no Brasil, desde o trabalho de Koch (1999).

conceitos são vistos como fatores isolados de coesão, mas a junção das características da referência e da substituição vistas, tempos depois, como um só fenômeno, desembocam no próprio conceito de “recategorização” na primeira fase dos estudos sobre referenciação (da qual falaremos adiante), pois tal conceito reúne as definições de um e de outro (referência e substituição).

Dito isso, é forçoso lembrar que, em se falando de encadeamentos, ainda está longe de se propor, nessa época, uma análise de cadeias de referência que contemple, em seu bojo, fenômenos de remissão não correferencial (a anáfora indireta) e muito menos de se admitir a interferência de elementos desse tipo nas recategorizações de determinado referente no texto, já que tais relações indiretas não são enquadradas por Halliday e Hasan (1976) como cadeias de referência, mas somente como cadeias de tipo coesivo, semanticamente fundamentadas, de modo que as cadeias coesivas propostas pelos dois autores nem sempre são de caráter referencial (no próximo capítulo, o exemplo (5), fornecido por Halliday e Hasan (1985), contemplará o caso de cadeias coesivas não referenciais). Vale dizer que a organização das redes referenciais por nós contempladas nesta tese, bem como sua interveniência nas recategorizações, desenvolve-se tanto em casos de correferência (a anáfora direta e a encapsuladora), quanto em casos de não correferência (a anáfora indireta), no tocante à menção das expressões no texto, ou também ocorre mediante implicitudes no texto².

Halliday e Hasan (1976) consideram que a textura resulta de uma configuração semântica, na qual a coesão se sobressai por suas relações de sentido gerais a todos os tipos de texto, o que é capaz de distinguir o texto de um não-texto e de inter-relacionar os sentidos de vários textos (embora se afirme que a textura se dá em termos de graus, e não em termos de uma relação binária de “tudo ou nada”, perante cada contexto de situação). A coesão é, por assim dizer, um “edifício semântico” que oferece suporte geral a todas as classes de textos, muito embora os tipos de coesão possam variar conforme os vários tipos de registros (construções ligadas ao caráter semântico-situacional associadas a uma classe particular de contextos de situação). Sob esta condição, a leitura de Halliday e Hasan (1976) é a de que a coesão é uma propriedade intrínseca à constituição dos textos, de modo que aquilo que determina o sentido, por princípio, é a coesão - de tendência amplamente comum aos textos - e não os contextos particulares de uma situação ou outra.

² Os processos acima considerados pertencem à classificação de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) sobre as estratégias de referenciação, descritas no quarto capítulo da tese.

Vejamos mais um exemplo de elos coesivos que melhor explicam o que os referidos autores entendem por cadeias de coesão:

(2) *Lord Melbourne, que foi Primeiro Ministro quando Victoria tornou-se Rainha, em 1837, o não gostava do canto de pássaro e o não poderia distinguir uma cotovia de um rouxinol. Ele preferia o canto de melros em vez disso; melhor do que todos que ele gostava era o grasnado das gralhas e o podia olhá-las por horas enquanto elas circulam ao pôr-do-sol. Victoria ficava chocada com isto: ela detestava o irritante e insistente canto delas.* (Marina Warner, Tradução nossa de Queen's Victoria's Sketchbook, Macmillan, 1979, p. 77, extraído de Brown e Yule, 1983)

Quanto a este exemplo, estabelecem-se as seguintes cadeias de correferencialidade:

- (a) Lord Melbourne - Primeiro ministro – \emptyset - Ele - ele - \emptyset
- (b) Victoria – Rainha – Victoria – ela
- (c) gralhas – as – elas - delas

Nisto podemos depreender as cadeias correferenciais, que consistem nas teias de menções (ou de suas elipses) diretamente realizadas sobre um mesmo referente, relativos aos itens (a), (b) e (c), respectivamente, ao Lord Melbourne, à rainha Victoria e às gralhas. Ao lado destas cadeias, há outros tipos, dentre os quais os que são formados por “colocação lexical” - tipo de coesão sugerida por Halliday e Hasan (1976), como distinta da cadeia de referência – consoante veremos a seguir:

- (c) canto de pássaro – cotovia – rouxinol – melros- gralhas
- (d) canto de pássaro – o canto – o grasnado – canto³

Halliday e Hasan (1976) afirmam que determinadas unidades lexicais, como as que constroem as cadeias em torno de (c) e (d), fazem parte de um mecanismo o qual consiste

³ No plano da tradução lexical da língua inglesa para a portuguesa, os termos desta cadeia (d) por nós traduzidos não são designados através da mesma diversidade lexical apresentada no texto original em inglês, o qual mostra três expressões diferentes, “(bird) song”, “singing” e “calling”, para o mesmo sentido de “canto (de pássaro)”. Este sentido se mantém em português em forma de repetições, na maioria das palavras da cadeia (d).

no uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo, formando uma cadeia coesiva, no entanto não sendo parte de uma cadeia referencial. Desta forma, interligam-se as unidades “canto de pássaro, cotovia, roxinol, melros e gralhas” em virtude de integrarem uma mesma base comum: a de “pássaros que cantam”, ainda que indiretamente. O mesmo ocorre com a cadeia “canto de pássaro, o canto, o grasnado e canto”, na qual “o canto dos pássaros” é o campo de significado predominante.

A esse propósito, cabem-nos algumas críticas. Em primeiro lugar, segundo contestam os autores Brown e Yule (1983), Halliday e Hasan (1976) definem os fatos de coesão de modo ambivalente, ao alegarem que os nexos do texto se providenciam, necessariamente, por marcas coesivas constituintes da textualidade. Muito embora Halliday e Hasan (1976; 1985) reconheçam a consistência do “registro”, além de outros componentes linguísticos e “extralinguísticos” envolvendo os contextos situacionais como dispositivos para a conferição de sentido ao texto, ambos os autores os consideram praticamente como uma suplementação do plano coesivo na superficialidade textual, de maneira que a estrutura do texto define e confirma a natureza da configuração contextual.

Logo, esta tendência teórica apresenta-se conflitante com nossa avaliação sobre a problemática. Destacamos que as perspectivas atuais da Linguística de Texto se mostram em proveito da posição de autores como Brown e Yule (1983), que criticam a afirmação de Halliday e Hasan (1976; 1985) quanto à presença categórica de elos coesivos para a determinação dos sentidos. Isto porque se tem a compreensão de que tais relações semânticas se fazem acompanhadas do componente pragmático das enunciações, uma vez que inferências só são possíveis por conta do aparato conceitual-cognitivo e das experiências socioculturais que permeiam a memória dos indivíduos, incluindo-se nisto vários fatores, como o conhecimento dos gêneros dos textos e do contexto de suas práticas discursivas, por exemplo. Por essa razão, em se tratando das redes referenciais como objeto de nossa pesquisa, sugerimos que estas possam se delinear no texto, mesmo que certas unidades linguísticas não venham efetivamente expressas. Assim, elementos interligados por uma rede de associações podem vir apenas insinuados no texto, e para isso, colaboram não somente as ligações semânticas entre as palavras que atribuem nomes aos referentes, mas também o arcabouço de nossos conhecimentos, a par de outros fatores que constituem a coerência textual-discursiva, como a própria adaptação das redes ao gênero em que são produzidas.

Em segundo lugar, em nossa perspectiva, as ligações indiretas entre elementos, tais como as dos itens (c) e (d), no exemplo (2), não são apenas coesivas, como pontuam

Halliday e Hasan (1976), mas são também referências. Tais referências não são consideradas nesta abordagem, porque os dois autores separam ambos os aspectos, sentido e referência, observando a interligação semântica, mas não a natureza referencial que possuem tais unidades.

Sob nosso ângulo analítico, denominamos de anáforas indiretas os termos elencados em (c) e (d), cuja propriedade de remeter a outros elementos, seja do cotexto, seja de pistas contextuais, é de fundamental importância para a confecção das redes referenciais, conforme será devidamente explicado no quarto capítulo, que trata mais detidamente dos processos sociocognitivos de referenciação.

Em nossa tese, elencamos as propostas conceituais e metodológicas de mais autores de cunho formalista, que se detêm no estudo das cadeias: Antunes (1996), Corblin (1995) e, de certa forma, Bonomi (1994), que, conquanto não tenha se dedicado exclusivamente ao estudo das cadeias, acaba por contribuir para a temática. Todos eles possuem em comum, no mínimo, o fato de observarem as cadeias mais como formas de expressão, e menos como modos de interação no texto. Citemos ainda o trabalho de Roncarati (2010), que mesmo se situando como estudo que se assume no viés da referenciação, possui ainda sua atenção um tanto voltada a preocupações semântico-lexicais. Todavia ficaremos, por ora, apenas com a exposição sobre o conceito mais expressivo de cadeias num âmbito formal, que é a de coesão em Halliday e Hasan. No capítulo 3, dedicado à revisão das propostas em torno das cadeias, os trabalhos dos demais autores acima serão devidamente expostos.

Para um desfecho sobre a tendência coesiva no presente capítulo, afirmamos que, atualmente, com o desenvolver das pesquisas sociocognitivas, o debate se existe um não-texto por conta da falta de elos coesivos plenamente sinalizados no texto praticamente se esgota entre os especialistas que o discutem, na medida em que a coesão não é a única, nem a principal responsável pela constituição textual, segundo o que articulam Brown e Yule (1983), além de tantos outros autores, inclusive Koch (1999; 2004), Koch e Fávero (2012), Marcuschi (2012) [1985] e Antunes (1996). Por conseguinte, a coerência passa a ser, cada vez menos, entendida como dependente da coesão, sendo mais concebida sob um quadro de interação com fatores não somente textuais, mas, sobretudo, com fatores externos ao texto. Também se passou a postular a referência não mais enquanto um único tipo de coesão dentre tantos outros, e sim como um pleno conjunto de tipos de coesão, os quais foram intitulados de *referenciais*, pela remissão/referência a algo ou alguém, ou a eventos, processos, objetos

anteriores ou subsequentes no texto; em contraste aos tipos *sequenciais* de coesão, consistindo nos procedimentos por meio dos quais se estabelecem relações semânticas e/ou pragmático-discursivas entre os segmentos do texto para dar-lhe continuidade.

Passemos à perspectiva da referenciação, a partir da qual a referência é um processo interativo, e não tão somente uma forma coesiva, de modo que tal tratamento da referência passa a ocorrer, em certa medida, independentemente da abordagem da coesão, ou de outras de caráter formalista.

2.2 A área da referenciação: as cadeias na perspectiva da construção intersubjetiva do referente

Por conta do que foi até agora discutido, entendemos nós que refletir sobre a formação das redes referenciais significa ultrapassar a análise do sistema léxico-gramatical da língua, muito embora a organização desse sistema tenha a devida influência sobre a análise sociocognitivo-discursiva da referência. Advogamos, pois, em defesa da observação da multiplicidade de fatores de construção do referente nas redes, sob pena de nos cerrarmos em critérios ineficientes para examinar, em profundidade, as formas de elaboração e compreensão do texto.

À luz de uma concepção sociocognitiva e discursiva, a referenciação é uma atividade que permeia a comunicação dos indivíduos em geral. Atualmente, ‘referencia-ção’ é o rótulo dado aos estudos em torno da referência no texto, pois assim se prefere chamar essa perspectiva, associando-a com a ideia de processo, e não de produto acabado, algo bastante típico da epistemologia do século passado, até os anos 1970, na Linguística Textual.

Antes de tudo, faz-se necessário dizer que a *referenciação* abriga uma gama de processos inscritos como atividades de construção de referentes/ objetos de discurso depreendidos, por vezes, por expressões linguísticas, ou mais propriamente, por expressões referenciais (CAVALCANTE, 2012). A partir desta noção, passa-se à verificação de que tais expressões não servem apenas como formas de coesão, pois revelam atos permeados de outras funções, que não a simples estruturação de um texto.

O *referente*, uma vez definido sob o prisma coesivo, mediante a separação entre referente intratextual (endofórico) e extratextual (exofórico), é redefinido, nesta ótica, como uma entidade construída mentalmente no discurso (CAVALCANTE, 2011), por meio da intersubjetividade das interações sociais. Ou seja, se antes o referente era subdividido entre

entidades que fazem parte do universo do texto e entidades que não pertencem propriamente ao texto, agora seria descabido separá-las em termos do que é externo e o que é interno, porque, segundo Koch (2004), há, na verdade, diversos fatores contextuais interdependentes, colaborando para a construção dos sentidos, não sendo possível determiná-los sob tais juízos.

Entende-se aqui, ao contrário dos moldes representacionistas da Filosofia Antiga, que os objetos referenciados no modelo textual não existem como meros reflexos “cartográficos” ou “etiquetas” da realidade pré-concebidas, ou ainda, como elementos em perfeita correlação com um universo classificado *a priori*, mas sim como objetos de discurso concebidos *ad hoc*, mediante as práticas simbólicas intersubjetivas, que se dão a todo momento em nossas experiências de vida, para conferir significado a tudo que nos rodeia, na construção de nosso mundo interior e exterior com o qual interagimos constantemente. Não se trata de negar a existência da objetividade humana, mas de afirmar que ela mesma está sob a influência da subjetividade, na forma da convergência de nossas crenças na relação com o mundo, como afirma Marcuschi (2007). Por conseguinte, (re)criar referentes é uma atividade eminentemente cooperativa, tal como assinalam Koch e Cunha-Lima (2005). Desta forma, trata-se de uma negociação dos sentidos enunciativos entre os actantes sociais, mediante um espaço intersubjetivo comum, adaptável e flexível aos contextos e às visões de mundo proponentes dos discursos.

Por conseguinte, nossa constatação sobre a construção da referência radica na base epistemológica em que os referentes, enquanto entidades construídas mentalmente, na verdade, são processualmente mutáveis e, portanto, dinâmicos, maleáveis, (re) criados, ou ainda, “fabricados” através de nossos “óculos sociais”, na metáfora de Blikstein (1983). A noção de referenciação, à qual nos alinhamos, coaduna-se também com a de autores como Apothéloz e Reichler-Beguélin (1995), além de Mondada e Dubois (2003), Koch (2002, 2004), Cavalcante (2003, 2011, 2012) e Marcuschi (2008), dentre os demais especialistas na Linguística Textual. Assim é que Mondada e Dubois (2003), por sua vez, frisam que existem “categorias evolutivas” capazes de se adaptar a uma diversidade de contextos, situações e pontos de vista nos discursos. E assim complementam as duas autoras: “Tais variações no discurso poderiam ser interpretadas como dependentes da pragmática da enunciação, mais que da semântica dos objetos, cuja semântica poderá ser considerada como escapando à ideologia, como mais precisa, estável, senão até ligada a valores de verdade” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.23). Com tamanha versatilidade, os modos de referência constituem-se como

transformações de categorias, embora essas mudanças se operem de maneira provisória e negociada entre os indivíduos em suas práticas verbais simbólicas.

Consequentemente, a incrível plasticidade das categorias é atestada nas teias de referentes, que se amoldam aos propósitos do gênero textual em que estão inseridas, ao mesmo tempo em que colaboram para a recategorização dos referentes, fornecendo assim grande vazão aos direcionamentos argumentativos pretendidos por seus produtores. Daí a afirmação de Koch (2002) de que as expressões referenciais não possuem um papel único; ao contrário, são multifuncionais. Mais do que simplesmente referir, a natureza da referência se encontra a serviço dos mais diferentes propósitos comunicativos dos falantes, ao assinalarem pontos de vista, contradições, negociações, formas de organização do texto, reorientações argumentativas, efeitos estilísticos e diversas funções discursivas de outros tipos (CIULLA E SILVA, 2008).

Nesse contexto, ambas as noções de cadeias referenciais e de recategorização são discutidas em nossa tese. Em termos teóricos, devemos esclarecer que nos embasamos na referenciação. Entretanto, tal perspectiva carece de um conceito de cadeias que acompanhe todo o avanço epistemológico alcançado em suas pesquisas, nos tempos atuais, especialmente no que tange àquilo que hoje se entende por recategorização, segundo os estudos do grupo de pesquisa PROTEXTO⁴, ao qual pertencemos.

Vejamos que a *cadeia referencial*, tal como tratada costumeiramente na literatura da referenciação, constrói-se a partir da progressão textual, quando os referentes são introduzidos e se desenvolvem, podendo ser mencionados na continuidade do texto, ou podendo servir de base para a aparição de mais outro (s) referente (s). Logo, tal critério privilegiado é o da menção das expressões que nomeiam os referentes, o que ainda hoje se concebe.

Assim, a recategorização, vista sob o prisma da designação no cotexto, é reconhecida apenas pelas denominações alternativas sofridas na cadeia referencial de determinado referente, de acordo com os propósitos argumentativos do locutor, de modo tal que as categóricas relações internominais vão alterando as caracterizações das entidades no discurso, sendo este o único recurso analítico de que se vale para comprovar que essa entidade sofreu evoluções de sentidos na enunciação.

⁴ O grupo de pesquisa PROTEXTO é sediado na Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação da profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante e reúne pesquisadores de diversas instituições brasileiras.

Vejamos uma demonstração extraída de Koch e Elias (2016) de como as cadeias e a recategorização são assim retratadas:

(3) *Assim caminha a humanidade*

“Virunga”, documentário da Netflix que disputa o Oscar, retrata como a exploração ilegal de petróleo em parque no Congo ameaça gorilas.

No leste da República Democrática do Congo, o parque mais antigo e com a maior biodiversidade do continente africano abriga os últimos gorilas-das-montanhas do planeta. E também grande quantidade de petróleo.

A exploração ilegal do recurso no local, que é patrimônio mundial da Unesco, pela empresa britânica Soco deu origem a um conflito tenso entre funcionários do parque e grupos armados – que chegam a matar os gorilas na esperança de que sem os símios acabe a proteção na área.

O entrevero é documentado por “Virunga” – o nome do parque -, filme exibido pela Netflix e dirigido pelo britânico Orlando von Einsiedel. (...)

(Folha de SP, 20 fev. 2015, exemplo extraído de Koch e Elias, 2016)

Nesse modo de análise, uma vez introduzido em (3), o referente “parque no Congo” é retomado de diversas maneiras no mesmo texto, em sua continuidade, sendo redenominado por meio de formas nominais descritivas, como “o parque mais antigo e com a maior biodiversidade do continente africano”, “o local que é patrimônio mundial da Unesco” e “Virunga” – o nome do parque”. Tais expressões formam, por assim dizer, uma cadeia referencial em torno desse referente, uma vez que conduzem a manutenção desse objeto concebido por meio de diversas referências. Concluem, assim, Koch e Elias (2016) que, ao remeterem ao “parque”, os variados empregos de nomes alternativos componentes da cadeia são os responsáveis pela transformação desse objeto, apontando certos predicados ao modo pretendido pelo enunciador, construindo-o sob determinado prisma. Portanto, aqui não se observa a interveniência de outros fatores que ajudam a alterar os sentidos do referente, bem como a relevância de outras âncoras do cotexto que podem auxiliar essa construção.

No entanto, atualmente, autores como Cavalcante (2011) e Custódio Filho (2011), dentre outros do grupo Prottexto, assumem a postura de que a construção do referente não se comprova tão somente com o uso das unidades referenciais, mas também acontece de forma abstrata, na mente dos interlocutores, realizando-se ou não dentro do cotexto. Assim, por

exemplo, a continuidade de um referente em determinado texto pode ocorrer pela ativação de pistas contextuais que convocam informações compartilhadas pelos participantes da enunciação, revelando-se não por uma forma anafórica pontual, mas também mediante outros elementos textuais.

A recategorização nasce, então, como um fenômeno dinâmico, resultante de tal processo de tessitura dos referentes, pois revela as mudanças por que passa o referente no discurso; mudanças essas que serão abordadas nesta tese, através do que chamamos não mais de cadeias, e sim de “redes referenciais”. Conforme certificam Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014, p. 156), “Em todo texto, o locutor constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicções, disponíveis, em diferentes graus, no conhecimento das pessoas, à medida que transcorre a interação”. É isso justamente o que ocorre nas redes referenciais, pois à medida em que se entrelaçam no texto, os objetos de discurso travam uma multiplicidade de relações entre si e com a aparelhagem conceitual dos interlocutores do texto capazes de estabelecer a manutenção de certos referentes e de promover a aparição e o processamento de outros simultaneamente, adicionando traços e características aos objetos continuamente, no universo textual-discursivo.

Eis por que as recategorizações constituem estratégias textuais e cognitivas que ocorrem a todo instante nos processos referenciais, durante a constituição das redes. Com isso, agregamos a esse conceito o que entendemos também por texto como “uma unidade de coerência e de comunicação que os interlocutores representam mentalmente na atividade negociada da interação” (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 127); logo, a concepção de redes referenciais e de recategorização se mostra coerente com tal noção de texto concebida como um construto que tem por princípio a negociação dos sentidos elaborada na mente dos indivíduos. Vejamos um caso concreto desse fenômeno:

(4) *italofabris@programapanico Vovó, porque você não se candidata a presidência? Já [sic!] tem um vampiro, só está faltando a múmia!! about 16 hours ago via web in reply to programapanico Retweeted by programapanico and 100+others. (Disponível em: <http://twitter.com/PROGRAMAPANICO>. Acesso em 25/2/2010, extraído de Lima e Feltes, 2013)*

Assim, quando se remete a “vampiro”, no texto acima, o leitor deverá remeter a “José Serra”, o qual não vem lexicalizado, porém construído na subjacência do texto. Em

conformidade com Lima e Feltes (2013), a primeira coisa a se realçar é o conjunto de termos linguísticos que constituem a indagação inicial da postagem a evocarem, cognitivamente, uma série de conhecimentos para sua efetiva leitura, dentre os quais sobre a “eleição política”, do qual é constitutivo o elemento “candidato à presidência”. Em conexão implícita a esse esquema mental, está envolvido todo um saber do leitor sobre a concorrência a um cargo público. A este conhecimento, atrela-se o modelo cultural de regime político presidencial do Brasil e o saber socialmente compartilhado quanto à Operação Vampiro – uma operação da Polícia Federal em 2004, que investigou fraudes de funcionários do Ministério da Saúde, com a suposta conivência de José Serra, à época em que foi ministro. É nesse cenário que se hipotetiza a ancoragem de “José Serra”, transformado como “vampiro”, mas não homologado no texto. Nessa complexa rede associativa, podemos ainda incluir o conhecimento leitor acerca dos “filmes de terror”, nos quais se ancoram os termos “vampiro” e “múmia”, estabelecendo laços mútuos discursivamente. Por outro lado, ligações metonímicas estão na base da compreensão linguístico-cognitiva das relações entre “José Serra” e “vampiro” (= membro pela ação fraudulenta apurada pela Operação Vampiro), dentre outras prováveis associações no texto.

Por meio dessa ilustração, explica-se hoje que as recategorizações devem ser vistas não tão somente como as mudanças de designação do referente, mas, sobretudo, como um processo sociocognitivo-discursivo, que ocorre com a ajuda de outros fatores e elementos, tais como aqueles que se encontram latentes à superfície textual. Este exemplo ainda nos mostra que a ancoragem dos referentes evolutivos no texto é formada de uma grande rede de associações, algo que se engaja, plausivelmente, na noção que propomos para as redes referenciais enquanto entrelaçamento de sentidos na construção de referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si.

Então, de acordo com os dois últimos exemplos mostrados, percebe-se o delineamento de dois pontos de vista diferentes dentro da mesma linha teórica da referenciação. Conforme se elucida em estudos de Cavalcante (2011) e de Custódio Filho (2011), de um lado, a primeira tendência de estudos referenciais representa a perspectiva que dá prioridade à menção das expressões referenciais, segundo a qual as recategorizações só se efetivam através do uso explícito de expressões referenciais que assinalem a mudança nos referentes (como na explicação do texto (3)). De outro lado, o eixo das reflexões da segunda tendência parte do questionamento da maneira por que os vários elementos que participam da configuração textual (superfície linguística, aparato cognitivo, aspectos sócio históricos e

circunstanciais) são acionados para a construção de referentes (segundo a explanação dada em (4)).

Sobre essas duas correntes, uma atrelada à menção e a outra mais voltada para questões cognitivo-discursivas, Custódio Filho (2011) faz questão de esclarecer que ambas não são excludentes entre si; apenas são complementares, na medida em que a segunda tendência alarga a amplitude da primeira. O que muda, segundo ele, é o foco de análise no que diz respeito à participação e integração dos elementos não linguísticos na construção da referência, uma vez que ela é feita por meio da confluência de dados da cognição e da cultura social, os quais se mostram decisivos à construção dos sentidos, e não da simples consideração de propriedades semântico-lexicais de referenciar. Além de Cavalcante (2011) e Custódio Filho (2011), temos como modelos dessa perspectiva os estudos de Ciulla e Silva (2008), Lima (2009), Leite (2007) e outros mais. É nesta segunda tendência que situamos nossa proposta sobre a noção de redes referenciais, a ser discutida na tese. A noção de recategorização também será mais detalhada dentro dessa vertente, em um capítulo à parte (cap. 4, sobre “As (re)construções referenciais em suas formas de redimensionamento”).

Mas, no que toca a um estudo mais meticoloso acerca da tessitura de referentes, na constituição dos textos, muito pouco se disse nesta nova tendência da referenciação, apesar da grande relevância deste fenômeno para sinalizar a recriação do referente e, além disso, para construir o gênero textual em que vem situada. Em razão disto, uma noção de tessitura de referentes que englobe aspectos sociais e cognitivos propostos por esses atuais estudos, ainda não foi efetivamente proposta pelos autores hoje. A esse propósito, vejamos algumas breves postulações e análises existentes sobre as cadeias referenciais, na perspectiva da referenciação, de um modo geral.

2.2.1 A noção clássica das cadeias referenciais na referenciação: a designação de referentes

Sob os pressupostos da referenciação, algumas noções de cadeia foram adotadas por alguns autores, os quais falam apenas de modo breve sobre o fenômeno, numa visão mais voltada à menção dos termos referenciais. Abordaremos aqui algumas facetas sob as quais o fenômeno foi analisado.

Em Marcuschi (2001), por exemplo, o autor aborda, rapidamente, o conceito de “cadeias referenciais” com o papel de sequenciar estados de coisas e entidades, de modo que

quase sempre se desenvolvem cadeias lacunosas, exigindo conhecimentos comuns, partilhados, situativos para preenchimento destes espaços no texto e, por conta disso, o autor acentua o papel das anáforas indiretas enquanto estratégia sistemática de suprir lacunas lexicais (abordaremos as anáforas indiretas no item que trata dos processos referenciais segundo Cavalcante (2011, 2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014)). E novamente o autor menciona as cadeias, em Marcuschi (2008), ao analisar a relação entre referenciação e coerência, considerando que um texto se constrói e progride com base nos processos de progressão referencial e tópica. Progressão referencial diz respeito à introdução, identificação, preservação, continuidade e retomada de referentes textuais, correspondendo às *estratégias de designação de referentes* e formando o que o autor denomina de *cadeia referencial*. Já a progressão tópica corresponde ao(s) assunto(s) ou tópico(s) discursivo(s) tratado(s) ao longo do texto. O autor relaciona os dois tipos de progressão ao dizer que ambos não são independentes entre si, porém não são biunívocos, apenas co-determinados. Desta maneira, a continuidade referencial, na qual se formam as cadeias, serve de base para o desenvolvimento de um tópico para a construção de um texto coerente. Porém, tal relação não se dá de modo recíproco. Ou seja, a constituição do tópico significa tão-somente as condições possibilitadoras e preservadoras da continuidade referencial, mas não a garante. Na verdade, a progressão referencial se dá mediante uma complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento, nas múltiplas realizações do discurso.

Vejamos o que diz Cavalcante (2011, p. 59) sobre a confecção dos referentes no texto, na construção de *cadeias* ou *elos referenciais* sob o prisma da referenciação, dando um importante passo rumo a uma noção mais cognitiva desse processo:

Essa tessitura de elos interligados, coesos, que não se costuram exclusivamente pelo que está explícito no contexto, senão também pelo que se encontra implícito na memória discursiva⁵ e que se descobre por inferências, é a condição básica para que uma unidade de coerência se forme na mente de enunciadores e coenunciadores.

Por sua vez, Koch e Elias (2010) apontam que, quando são formadas as *cadeias anafóricas* ou *referenciais* pela remissão seguida a um mesmo referente, ou a elementos estreitamente ligados a ele, tal movimento de retroação constitui um “princípio de construção textual”, já que praticamente todos os textos possuem uma ou mais cadeias referenciais.

⁵ Por memória discursiva se quer dizer “um conjunto de representações que os interlocutores constroem de si mesmos, dos temas, de conhecimentos socioculturais compartilhados, de suas finalidades argumentativas quando interagem por meio de um texto”. (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO, 2014, p. 153)

Segundo Koch e Elias (2010), os elementos constituintes destas cadeias são responsáveis por efetuar uma série de funções importantes para a construção dos sentidos textuais, como a recategorização, a qual vai acrescentando ou alterando características e propriedades dos referentes. Com isso, durante o desenvolvimento textual, um mesmo referente pode ser recategorizado de diversas maneiras, por meio de traços diferentes que lhe vão sendo atribuídos, cada um revelando uma face diferente do mesmo objeto. Logo, afirmam as autoras que este é um meio poderoso para estabelecer a orientação argumentativa do texto.

Por outro lado, a propriedade flexível da tessitura referencial aos gêneros e sequências que os constituem encontra respaldo na obra das autoras que, mesmo de modo sintético, relacionam as cadeias aos elementos constituintes das sequências textuais⁶, de maneira a declarar que, na sequência narrativa, cada cadeia será formada em torno dos elementos tempo, espaço, protagonista, antagonista e elementos ligados aos personagens, ao passo que, nas demais sequências, haverá pelo menos uma cadeia ligada ao referente central tratado no texto. Não obstante isso, essas autoras não descrevem, sistematicamente, como estas teias de referência se desenvolvem, e muito menos como acontecem em associação com a progressão (recategorização) textual.

Já Roncarati (2010), ao analisar uma variedade de textos orais e escritos, alega, sob bases empíricas, que os formatos das cadeias, bem como as estratégias de referenciação as quais as conformam, tendem a se adaptar aos mais diversos gêneros e sequências textuais em que se inserem. A autora, apesar de contemplar as recategorizações flagradas no movimento das interconexões referenciais, só as considera sob a condição de homologarem, ao final da cadeia, as predicções e atributos imputados ao referente no prolongamento do texto. A mesma autora propõe uma classificação e distribuição das cadeias, que acompanharemos mais de perto, no capítulo 3.

Em perspectiva funcionalista e discursivo-textual da gramática, a dissertação da pesquisadora Sousa (2013) demonstra as evidências em torno da influência das sequências textuais narrativa, descritiva e argumentativa, sobre os tipos de cadeias de referentes, na composição do gênero romance literário. Da mesma forma que a obra de Roncarati (2010), Sousa (2013) se situa numa tênue fronteira entre os estudos de coesão e os de referenciação, pois se utiliza da abordagem coesiva de Halliday e Hasan (1976), além de se apoiar,

⁶ Jean-Michel Adam (2011), autor que originou a conceituação de “sequências textuais”, define-as como um dos mecanismos de textualização, que consiste num conjunto de proposições cognitivamente estabilizadas enquanto recurso composicional que atravessa todos os gêneros. São elas, a saber: a sequência narrativa, a descritiva, a argumentativa, a explicativa, a dialogal e a injuntiva; porém esta última foi excluída pelo autor.

simultaneamente, em obras sob o prisma da referenciação, como a de Marcuschi (2007; 2008), Koch e Elias (2012), Cavalcante (2003) e Roncarati (2010). Em sua pesquisa, Sousa (2013) analisa os preenchimentos formais (sintagma nominal, pronome, zero \emptyset) operados na referenciação e sua relação com os modos de introdução e de manutenção dos objetos de discurso, observando também os casos de recategorização nestes moldes. Então, na sequência narrativa, observou-se o modo de referência e identificação das personagens. Na sequência descritiva, o foco se deu sobre a construção dos elementos espaciais das cenas descritas; quanto à sequência argumentativa, observou-se os elementos usados na construção do ponto de vista do enunciador.

Enfim, de certa forma, esses conceitos e análises representam avanços, na medida em que uns se movem em direção a aspectos mais cognitivos, como em Marcuschi (2008) e Cavalcante (2011), enquanto outros tendem a reforçar os pressupostos concernentes aos condicionamentos genéricos sobre a montagem das teias referenciais, tais como as obras de Roncarati (2010), Koch e Elias (2010) e Sousa (2013). Porém, a nosso ver, falta-lhes um novo tratamento teórico-metodológico que abarque esses aspectos, pois ainda se pautam, geralmente, na concepção de cadeias como uma estratégia de designação de referentes. Esta noção, por sua vez, influenciou a própria ideia acerca da recategorização, tradicionalmente enfocada como uma estratégia lexical de designação alternativa de um mesmo referente ao longo de um texto (tal como visto em (3)).

Eis a razão por que, nesta tese, discutimos as teorizações tradicionais acerca das “cadeias”, dando-lhe uma nova roupagem de acordo com a evolução epistemológica da referenciação, o que não tem sido ainda feito, satisfatoriamente, pelos pesquisadores. Para tanto, no conteúdo subsequente deste trabalho, retrataremos as propostas de classificação e análise de cadeias em vários pesquisadores, que vão desde propostas de tipo formalista até a que mescla fundamentos léxico-semânticos à sociocognição.

3 REVENDO AS PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO E DE ANÁLISE DAS CADEIAS

Em conformidade com a evolução epistemológica dos estudos da referência vista no capítulo anterior, apresentaremos uma revisão panorâmica dos estudos sobre as cadeias, a começar por trabalhos anteriores de caráter formalista, que consistem na proposta taxionômica em torno das *cadeias de coesão* em Halliday e Hasan (1976, 1985), bem como nas *cadeias de nexos* em Antunes (1996) e nas *cadeias de referência* em Corblin (1995), todas elas desvinculadas de funcionalidades na construção do gênero e das recategorizações. Já o viés analítico dos *espaços anafóricos* em Bonomi (1994), fornece-nos os pressupostos acerca da interferência da rede de relações entre os referentes na progressão textual, muito embora este não seja um estudo específico sobre as cadeias, nem sobre a evolução referencial. Refletiremos ainda a respeito da investigação sobre as *cadeias do texto* em Roncarati (2010), que, mesmo herdando o legado teórico de Halliday e Hasan (1976), assume os postulados da primeira tendência de referenciação (mais atrelada à menção das expressões) e alega a possibilidade de adaptação das cadeias aos gêneros e sequências textuais.

Tal revisão nos levará à constatação de quão longínquo se situa o estudo de tais autores frente à proposta de se considerarem os múltiplos aspectos construtivos da referência na constituição das redes de referentes. Para tanto, iniciaremos pelos rudimentos do trabalho de Halliday e Hasan (1976; 1985) sobre as cadeias de nexos ou elos coesivos textuais.

3.1 A sugestão classificatória das cadeias coesivas em Halliday e Hasan (1976; 1985)

No que tange às cadeias de coesão, vimos no primeiro capítulo de revisão teórica, as postulações de Halliday e Hasan (1985) sobre os elos como recursos essencialmente semânticos. Desta forma, a base da coesão lexical estende-se a itens no texto que se apoiam um no outro a partir de alguma relação léxico-semântica reconhecível. Em síntese, para Halliday e Hasan (1985), como principais expoentes do estudo da coesão, estas significam mecanismos estruturadores da boa formação de um texto coerente, que não se constrói sem a efetiva explicitude destes mecanismos. (Em oposição aos dois autores, mencionamos que a inteira explicitude de elementos de natureza cotextual na construção da referência é algo para nós indefensável).

Halliday e Hasan (1985) distinguem então alguns tipos de cadeias coesivas, as quais se constituem com base em padrões lexicogramaticais que formam os tipos de nexos propostos pelos mesmos autores: a de *identidade* e a de *similaridade*, as quais entram em cadeias de *interação*. Vejamos então como cada um destes tipos revela diferentes feixes de conexões possíveis entre as unidades de um texto, de maneira que cada uma delas ocorre simultaneamente e suporta ou refina os domínios de significados dos outros termos com os quais entra em relação.

➤ *Cadeia de identidade*: consiste numa relação de identidade referencial entre dois termos, na medida em que cada membro da cadeia se refere a uma mesma coisa, evento ou entidade. Esta correferencialidade pode ser conduzida formalmente pela coesão pronominal, demonstrativa, pelo artigo definido, pelas formas de equivalência e pelas formas gramaticais que denotam comparação. Diante disso, tomemos o seguinte exemplo fornecido pelos autores:

- (5) *Era uma vez uma época em que havia uma garotinha*
E ela saiu para passear
E ela viu um lindo ursinho de pelúcia
E então ela o levou para casa
E quando ela chegou em casa, ela o lavou
E quando ela o levou para a cama consigo, ela o abraçou
E ela caiu no sono
E quando ela se levantou e o penteou com um pentinho de arame, o
Ursinho abriu os olhos
E começou a falar com ela
E ela ficou com o ursinho por muitas semanas e anos
E então quando o ursinho ficava sujo, ela costumava lavá-lo
E toda vez que ela o escovava, dizia algumas novas palavras de um país diferente
E este é o modo pelo qual ela sabia como falar inglês, escocês e todo o resto.

(HALLIDAY; HASAN, 1985, p.72)

Segundo dizem Halliday e Hasan (1985), as retomadas de “a garotinha”, “o ursinho” e “a casa” seriam cadeias de identidade, pois o texto expõe referências às mesmas entidades: “ela”, “ele” e “casa”, respectivamente.

Salientamos que Halliday e Hasan (1985) não tinham como alvo analisar a configuração das cadeias aliada aos propósitos textuais; apesar disso, estes autores sugeriram que cadeias exaustivas como as de correferencialidade, que se estendem do início ao fim de um texto, são próprias das características de narrativas curtas, como em (5).

➤ *Cadeia de similaridade*: consiste em relacionar dois termos não idênticos, quer existentes como membros distintos de uma mesma classe de coisas, eventos, processos, circunstâncias, objetos e seus atributos (coclassificação), quer pertencentes a classes ou categorias compreendidas dentro um mesmo campo geral de significado (coextensão). Em termos formais, a similaridade pode ser mediada pela elipse, pela substituição, por certas repetições lexicais e por meio das seguintes categorias que pertencem à coesão lexical: a sinonímia, a antonímia, a hiponímia e a meronímia. Assim, por exemplo, em (5) temos as seguintes cadeias similares: “viu, levou”, “adorável, sujo”, “lavar, pentear, escovar”, “levou, ficou”, “semanas, anos”, “muitas, algumas”, “novas, diferente”, “dizia, falar”, “levou para a cama, foi dormir, levantou, abriu os olhos”, “palavras, inglês, escocês, todo o resto”.

Em síntese, tem-se as seguintes cadeias de *identidade* e de *similaridade* no texto exposto em (5). Quando não se trata de menções únicas, seguem as respectivas quantidades de menções indicadas em parênteses:

Quadro 1 – Cadeias coesivas no texto 5

Cadeias de Identidade:
(a) garotinha (17);
(b) ursinho de pelúcia (14);
(c) casa (2);
Cadeias de Similaridade:
(d) havia, ficava;
(e) saiu, passear, chegou;
(f) lindo, sujo;
(g) lavou (2), penteou, escovava;
(h) levou, ficou;
(i) semanas, anos;

(j) muitas (2) algumas;
(k) novas, diferente;
(l) falar (2) dizia;
(m) levou para a cama, foi dormir, levantou, abriu os olhos;
(n) palavras, inglês, escocês, todo o resto;
(o) pequeno (3) ⁷

Fonte: Halliday e Hasan (1985, p. 90)

A partir desse rol, será de suma relevância esclarecermos um ponto respeitante à nossa análise teórica: as categorias gramaticais como verbos, certos advérbios, conjunções, dentre outras classes de palavras inclusas em cadeias por Halliday e Hasan (1985), para nós, representam de fato elementos coesivos, mas não necessariamente referenciais⁸. Aqui vemos que esta distinção não é levada em conta pelos dois autores, visto que sua perspectiva é a da “cadeia coesiva”, e não propriamente das “cadeias referenciais”. Por outro lado, esta distinção por nós realizada não significa que desprezamos a função dos elementos não referenciais no auxílio à construção do referente. Apenas diremos que, apesar de tais elementos não serem componentes diretos das cadeias, vinculam-se a elas indiretamente, funcionando como co-constructores.

Halliday e Hasan (1985) afirmam que, apesar das cadeias percorrerem um longo caminho no decurso textual, construindo a base para a coerência, elas não são suficientes; porque, necessariamente, devem ser incluídas em relações de interação entre si, ocasionando o que os dois autores chamam de “*Cadeias de interação*”. Elas se constituem como inter-relações as quais dão conta de elementos gramaticais que associam membros de duas ou mais cadeias distintas. Segundo a orientação dos dois autores, o requisito mínimo para que haja tal interação é que, pelo menos, dois membros de uma cadeia estejam na mesma relação com dois membros de outra cadeia; um exemplo disso é quando há vinculações que se devem a um mesmo tipo de relação sintática.

Vale ainda mencionar que Halliday e Hasan (1985) chamam de “*cadeias focais*” aquelas que, normalmente, apresentam interações com um grande número de cadeias no texto.

⁷ O vocábulo “little” no original em inglês, traduzido em português como “pequeno”, na verdade, corresponde ao sentido sufixal de -inho (a) componente das palavras “garotinha”, “ursinho” e “pentinho”.

⁸ Neste ponto, seguimos a distinção feita por Koch (2004) entre os elementos de coesão referencial e os de coesão sequencial, consoante foi explanado no capítulo anterior. Nas cadeias coesivas de Halliday e Hasan (1985), ambos os casos são contemplados ainda de forma não diferenciada.

Um exemplo fornecido é o das cadeias de “garotinha” e “ursinho”, cujo nível de contato com as outras cadeias no contexto de (5) é altamente significativo, possuindo, correlativamente, um alto grau de centralidade na narrativa. Por conseguinte, esses fatos são vistos como cruciais para o estatuto de um texto, visto que os autores propõem comparar, quantitativamente, o nível de textura, ou como denominam, a “harmonia coesiva”, com base nos itens lexicais inseridos nos tipos de cadeias, em termos do nível de interação que elas possuem entre si.

Como se vê, esta abordagem taxionômica da interação entre cadeias se dá em benefício da coerência que elas estabelecem no texto. Em virtude dos objetivos e da perspectiva teórica desta tese, supomos desnecessário reproduzirmos aqui a análise e a metodologia quantitativas de Halliday e Hasan (1985) com o fim de “medir” a textura. Conquanto atentemos, em nossa pesquisa, para a interação entre as teias de referentes, não usamos o mesmo aparato teórico, nem a metodologia dos estudos coesivos de Halliday e Hasan (1976, 1985), embora possamos concordar com a provável correlação entre o uso de mecanismos coesivos e a construção da coerência, desde que acompanhados de importantes dados contextuais, como por exemplo, os objetivos comunicativos do locutor e as características do gênero textual. Em nossa análise empírica da interação entre as redes sob um enfoque distinto, utilizamo-nos dos pressupostos da referenciação. Um ponto por nós salientado é que, ao contrário dos dois autores, percebemos, nos textos de nossa análise, a tendência de que todas as redes se encontrem em interligação, em função de sua subordinação ao fato central noticiado na nota jornalística, mesmo que as relações entre os referentes pareçam não ser todas iguais entre si.

Com isso, enquanto o principal parâmetro utilizado pelos autores para a constituição e classificação das cadeias é a sua representação estrutural e léxico-semântica, ainda muito voltada para a explicitude das informações linguísticas no texto, a nossa proposta de análise tem como referencial - além de relações como essas - as relações cognitivo-discursivas, inclusive as de implicitude, que a tessitura textual pode ativar, tendo-se em vista a noção de redes.

Portanto, atribuímos a Halliday e Hasan (1985) o mérito de terem proposto uma classificação dos tipos de cadeias, que providenciam esclarecimentos sobre tais bases de relações que unem os referentes. Todavia, atualmente, precisamos sugerir uma diferente visão de cadeias mais condizente com os princípios processuais do texto e que, por essa razão, não se baseie, primordialmente, em concatenações léxico-semânticas que ele possa revelar; mas, sobretudo, em relações discursivas e inferenciais adquiridas *ad hoc* na interação, atentando

para as prováveis funções dos referentes na construção retórica e composicional do texto, bem como para as dinâmicas de sua progressão (recategorização), sem perder de vista as atitudes intersubjetivas postas em jogo pelos interactantes.

Nesta sequência, iremos expor um dos estudos que se derivaram desta classificação. Nisto observaremos em que ele avança com relação à proposta seminal de Halliday e Hasan (1985) e a importância das considerações de sua autora no que tange ao funcionamento das cadeias de referência.

3.2 O estudo de Antunes (1996) sobre as cadeias de nexos no contexto das funções do léxico

Os estudos de Halliday e Hasan (1976; 1985) contribuíram com um imenso legado, deixando rastros na obra de uma diversidade de autores. A propósito, um conceito de cadeia coesiva derivado de Halliday e Hasan (1985) é o de Antunes (1996, p. 78), para quem as cadeias são “o encadeamento textual de nexos semanticamente semelhantes”, e isto inclui como parte das cadeias de coesão os elementos referenciais e até os elementos que consideramos não referenciais.

Ao estudar as funções discursivas dos nexos coesivos em cadeias de repetições e de substituições lexicais em editoriais jornalísticos, a autora propõe uma classificação das cadeias adaptada de Halliday e Hasan (1985). Sem nos apresarmos à análise da autora acerca do valor e das funções destas vias lexicais nos textos, procuramos priorizar, neste momento, as considerações feitas, nas obras de Antunes (1996; 2009), mais precisamente em torno das cadeias referenciais, nosso objeto de interesse. Assim sendo, para Antunes (1996), as **cadeias de correferencialidade** são equivalentes às de “identidade” sugeridas pelos dois autores, ao passo que a autora discerne em **cadeias de contiguidade** e em **cadeias de associação**, tudo aquilo que foi arrolado sob o título de cadeias de “similaridade”, na mesma taxionomia a qual se elucidou no item antecedente.

Antunes (1996) explana que as **cadeias de correferencialidade** são formadas por *nexos de equivalência*, os quais se estabelecem mediante uma relação de retomada de um mesmo segmento de realidade (segundo a visão realista da referência, a qual citamos em comparação à noção sociocognitivista de referenciação). Ou seja, para ela, duas expressões nominais, numa relação de correferencialidade, devem ter como referência atual a mesma entidade do mundo da experiência. Tome-se os seguintes trechos do *corpus* da autora:

(6) *Enfrenta, assim o País uma nova **etapa** (...) Ao se iniciar essa **etapa**, apraz (...)*

(ANTUNES, 1996, p. 209, grifos da autora)

(7) *Vai-se fazer premente uma **reforma** para a lei partidária. Só esta **reforma**, realmente, contribuirá (...)* (idem)

Em ambos os trechos, considerando-se apenas os núcleos nominais dos referentes destacados em repetição, a autora aponta a evidência coesiva da correferencialidade entre a primeira e a segunda ocorrências de “etapa” e de “reforma”.

Já as **cadeias de contiguidade** referem-se ao caso de expressões que ocorrem fora da condição de correferencialidade, mas que guardam relações de intersecção referencial, das quais a inclusão é um tipo. A autora cita como ilustração o caso de dois grupos nominais não correferenciais, cujos núcleos sejam preenchidos por unidades lexicais idênticas ou relacionadas. Logo, esse tipo de cadeia formada por *nexos de contiguidade* se equipara mais propriamente à noção de “co-classificação” em Halliday e Hasan (1976;1985). Um exemplo concreto disso podemos encontrar na obra dos dois autores:

(8) *Você gostaria desse pote de chá redondo?*

Não, eu desejo um quadrado. (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.306)

No presente exemplo, quando se pergunta mencionando “esse pote de chá redondo” e se responde remetendo a “um (pote) quadrado”, percebe-se, automaticamente, que se trata de dois membros não idênticos (um pote redondo e um pote quadrado) de uma classe idêntica de objetos (pote); em consequência, trata-se de duas expressões distintas cujos núcleos nominais remetem a unidades lexicais iguais.

As **cadeias de associação**, latentes à noção de “coextensão” em Halliday e Hasan (1985), ocorrem quando unidades lexicais se concatenam, dividindo o mesmo contexto verbal e estabelecendo, assim, uma regularidade nos padrões de seleção das unidades lexicais de um texto. Este padrão de co-ocorrência das unidades é, para Antunes (1996), o que melhor diferencia este terceiro tipo de cadeia do segundo tipo, pois, segundo a autora, não há limites claros entre ambas, existindo tanto em uma quanto em outra a relação de contiguidade, ou seja, de aproximação semântica e, por isso, nelas também não há correferencialidade. Dentre as relações semânticas que figuram nas cadeias de *nexos por associação*, Antunes (1996;

2009) destaca aquelas existentes entre os hipônimos (por ex., gato e rato no conjunto de animais), as relações de parte/todo ou parte/parte, conteúdo/continente (por ex., igreja e torre; boca e queixo), as que expressam diferentes tipos de antonímia (por ex., frio e quente, ou marido e mulher). No próximo exemplo, mais adiante, veremos como essas relações se configuram textualmente.

Portanto, as unidades de nexos que perfazem as cadeias descritas providenciam assim os pontos de ligação dos segmentos textuais, de tal forma que “o texto poderia ser imaginado como um terreno pontilhado por diferentes tipos de nós” (ANTUNES, 1996, p.77).

De agora em diante, observaremos a relevância de algumas ponderações de Antunes (2009), as quais, mesmo não se alinhando exatamente à nossa perspectiva analítica, ainda assim revelam certos pontos sobre os quais convém refletirmos. Por exemplo, julgamos de total relevância o destaque dado pela autora em relação à cadeia de associação, pela exigência da ativação de nosso conhecimento acerca dos esquemas ou *frames* em torno das coisas e processos da vida social e cultural. Veja-se o excerto de uma matéria na revista Veja, extraída da obra de Antunes (2009):

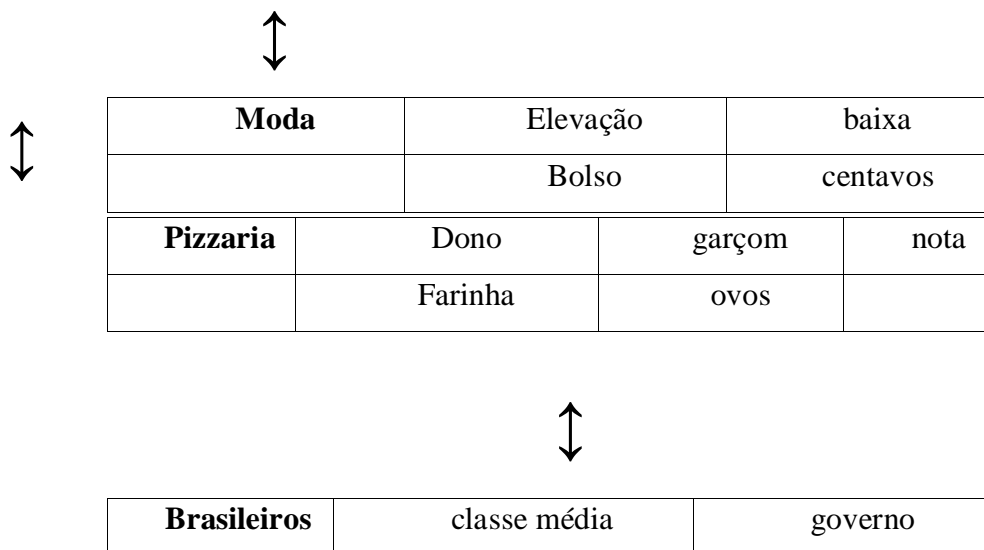
(9) OS PREÇOS MUITO LOUCOS DA ERA DO REAL

Culpar a última caipirinha pela total discrepância entre a nota apresentada pelo garçom e a inflação exibida pelo governo é injustiça. Empréstos os ouvidos para o dono da pizzeria explicar a elevação de preços, apesar da baixa da farinha e dos ovos, é masoquismo. Os preços dos itens que influem no bolso da classe média estão uma loucura. Esse é, hoje, um dos principais desafios do Plano Real. (...) um sinal de que o real ainda tem chão pela frente antes de ser encarado como moeda forte para valer: até agora, os centavos quase não existem para os brasileiros. (...) (Revista Veja, 19/07/1995, extraída de ANTUNES, 2009, p.147)

Esquema 1: Modelo de cadeias de associação

Inflação	Elevação	baixa
	Moeda	preço
	Plano Real	governo





Fonte: Antunes (2009)

Dentre as cadeias de associação esquematizadas pela autora para explicar seu funcionamento na matéria veiculada em (9), demonstramos algumas destas cadeias, ou parte delas, para explicar, mais precisamente, os elementos que aparecem no trecho acima. A pesquisadora assim sinaliza que, para a determinação desse conjunto de acoplamentos, o recurso às noções básicas do que seja inflação, economia, comércio e dos referentes que daí decorrem torna-se vital, e isso é viável por ocasião de nosso conhecimento, que vem dos esquemas mentais acerca de como os eventos, as coisas e as pessoas se distribuem e se organizam, regularmente, na experiência do mundo físico e cultural circundante (KOCH, 2002; VAN DIJK, 2012). Diante desse contexto, é fácil notar que entidades como “elevação, baixa, moeda, preço, Plano Real, governo” guardam relações intrínsecas com o sentido da palavra “inflação”, ancorando-se nela. Faremos a ressalva, porém, de que nossa análise transcende a “autossuficiência” semântica do sistema da língua na tessitura dessas relações e encontra fundamento de vínculo, sobretudo, em relações pragmáticas e contextuais, instauradas na memória discursiva dos interlocutores para a “fabricação” de redes referenciais; algo de que Antunes (1996; 2009) não se ocupa de modo principal, mesmo tendo em mente que tais instâncias são também características desses processos, especialmente para se encontrar as raízes dessa articulação, por exemplo, entre “Plano Real”, “governo” e outros referentes do texto supramencionado, no contexto histórico em que foi escrito.

Veja-se que dessas associações decorre um outro fato asseverado por Antunes (1996), o qual é por nós comprovado empiricamente: o fato de que uma cadeia, de certa forma, continua-se em outra, de tal modo que se torna difícil determinar suas fronteiras, pois

“não constituem, por isso, feixes isolados de relações, mas providenciam verdadeiras teias de ligações com linhas que se unem em todas as direções” (ANTUNES, 2009, p. 158). Assim, são colocadas as setas dúplices entre uma cadeia e outra, no quadro acima, para fornecer a indicação dessa via de mão dupla, de interação e reciprocidade entre as cadeias, uma vez que a teia de “inflação” dialoga com a de “moeda”, ao passo que os itens mais diretamente contíguos aos de “moeda” remetem, concomitantemente, aos itens da cadeia seguinte, e assim por diante, de forma que, após se estabelecer a coerência do texto, descobre-se que nenhuma palavra está “solta”. Nesse *continuum*, elementos de uma cadeia também interagem com outra (s), de tal modo que há a probabilidade de um mesmo elemento aparecer em mais de uma cadeia. É o caso dos elementos “elevação” e “baixa”, que pertencem, ao mesmo tempo, à cadeia de “inflação” e de “moeda”, visto haver também uma íntima articulação semântica, cognitiva e temática entre ambas no texto em exposição. O mesmo ocorre com o termo “governo” que surge na teia de “inflação” e de “brasileiros”, ambas profundamente interligadas, levando-se em consideração o contexto sócio-histórico da enunciação. Sem dúvida, esse fato é corroborado de forma recorrente, na análise de nossa amostra, e verificamos tal ocorrência não só no nível relacional entre lexemas, mas também no nível das dependências de natureza sociocognitiva e pragmático-discursiva entre as redes referenciais e os elementos do texto.

Convém assinalar a importância igualmente dada pela pesquisadora à promoção da continuidade tópica pelos mecanismos de ligação, que se arranjam por diferentes recursos nos textos: “o fato de um texto organizar-se a partir de um filão semântico cria, de certa forma, condições para que se estabeleçam diferentes cadeias de unidades lexicais, vinculadas por diferentes tipos de nexos”. (ANTUNES, 1996, p. 78) Com isso, percebe-se que todas as cadeias do texto (9) se direcionam a um mesmo tópico, em torno da “situação econômica brasileira” na época de 1995, daí a existência das teias convergentes “inflação”, “moeda”, “pizzaria” e “brasileiros” (além de outras surgidas na totalidade do texto).

Com isso, a explanação de Antunes (1996) quanto à unidade semântica de um texto tende a assemelhar-se, em certo momento, à proposta de Jubran (1992)⁹ a respeito da organização (sub) tópica, uma vez se citando a construção de sentido pelo encadeamento hierárquico dos vários desmembramentos, que remetem para a unidade global do texto, e no

⁹ No subitem 3.5.2, veremos que tal proposta de Jubran (1992), a respeito da organização (sub)tópica do texto, foi adaptada por Roncarati (2010) para sua análise dos desdobramentos das cadeias nos textos.

encadeamento vicinal dos desmembramentos entre si, numa relação de co-fluência, já que os desmembramentos são também inteiramente relacionais entre si.

Uma vez que há a continuidade textual, dela também decorre a progressão, da qual os dados informativos no texto trazidos pelos elementos de retomada são igualmente responsáveis, projetando-se em várias ligações multidirecionais de sentidos. Sobre isso, pronuncia-se Antunes (1996, p.32, grifo da autora): “se na continuidade da sequência do texto, num jogo de re-ocorrências e retomadas, **algo mantém-se, prevalece, sustenta-se, como na integridade de um fio, algo, também, deve ir, como num programa de afluências, somando-se, acrescentando-se, ampliando-se, progredindo**”. Deveras, é isso o que comprovamos ao nos deparar com a manutenção e a progressão discursiva dos referentes, ao manter relações com outras entidades discursivas e informações advindas da estruturação retórica do texto, o que efetua, por isso, uma contínua modificação referencial. Em virtude disso, consideramos, em nossa tese, as transformações dos referentes, as quais acontecem devido ao caráter naturalmente recategorizador das anáforas, que ocorrem em quaisquer situações de continuidade referencial, como vemos em Cavalcante e Brito (2016), das quais tornaremos a falar no capítulo 4, que contempla a recategorização. Daí também a importância da classificação de Custódio Filho (2011), que nos ajuda a identificar os modos de continuidade referencial ocorridos nas recategorizações, que sempre implicam um acréscimo e ampliação de informações sobre o referente.

Em suma, nessa pesquisa, além da abordagem da dimensão *lexical*, que diz respeito aos traços componenciais do plano de conteúdo (“semas”) das palavras e dos campos de sentido que os elos compartilham, demonstra-se certa atenção à dimensão *textual* - na exigência da unidade e continuidade tópica do texto - e destas dimensões a autora extrai fundamentais conclusões. Todavia, a mesma autora considera como aspecto “externo” ao texto a interferência de um conjunto de propriedades de cunho social, cultural e pragmático na instauração e no reconhecimento das conexões entre os termos. Ao reconhecer tal aspecto separadamente da constituição do texto, e não de forma inerente, a autora prefere aplicar-se ao que seja de ordem propriamente lexical e exclusivamente cotextual na pesquisa da construção de nexos e de cadeias coesivas, deixando fora de seu objeto de estudo tudo aquilo que também nos é de crucial importância para a edificação e manutenção referencial.

Na seção que ora iniciaremos, verifica-se que, tempos depois da publicação de Halliday e Hasan (1985), por quem se pauta Antunes (1996; 2009) e muitos pesquisadores, passos mais largos em direção ao aspecto cognitivo das expressões de referência nas cadeias

foram dados por alguns especialistas nessa temática. Vejamos, pois, a sugestão classificatória das cadeias em Corblin (1995), como uma das tentativas de refinamento conceitual do fenômeno.

3.3 A proposta de Corblin (1995) sobre as cadeias de referência

O estudo de Corblin (1995), assim como o de Halliday e Hasan (1976), assenta-se sob bases estruturais, não possuindo abordagens estritas quanto ao plano de enquadramento das cadeias aos tipos de textos em que se situam, nem quanto aos modos pelos quais os referentes podem evoluir discursivamente. Porém, Corblin imprime, a seu estudo das cadeias, certa preocupação com o mecanismo inferencial que mobiliza a interpretação dos referentes, inclusive trata das anáforas inferenciais “associativas”, que caracterizamos como parte da concepção estreita sobre as “anáforas indiretas” (ALVES, 2009), tipo anafórico apresentado na classificação de Cavalcante (2003, 2011, 2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Neste sentido, Corblin (1995, p. 9) se propõe a estudar "o modo como se efetua, no discurso, a referência a objetos ou entidades em língua natural".

Para tanto, Corblin (1995), inicialmente, traça um diálogo com o trabalho de Chastain (1975, apud CORBLIN, 1995), no que toca ao conceito de cadeia deste filósofo. Este último a divide em dois tipos: *cadeia anafórica (cadeia-A)* e *cadeia de referência (cadeia-R)*¹⁰. A *cadeia anafórica* seria uma sequência de expressões singulares aparecendo num contexto de tal modo que, se uma destas expressões se refere a alguma coisa, todas as outras também se referem. Já a *cadeia de referência* seriam ligações que podem ser estabelecidas de um contexto a outro.

Seguem os exemplos comentados por Corblin (1995), extraídas de Chastain (1975, apud CORBLIN, 1995):

(10) *Às sete horas da manhã, um oficial ARVN postou-se diante de um jovem prisioneiro, amarrado e vendado contra uma parede. Ele fez ao prisioneiro muitas perguntas, e quando o prisioneiro falhou em responder, o surrou repetidamente. Um observador*

¹⁰ De nossa parte, admitimos as designações “anafóricas” e de “referência” como parte de um mesmo processo, no qual a “referência” é um termo mais geral, que aloca todas as formas de referenciação, enquanto que o processo “anafórico” é um tipo específico de referência. (KOCH e MARCUSCHI, 1998; CAVALCANTE, 2003, 2011, 2012)

americano que presenciou a surra disse que o oficial ‘realmente bateu nele para valer’. Depois da surra, o prisioneiro foi forçado a permanecer em pé contra a parede por muitas horas.

De acordo com Chastain, esta passagem contém várias cadeias anafóricas (cadeias-A), em que cada uma inaugura, ou uma referência única a respeito de um referente, ou uma amarração de referências a um mesmo referente. Em seu raciocínio, são elas:

- I. Daquela manhã
- II. Um oficial ARVN – ele – o oficial
- III. Um jovem prisioneiro – o prisioneiro₁ – o prisioneiro₂ – o₁ – nele₂ – o prisioneiro₃
- IV. Uma parede – a parede₁
- V. Um observador americano que presenciou a surra
- VI. A surra₁ – a surra₂

Como cadeia de referência (cadeia-R), o autor mostra o exemplo a seguir:

(11) *Suponha que eu esteja lendo o jornal da manhã e me depare com a seguinte história:*

D7: Houston, Texas, 10 de março (UPI) – Dr. Michael De Bakey anunciou hoje numa entrevista coletiva que um coração poderia ser desenvolvido dentro de cinco anos. O famoso cardiologista da Baylor University disse que tal desenvolvimento tornaria os transplantes do coração desnecessários.

Eu então relato o fato para você dizendo:

D8: Um médico no Texas afirma que corações artificiais serão desenvolvidos em cinco anos.

Com base neste exemplo, Chastain afirma que ‘um médico’ e ‘Dr. Michael De Bakey’ estão ligados por uma ‘cadeia de referência’ (cadeia-R) em virtude de ambos figurarem em contextos distintos. Assim, como ‘contextos distintos’¹¹ Chastain explica o fato

¹¹ O que Chastain (1975, *apud* CORBLIN, 1995) designa como expressões ligadas por contextos distintos nas cadeias de referência parece ser equiparado, até certo ponto, com o que Costa (2007) concebe como expressões

de ‘Dr. Michael De Bakey’ estar presente no contexto situado na matéria de jornal, ao passo que ‘um médico’ surge no contexto do relato de um sujeito em 1ª pessoa, ocorrendo, pois, a justaposição de um discurso em outro, em que o primeiro é referido.

Já Corblin (1995), conforme mostraremos adiante, propõe uma nova divisão tendo como ponto de partida a classificação citada; entretanto sob um novo conceito e extensão diferentes do de Chastain (1975, apud CORBLIN, 1995). Isto se dá por conta das críticas de Corblin (1995): em primeiro lugar, a definição de anáfora apresentada tem origem em implicações da Lógica filosófica e, portanto, falta uma explicação linguística mais sólida para a diferenciação feita entre cadeia de anáfora e de referência, ambas pautadas em critérios posicionais¹² na sequência dos termos, bem como em critérios contextuais, definidos de forma extremamente vaga.

Em concernência ao trabalho de Corblin (1995), devemos explicar que o autor delimita as cadeias de referência por meio de sua identificação por um sistema linguístico que se diversifica em nomes próprios, pronomes, grupos nominais (definidos e demonstrativos), os quais são considerados do ponto de vista de sua distribuição nas cadeias. Por conta disso, a natureza dos pronomes e demonstrativos, por exemplo, é estudada enquanto “forma não saturada”, isto é, uma forma cujo conteúdo interpretativo é incompletamente especificado. Assim, o conteúdo deve ser saturado pela associação com um domínio cujas partes não especificadas de conteúdo são obrigadas a já serem estabelecidas, como por exemplo, através de um sintagma nominal singular ou plural, masculino ou feminino.

Entretanto, o autor assinala que o contexto não existe apenas nas estruturas linguísticas, sendo elas tão somente uma parte do suporte para a compreensão das referências.

Nos termos de Corblin (1995), o contexto pode consistir de saberes comunicativos que requerem conhecimentos do universo referencial, da percepção do ambiente, da memória de usos anteriores, das hipóteses quanto às intenções do interlocutor, etc. O autor explica, por exemplo, que a interpretação mais adequada do termo antecedente de um pronome anafórico

referenciais que retomam objetos de outro contexto, ou conforme sugere Custódio Filho (2011), uma espécie de “anáfora intertextual”. É importante enfatizar que este é um processo referencial do qual não tratamos até hoje, nos estudos de Linguística Textual.

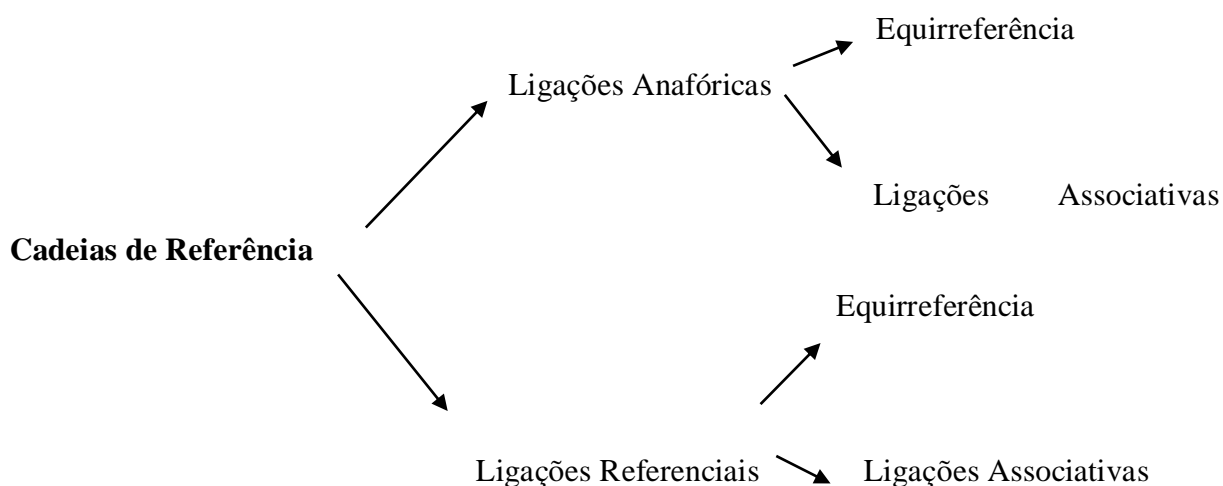
¹² Por critério *posicional* das expressões deve-se entender a posição que várias expressões de referência podem ocupar na sequência das cadeias, a posição inicial (I) e as posições não iniciais (N-posição). Assim, Chastain (apud Corblin (1995, p.157) parece endossar que, por exemplo, expressões com termos indefinidos podem ocorrer somente na posição-I, ou seja, devem ser o primeiro termo de uma cadeia anafórica no enunciado.

advém não totalmente do que é pertinente à língua, pois o pronome exige domínios interpretativos, chamados de “domínios obrigatórios associados”, obtidos por meio dos contextos. Assim sendo, “a combinação de propriedades linguísticas e princípios pragmáticos pode adicionar outros antecedentes por inferência (‘bridging’, “fazer ponte”). A resolução de um pronome, ou seja, a seleção do antecedente, é um processo pragmático” (CORBLIN, 1995, p. 164-165).

Desta forma, em reformulação ao tratamento de ‘contexto’ proposto por Chastain (1975, apud CORBLIN, 1995)¹³, embora não redefina tal conceito, Corblin (1995) sugere sua abordagem de forma mais pragmático-inferencial¹⁴, muito embora o autor lide com questões de cunho formal.

Corblin (1995) afirma que as cadeias de referência são compostas e heterogêneas, por mesclarem ligações anafóricas e referenciais, assim como ligações de identidade (equirreferenciais) e de associação, conforme a sua esquematização geral das “cadeias de referências” nos discursos:

Esquema 2: Cadeias de referência



Fonte: Corblin (1995)

¹³ Para Chastain, ‘contexto’ significa “qualquer coisa que expressa ou representa algo”.

¹⁴ Sublinhamos a relevância da convocação de Corblin (1995) de componentes cognitivos para a noção contextual da referência; todavia esta não coincide com o modelo conceitual de nossa vertente teórica, por ainda conter um forte apego a restrições formais. Contexto, para nós, é algo que abrange diversos elementos socioculturais e cognitivos da interação, capazes de produzir sentidos. São assim conhecidos diversos tipos de contexto: linguístico, interacional, sociocognitivo, os quais se conglomeram para conduzirem tanto a produção, quanto a compreensão de textos. (KOCH, 2002, 2004; KOCH; ELIAS, 2010)

Em linhas gerais, as conexões das cadeias de referência, as de *ligações anafóricas* e as de *ligações referenciais*, originam-se da divisão de Chastain (1975, apud CORBLIN, 1995), no entanto sob novo critério baseado não mais na diferenciação de contextos, mas no cálculo necessário à interpretação dessas ligações, levando-se também em conta as relações de *equirreferência* e de *ligações associativas*, as quais podem aparecer nos dois tipos de ligações referidos.

Para o autor, as *ligações anafóricas* ocorrem fundadas em conexões entre uma expressão e seu antecedente, que fornece uma fonte cuja interpretação se dá por cálculos linguísticos. Já as *ligações referenciais* ocorrem governadas por inferências autorizadas pelos conhecimentos empíricos partilhados na situação comunicativa, entre os interlocutores. Por conseguinte, esta diferença é baseada, segundo o autor, no tipo de cálculo que deriva as pistas de identificação dos referentes. Vejamos alguns excertos retirados de Corblin (1995):

(12) *Dr. Lauben está doente atualmente. Este famoso cardiologista viveu em Paris por cinco anos.* (CORBLIN, 1995, p. 166)

(13) *Meu irmão é prestativo. Liguei para ele ontem, porque tinha um problema. Cinco minutos mais tarde, um homem foi atingido. Ele era meu irmão.* (CORBLIN, 1995, p. 175)

Corblin (1995) analisa (12) como um tipo de cadeia anafórica, em que “este famoso cardiologista” é recentemente mencionado com relação ao primeiro elemento do par, o nome próprio “Dr. Lauben”, que representa a fonte da interpretação referencial. De acordo com o linguista, o pronome demonstrativo “este” estabelece uma ponte com o antecedente via proximidade, mantendo com este uma ligação de identidade referencial. Em nossa perspectiva, vemos que aí se processa a alteração de sentido do referente de “Dr. Lauben” para “este famoso cardiologista”, em termos de qualificação lexical, colaborando, assim, para a recategorização desse referente.

Em oposição a isso, na enunciação em (13), Corblin (1995) declara que a percepção ou sensação de uma ruptura de sentidos pelo uso do sintagma indefinido “um homem”, o que é característico das cadeias de referência (por demandarem uma inferência não baseada num antecedente linguístico imediatamente próximo, e sim no conhecimento situacional do interlocutor), ocorre devido ao papel em geral introdutor do artigo indefinido, que suscita a hipótese da abertura de uma nova cadeia, quando, na verdade, “um homem”

forma uma cadeia de referência com um termo anteriormente dado no discurso, “meu irmão”. De fato, tal associação (não sem estranheza) ocorre, mas nós percebemos que tal ressignificação acontece, dentre outras coisas, pela repetição do referente na oração “ele era meu irmão”, que iguala “um homem” a “meu irmão”, recategorizando-o. De qualquer forma, essa é uma construção bastante atípica, uma vez sabido que casos mais prototípicos de reconhecimento linguístico da retomada de um termo antecedente se dão pela sequência artigo indefinido-artigo definido.

Entretanto, nós afirmamos que não tão somente este caso é acompanhado de implicitude nas relações entre os referentes. Lembremos a asserção de Koch (2002) de que aquilo que consta superficialmente no texto é apenas a ponta de um imenso *iceberg* submerso no texto, pois a sua própria constituição, em geral, é sempre realizada por lacunas a preencher inferencialmente pelo leitor. Há, por isso, um conjunto de âncoras que ajudam a formar a rede; no exemplo acima, analisamos a importância das relações temporais (“ontem”, “cinco minutos mais tarde”) e das conjugações verbais (“é, era”), além, obviamente, das expressões referenciais, para a constatação de que se tratava de um mesmo referente “meu irmão”.

Passando agora à subdivisão seguinte das *ligações anafóricas e referenciais*, segundo Corblin (1995), ambas podem conter relações de *equirreferência e de ligações associativas*. As relações de *equirreferência* são aquelas que possuem entre si uma identidade referencial através de índices subscritos (menções à mesma entidade); enquanto que as *ligações associativas* não possuem entre si uma identidade referencial, operando com índices sobrescritos (expressões que indicam apenas uma associação inferencial com a entidade referida).

Corblin toma, enquanto equirreferência, exemplos como:

(14) *O presidente virá. Ele decidirá.* (CORBLIN, 1995, p. 179)

Neste excerto, atua um índice subscrito “ele”, graças à menção anterior “o presidente”, reconhecida como a fonte satisfatória para garantir o sucesso da referência.

O autor cita o exemplo seguinte para argumentar sobre o quão útil é o uso dos índices sobrescritos na formação de vínculos associativos muito correntes em discursos:

(15) *A casa é bonita, mas uma janela está quebrada.* (CORBLIN, 1995, p.173)

Opera-se em (15) uma imbricação entre “a casa” e a “uma janela”, sendo esta última um elemento desencadeado por ‘casa’, mesmo que não haja a identidade referencial entre ambos.

Conforme explana Corblin (1995), a propriedade comum a esses dois tipos de anáfora é que a ligação a uma fonte é uma consequência da regra linguística (normalmente fazemos uso do conhecimento de mundo para ver, neste contexto, como atender a esta exigência) que define a interpretação da referência. Logo, para o autor, ambas são ligações do tipo anafórico.

Ambos os tipos acima, segundo Corblin (1995), podem ocorrer tanto nas ligações chamadas ‘anafóricas’, quanto nas chamadas de ‘referenciais’. Desta forma, se tomarmos em comparação o excerto (13) supracitado, o sintagma demonstrativo “um homem” é equirreferente a “meu irmão”, porém em ligação referencial, pois este último oferece as condições de associação com o primeiro nome provindas de um raciocínio com base no conhecimento comunicativo, a fim de se conservar uma situação de identidade entre as duas entidades. Logo, a ligação é equirreferencial mediante uma ligação de referência, em que menções ao mesmo referente representam uma contingência que deve ser apreendida da situação de comunicação, e não de regras típicas de domínio associado, linguisticamente impostas.

Faremos aqui uma analogia no sentido de que as relações equirreferenciais e as associativas, condizem, até certa medida, com aquilo que chamamos de “anáfora direta” e “anáfora indireta” na literatura atual, as quais são responsáveis pelas progressões referenciais, conduzindo as diversas possibilidades de reestruturação de ideias sobre o referente. Apenas para citar um exemplo, de acordo com a classificação de Cavalcante (2011; 2012), consideramos “este famoso cardiologista” como uma *anáfora direta*, por ser uma denominação alternativa de seu antecedente “Dr. Lauben”, com a função de recategorizar, redefinindo, através de juízo de valor, a informação anterior acerca deste médico. Ao passo que, no excerto (15), consideramos que “uma janela” é uma *anáfora indireta* de “a casa”, em virtude de manterem ambas uma relação inferencial no contexto, marcando estereotipicamente a noção de “lar, moradia, habitação”, o que remete também a outros elementos que fazem parte desta mesma noção, tais como “mesa, banheiro, sala de estar” e outros mais. E ao qualificarmos “uma janela” como “quebrada”, acabamos por remodelar também as ideias iniciais sobre “a casa” com a qual “uma janela” se associa. Veremos, no

quarto capítulo, que tais tipos anafóricos consistem em estratégias componentes das redes referenciais.

Em contrapartida, em momento algum de sua proposta, Corblin (1995) ocupa-se de questões funcionais das redes, seja com relação à evolução negociada do referente, seja com relação à construção composicional de textos, imersos nos contextos de interatividade. Ao contrário de um interesse sobre tais questões, a preocupação de Corblin (1995) é tratar das propriedades do sistema linguístico e de sua distribuição nas cadeias.

Reportando-nos, neste momento, à análise de Alves (2009) sobre as anáforas indiretas, diremos que uma das principais diferenças entre tal concepção inferencial de Corblin (1995) e a de autores como Cavalcante (2011; 2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) é a ausência ou não de restrições formais a essa construção anafórica. Segundo confirma Alves (2009), sob o prisma da concepção restrita, a anáfora indireta, contemplada com o nome de “anáfora associativa” por Corblin (1995) e outros autores tradicionais, encontra-se sempre presa a um sintagma nominal definido como antecedente, do qual se extrai com precisão seu ponto de referência. Ao contrário, na concepção ampla de anáfora indireta de Cavalcante, não há restrições formais ou semânticas como essa. Sem nos alongarmos muito sobre os critérios de rediscussão da anáfora indireta, diremos que Cavalcante (2011) considera que todas as ‘anáforas associativas’ (que expressam ligações de cunho estritamente lexicais) são, antes de tudo, ‘anáforas indiretas’ (do tipo inferencial, mais ligada aos conhecimentos de mundo), conservando este último nome para designar ambos os casos. A abordagem de Cavalcante, que adotamos nesta pesquisa, não repousa sobre o sistema linguístico subjacente a esses usos, de modo que lhe interessa mais o modo como a construção referencial se faz na mente humana do que as classes de unidades linguísticas que podem ocupar o lugar de um antecedente da anáfora. Deveras, como diz Alves (2009, p.27), “reduzir o fenômeno anafórico a uma relação ‘antecedente e anafórico’ não é suficiente para dar conta da diversidade de fenômenos referenciais presentes no discurso”.

Ainda que Corblin (1995) tenha o mérito de buscar um aprimoramento acerca das formulações de Chastain (1975, *apud* CORBLIN, 1995), fazemos o comentário de que o critério de distinção das cadeias, em termos do que é um cálculo linguisticamente governado (ligações anafóricas) e do que é um cálculo inferencial autorizado pelos conhecimentos empíricos da situação comunicativa (ligações referenciais) se apresenta insuficiente e nos soa até incoerente, em vista de interpretarmos que todo processo referencial é sempre regido linguisticamente (ainda que se dispense o uso de expressões de tipo anafórico em certos

casos) e se realiza sempre pelo aspecto inferencial dos conhecimentos partilhados, ferramenta indispensável ao processamento da linguagem de modo geral. Assim julgamos que não haja separação dos dois aspectos, sendo que ambos estão presentes em todo ato referenciador. Do mesmo modo, na perspectiva da referenciação, a terminologia “anafórica” já é em si um processo “referencial”.

Em virtude dessa visão estreita de referência, não adotaremos tal tratamento das cadeias em nossa pesquisa, apesar da vantagem de se considerar a problemática das inferências, ao reconhecer aspectos associativos e de conhecimentos compartilhados entre os indivíduos. De mais a mais, Corblin (1995) não se atém à funcionalidade das cadeias aos textos, em sua construção sociocognitivo-discursiva. Por isso, encerraremos esta discussão aqui e passaremos à abordagem de Bonomi (2010), o qual sugere intrincadas relações entre as entidades presentes no desenrolar dos textos, chamadas de redes de *espaços anafóricos*.

3.4 Um enfoque sobre os espaços anafóricos no estudo da narrativa em Bonomi (1994)

Julgamos de imensa valia discorrermos um pouco a respeito da obra de Bonomi (1994), a qual vem a contribuir para nossa tese, essencialmente no que toca à definição de redes de relações anafóricas no estudo da narrativa. Uma vez que um dos nossos objetivos é o de observar as relações entre os referentes, na promoção das recategorizações nas redes, tomamos como pressuposto a ideia de Bonomi (1994) quanto à interferência de certo (s) referente (s) sobre outro (s), também refletida na análise de Custódio Filho (2011), sobre a qual nos apoiamos em nossa pesquisa.

Esta obra toma por parâmetro de suas análises a dinâmica da narrativa no livro *Recherche* do autor Proust e se filia à orientação filosófica vericondicional da linguagem - fundamentada na lógica especular entre expressão linguística e referente. Apesar de não nos alinharmos com tal visão, as reflexões de Bonomi (1994) sobre as anáforas que envolvem o percurso dos personagens durante a narrativa ficcional é algo digno de nossa atenção, em nosso modo de entender, dado que se prioriza a observação do desenvolvimento das relações entre um referente e os demais inculcados dentro de uma história. Dito de outro modo, mesmo que nossa análise das redes referenciais se baseie no gênero nota jornalística, que lida com eventos reais, não fictícios, é interessante observar, em primeira instância, a maneira pela qual o autor analisa as reelaborações dos referentes mediante as relações que se travam entre eles. Um ponto em comum que destacamos entre os fatos verídicos narrados na nota jornalística e

os fatos de ficção consiste na questão de que ambos os tipos de textos tratam de entidades (quer reais, quer imaginárias) inseridas em fatos, que evoluem em redes referenciais segundo as ligações que adquirem com outros objetos do discurso, no decorrer dos eventos.

Ao tratar dos procedimentos de referência, além de observar o comportamento de expressões indiciais e de nomes próprios em contextos narrativos, o autor também atribui importância ao papel das descrições definidas (considerada aqui uma frase com substantivo em que o artigo definido é seguido por uma expressão indicando uma propriedade), por serem responsáveis pela designação de alguém ou de algo baseada em uma série de propriedades ou relações que o caracterizam com respeito ao universo textual dado. Bonomi (1994) ilustra tal função explicando que, em um diálogo no qual se remete a alguém que certas pessoas não conhecem, pode-se recorrer ao uso de uma expressão que forneça determinadas coordenadas mediante as quais essa pessoa possa ser reconhecida, ou pelo menos identificada de alguma forma, por exemplo:

(16) *O filho de Hermes e Berenice é um grande filantropo.* (BONOMI, 1994, p. 58)

Até aqui não é nenhuma novidade que se possa usar esta descrição definida, “o filho de Hermes e Berenice”, como ferramenta para identificar esse alguém com sucesso, desde que seus pais sejam conhecidos do interlocutor. Mas a questão ora colocada por Bonomi (1994) é o fato de esta identificação poder se expandir em cadeia, mediante a pressuposição da referência a mais outros dois indivíduos aos quais o referente em foco se une (Hermes e Berenice), como uma terceira entidade (o filho). Deste modo, a “ontologia” desse universo pode expandir-se continuamente, graças à adição de novas entidades àquelas já dadas. E as referências anafóricas, ligando-se gradualmente umas às outras, são um aspecto essencial dessa expansão. Por isso, a questão do imbricamento de referentes estritamente unidos em rede é uma questão que abordamos em nossa análise, dado que nosso modo de analisar as redes não está fincado em relações exclusivas de correferencialidade. E este é justamente um espaço aberto para os processos de recategorização, uma vez expandindo-se o campo de relações de determinado referente, levando-o a ser reprocessado enunciativamente, a partir de infinitas possibilidades de significações.

Bonomi (1994, p.61) assim declara: “a origem das cadeias referenciais poderia ser rastreada em um entrelaçamento de cadeias referenciais ligadas entre si. Chamamos *espaço anafórico* a um universo assim concebido (...)”, o qual se associa ao universo narrativo, seu

objeto de estudo. E mais adiante, o mesmo autor completa: “Em suma, as anáforas são usadas sistematicamente no estabelecimento de um universo de relações que ligam as várias entidades no texto” (BONOMI, idem).

Para ilustrar de forma mais vigorosa, o autor sugere a leitura do início do romance de D. Leavitt, intitulada “The Lost Language of Cranes” [A linguagem perdida dos guindastes]:

(17) *"No início da tarde, em um domingo chuvoso, em novembro, um homem descia a Terceira Avenida (...) Apenas algumas quadras ao norte de lá, no décimo segundo andar de um edifício de tijolo azul (...) uma mulher sentada em uma escrivaninha. (...) Rose chamava seu bairro o Médio-Leste (...). Ela e Owen moravam na Segunda Avenida propriamente dita (...) Por vinte anos, Rose trabalhava como redatora (...) Eles tiveram um filho, Philip (...)"*

(BONOMI, 1994, p.61)

Através destas passagens, Bonomi (1994) explica que a referência inicial “um homem” não cita nada além do fato de que o homem percorria “a Terceira Avenida”. O mesmo é verdade para o segundo indivíduo, “uma mulher”, inicialmente sentada em “uma escrivaninha”. Mas, como eles se espalharam no texto, também se desenvolve a trama das ligações entre os diferentes indivíduos, mediante a presença colaborativa de referências anafóricas. A partir de então, uma série de expansões se projetam. No instante em que se lê, por exemplo: “Ela e Owen estavam vivendo juntos”, a ocorrência do pronome "ela", usado para identificar um referente previamente introduzido (ou seja, Rose), agrega-se à presença de “Owen”. Adiante, mais um novo referente é adicionado como filho do casal, “Philip”, de acordo com a evolução das ações no romance. Bonomi (1994) assevera, pois, que os personagens, a partir deste ponto de vista, apresentam não só um ponto de convergência de propriedades e relacionamentos tecidos em uma única história, mas também uma abertura incomensurável a toda sorte de desdobramentos, o que nós vemos se refletir processualmente nas redes referenciais. Diante disso, consideremos:

Evidentemente, a definição desses pontos de convergência determina um horizonte aberto de possibilidades narrativas: a possibilidade, por exemplo, de estabelecer relações com outras entidades já presentes, ou de introduzir novas entidades, com seus estados de coisas em que estão envolvidos. Isto implica a oportunidade de rever cada vez a configuração global que emerge. (BONOMI, 1994, p.73)

Com isso, julgamos que esta nova emergência resultante das relações de que fala o autor seja a essência da evolução do referente nas redes, o que vemos acontecer não só em textos narrativos ficcionais, mas também no gênero nota jornalística, cuja definição e características serão abordadas no quinto capítulo.

As conclusões deste autor também nos fazem lembrar, em algum momento, a afirmação de Panissod (1999) sobre a evolução referencial. A autora descreve que, no discurso, em termos cognitivos, “instala-se” uma referência e uma rede de dados construída sobre o referente, o que não deve ser entendido como um retorno à referência inicial realizada no texto para a interpretação da anáfora, e sim como um reprocessamento acerca dos diferentes estados de representação que foram construídos sobre tal referente, por conta de suas combinações com predicados, durante o processamento do discurso. Acrescentamos à afirmação da autora o fato de que a evolução do referente não ocorre somente por predicados estritamente expressos no cotexto, mas também pelo que inferimos e processamos através de nosso aparato cognitivo, inserido em um ambiente sociocultural. Em nossa pesquisa, a observação desta rede de dados que vai se formando em torno do referente recategorizado é também aplicada à construção do gênero.

Bonomi (1994) traça, grosso modo, uma representação esquemática inicial das redes textuais:

X1: x1 é a Terceira Avenida

x2: x2 é um homem que desce por x1

X3: x3 é um ponto de x1

x2 encontra-se em x3

x4: x4 é um edifício de tijolo azul

x4 está a algumas quadras ao norte de lá (lá => x3)

x5: x5 é uma mulher

x5 está no décimo segundo andar de x4

x5 senta em uma escrivaninha

x6: o nome de x6 é 'Rose'

x6 é a redatora

x7: x7 é seu bairro

ela chama x7 Médio Oriente (ela => x6)

x8: x8 é o nome de "Owen"

x8 vive com ela no Second Avenue (ela => x6)

x9: o nome de x9 é 'Philip'

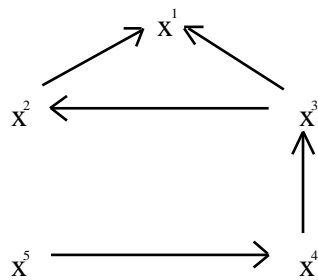
x9 é o filho deles (eles => x6, x8).

Nesta esquematização inicial, cada x_n variável é um ponto de acumulação de propriedades e características atribuídas aos referentes; ao lado de cada uma destas variáveis está gravada a informação apropriada. Idealmente, estes nós de acumulação representam tantas pessoas quantas possíveis, com as propriedades e relações que o texto está progressivamente atribuindo-lhes. Logo, “a Terceira Avenida” está ligada ao homem que a percorre, bem como “a mulher”, que está sentada “numa escrivaninha” vincula-se ao “edifício de tijolo azul” e este, ao “décimo segundo andar” e assim por diante.

Para nós, tais informações é o que os faz se recategorizarem, dentre outros elementos que os transformam pouco a pouco na história, pois a cada nova informação introduzida ou subentendida no texto, acabamos por remodelar aquilo que entendemos acerca do referente. Por isso, as redes, em combinação a porções do texto e outros fatores sociocognitivos, tornam flagrantes as ocorrências das evoluções dos objetos de discurso, e assim Custódio Filho (2011), ultrapassando a análise das remissões correferenciais, atesta as interferências de um objeto do discurso sobre outro(s) dentro do universo narrativo, sob a influência de Bonomi (1994), cuja obra também tomamos como pressuposto básico.

Vejamos, a partir de agora, passo a passo, como as redes de relações são processadas. Bonomi (1994) apresenta uma forma de mapeamento desse espaço anafórico em três cadeias, cujas ligações são representadas por setas. Os dois primeiros esquemas seguem como duas cadeias distintas. O terceiro esquema, acompanhando a progressão textual, fundirá as duas cadeias em uma só, acompanhando a mudança no processamento dos referentes, ou seja, a sua recategorização:

Esquema 3: Espaço anafórico 1

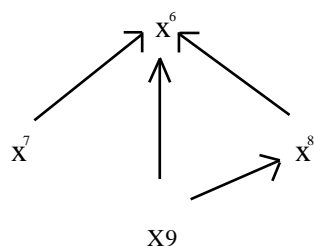


Fonte: Bonomi, 1994, p.66

As setas deste modelo indicam as relações predicativas que se distribuem no texto. Primeiramente, mostra-se que x^2 percorre x^1 ; x^3 é o ponto no qual está localizado x^2 , x^4 localiza-se espacialmente com relação à x^3 , e, por último, x^5 está situado em referência a x^4 . Por conseguinte, acabamos de ver que, neste modelo em cada ponto indicado por uma variável - que idealmente está para um indivíduo - está pendurada uma certa quantidade de informações, que são as propriedades e relações atribuídas a cada indivíduo em questão.

A segunda cadeia, por sua vez, é a seguinte:

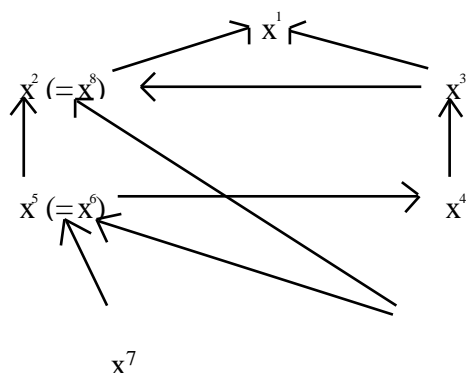
Esquema 4: Espaço anafórico 2



Fonte: Bonomi, 1994, p.66

Na verdade, entre o esquema 1 e o 2, podem-se ver duas correntes distintas de relações, uma vez que, neste segmento de texto, não há pontes entre as entidades relacionadas na primeira cadeia e as associadas na segunda. A primeira refere-se ao homem que corre a Terceira Avenida e à mulher que está a poucos quarteirões ao norte, juntamente com as entidades que lhes são agregadas. Isto porque nada, anteriormente, vincula o homem e a mulher introduzidos, no início, a outros indivíduos no universo de discurso. Contudo, na terceira representação, as duas primeiras cadeias vão ser inexoravelmente substituídas por este único nóculo:

Esquema 5: Fusão dos espaços anafóricos 1 e 2



Fonte: Bonomi, 1994, p. 67

Assim, mais tarde, no texto, torna-se claro, em x_6 e x_8 , que o homem é identificado com Owen e a mulher com Rose. Formalmente, é possível expressá-los com duas declarações de identidade, que juntam uma descrição e um nome próprio:

- (a) $x_2 = x_8$ (ou seja: o homem que anda pela Terceira Avenida não é outro senão Owen)
- (b) $x_5 = x_6$ (isto é: a mulher que está localizada num determinado edifício não é outra senão Rose).

Segundo Bonomi (1994), a estrutura de representação introduzida pela primeira vez apresenta uma problemática interessante, visto que o significado dos enunciados de identidade sempre foi objeto de estudo para os lógicos e filósofos da linguagem, os quais se centralizam na verificação das condições de verdade ou falsidade dos enunciados, mirando-se a linguagem enquanto representação fiel da realidade. A partir destas circunspeções, impõe-se a admissão de que os enunciados seguintes determinam um reenquadramento do modelo de representação da realidade construído para o segmento de discurso dado. O efeito das duas declarações de identidade é, pois, juntar as duas cadeias contendo os esquemas anteriores que, no modelo de representação, até então eram nódulos separados. Para Bonomi (1994), a saída é uma nova estrutura cujos pontos são menos numerosos, mas as informações mais densas, como as que estão no esquema 5.

A análise de Bonomi (1994) mostra que, mais geralmente, as reconstruções da identidade dos referentes, ou como dizemos, a recategorização, constrói-se na linguagem e nas redes de referência não por meio de um modelo fixo, o que o faz formular que “ao contrário, deve-se pensar que a informação introduzida gradualmente pelos diferentes

segmentos de discurso determina, a cada vez, *a atualização* do modelo pretendido” (BONOMI, 1994, p. 69, grifo do autor). Por causa disso, Bonomi (1994) hipotetiza que a função essencial de declarações de identidade (quando não se trata de uma tautologia vazia), seja a de provocar uma reorganização do espaço anafórico.

Esta reorganização implica, necessariamente, a alteração na condição dos referentes. De fato, vemos acima que o acúmulo de setas revela o acréscimo ou a recondução das informações, de modo a unificar os pontos como a soma das informações associadas aos primeiros pontos distintos. E aqui façamos a ressalva de que estas recategorizações por meio de tais “cadeias de identidade” se deram muito mais a título de implicitude, uma vez que se descobre sutilmente que o homem que descia a avenida é Owen, e além do mais, que ele seria o companheiro de Rose, identificada nas entrelinhas como a mulher sentada numa escrivaninha – a relação entre Rose e a escrivaninha é de vez confirmada após a revelação de sua profissão como redatora. O interessante é que a identificação do vínculo de Owen como companheiro de Rose se dá não por meio da anáfora, mas por expressões do tipo “Ela e Owen moravam na Segunda Avenida” e “eles tiveram um filho”. A esse propósito, pensamos então que as demonstrações esquemáticas de Bonomi (1994) enfatizam o caráter implícito e cognitivo destes pontos de acumulação de relações sobre o referente tanto quanto o poder da anáfora de ligar expressamente as unidades referenciais.

Em suma, não tivemos a mesma preocupação de analisar cadeias de identidade como um modelo de estruturação da realidade associada ao universo narrativo, mas sim de observar como as relações referenciais são, em verdade, fluidas, mutáveis e, por isso, passíveis de recategorização, reconstruindo-se funcionalmente os referentes a todo instante. Ainda que não tenhamos os mesmos objetivos de Bonomi (1994), seu modelo analítico se mostra bastante profícuo, não apenas para o universo narrativo, por demonstrar que os modos de continuidade referencial não são estanques; ao contrário, fazem emergir um aglomerado de informações entrecruzadas em diferentes momentos de expansão no texto, e, embora difusas, tais informações contribuem para a compreensão e o reprocessamento dos referentes que estão sempre em rede. De fato, isso é o que conferimos em nossa análise de dados, uma vez que observamos tal profusão de sentidos entre os referentes plantados no texto e as novas predicções ou nódulos de referentes com os quais esses primeiros referentes passam a se associar, tecendo ligações dinâmicas entre si, apropriadas a cada contexto enunciativo e a cada projeto retórico-argumentativo nos subgêneros da nota de jornal. Há que se registrar a influência dessa noção de espaços anafóricos na própria análise de Custódio Filho (2011), da

qual nos utilizamos, que confirma o pressuposto de que as relações contraídas entre um referente e outro (s) tendem a crescer dados referenciais que acarretam as recategorizações.

Mas conforme constata o autor Rodolfo Ilari (2001), uma desvantagem do esquema de Bonomi (1994) é encontrar-se reduzido apenas a relações entre personagens da narrativa, na medida em que seu modelo é fortemente influenciado pelas concepções de semântica e de ontologia, que não dão conta das relações de identidade entre outros tipos de referentes que sejam contínuos, não discretos como as pessoas e os objetos. Isto porque a aparelhagem conceitual aplicada pelos lógicos aos indivíduos costuma ser distinta da que aplicam aos processos e estados, aos conjuntos de objetos e à anaforização de conteúdos sentenciais (que concebemos mais propriamente como encapsulamento). Ilari (2001) explica alguns tipos de relações e diferenças de discretização, como por exemplo, a parte de um indivíduo, digamos um braço, o qual não é um indivíduo em seu todo; mas uma parte de uma época, para certos efeitos, ainda é uma época. Enfim o tratamento anafórico para além de seres discretos (como pessoas e coisas), além das possibilidades de se referenciar conteúdos equivalentes a sentenças, tratadas de modo distinto da referência a nomes, afigura-se como um sério entrave à tradição lógico-filosófica na qual se insere Bonomi (1994). Contudo, numa perspectiva intersubjetiva da referência como a que defendemos, tornam-se possíveis as reinterpretções sociocognitivas desses processos e, assim sendo, cremos nós que os pontos de acumulação de informações e as relações acrescentadas aos percursos referenciais possam ser observados, seja na relação entre os indivíduos participantes dos eventos, seja entre os indivíduos e os objetos inanimados, lugares, tempos, processos, estados ou outras entidades que possam fazer parte da teia narrativa, ficcional ou não. Além do mais, o espaço anafórico de Bonomi (1994) não tem a vantagem de atribuir funcionalidade às redes de relações no gênero textual que enfoca, o que objetivamos realizar na presente pesquisa, levando-se em conta o grau de adaptabilidade das configurações das redes de referentes.

Não obstante tais críticas, a observação da “interligação entre os nós” que se costuram ao longo do texto, em nossa investigação, traz como consequência algo semelhante, em algum momento, aos *pontos de acumulação* em Bonomi (1994), que apregoa a consideração da diversidade de relações contraídas entre determinado referente e outros processualmente no texto. Assim verificamos a integração e o acréscimo de informações ao se combinarem dados de referentes introduzidos aos dados de outros com os quais passa a interagir na continuidade do texto, mediante a plasticidade de que se reveste a construção dos referentes em suas recategorizações, através das redes, as quais se retomam e se recriam a

todo instante num texto, nas mais diferentes ocorrências. Em razão disso, constatamos que a recategorização de um referente tende a não ocorrer de modo isolado, sem a participação dos fatores contextuais, inclusive do contato com outros objetos. Daí chamarmos de “redes referenciais”, o que expressa muito bem essa teia de interdependências.

Vejamos agora a conceituação, análise e distribuição de cadeias na obra de Roncarati (2010), em torno da referenciação.

3.5 A contribuição de Roncarati (2010) sobre as cadeias do texto

Neste ensejo, ressaltamos a contribuição advinda de Roncarati (2010) em defesa de postulados atuais sobre a referência. A autora baseia-se em Mondada e Dubois (2003), Marcuschi (2007, 2008), Koch (2004), Koch e Marcuschi (1998), Cavalcante (2010), dentre outros trabalhos nessa perspectiva, ao mesmo tempo em que mantém o legado da tendência semântico-lexical de Halliday e Hasan (1977; 1985). Logo, julgamos que esse estudo das cadeias esteja situado entre a perspectiva coesiva e a primeira tendência de referenciação, por apresentar pressupostos de uma e de outra.

O estudo de Roncarati (2010) tem por intenção o aprimoramento da metacsciência textual através das cadeias, analisando suas facetas, especialmente semânticas e cognitivo-referenciais. Muito embora Roncarati (2010) não explore de perto as influências que podem ter as sequências e gêneros sobre estas cadeias, a autora declara que suas análises empíricas indiciam que os formatos de cadeias, bem como as estratégias de referenciação que as moldam, tendem a se conformar aos gêneros e aos tipos de composição nos quais elas se inserem.

Em sua obra, de caráter exploratório e descritivo, esta autora busca rastrear ou “perseguir”, passo a passo, o percurso das cadeias em sua construção no texto, observando por que meios um referente vai sendo retomado ou deslocado por outro referente, a depender dos assuntos ou tópicos de que tratam os textos. A autora esclarece que não existe nenhum receituário pronto ou procedimentos mecânicos sobre como estabelecer elos que integram a rede de referenciação instaurada textualmente. Isto porque, em conformidade com a pesquisadora, a “fabricação” de cadeias é uma prática dinâmica, empírica, que depende da criação dos (inter)locutores, em suas atividades produtivas e interpretativas do texto, embora, na ação de construí-las, não se deem conta da tamanha complexidade do funcionamento de tais cadeias (doravante CRs, na abreviatura de Roncarati); daí a importância dada pela autora

ao desenvolvimento da metacôsciência textual¹⁵. Segundo a mesma pesquisadora, outro fator preponderante dessa variabilidade na formulação de cadeias referenciais se dá porque “qualquer formulação sempre será provisória, adaptativa e variável, em função do tipo textual ou do gênero textual da fala ou da escrita com que estivermos lidando” (RONCARATI, 2010, p. 80).

Roncarati (2010) sintetiza que, dentre os avanços que podem ser obtidos por meio de estudos acerca deste produtivo recurso, as cadeias nos permitem uma melhor apreensão das pistas ou recursos dos sujeitos para a interpretação dos sentidos, ocorrendo em via de mão dupla, tanto para a produção do texto quanto para a compreensão, mas sua própria constituição exige um aparato interpretativo, isto é, elas produzem sentidos, mas também dependem deles. As CRs também facultam observar mais pontualmente o dinamismo dos processos de referenciação, pois permitem flagrar o esqueleto semântico-cognitivo e interativo do texto. Sob outro aspecto, cooperam, ainda, para discriminar, sequencializar e entrelaçar estágios evolutivos do objeto discursivo na progressão temática. Dentre essas e outras possibilidades aventadas sobre o fenômeno, manteremos nosso foco de pesquisa sobre o funcionamento das redes na construção dos sentidos, especialmente a respeito de como as relações entre as redes orientam as recategorizações, nos sucessivos estágios evolutivos do referente dentro dos textos.

Isto posto, discutiremos agora a sugestão tipológica de Roncarati (2010) sobre as CRs, a qual julgamos de grande importância, por mostrar como as cadeias podem se desenvolver sob o ângulo cognitivo-referencial, embora não venhamos a lidar com esta classificação em nossa pesquisa.

3.5.1 Proposta taxionômica de Roncarati (2010) sobre as cadeias

Na classificação de Roncarati (2010), são listados três tipos, tendo como principal critério o cognitivo-referencial, atrelado à menção das expressões nos textos, que atuam mediante os processos sociocognitivos de referenciação.

¹⁵ Roncarati (2010) concebe a “metacôsciência textual” como uma capacidade de monitoramento das relações de natureza textual, a facilitar os processos de acesso ao sentido e à coerência do texto.

✓ **Cadeia linear:** existe quando um objeto é retomado por mecanismos correferenciais (repetição, sinonímia, pronominalização etc.), isto é, que garantam a continuidade do mesmo referente. A autora faz analogia deste tipo de cadeia à de identidade e de similaridade propostos por Halliday e Hasan (1985). Um exemplo disso seria:

(18) (...) *O comerciante fala enquanto o Escriba faz marcas sobre a argila usando o pedaço de madeira, o estilo. Depois que o bloco de argila está cheio de marcas em forma de animais e cunhas, o comerciante se cala.* (RONCARATI, 2010, p. 142)

Segundo Roncarati (2010), exemplos como esse seriam lineares, por mostrarem a continuidade de um mesmo objeto, no caso, “o comerciante” por meio de mecanismos de correferencialidade, como é o recurso da repetição lexical.

Para nós, isso não quer dizer que não haja recategorização neste caso. Mesmo diante da reiteração de nomes, podemos dizer que existem duas etapas diferentes dessa evolução, porque as relações de predicação sobre o referente é que aduzem informações sobre ele, juntamente a outras pistas de sentido. Deste modo, “o comerciante” está falando; já na segunda, o mesmo comerciante está calado, o que se comprova, dentre outras coisas, pela mediação dos verbos e elementos circunstanciais nestas passagens do texto “enquanto, depois”, de cunho marcadamente narrativo. De nossa parte, acreditamos que, em termos formais, é bastante comum haver cadeias lineares com a recategorização de personagens mediante a reiteração de nomes, em estruturas narrativas como essa.

✓ **Cadeia múltipla ou multilinear:** compõe-se de referentes que se agregam entre si, gerando outros referentes, ou seja, trata-se da geração de outra cadeia proveniente de uma cadeia prévia. Um exemplo:

(19) *Este senhor elegante é Ratan Tata, o empresário mais importante da Índia (...) Tata foi o centro das atenções mundiais ao lançar o carro mais barato do mundo, o Nano, por apenas US\$ 2,5 mil. Veja fotos do modelo, visite seu site e assista ao vídeo do lançamento. Ouça também o podcast **Por trás da Capa** com Gustavo Poloni, autor da reportagem, e o redator-chefe de Época NEGÓCIOS, Ivan Martins.* (RONCARATI, 2010, p.134, grifo da autora)

Aqui há cadeias que descendem da cadeia prévia do “carro mais barato do mundo”, intitulado “Nano”. São os elos provenientes da divulgação publicitária do carro, expressas por: “fotos do modelo”, “site”, “vídeo do lançamento” e “*podcast* Por trás da Capa”. Por sua vez, este último referente “*podcast*” engendra outra rede tematicamente associada: “Gustavo Poloni”, “autor da reportagem”, “Ivan Martins” e “o redator chefe de Época NEGÓCIOS” (Roncarati separa as expressões nominais de suas respectivas predicções apositivas, isoladas em duas retomadas distintas: “Gustavo Poloni” e “autor da reportagem”; “Ivan Martins” e “o redator chefe de Época NEGÓCIOS”). Logo, tais descendências de cadeias são chamadas de *múltiplas (multilineares)*, porque toda essa multiplicidade de referentes desenvolve, sem dúvida, mudanças sobre o referente principal “Ratan Tata”, uma vez que se negociam outros referentes que a ele se juntam para adicionar-lhe novos sentidos.

✓ **Cadeia híbrida:** consiste no amalgamento de referentes, em que um engloba outro, ou possui com ele uma relação de intersecção. Tomemos a nota de coluna social extraída de Roncarati (2010):

(20) (...) *O governador foi no sábado no Morro da Urca assistir ao show dos Paralamas do Sucesso acompanhado por uma misteriosa mulher. Durante a noite toda, o casal dançou juntinho, \emptyset trocou beijos e carinhos, mas \emptyset evitou a todo custo ser fotografado.* (RONCARATI, 2010, p. 153)

Em (20), verifica-se um caso de cadeia híbrida, outra possível configuração das cadeias por ocasião de haver a integração ou amálgama de dois objetos de discurso: o governador + a misteriosa mulher, resultando-se em “o casal”, juntamente com suas novas atribuições “juntinho”, “fotografado”, o que vai reelaborando a figura das pessoas sobre as quais se fala na coluna social. É importante recordarmos que o tipo de ligação mantida entre os referentes neste tipo de cadeia guarda, sem dúvida, uma associação com o que Cavalcante (2003) e Tavares (2003) contemplam como “anáforas diretas parciais”, que estabelecem a retomada de partes do referente. Assim, teríamos “o governador” e uma misteriosa mulher” como anáforas diretas parciais do referente “o casal”, já que representam uma espécie de bifurcação ou divisão do referente; o que ocorre inversamente no percurso das “anáforas

diretas totais” no texto, as quais retomam o referente anterior em sua totalidade, através de uma relação entre duas expressões, por exemplo, do tipo “os namorados” e “o casal”.

Observa-se, assim, que os demais elementos que contenham apenas uma única menção e não sejam mais retomados no fluxo do texto não formam cadeia. Roncarati (2010) cita como exemplo o caso da entidade textual “a lenda”, introduzida no poema de Fernando Pessoa:

(21) *Eros e Psiquê*

Conta a lenda que dormia

Uma princesa encantada

A quem só despertaria

Um infante que viria

De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,

Vencer o mal e o bem.

Antes que, já libertado,

Deixasse o caminho errado

Por o que à princesa vem.

A Princesa Adormecida,

Se espera, dormindo espera,

Sonha em morte a sua vida,

E orna-lhe a fronte esquecida,

Verde, uma grinalda de hera. (...)

(Poema de Fernando Pessoa, 1974, p. 81, extraído de RONCARATI, 2010, p. 175)

Roncarati (2010) observa que este é um caso de menção única no texto, uma vez não sendo mais retomada “a lenda”, só aparecendo nesse trecho, em toda a composição, e, conseqüentemente, não sendo capaz de fundar uma cadeia em torno de si. Em nosso raciocínio, porém, achamos que, nesse caso, o termo “lenda” não seria um referente sem

retomada; ao contrário, seria um encapsulador de toda a história de Eros e Psiquê, não importando o fato de se tratar de uma única menção.

Vale dizer que a abordagem de Roncarati (2010) não prevê a interrelação entre todos os referentes de um texto, abordando, então, cada tipo de cadeia de modo isolado. Portanto, nesta noção, uma cadeia não poderia existir apenas com um único referente, pois ele não se encontraria em interação com outros. A nosso ver, essa é uma das diferenças entre nossa proposta e a de Roncarati (2010), porque, em nossa análise das redes no gênero nota jornalística, sugerimos que uma menção, embora única, constituindo um nóculo referencial associado a uma categoria de rede na estrutura retórica, possa iniciar uma rede que esteja sempre em circuito com as demais, mantendo, assim, relações com outros referentes e outras redes na construção do texto.

Em suma, achamos que a classificação de Roncarati (2010) se torna relevante por demonstrar como as cadeias referenciais podem se ramificar ou se desenvolver, especialmente sob o aspecto cognitivo da continuidade dos referentes. Não obstante, a autora deixa de enquadrar as configurações das cadeias aos gêneros em que elas se situam, haja vista a exemplificação destas formas de cadeias em sequências e gêneros diferentes.

Por conseguinte, tais tipos de cadeias se conformam à condução dos objetos mediante as estratégias de referenciação, ou seja, para Roncarati (2010), somente as expressões referenciais é que podem configurar um domínio referencial. Consequentemente, vemos que a autora sugere uma arquitetura das CRs em uma rede de inter-relações semântico-discursivas, o que, sem dúvida, é bastante útil, mas excessivamente limitado ao contexto, conforme já foi bastante repisado em seções anteriores. Vejamos, pois, como a análise de Roncarati (2010) é efetuada a partir da proposta classificatória das expressões referenciais por ela seguida, adotando como parâmetro de segmentação das cadeias os tópicos dos discursos.

3.5.2 A análise das cadeias pelas estratégias de referenciação, segundo os tópicos discursivos

Roncarati (2010) contempla os processos referenciais, de modo a adaptar a sugestão classificatória de Koch e Marcuschi (1998) para a sua análise, propondo, então, um quadro das estratégias de referenciação presentes nas cadeias referenciais e levando em conta os seguintes critérios heterogêneos:

- (i) a posição das expressões no contexto, de modo a considerar as expressões atributivas, além das referenciais;
- (ii) tipos de introdução referencial (com ou sem continuidade);
- (iii) explicitude/implicitude dos termos;
- (iv) operações de retomada, remissão e alusão;
- (v) processos de correferenciação, cossignificação e recategorização (esta última restrita aos casos de homologação de atributos anteriormente predicados ao objeto)¹⁶;
- (vi) estatuto informacional dos objetos discursivos;
- (vii) extensão e variabilidade tipológica das cadeias, conforme a classificação de Roncarati (2010);
- (viii) ativação de estratégias cognitivas inferenciais;
- (ix) observação de atividades de processamento linguístico (busca lexical, descontinuidades, truncamentos) no caso de gêneros orais.

Na operacionalização desses critérios, Roncarati (2010) propõe a adaptação de modelos calcados nos tópicos discursivos, provindos de autores como Mentis (1988, *apud* RONCARATI, 2010), Gardner (1987 *apud* RONCARATI, 2010) e Jubran (2006), para a segmentação e a distribuição das cadeias. Apenas a título de demonstração, apresentaremos uma breve aplicação dos critérios de Roncarati (2010). Seguiremos com uma peça publicitária: o retrato do homem mais importante da Índia, denominada de “O mundo de Ratan Tata”, cuja distribuição das CRs foi adaptada de Jubran (2006) de acordo com a segmentação dos tópicos textuais: estes vêm classificados em negrito; no material do texto se encontra a numeração das entradas dos referentes na ordem em que aparecem no texto, cujos elementos das cadeias estão sublinhados. E, após cada trecho, apresenta-se a categorização das expressões referenciais e das atributivas.

¹⁶ Roncarati (2010) acredita que a ocorrência de recategorização se deve apenas aos casos cujas predicções conferidas a um objeto, no decorrer discursivo, são confirmadas ou homologadas ao final da cadeia anafórica, através de processos pontuais de transformação deste referente em nível lexical, alterando-se radicalmente seu estado final, em termos da destruição ou modificação completa de sua configuração física ou psicológica, enunciativamente. Na verdade, esta noção de homologação das predicções dialoga com as obras de Apothélos e Reichler-Béguelin (1995) e de Koch e Marcuschi (1998). Esta restrição categórica do fenômeno não é por nós seguida; pelo contrário, vemos, em Custódio Filho (2011), casos de recategorização que ocorrem justamente em sentido contrário ao da homologação de predicados incorporados ao referente no decorrer do texto; da mesma forma pela qual aventamos a probabilidade de haver certas recategorizações que desconfirmam traços predicados ao referente em sua anterioridade no texto.

(22) *O mundo de Ratan Tata* (Época Negócios, n 12, fev. 2008)

Classificação do tópico 1: Introdução de tópico novo: supertópico das qualificações do empresário Ratan Tata

Trecho 1: [1] Este senhor elegante é [2] Ratan Tata, [3] o empresário mais importante da Índia, [4] líder de um grupo internacional de 98 empresas, [5] com enorme apetite para aquisições.

Análise da autora: [1] tópico novo, introdução catafórica do referente em processo de construção de objeto de discurso, através de um demonstrativo apresentativo ou identificacional, com valor predicativo; EI (estatuto informacional) novo; [2] identificação do referente por nome próprio, EI disponível na comunidade epistêmica do mundo de negócios; [3], [4] e [5] retomadas por recategorizações predicativas através de apostos atributivos, em subtópicos linearmente subordinados ao supertópico; EI novo;

Classificação do tópico 2: Mudança de tópico: lançamento de um de seus produtos

Trecho 2: Em janeiro, [6] Tata foi [7] o centro das atenções mundiais [8] o ao lançar [9] o carro mais barato do mundo, [10] o Nano, por apenas US\$ 2,5 mil.

Análise da autora: [6] retomada por repetição lexical, EI velho; [7] retomada por categorização predicativa, EI novo; [8] retomada por elipse, EI inferível; [9] remissão catafórica por predicção apositiva; EI novo; [10] introdução do referente por expressão definida; EI novo;

Classificação do tópico 3: Introdução de subtópicos, em plano linear, tematicamente associados ao anterior: divulgação do modelo: fotos, *site*, vídeo de lançamento e *podcast*

Trecho 3: [11] o Veja [12] fotos [13] do modelo, [14] o visite [15] seu [16] site e o [17] assista [18] ao vídeo do lançamento. [19] o Ouçã também [20] o podcast **Por Trás da Capa** com [21] Gustavo Poloni, [22] autor da reportagem, e [23] o redator chefe de Época **NEGÓCIOS,** [24] Ivan Martins.

Análise da autora: [11] introdução de referente por elipse, EI inferível (leitor, alvo da reportagem); [12] ativação de referente por nome-núcleo, a modo de anáfora associativa, EI inferível; [13] retomada por sintagma preposicional, com valor possessivo; EI velho; [14] retomada por elipse, EI velho; [15] retomada por pronominalização, EI velho; [16] ativação de referente por nome-núcleo, a modo de anáfora associativa, EI inferível; [17] retomada por elipse, EI velho; [18] ativação de referente por nome, a modo de anáfora associativa, EI inferível; [19] retomada por elipse, EI velho; [20] ativação de referente por nome-núcleo por expressão nominal definida, a modo de anáfora associativa, EI disponível na comunidade epistêmica usuária de arquivos de mídia digital (áudio, vídeo, foto, etc.); [21] ativação de referente por nome próprio, EI disponível na comunidade epistêmica do mundo de negócios; [22] retomada por predicção apositiva, EI novo; [23] ativação catafórica por expressão nominal definida, EI disponível na comunidade epistêmica; [24] retomada por nome próprio, codificada como aposto especificativo, EI disponível na comunidade epistêmica.

Roncarati (2010) assim vai mostrando, passo a passo, de que estratégias de referenciação se compõem as cadeias, na especificação semântico-lexical detalhada de suas formas de retomada, remissão ou ativação, bem como na classificação dos tipos de expressão nominal e de sua posição referencial ou atributiva. Inclui-se ainda na análise o tipo de EI (estatuto informacional) do referente, segundo o foco de consciência dos interlocutores.

Apesar da vantagem de se considerar a faceta da plasticidade da CR, de conter diferentes tipos hierárquicos de tópico¹⁷, a pesquisadora supõe a insuficiência de modelos analíticos como esse, considerando-se a crescente complexidade de se analisar uma extensão maior de CRs com base em quadros tópicos, cujos fluxogramas são demasiadamente densos, além de reforçarem o caráter de estaticidade da análise, por não proverem critérios funcionais e discursivo-pragmáticos operacionalizáveis para definir os limites precisos da segmentação e distribuição tópica na progressão textual. Por conta disso, preferimos descrever a segmentação de redes tendo como ponto de partida sua construção funcional na estrutura nos gêneros textuais, depreendendo do texto uma grande rede de relações. Para nós, os modos de

¹⁷ A obra de Roncarati (2010) nos deixa entrever a relação existente entre a noção de objetos de discurso e tópico. Sobre isso, o estudo de Pinheiro (2003) defende que o encadeamento de referentes se dá como mecanismo de integração dos (sub)tópicos entre si, engendrando fatos formulativos e interacionais nesta articulação tópica, cuja noção é o ponto de partida para a organização de um texto. Porém, em concordância com Marcuschi (2008), lembremos que a relação entre as duas noções não se dá de forma perfeitamente precisa, não se tratando de uma correspondência biunívoca.

distribuímos as redes não coincidem com os tópicos apresentados no texto, uma vez que este representa outro critério de distribuição.

Em suma, de um lado, imputamos a essa autora o mérito de um novo empreendimento acerca da construção das cadeias, sob os pressupostos da referenciação, em sua abordagem instrumental para uma melhor compreensão semântico-discursiva de tais recursos à disposição dos falantes, para configurar os textos em sua ampla diversidade. De outro lado, criticamos a inclusão dos critérios por ela propostos para descrever a construção das redes referenciais, uma vez que os julgamos demasiadamente detalhados (a ponto de prejudicar, possivelmente, a construção da metacôsciência textual tão propagada pela autora) e de maneira pouco criteriosa em relação à distribuição dos parâmetros a serem considerados, muitas vezes concentrados no caráter semântico-lexical. Por essas razões, preferimos adotar o critério funcional, mais coerente com a adequação das redes ao gênero e com a observação da interveniência das redes nos modos evolutivos dos referentes.

Rumo à finalidade de analisarmos as tessituras, porém em favor da noção de redes, tomaremos por discussão mais dois capítulos teóricos que virão, um a respeito das noções de recategorização, em continuidade às discussões sobre referenciação, a fim de observarmos como as relações entre os referentes intervêm neste processo, que é inerente às redes; e outro capítulo a respeito do parâmetro do gênero para a análise do funcionamento das redes na construção dos sentidos, de acordo com a sociorretórica. Por esse motivo, abordaremos, desde já, os fenômenos de construção referencial, o que inclui a retomada recategorizadora como uma função inerente a esse processo verificado no próprio funcionamento das redes referenciais.

4 AS (RE)CONSTRUÇÕES REFERENCIAIS EM SEUS MODOS DE REDIMENSIONAMENTO

Seguimos, no presente capítulo, com uma revisão panorâmica acerca de como os estudos sobre as construções dos referentes ampliaram suas dimensões na percepção desses fenômenos. A começar pelo pioneirismo de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) no que concerne à recategorização, numa primeira tendência de estudos na área da referenciação, até a segunda tendência, a qual abrange o esquema das quatro etapas de Custódio Filho (2011) sobre os modos de apresentação, manutenção e conseqüente progressão (recategorização) dos referentes, bem como o redimensionamento dado por Cavalcante e Brito (2016) a esse esquema e aos processos sociocognitivos de referenciação sistematizados por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Apropriamo-nos de tais obras para a análise de como as relações referenciais inseridas nas estruturas retóricas dos subgêneros de notas jornalísticas intervêm nesses processos.

É importante afirmar que a noção de recategorização segue mais ou menos equiparada à de cadeias referenciais se observarmos o viés formalista pelo qual ambas se definem no início dos estudos da referenciação.

4.1 Os estudos de recategorização na primeira tendência dos estudos de referenciação

A recategorização é um fenômeno que quase sempre foi considerado individualmente em relação às tessituras referenciais, visto que pouca ênfase teórica até hoje foi dada à inter-relação entre ambos os fenômenos, em nosso modo de ver. Em contrapartida, nossa análise mostrará a fundo a interdependência entre os dois processos, na construção do texto e do gênero, terrenos sob os quais a nossa pesquisa se sedimenta.

Diremos que o primeiro veio de pesquisa da referenciação privilegiou a observação do uso de expressões nominais em referência a um mesmo objeto (correferencialidade), pois se acreditava que fenômenos como a recategorização estavam circunscritos somente a esses casos. Por conta dessa ênfase nas relações correferenciais, Custódio Filho (2011, p.140) afirma que, nessa fase, “há uma forte inclinação para que a recategorização seja encarada como um fenômeno linear, quer dizer, analisado a partir do estabelecimento de cadeias coesivas de um mesmo referente”.

Assim sendo, uma vez que a tendência mais comum dos estudos da época era a de postular as recategorizações nas cadeias tecidas em torno de um único referente, apenas na sequência linguística do cotexto, sempre o que se analisava eram as transformações referenciais regidas por relações entre uma anáfora e um termo antecedente, ou um gancho presente no cotexto. O mesmo acontece também em pesquisas tradicionais acerca das cadeias em Halliday e Hasan (1976; 1985), Corblin (1995) e Roncarati (2010), os quais observam ocorrências de vínculos formais entre as referências, como já vimos no terceiro capítulo.

Conclui-se disto que tanto o tratamento da recategorização quanto das cadeias era de âmbito exclusivamente formal e linear. Custódio Filho (2011) fornece o texto abaixo como ilustração do fato:

(23) *Aconteceu em Minas: uma mulher traída cortou o cabelo da amiga... Pois é, foi assim mesmo. Uma descobriu que a outra tava saindo com o marido da uma. Complicado? Na verdade não... se fosse só a clássica história de traição não teria nada demais. Mas a mulher traída era uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar. Sabendo que o ponto fraco feminino são as melenas, não contou tempo: cortou tudo! Isso mesmo, fez com que “a amiga” fosse pra casa careca. As mulheres sabem como se vingar... Mas a história não acaba aqui. A careca entrou na justiça e processou “a cabeleireira louca” em 4 mil e 800 reais. Sim, e mais 600 reais pela peruca... Pois é... coisas do universo feminino. (Disponível em http://www.psicologoneurotico.blogspot.com.br/2004_07_01_archive.html. Acesso em 19 ago. 2008, extraído de CUSTÓDIO FILHO, 2011)*

Neste texto, acompanhamos a sequência de elementos correferenciais a “uma mulher traída”: “uma”, “a uma”, “a mulher traída”, “uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar”, “a cabeleireira louca”. Todos eles formam uma mesma “cadeia”, por se referirem à mesma entidade. Conforme diz Custódio Filho (2011), a partir desse pressuposto de linearidade, estabeleceu-se a ideia de que a transformação da entidade estaria limitada a essa forma de estratégia.

De agora em diante, veremos, ainda que de passagem, alguns conceitos representativos dessa corrente científica, cujas pesquisas não serão descritas em pormenores, pois nos interessa apenas argumentar que, em todos estes trabalhos, predominou uma visão pautada, majoritariamente, num caráter mais formal do fenômeno.

Neste contexto, os pesquisadores Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), foram os primeiros a destacarem-se nas pesquisas sobre o assunto da recategorização, estudando-a em perspectiva correferencial. Para eles, a recategorização acontece quando se evidencia a evolução da categorização ou da bagagem de conhecimentos acerca de determinados referentes, concebidos não de forma ontológica, metafísica ou filosófica, e sim de acordo com o produto cultural do homem. Isto se materializa no texto, quando a operação de designar referentes ocasiona, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), o abandono de uma denominação padrão, correspondente ao “nível de base” da categorização dos objetos, em prol da adaptação de sua expressão substitutiva a possíveis objetivos persuasivos do indivíduo que a produz. Os autores afirmam que o uso da recategorização permite que se ultrapasse sua função referencial e se atinjam outras funções de natureza social, estético-conotativa, argumentativa, além de outros tipos. Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995, p.19) concluem que o processo de referenciação pode estar “**em função de considerações superimpostas ao ato referencial propriamente dito**”. (Grifo dos autores) Portanto, esta consideração conduz a um tratamento da recategorização para além do plano puramente referencial, buscando-se outras facetas deste fenômeno, especialmente de sua função argumentativa no texto, no sentido amplo de “argumentação”.¹⁸

Contudo, a compreensão de ambos os autores a respeito da natureza argumentativa, hoje entendida como função comum a todas as recategorizações, na condição de expressões referenciais (MATOS, 2005) se reduzia apenas a um tipo específico, por eles classificado de recategorização por “argumentação”, isolando-a como característica de um tipo particular de recategorização. Para eles, há a “*argumentação*”, marcada como um tipo de *recategorização lexical explícita*¹⁹, quando uma expressão metafórica ou lexema marcado axiologicamente exhibe o ponto de vista do autor da mensagem produzida. Um exemplo clássico da obra dos autores é este:

¹⁸ Neste momento, estamos considerando a noção ampla de argumentação, no sentido de que todo texto é argumentativo; portanto, não estamos falando, em *stricto sensu*, da estrutura sequencial argumentativa vista em Michel Adam (2011).

¹⁹ Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) estabelecem uma diferença em nível formal entre a explicitude e a implicitude nas recategorizações. A primeira ocorre com a manifestação de caracterizações sobre os objetos mediadas por anáfora com item lexical reiterado e acrescido de expressões modificadoras ou então um novo sintagma nominal. Enquanto o segundo tipo acontece quando o acréscimo de sentido se dá através de um pronome retomando um objeto, transformando-o em algum aspecto.

(24) *O reflexo conservador surpreendeu o vizinho gaulês. A adoção pelo Parlamento Francês da lei Tubon contra o “franglês” é um exemplo bastante ridículo. Esta nova anglicização da língua...* (APOTHÉLOZ E REICHLER- BÉGUELIN, 1995, p.5)

Em discordância desses autores, vemos que essa é a mesma intenção que podemos facilmente encontrar em todos os discursos em geral, conforme também indica Koch (1989), sobre a constituição eminentemente argumentativa da linguagem, como forma de ação sobre o mundo.

Há, nesta fase, uma preocupação intensa com vistas à apreensão do caráter funcional das expressões referenciais. Assim, em nossa dissertação (ver MATOS, 2005), propusemos um quadro que sugere algumas funções discursivas das recategorizações (a avaliativa, a não avaliativa, a glosa por definição, por correção e por especificação e a estético-conotativa), cuja função argumentativa, ao contrário da proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), estende-se a todas as recategorizações propostas. Entretanto, confinamos nossa escolha metodológica à análise das anáforas diretas – justamente por ser de tipo correferencial - embora já sabendo, com base em Cavalcante (2003), Tavares (2003) e Lima (2003), que as recategorizações não se encerrariam nesses casos. Com isso, concluímos que tais funções podem se manifestar de modo simultâneo, sobrepondo-se na construção dos enunciados e conferindo natureza multifuncional às recategorizações. Exemplificamos:

(25) *Se me for permitido contar, falarei da série de provações que me foram necessárias para encontrar ‘um quarto’..., não, ‘uma toca’ no Grande Albergue da Europa, administrado pelo signore Pietro Roberti. (Achard, Montebello, Magenta, Marignan. Lettres d’Italie (mai et jun, 1859), Paris, 1859; 50) (MONDADA E DUBOIS, 1995, p. 31)*

Em nossa análise, sugerimos, por exemplo, que a construção pontual “uma toca” cumpre a função *avaliativa*, de aferição de juízo de valor e, ao mesmo tempo, a função de *glosa por correção*, uma vez que transforma o objeto com a finalidade de explicitar a categoria a que pertence o referente “um quarto”, consistindo também em recategorizá-lo com o fim de negar, reformular ou corrigir essa primeira denominação, assinalando sua inadequação e indicando a segunda nomeação como mais “apropriada” aos interesses do locutor.

Estudos como esse contribuíram para um avanço no tratamento funcional-argumentativo das recategorizações; porém, faltou, nesse trabalho, dentre outras coisas, a observação de outros aspectos desses processos, como a contribuição das redes referenciais, incluindo-se as demais estratégias anafóricas (anáforas indiretas e encapsulamentos) de que se alimentam as redes no auxílio à reformulação do referente.

Entretanto, nos desdobramentos de outras investigações, contempla-se a recategorização anafórica ocorrida em casos de encapsulamento e de anáfora indireta (ver, por exemplo, TAVARES, 2003, e LIMA, 2003), as quais integram o quadro das expressões referenciais, embora não se tenha mencionado nada a respeito de teias de referências. Em Tavares (2003), enumeram-se, por exemplo, casos de anáfora indireta, inclusive com repetição lexical, dentre outras possibilidades, enquanto formas de recategorizar os objetos. Assim, vejamos:

(26) “... um artigo ... de setembro último e consagrado inteiramente ao *CORAÇÃO*, a sua etimologia e as suas significações”. (APOTHÉLOZ E REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p.05)

Segundo Tavares, há uma reiteração cognitiva desse sintagma operada pelos pronomes “sua” e “suas”, que efetuam, porém, uma mudança na significação lexical, realizando-se a passagem da designação de “coração” enquanto “órgão do corpo humano” para o referente “expressão linguística”, mudando-se, assim, sua extensão. Tavares conclui que essa transformação sofrida pelo referente é total, chegando a construir uma nova categoria no texto.

Nesse rol, a mesma autora inclui igualmente os casos de encapsulamento, classificados como um subtipo de anáfora indireta. Conforme veremos logo mais, essa definição foi hoje abandonada em favor de uma nova concepção acerca desse fenômeno encapsulador, na condição de anáfora direta (CAVALCANTE, CUSTÓDIO FILHO E BRITO, 2014), ou até mesmo de introdução referencial (SILVA, 2013):

(27) “É de ontem a notícia de que um superpetroleiro afundou ao largo da costa báltica derramando a carga inteira no mar. Hoje se pergunta: esta enésima catástrofe ecológica poderia ser evitada?” (CONTE, 1996, p.181).

Em (27), a expressão em destaque, neste caso, torna-se um *rótulo* que encapsula informações dispersas anteriormente no texto, de forma a sintetizar tal conteúdo num só sintagma nominal. Tal termo aparece altamente imbuído de valor opinativo do enunciador, podendo tornar-se um meio poderoso de manipulação do leitor.

Em suma, há, em todos esses estudos mencionados, a admissão de que a recategorização está sempre vinculada a eventuais expressões designadoras, em situação de correferencialidade ou não (após a consideração de anáforas indiretas e encapsulamentos em tal processo). Uma análise nos moldes dessa tendência inicial, como pudemos ver *en passant*, trata, dentre outras coisas, da maneira como as expressões estabelecem a progressão referencial, ou da forma como se capta o projeto argumentativo de um enunciador a partir de suas escolhas referenciais, bem como de seus efeitos de sentido. Todavia, conforme já salientamos, não há grandes preocupações em se refinar o tratamento das cadeias referenciais, apesar de sua íntima ligação com o processo das recategorizações, bem como de seu caráter adaptativo à elaboração de construções composicionais dos textos.

É certo dizer que a decisão de um locutor na escolha de formas referenciais distintas, com certas alterações de significado, nunca é ingênua e acaba por remodelar de um modo ou de outro, seja negativa ou positivamente, um dado objeto de discurso, caracterizando-se a recategorização. No entanto, ao cabo de alguns anos, esse conceito formal acerca do fenômeno veio sofrendo certas reconfigurações que expandiram a percepção de seu domínio. Com a evolução das pesquisas em torno da referenciação, passou-se a perceber e a se integrar cada vez mais novas características desse fenômeno, num aprimoramento de suas roupagens, que caminham de uma preocupação fincada em alicerces formais até os interesses abalizados em questões mais amplas, envolvendo uma pluralidade de fatores para além das estruturas linguísticas. Todos esses fatores colaboram conjuntamente para a edificação da referência.

Na seção vindoura, iremos conferir de que modo as recentes pesquisas em referenciação, na Linguística Textual, alargaram as bases conceituais sobre as construções referenciais, o que inclui um novo tratamento sociocognitivo das recategorizações, acompanhando tal evolução epistemológica. A retomada recategorizadora, tal como se demonstra e se corrobora nesta tese, é flagrada a todo instante nos processos sociocognitivos de referenciação, mediante as funções de manutenção e progressão referencial, consoante Cavalcante e Brito (2016).

4.2 A ampliação das noções sobre as construções referenciais e as recategorizações na segunda tendência de estudos da referenciação

As evoluções conceituais que giram em torno da referência e da recategorização surgem com as pesquisas que ganham cada vez mais espaço e vêm sendo conhecidas, na Linguística Textual, como a segunda tendência de referenciação. Para efeito didático, devemos explicar que, conforme se elucida em estudos de Cavalcante (2011) e de Custódio Filho (2011), passaram a existir duas vertentes de estudos da referenciação. Consoante já mencionamos, ainda no capítulo 2, sobre as duas correntes, uma atrelada à menção e a outra mais voltada para questões cognitivo-discursivas, Custódio Filho (2011) enfatiza que ambas não são mutuamente excludentes; apenas são complementares, na medida em que a segunda tendência amplia o alcance da primeira. O que muda, segundo ele, é o foco de análise no que diz respeito a outros estratos linguísticos além da expressão nominal que competem para a construção da referência; além disso, outros fatores são observados, tais como a participação e integração dos elementos não linguísticos na construção da referência. Para tanto, colaboraram os trabalhos de Cavalcante (2011, 2012), Ciulla e Silva (2008), Costa (2007), Custódio Filho (2011), Leite (2007), Lima (2009), dentre outros. Em todos estes trabalhos, há a preocupação comum em se enfatizar a amplitude de variados aspectos, seja da cognição social, seja da multimodalidade, seja da integração de várias partes do cotexto, dentre outros fatores que operam em tais processos.

Sob tais pilares, a recategorização significa a evolução cognitivo-discursiva dos referentes, que se atesta de modo contínuo no texto. Na verdade, estas modificações ocorrem ancoradas em índices cotextuais de vários tipos, embora, na maioria das vezes, ocorram mediante as expressões referenciais nas redes.

Na ótica desta vertente, a recategorização passa, pois, do conceito de “estratégia de denominações alternativas para um mesmo referente” a uma noção de “contínuo processo cognitivo-discursivo de transformação dos referentes ao longo de um texto” (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014, p, 156), numa postura coerente com a ideia de que os sentidos dos textos constituem práticas sociais intersubjetivas, as quais também mobilizam todo um vasto conjunto de conhecimentos linguísticos, socioculturais e enciclopédicos, atuantes na negociação de sentidos. Isso quer dizer que toda produção e compreensão de um texto é, necessariamente, uma atividade cognitiva apta a construir coerência, de modo a adaptar-se aos contextos nos quais a comunicação se insere.

Em prol dessa nova abordagem, destacaremos, a partir de agora, alguns dos principais pressupostos de que se alimenta esta recente tendência de pensamento. Antes de tudo, a evolução das noções sobre o referente se tornou especialmente voltada para a cognição social, na medida em que se passou a admitir casos cada vez mais implícitos do fenômeno, tal como nos trabalhos publicados em Jaguaribe (2005), Lima (2009), Brito (2010), Custódio Filho (2011) e outros. Exemplos que clarificam isso são vistos em Cavalcante (2011), como é o caso abaixo:

(28) - *Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?*

- *Eu era funcionário público!*

- *OK! O senhor pode contar até dez?*

- *É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás!*

(50 piadas, de Donald Buchweitz, extraído de CAVALCANTE, 2011, p. 120)

Por meio desse exemplo, a autora chama a atenção para a construção dos referentes não somente através da própria expressão recategorizadora, mas mediante uma confluência de fatores “linguísticos”, bem como “extralinguísticos”. O exemplo acima é um dos casos de alto teor de implicitude, pois não há sequer um termo explícito, destinado a homologar, em sentido anafórico, a mudança de “funcionário público” para “pessoa ociosa no trabalho”, bem como a homologar a subjacência do referente “entrevista de emprego”, facilmente reconhecida pelo esquema mental ou *script* manifestado no diálogo do texto, o qual reproduz certos rituais linguísticos de uma entrevista formal de emprego, tais como a frase que inicia a piada: “Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?”.

Com base nessa reflexão de Cavalcante (2011), Custódio Filho (2011) declara que contextos de ocorrência como esse podem ser chamados de “construção de referentes sem menção referencial”. O autor aponta que, mesmo o referente sendo construído por meio de uma expressão nominal (ou por outro recurso), não é obrigatório que as modificações por ele sofridas se restrinjam ao universo das relações internominais de que porventura ele participe. Destarte, ao referir-se ao exemplo acima, Custódio Filho (2011) diz que “a recategorização aludida não é apenas o resultado de uma cadeia coesiva relacionada ao referente — sujeito

entrevistado; ela emerge da integração de porções diferentes do cotexto (LEITE, 2007), em conjunção com o aparato cognitivo ativado para a apreensão do humor”.

De nossa parte, discordamos do termo “construção de referentes sem menção referencial” atribuído por Custódio Filho (2011) ao tipo de implicitude ocorrida no exemplo (28). Tal termo nos soa contraditório, uma vez que há outras menções de referentes que compõem a malha do referido texto e que colaboram indiretamente para a (re)construção do referente, inclusive como gatilho da (re)categorização, embora não haja “menções diretas” ao referente recategorizado. Por isso, no que se refere a elementos do cotexto que nos fazem trilhar o percurso evolutivo do “funcionário”, identificamos elos referenciais relacionados entre si de tal forma a acionarem sentidos radicados em nosso conhecimento enciclopédico referente a “brincadeira, jogos”, que são os nomes das “cartas de baralho”. Isto explica a capacidade que possui a tessitura referencial de articular sentidos implícitos, inclusive por meio de anáforas indiretas (CAVALCANTE, 2011; RONCARATI, 2010), associados a porções do cotexto e a modelos de *scripts* ou esquemas interagindo entre si. No caso desta piada, tais sentidos provocam a comicidade por se mostrarem incompatíveis com o campo semântico de “trabalho”.

Mas concordamos com o autor no que toca à insuficiência dos elos referenciais que remetem diretamente ao funcionário (“o senhor”, “eu”, “funcionário público”), ou indiretamente, “o emprego anterior”, pois eles não dão conta de sua evolução no texto, mesmo porque o “gatilho” do humor, - ou seja, aquilo que ativa a incompatibilidade semântica que nos desperta o riso, é a própria contagem dos números pelo funcionário público, que são os referentes enumerados “Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás”. É a partir disso que conseguimos acionar um novo esquema cognitivo para reenquadrar o funcionário como “negligente ou que não trabalha”, um estereótipo presente em nossa realidade, no serviço público. Logo, os referentes são passíveis de serem construídos no texto tendo como principal gatilho a recorrência ao conhecimento compartilhado.

Portanto, nossa intenção argumentativa é a de reforçar a importância dos demais elementos referenciais em rede, no cotexto, com os quais o referente recategorizado se articula, num perfeito balanceamento entre elementos implícitos e explícitos, em estreita interdependência, conforme discutimos em Matos, Cavalcante e Brito (2016), no que tange ao papel do entrelaçamento dos referentes na construção das recategorizações como gatilho do humor no gênero piada. Nisso lembramos a essência do conceito de implicitude apregoado por Marcuschi (2007, p. 40), “explicitar é oferecer uma formulação discursiva de tal modo

que contenha em si as condições de interpretabilidade adequada ou pretendida”. Com isso, julgamos ser o balanceamento explicitude/implicitude algo fundamental em todo tipo de texto, pois nem tudo deve ser “totalmente expresso”; todavia tudo deve ser “interpretável” ou “inferível, devendo, pois, reunir condições de acesso à interpretação, havendo a necessidade de o interlocutor preencher, através de sua compreensão linguística, textual, interativa e enciclopédica, os vazios ou as lacunas de sentidos a serem normalmente recuperadas.

Entretanto, casos como o supramencionado não se concebiam na época dos estudos tradicionais tanto das recategorizações quanto das cadeias referenciais, ambas sempre deflagradas por análises procedentes de unidades presas ao cotexto. Lembremos do exemplo (3) discutido no primeiro capítulo, em que não se reconhecem outros elementos além dos estritamente designados como referenciais na (re)construção dos objetos.

Assim, não nos esquecendo da relevância das demais pistas do cotexto no processo de estabilização referencial, invocamos então a afirmativa de Leite (2007) de que as relações entre as diversas partes do cotexto convergem para a edificação da referência e é a partir delas, como dizem Silva e Custódio Filho (2012), que se pode calcular o valor real do uso de determinadas nomeações do referente. Nesta direção, também comentam Alves Filho e Vieira (2011) vindo a reforçar o que aqui se afirma:

A referenciação corrobora um sentido pretendido, que, por sua vez, está permeado por uma argumentação, por uma avaliação axiológica. Considerar isto significa entender também que todos os elementos que fazem parte da cadeia textual alimentam a construção referencial, e não somente as expressões que categorizam objetos de discurso introduzidos e/ou retomados no texto (ALVES FILHO; VIEIRA, 2011, p. 140).

Por conseguinte, a consideração de elementos que permeiam o texto na construção do referente representa um considerável ganho, o qual não podemos perder de vista em nosso estudo. Tomando-se por base tais fatores, a contribuição de nossa tese a essa abordagem da segunda tendência de referenciação é observarmos a tendência que possuem os processos de recategorização nas notas jornalísticas de acontecer, especialmente, dentro da complexa e diversa interdependência entre referentes, com o auxílio de outras unidades do cotexto, dentre certos fatores, em especial, os sociocognitivo-discursivos, proporcionando as mais diversas formas de (re)construção dos referentes, inclusive a implícita.

Dentre os aspectos da referência reivindicados nesta abordagem, merece ser salientada a não linearidade desse processo, especialmente no caso das expressões que

introduzem ou apresentam os referentes nos textos. Silva e Custódio Filho (2012) expressam efetivamente o fenômeno por meio do gênero editorial a seguir:

(29) *Vamos enfrentar o monstro*

O uso do crack no Brasil já é tratado no âmbito do governo federal como um caso grave de saúde pública, mas com um viés de risco à segurança pública. Tanto assim que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva determinou, no início deste mês, que o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, [sic] que organize um seminário com especialistas para discutir a questão.

Não é necessário ser um especialista para se perceber o quanto o crack é uma droga devastadora e que coloca em risco não somente a saúde e a segurança dos usuários, mas das famílias e comunidades afetadas pelo crescente consumo desta substância entorpecente.

Relatos cada vez mais dramáticos envolvem desde a venda de utensílios e móveis para sustentar o vício até assaltos e homicídios cometidos por jovens – alguns deles ainda nem bem saídos da infância. Algo que não somente é preocupante, mas grandemente assustador.

(...)

(SILVA; CUSTÓDIO FILHO, 2012, p.74)

Numa versão de recategorização menos apegada à menção, Silva e Custódio Filho (2012) explicam que, antes de entrelaçar os fios da cadeia textual, o modo de apresentação através da nomeação inicial “o monstro”, por si só, é bastante significativa e não representa tão somente o intuito do jornalista de introduzir um referente. Faz-se notável a introdução do referente por uma expressão previamente avaliativa, remetendo ao conhecimento enciclopédico do leitor, à figura terrível de ‘monstro’, conduzindo, antecipadamente, toda a “montagem” posterior da rede do referente (por exemplo, as anáforas diretas “um caso grave de saúde pública”, “uma droga devastadora”, “esta substância entorpecente”, “o vício”) com o fim de atender aos propósitos argumentativos do gênero jornalístico, de propagar a opinião sobre as consequências nefastas do uso das drogas.

Uma consequência dessa não linearidade na introdução referencial é a compreensão dos redimensionamentos por que passa o referente, que, em casos como o de (27), não depende, momentaneamente, do modo pelo qual vem designado pela introdução referencial, mas sim de toda uma progressão da leitura em processamento. Deste modo, a expressão introdutória, segundo o autor, estabelece uma proposta de perspectiva que pode ser

confirmada pela leitura progressiva do texto; além dessa perspectivização inicial, o enunciador incita o interlocutor a promover uma transformação sobre a expressão introdutória, que depende do contato com o substrato posterior do texto. Assim é que o elemento “crack” no último texto se processa de modo não linear, de forma que seu sentido só será definitivamente esclarecido pela leitura de todo o texto, ou de boa parte dele. Em suma, o autor afirma: “Há um movimento de ida e volta constitutivo da construção referencial, sugerindo que a recategorização, mais que uma manifestação linguístico-formal percebida por um sintagma nominal, é um processo amplo e difuso, interveniente na compreensão” (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 159)

Assim sendo, nossa pesquisa corrobora tais afirmações ao interpretarmos determinados contextos não lineares de recategorizações nas redes de exemplares da nota jornalística, sobre os quais comentamos no capítulo concernente à nossa análise. Sob esse aspecto, convém citarmos Roncarati (2010, p.139): “As CRs [cadeias referenciais] entretecem uma rede multidimensional de pistas prospectivas e retrospectivas na superfície textual, facilitando, desse modo, a identificação e o domínio de estratégias sociocognitivas de seleção, antecipação, inferência e verificação no processamento textual”. Semelhante é o raciocínio de Marcuschi (2006, p. 191), ao afirmar que “não é uma condição necessária da textualidade a ligação linear de elementos linguísticos, já que a textualização se dá num processo de **multilinearização**” (grifo do autor).

Prova disso é o quão antecipatória pode ser a introdução referencial como estratégia sociocognitiva, não se revelando tão linearmente quanto se imagina em uma abordagem mais formal das expressões referenciais, que tratam das introduções referenciais de forma “pura”, o que acarretou, por tal razão, certas reflexões e críticas à proposta de Cavalcante (2011; 2012) que fixa a oposição entre introdução referencial, que inaugura o referente sem ancoragem, e anáfora, cuja ocorrência se manifesta em qualquer situação de continuidade do referente, haja vista que casos como os acima parecem misturar as características de ambos os conceitos. Cavalcante e Brito (2016), alegando a necessidade de se manter o discernimento entre ambos os processos (haja vista a sua validade nos contextos nos quais essa diferença aparece mais nítida), dialogam com tais críticas:

Todavia, aceitamos esse posicionamento apenas parcialmente, pois insistimos na necessidade de discretizar os fenômenos linguísticos para que seja possível falar sobre eles e descrevê-los. Tomar tal decisão não implica em “localizar”, com acurada precisão, os limites de um e outro fato linguístico, nem tampouco de atrelar a referência a uma fôrma específica, mas, sim, em caracterizar cada um pelos papéis

que desempenham nas práticas discursivas (CAVALCANTE; BRITO, 2016, p. 126-127).

De igual relevância são as reflexões feitas por Cavalcante e Brito (2016) a respeito das evoluções dos referentes, postulações essas que tomamos como um pressuposto fundamental para a presente tese. As autoras afirmam que as anáforas, de modo geral, são naturalmente recategorizadoras. Convocamos, neste momento, a afirmação convergente de Apothéoz e Reichler-Béguelin (1995, p.240): “(...) todo objeto de discurso é, por definição, evolutivo, porque cada predicação a ele relacionado modifica seu estatuto informacional na memória discursiva”. Em concordância com essa posição, abordamos os tipos de processos referenciais em nossa análise, para uma melhor compreensão desses papéis no enquadramento das redes referenciais na sequência do texto, uma vez que se trata de estratégias sociocognitivas e discursivas de estabilização das entidades no modelo textual, segundo Cavalcante e Brito (2016).

De nossa parte, entendemos que tal posição de Cavalcante e Brito (2016) não significa ignorar a existência da não linearidade na leitura, mas apenas a de indicar que o percurso de leitura guiado pelo modo como o referente é apresentado no texto é uma maneira mais “segura” ou palpável de demonstrar como o percurso de leitura foi iniciado pelo referente, uma vez que não se pode comprovar, com total solidez, que movimentos ou percursos não lineares (oculares e de processamento sociocognitivo do leitor) são de fato realizados. Algo que, por outro lado, não inviabiliza, de modo algum, a sugestão de Custódio Filho (2011) de haver uma introdução referencial já recategorizada, mas a coloca como uma das possibilidades de percurso não linear de leitura.

Dentre os estudos sobre a referência atrelados à menção na superfície cotextual, tem-nos sido bastante útil, até hoje, a classificação das expressões referenciais de Cavalcante, as quais sofreram certas alterações desde sua concepção em Cavalcante (2003), adaptando-se ao despertar da segunda corrente investigativa da referenciação. Vejamos agora uma demonstração de como tais processos ocorrem nos textos. Para tanto, a classificação de Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) - autores que revisaram as propostas anteriores de Cavalcante (2003; 2011; 2012) - serviu-nos para a análise dos processos sociocognitivos de construção dos referentes nos subgêneros da nota jornalística. Tais processos se constituem como estratégias que correspondem às chamadas funções da construção referencial, segundo Cavalcante e Brito (2016).

Apoiamo-nos nessas propostas para a nossa análise desses processos, dado que seguimos esta segunda tendência da referenciação e, por meio dela, buscamos explicar a múltipla e dinâmica arquitetura das redes, ampliando ainda mais a visão que hoje se tem sobre a construção referencial, ao propormos a noção de redes em detrimento da ideia de cadeias de referentes.

4.2.1 As estratégias de referenciação redimensionadas pelas funções da construção referencial

A partir do quadro de estratégias das quais as redes de referências são oriundas, elas coatuam com outros elementos tanto cotextuais, quanto de cunho sociocultural e de cognitivo, de modo a transformar as entidades do discurso, fazendo-as evoluir. A fim de complementar nosso pensamento, reproduziremos a asserção de Neves da Silva (2007):

Ressalte-se ainda que o estudo das CRs [cadeias referenciais], a partir de um quadro categorial de mecanismos de referenciação, constitui um recurso produtivo para explicar a correlação entre a evolução do objeto de discurso, os mecanismos de sua primeira menção e de progressão referencial, e as estruturas cognitivas culturalmente compartilhadas disponíveis na memória discursiva ou inferíveis a partir de marcas textuais que permitem o preenchimento de lacunas de sentido. (NEVES DA SILVA, 2007, p. 192)

Desse modo, a constituição de tais redes textuais vai, gradativamente, desenvolvendo a evolução referencial, uma função *sine qua non* da progressão do objeto de discurso. Por conta dessa abordagem, Cavalcante e Brito (2016) sugerem que as estratégias de referenciação (abrangidas pelas redes) sejam consideradas processos sociocognitivo-discursivos de construção da referência. Tais processos podem ainda se conformar à orientação avaliativo-argumentativa dada pelo produtor do texto e, de acordo com nossa pesquisa, podem se adequar às regências do gênero de que fazem parte.

Então, são conhecidas três possibilidades de estratégias sociocognitivas de referenciação de acordo com Cavalcante (2011, 2012), reformulada por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), por quem nos pautaremos nesta tese:

- Introdução Referencial;
- Anáfora;
- Dêixis.

Tais processos sociocognitivos devem ser distribuídos de forma elaborada em termos funcionais, de acordo com o esquema sugerido por Cavalcante e Brito (2016):

Esquema 6: Funções da construção referencial



Fonte: Cavalcante e Brito (2016)

De acordo com as pesquisadoras, ambas as funções de apresentação e de retomada recategorizadora são mutuamente excludentes, de maneira que a recategorização se subdivide em manutenção, que conserva os referentes na tessitura do texto, e progressão referencial, que os faz se desenvolverem. Conforme Cavalcante e Brito (2016), o procedimento anafórico consiste em diversos movimentos de ancoragem e estabilização auxiliados pelas formas de realização dos referentes no texto, por diferentes evocações, que estabilizam as confirmações (ou manutenções) e os acréscimos das recategorizações que eles sofrem na construção da coerência textual.

Desta forma, a função de apresentação corresponde ao processo de introdução referencial e as funções de manutenção e de progressão intituladas, em geral, como retomada recategorizadora são representadas pelos processos diretos (anáforas diretas e encapsuladoras) e indiretos (anáforas indiretas) de referenciação. Na verdade, tal quadro significa uma reapresentação da proposta das quatro etapas de Custódio Filho (2011), sob o aspecto da função, sugerindo-se que os modos de apresentação e de continuidade referencial sejam divididos em apresentação do referente, e em suas mudanças por acréscimo, por confirmação e por correção. Dito de outro modo, Cavalcante e Brito (2016) asseguram que os três casos de mudança em Custódio Filho (2011) revelam-se, necessariamente, como fenômenos de manutenção e, ao mesmo tempo, de progressão referencial, cujas ancoragens e estabilizações

ocorrem com a ajuda das formas de realização dos referentes e por diferentes evocações no cotexto.

Já que esta nova abordagem busca não privilegiar as relações pontuais entre as expressões na superfície textual para demarcar os fenômenos referenciais, ressalta-se, em Cavalcante e Brito (2016), a necessidade de se discernir entre os processos sociocognitivos de (re)construção do referente e as marcas textuais e ancoragens que deflagram essa reconstrução. Assim, enquanto as estratégias de introdução e de anáfora são processos funcionais de construção referencial, os termos referenciais não são responsáveis totalmente pela complexidade de tais processos sociocognitivos, de modo que outros modos de indiciamento e recursos de acesso aos sentidos se encontram disponíveis no cotexto, prontos à essa (re)elaboração pelos indivíduos.

Desde agora, listaremos os casos de forma ilustrada, discutindo sobre os modos pelos quais a apresentação (introdução) e os processos de retomada recategorizadora que efetuam a manutenção e a progressão (anáforas) se organizam na construção de teias de referentes, observando-se o papel das expressões referenciais como relevantes marcas textuais dessa construção. Apresentamos então cada conceito seguido de ilustrações de textos da esfera jornalística, dentre os quais as notas de alguns jornais:

- a) Introdução referencial - existe quando as entidades são introduzidas no texto, ou seja, no momento do texto em que são mencionadas pela primeira vez, sem haver qualquer outro elemento prévio em que ele esteja “ancorado” anteriormente. Confira-se:

(30) *Canal de transposição do São Francisco vira piscinão para moradores de Pernambuco*

Moradores de Sertânia (PE) transformaram o canal da transposição do Rio São Francisco, que leva água para consumo humano, num piscinão. (Estadão, 05/03/2017)

Neste primeiro exemplo, a expressão “canal de transposição” é introduzida verbalmente no texto, sem que haja qualquer contexto prévio, já que a aparição deste objeto é inédita no texto. Neste caso, sua aparição se deu por meio de um sintagma nominal, que é apenas uma dentre muitas outras possibilidades formais desse tipo de referência.

Outra viabilidade para a introdução de referentes se dá por meios visuais. Como no exemplo a seguir:

Ex.: (31) *Jiboia é capturada depois de atrapalhar trânsito em avenida*



Foto: divulgação

Serpente da espécie jiboia foi capturada ontem à tarde por equipe de salvamento do Corpo de Bombeiros. A cobra estava em meio a via pública, atrapalhando o trânsito na Avenida Gaturama, na cidade de Corumbá.

De acordo com os militares, depois de capturada, a serpente foi solta em área de mata nativa, distante na região urbana. (Caderno B, Jornal do Brasil, 30/08/2016)

É fundamental comentarmos que é provável, mas não categórico, que o leitor categorize o objeto “cobra” primeiro pela imagem, que se torna um tanto saliente em termos de processamento visual. As fotos, gravuras ou ilustrações são elementos bastante comuns no gênero nota jornalística (FIGUEIREDO, 2003), muito embora esse tipo de “estreia” do referente desperte certas discussões polêmicas quanto ao que poderá ser primeiramente acessado pelo leitor, se é a imagem, ou se é a informação verbal. Neste caso em particular, o leitor do jornal poderá processar primeiro o nome “jiboia”, ou então a foto dela. Mas o que mais nos interessa afirmar é que, não importando a ordem captada na recepção do texto, sempre haverá a integração das semioses na nota jornalística, quando ambas se fizerem presentes na enunciação, resultando na apresentação do referente no texto, ou efetuando a sua evolução, isto é, a sua recategorização por acréscimo de dados. De qualquer modo, este é um aspecto o qual não podemos deixar de lado, pela riqueza informacional que incorpora aos textos.

Após o lançamento do referente no discurso, ele pode não ser mais mencionado, ou pode ser continuado e sofrer alterações cognitivas no texto. Em quaisquer casos, sob nossa análise, consideramos que, uma vez introduzido, tal referente pode iniciar uma teia referencial, na medida em que preenche um nóculo, passando a ter uma locação ou um “endereço” cognitivo (para usar o termo de KOCH, 2004) no texto. Deste modo, o que tencionamos dizer é que o referente introduzido, em nossa abordagem, passa a funcionar dentro de um “circuito”, em que começa a estabelecer relações com outros referentes, formando, pois, uma grande rede de referentes que se recategorizam orientados, dentre outras coisas, para a confecção do gênero. No caso de “jiboia”, ela inicia uma rede referencial que corresponde ao elemento afetado pelo fato divulgado na nota de jornal, levando o leitor a processar que a ação dos Bombeiros se deu sobre ela (a jiboia).

No caso de o elemento introduzido ser novamente mencionado ou continuado de outras formas no cotexto, opera-se sua anaforização por meio de referências ou de pistas textuais que sugiram sua continuidade. É o caso das anáforas.

b) Anáfora – ocorre com a propriedade de continuar uma referência, seja de modo direto, seja de modo indireto. Ambos os modos levam a duas ordenações de anáforas:

I. Anáfora direta (correferencial): retoma um mesmo referente, o qual já foi introduzido no discurso. Este processo é responsável por manter os referentes ativos na memória discursiva do interlocutor, tornando possível a evolução destes na condução enunciativa:

(32) *Suspeito de matar cunhada durante briga é preso em São Gonçalo*

Crime aconteceu em Araruama, na Região dos Lagos, neste domingo

Um homem suspeito de matar a cunhada durante uma briga entre familiares foi preso pela Polícia Rodoviária Federal (PRF), durante uma blitz na rodovia Niterói-Manilha (BR-101), em São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio, na tarde desta segunda-feira. De acordo com a PRF, o suspeito ainda estaria em fuga do local do crime, ocorrido em Araruama, na Região dos Lagos, na tarde deste domingo.

Segundo os agentes rodoviários federais 2ª Delegacia (Niterói), o veículo foi abordado, quando perceberam a aproximação de um carro que poderia ser do suspeito de ter cometido um homicídio e que estaria fugindo. Ao pararem o automóvel, os policiais confirmaram que era a pessoa procurada, um policial federal aposentado de 58 anos.

Durante a revista, foram encontradas 27 munições de calibre 9mm, além de dois carregadores. O suspeito contou que a arma que teria sido usada no crime foi deixada no local do fato. A ocorrência foi encaminhada à Delegacia de Homicídios de Niterói e São Gonçalo (DHNSG). (Jornal O dia, 06/03/2017)

Neste segundo exemplo, o elemento “suspeito de matar cunhada durante briga”, uma vez introduzido discursivamente, é reapresentado seguidas vezes, constituindo a rede referencial prototípica do elemento afetado pelo fato que, ao longo do texto, vai sendo retomado, à proporção que se desenrola a narrativa jornalística. Por meio desta ilustração, vemos que a imagem do “suspeito” vai se transformando à medida que novas caracterizações, inclusive avaliativas, sobre ele vão surgindo gradativamente na enunciação: “Um homem suspeito de matar a cunhada durante uma briga entre familiares”, “o suspeito de ter cometido um homicídio e que estaria fugindo”, “a pessoa procurada, um policial federal aposentado de 58 anos”, de modo que, em geral, cada nova menção tende a indicar um estado distinto do objeto de discurso, que vai costurando o texto segundo a orientação argumentativa do produtor (KOCH; ELIAS, 2016).

Enfim, as marcas destacadas vão compondo toda uma rede de atributos ligados a um mesmo referente, os quais vão contribuir para agregar valores negativos ao “homem suspeito”, e, por isso, recategorizam-no à proporção que lhe são acrescentadas informações novas. Salientamos que a análise de nosso *corpus* da pesquisa tende a indicar a importância de outros elementos, como, por exemplo, as locuções adjetivas, como “em fuga”, os verbos “confirmaram”, “contou”, dentre outros que conduzem às recategorizações, além dos próprios referentes que se costumam em rede, como o “carro”, “27 munições de calibre 9mm, “dois carregadores”, que, sem dúvida, alteram as ideias sobre o criminoso.

Portanto, as referências acima destacadas, as quais constituem uma rede referencial, são de suma importância para a orientação argumentativa em torno do “suspeito” em sentido depreciativo. De um modo geral, a remissão direta aos referentes, por meio das anáforas diretas, é um eficaz recurso para a manutenção e a progressão referencial de um objeto discursivo, em dada rede referencial, na medida em que se reativa tal objeto ao longo do texto onde ele aparece, mantendo-o em foco na memória discursiva, acarretando-se sua evolução referencial de acordo com o projeto de dizer dos enunciadores. De acordo com Cavalcante e Brito (2016), a recategorização é uma tendência natural dos referentes que se continuam no texto.

Há também um subtipo à parte, digamos, de anáfora direta, que tem suscitado discussões por conter elementos tanto de anáfora direta quanto de indireta, a tal ponto de ter sido considerado pelos estudiosos da referenciação como “indireta” (KOCH, 2002, 2004; TAVARES, 2003 dentre outros), e redenominado de “anáfora direta” por pesquisadores como Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). É o caso das anáforas encapsuladoras.

II. Anáfora encapsuladora: fenômeno considerado um tipo incomum de “anáfora direta”, porque, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), trata-se de um referente já introduzido discursivamente, na medida em que o referente nomeado pela anáfora encapsuladora fica previamente representado na mente dos interlocutores, por já estar sendo ‘germinado’ no contexto, existindo nesta instância, mesmo antes de receber uma nomeação efetiva. Este tipo de anáfora resume, remete a segmentos ou a trechos do contexto, ou ainda, ao texto inteiro, podendo modificar seu sentido avaliativamente. É o caso abaixo:

(33) (...) Segundo a Associação Brasileira das Concessionárias de Serviços Públicos de Água e Esgoto, 40% dos contratos privados de concessão de água e esgoto estão sendo questionados judicialmente. Entre as concessões de serviços de esgoto, o índice é maior: 50%. A contestação se ampara no fato da dubiedade da Constituição quanto à definição do poder concedente – se os estados ou os municípios. (Jornal do Brasil, 08/01/00, extraído de Figueiredo, 2003)

Destarte, o termo “a contestação” encapsula toda a frase anterior. Casos como esse exigem mais da capacidade inferencial do leitor, visto que a expressão engloba o que foi dito, interpretando-o como “a contestação”. Em se tratando de sua relação com o gênero, a rede desse referente encapsulado corresponde ao fato central da nota, que diz respeito aos casos judiciais nos quais estão envolvidos os contratos privados de água e esgoto na nota retratada. Assim, pelo motivo de retomarem uma entidade anteriormente não expressa, mas sim esparsamente difundida no corpo do texto e, em seguida, denominarem tal objeto implícito, as anáforas encapsuladoras foram associadas ao teor da anáfora indireta durante muito tempo, nas publicações de Cavalcante (2003; 2011; 2012).

Mas um ponto inquestionável sobre a anáfora encapsuladora parece ser o fato de que ela ocupa funções argumentativas decisivas para o projeto de dizer de cada enunciador, recategorizando os referentes no momento em que buscam a melhor forma de nomear ou de

sintetizar pontos de vista, ou visões de mundo, o que podemos encontrar facilmente em textos jornalísticos, os quais analisamos.

A esse propósito, é bastante comum os gêneros jornalísticos, sobretudo os de natureza opinativa, valerem-se do recurso dos rótulos avaliativo-argumentativos para resumir conteúdos, muitas vezes antecipando-os ao leitor. Todavia, quando esta rotulação não possui ancoragem prévia em nenhum elemento textual ou inferencial, podemos classificá-lo como *introdução encapsuladora*, tal como sugere Silva (2013). Eis o caso na nota a seguir:

(34) *Plumas e paetês*

O cenário da comédia Comunhão de bens, de Alcione Araújo, que estreia no dia 14 no Teatro dos Grandes Atores, está nas mãos do mineiro Gall, que planejou uma ode ao nouveaurichisme.

Além de estampadas de zebra e onça, o apartamento do casal protagonista da história – formado por Mariane Vicentini e Licurgo Spínola – terá uma parede toda revestida de pelúcia.

Informação cultural: Mariane é mulher do senador José Roberto Arruda. (Caderno B, Jornal do Brasil, 05/01/00, extraído de FIGUEIREDO, 2003, p. 106)

Na nota acima, temos duas ocorrências de encapsulamento distintas. Na primeira, emerge a função antecipatória de informações no título, já que os termos avaliativos “Plumas e Paetês” remetem ao conteúdo que se seguirá prospectivamente, resumindo todo o corpo da nota, num sentido metafórico. Em virtude disso, denominamo-la “*introdução encapsuladora*”. Na segunda ocorrência sublinhada, o rótulo “informação cultural” corresponde ao encapsulamento de toda a unidade que descreve o componente do fato (como já vimos, tal unidade descritiva pertence ao modelo de Figueiredo (2003)), ao conduzir o leitor a uma conclusão (quase jocosa) de que a descrição “Mariane é mulher do senador José Roberto Arruda” é uma “informação cultural”. Esta segunda rotulação, apesar de vir acrescida de significações recategorizadoras de antemão, corroborando o que dizem Silva e Custódio Filho (2012) a respeito da não linearidade do processo referencial, revela um gancho interpretativo com elementos já inaugurados no texto (tais como Mariane, porque a “informação cultural” é sobre ela) não podendo, por isso, ser considerada uma *introdução*, e sim uma *anáfora encapsuladora*, ainda que atue como um gancho prospectivo.

Desta maneira, a anáfora encapsuladora se mostra responsável por homologar o estatuto referencial esboçado em diversas porções de texto. Sob este ângulo, destacamos o encapsulamento do passo retórico-composicional conforme o texto (34), a respeito da possibilidade de porções textuais coincidentes com as estruturas retóricas serem sintetizadas, ao mesmo tempo, em apenas um só referente, ao mesmo tempo em que tais segmentos sejam compostos de uma série de referentes.

Estas são, pois, as formas de correferencialidade, ou retomadas de um mesmo referente, as quais podem ser fundamentais para a reconstrução dos objetos e para o agenciamento de diferentes pontos de vista. Entretanto, outros meios indiretos de se remeter a um referente também são possíveis. São eles as anáforas indiretas.

III. Anáfora indireta (não correferencial): não retoma um mesmo referente, pois introduz uma entidade ao modo do “novo”, porém remete, indiretamente, ou a outros objetos expressos no cotexto, ou a pistas cotextuais de qualquer espécie, com as quais se associa para permitir ao coenunciador inferir essa entidade.

(35) *Corinthians x Nacional bate recorde de audiência*

O jogo entre Corinthians e Nacional do Uruguai ontem pela Libertadores bateu o recorde de audiência da competição em jogos transmitidos pela Globo. A peleja fez 27 pontos e 42% de participação no horário. Além disso, foi o melhor resultado de 2016 em jogos realizados na quarta-feira à noite.

O recorde anterior era do São Paulo, em jogo contra o River Plate, realizado no Morumbi pela fase de grupos. Na oportunidade, a transmissão ficou com 26 pontos e 41% de participação. (Por Pedro de Carvalho, Folha.uol.com, 28/04/2016)

Como se vê, o texto acima está repleto de interconexões entre suas unidades. Isto porque, a fim de fazer o texto progredir, o locutor se utiliza tanto de anáforas diretas quanto de anáforas indiretas. Estas últimas, neste caso, são, por exemplo, “recorde de audiência”, “a Libertadores”, “27 pontos” e “42% de participação” que, mediante inferências do contexto, relacionamos ao “jogo entre Corinthians e Nacional do Uruguai” (rede referencial que desencadeia o fato) de modo previsível, graças ao auxílio de nossos esquemas mentais sobre o que é um jogo de futebol e sobre suas transmissões pela televisão; por isso, somos aptos a

recuperar “a Libertadores” como uma Copa de futebol e a quantidade de pontos e a porcentagem de participação do jogo em ligação a “Ibope”, outra anáfora indireta implícita que não foi mencionada no texto, mas sim construída em ancoragem a outras referências, como “recorde de audiência” e “jogos transmitidos pela Globo”. Da mesma forma, “o recorde anterior”, “a transmissão”, “26 pontos” e “41% de participação” não surgem no texto casualmente, porque fundam uma significativa ligação indireta com “o jogo entre São Paulo e River Plate” (rede que ajuda a construir a unidade retórica da apresentação do histórico sobre o fato). Ambas as entidades “jogo entre Corinthians e Nacional do Uruguai” e “o jogo entre São Paulo e River Plate”, por sua vez, ancoram-se, em simultaneidade, à rede de outro elemento do fato central, “os jogos transmitidos pela Globo”.

Por essa via, podemos tecer então a relação que há entre as anáforas indiretas, as quais se encontram ancoradas em um antecedente ou em outros elementos contextuais, por meios inferenciais e, por isso mesmo, são apresentadas ao modo do “dado”, pois são, de certo modo, presumidas ou esperadas pelo interlocutor que as resgata por meio de seu conhecimento de mundo e de seu modelo mental. Tal processamento dos sentidos é realizado graças à integração entre os elementos do contexto, em especial entre as anáforas indiretas, que se unem na progressão do texto. Logo, corrobora-se a ideia defendida de que o referente não se altera sozinho no texto, mas pode se transformar continuamente, por conta de suas relações com os outros referentes, com os elementos do contexto e com os fatores sociocognitivos.

Resta-nos saber se todos os objetos que analisamos em nossa amostra, na composição das redes referenciais, deveriam ser considerados anáforas indiretas de outros com os quais se relacionam no discurso. Esta é uma problemática que ainda merece maiores discussões futuras, as quais talvez tragam o corolário de alargar a abrangência do campo das anáforas indiretas. Mas esta questão deixaremos aqui em aberto.

De qualquer forma, observando-se a agregação dos referentes em redes, vemos que a continuidade de um dado objeto introduzido no texto pode invocar o nascedouro de novo(s) elemento(s) fornecendo suporte a objetos em emergência e engendrando novas redes anafóricas, as qual(is) pode(m) acrescentar-lhe informações novas e, portanto, recategorizadoras. Nesta tese, defendemos que haja categorias retórico-composicionais de redes referenciais as quais tendam a comportar informações. Em seu papel funcional no gênero, tais informações são também transformadoras dos referentes.

Como dizem Cavalcante e Brito (2016, p. 125): “Os processos referenciais mantêm, assim, uma rede de intercomunicação que faz do texto uma grande teia. Uma expressão que estabiliza uma anáfora indireta, como vimos, pode também iniciar uma outra cadeia referencial, que, por sua vez, vai ser aos poucos confirmada e acrescida no decorrer do texto”. Essas ideias confirmam a seguinte afirmação, já presente em Cavalcante (2011):

(...) no decorrer do texto, as anáforas vão também se apoiando em outras e em trilhas diversificadas, compondo a tessitura textual. Toda a continuidade e a progressão referencial se organizam dessa maneira, e não poderia ser de outra, pelo bem da articulação das informações na construção da coerência” (CAVALCANTE, 2011, p.136)

Com isto, reiteramos que, para Cavalcante e Brito (2016), as anáforas e suas funções recategorizadoras, bem como as introduções referenciais e suas funções apresentativas do referente, são encaradas como processos sociocognitivo-discursivos e as expressões referenciais, assim como outras formas multimodais, são tomadas como indícios que guiam as tentativas de estabilização referencial.

Vejamos agora um diferente processo que se alia, muitas vezes, aos elos anafóricos.

b) Dêixis – diferentemente dos anafóricos, os dêiticos são elementos responsáveis pela localização e identificação de referentes em relação a um contexto espacotemporal, numa situação enunciativa, entre pelo menos um falante e um ouvinte. Dessarte, as expressões referenciais dêiticas tanto podem introduzir objetos de discurso, como podem retomá-los, assim como ocorre com as introduções referenciais e com as anáforas, respectivamente. No entanto, a característica que define a dêixis não é a remissão a determinado referente que se acha representado no cotexto, mas a uma entidade cuja imagem deve ser divisada no tempo/espaco real de fala, ou na pressuposição de quem seja o enunciador e quando ou onde ele se localiza. É o que vemos no exemplo a seguir:

(36) *PROMOÇÃO IMPERDÍVEL*

Hoje começa a promoção do Jornal O DIA que dará um minidicionário Evanildo Bechara e promete não deixar nenhum leitor derrapar no português. (CAVALCANTE, 2012, p. 128)

O traço curioso acerca dos dêiticos é, pois, o fato de eles extraírem seus sentidos apenas mediante a possibilidade de o locutor se posicionar perante seu interlocutor e vice-versa. Só assim se terá condições de saber a que tempo se refere a palavra “hoje”, escrita na propaganda acima. As coordenadas dêiticas são: quem fala, para quem, de onde fala e quando. Por isso, os processos dêiticos têm uma função no estabelecimento e nas transformações de sentidos ligados à reconstrução dos objetos no discurso.

Em suma, o que Cavalcante (2010; 2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) consideram dêixis realiza-se, muitas vezes, através de uma fusão da função anafórica, ou a função de introdução referencial, com uma função dêitica. Isto porque, segundo os mesmos autores, a conceituação de dêixis segue critérios distintos daqueles que definem as introduções e as anáforas, o que permite a sobreposição dessas funções. Dessarte, a deiticidade se manifesta porque, neste processo, considera-se o ponto de origem do locutor; do mesmo modo, tal processo poderá ser anafórico (ou introdutório) sempre que o elemento dêitico se estabeleça em teia com outro referente do texto. Vejamos um exemplo de como esse acúmulo funcional acontece em um trecho de notícia:

(37) *“O melhor emprego que Lula arranhou foi o de operário numa metalúrgica, onde se fabricam carros. Foi lá que ele começou a se destacar”.* (CAVALCANTE, 2012, p.133)

Expressões como “lá”, na nota acima, amalgamam em si a dupla função. Por um lado, indicam uma função ostensiva, ao fixar uma ideia de espaço que toma por parâmetro a posição do eu falante no momento enunciativo. Neste caso, indica-se que está longe do lugar onde fala (“Foi lá que ele começou a se destacar”), pois se estivesse perto do falante, este se utilizaria de expressões dêiticas que denotassem proximidade, tais como “aqui”, “neste lugar”, “próximo a esta rua”, dentre outros. Este marcador das relações espaciais assim evidencia que o interlocutor só terá condições de saber exatamente a que lugar se refere o locutor ao se orientar pela ideia de onde estava o locutor quando escreveu esse texto. Por outro lado, o termo “lá” faz menção a outra expressão contextual, “uma metalúrgica, onde se fabricam carros”, pois também só compreendemos de que espaço físico se trata ao remetermos ao que se disse pontualmente antes, com referência a lugar. Logo, nesse contexto, “lá” é dêitico e anafórico. Isso nos faz concluir que, à proporção que os elementos dêiticos se agregam às referências, vão desenvolvendo redes referenciais de diversos modos possíveis e formando uma grande complexidade na tessitura do texto e na esfera mental dos enunciadores.

Por fim, acolhemos a proposta dos processos sociocognitivos em Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), com base nos pressupostos sobre as funções da construção referencial em Cavalcante e Brito (2016), para analisar, em nossos dados, como os objetos de discurso vão sendo tecidos, distribuindo-se em rede e configurando-se em novas redes, através de relações diretas e indiretas, que se adaptam às unidades retóricas dos gêneros textuais, bem como ocasionam as recategorizações nesses textos. Em termos práticos, identificamos, em nossa análise de dados, quais desses processos de referenciação ocorreram em cada etapa de construção das redes, de modo a se combinarem simultaneamente, na configuração das redes referenciais nos subgêneros noticioso e opinativo das notas jornalísticas.

A partir de agora, discutiremos a pesquisa de Custódio Filho (2011) sobre os modos de (re)elaboração referencial. O autor investe no tratamento da referência de um modo mais amplo, ocupando-se da integração de múltiplos fatores para a construção e manutenção da referência, observando como a materialidade do texto, incluindo-se os modos de enunciação não verbais, são capazes de exercer estratégias de referência.

4.3 A proposta de Custódio Filho (2011) como base para o estudo das recategorizações nas redes referenciais

Iremos explicar um pouco da tese de Custódio Filho (2011), na exploração de como os elementos da materialidade, conjugados ao aparato contextual, promovem a apresentação e a reformulação dos objetos textualmente acionados, o que interessa à nossa pesquisa especialmente pelas relações que vão sendo construídas entre os referentes, bem como pelas predicções e caracterizações dos referentes que vão sendo feitas por tais elementos do texto. O autor parte das ideias de que 1) o conteúdo verbal que participa da ação de referir não se limita às relações anafóricas entre expressões referenciais – Custódio Filho (2011) se apoia em propostas como a de Leite (2007), Lima (2009) e Cavalcante (2011); 2) a materialidade textual analisada não pode ignorar a linguagem contida em outras semioses, em especial a do tipo visual, sobre a qual se volta sua análise de *corpus*, montada a partir de um conto (verbal) e de quatro episódios de uma série de televisão (multimodais); e 3) o processo de transformação dos referentes é mais discursivo que formal, por isso é constitutivamente não linear. A partir desses princípios aplicados à análise dessa amostra, o autor determina

quatro etapas gerais do processo de um referente: apresentação, acréscimo, correção e confirmação.

Pretendemos incorporar estes princípios de construção da referência à proposta de nosso trabalho – incluímos nisso também a multimodalidade, porém não a abordaremos com a devida agudeza em nossa análise, por demandar um tratamento teórico e uma metodologia específica – a fim de dar uma nova roupagem teórico-analítica à constituição das redes de referência, especialmente nos construtos do gênero nota jornalística. Além disso, para analisarmos o modo como as relações entre os referentes nas redes ocasionam as recategorizações, utilizaremos a proposta do autor quanto às quatro etapas acima mencionadas, as quais envolvem os processos de apresentação e continuidade (manutenção e progressão) referencial.

Quanto ao aspecto metodológico da tese de Custódio Filho (2011), o pesquisador escolheu textos verbais e audiovisuais (conto e seriado de televisão) narrativos longos, que contivessem quebras de expectativa a respeito de como pelo menos um dos personagens vinha sendo apresentado, a fim de se melhor flagrar a estratégia das recategorizações.

Dentre os aspectos abordados nesse trabalho, além da relevância da integração de heterogêneos fatores para a referência, que é um pressuposto por nós seguido, destacamos a importância que têm as redes nos modos de (re) elaboração referencial de forma *verbal* nos textos, de modo a se observar as relações entre os referentes, que é nosso foco de análise nas recategorizações das redes.

Por isso, torna-se de suma importância para nós frisarmos o comentário do autor sobre as redes referenciais em sua relação com as recategorizações, ainda que sua análise não tenha incidido especificamente sobre essa problemática. Ocorre que Custódio Filho (2011) retoma as reflexões por nós comentadas no capítulo 3, em Bonomi (1994), a respeito da rede de *espaços anafóricos* postos na narrativa, concluindo em favor da interferência de entidades referenciais sobre outras. Assim, ultrapassando a análise das remissões correferenciais de referentes centrais dos textos, o autor afirma: “Ocorre que, em muitos casos, a construção de um referente central não depende apenas, das expressões utilizadas para (re)categorizar tal referente; outras expressões, que designam outros referentes mais periféricos, também interferem na compreensão sobre um referente central”. (CUSTÓDIO FILHO, 2011, p. 193)

Por conta disso, o pesquisador elege a categoria de análise “Expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes dos referentes escolhidos [para análise], dentre

outras “categorias de materialidade verbal”²⁰, ao julgar importante essa influência das expressões relativas a um referente sobre o entendimento de outro(s) no texto, o que resulta na evolução de sentidos advindos das relações entre os referentes²¹. Foi exatamente essa relação entre os objetos de discurso que estudamos com mais profundidade, dado que nosso entendimento sobre a constituição das redes não é restrito a relações exclusivas de correferencialidade.

Para ilustrar isso, adianta-se que, no conto analisado “Obscenidades para uma dona de casa”, o referente central, relativo ao “escritor de cartas obscenas”, é recategorizado pelas informações por meio das expressões referenciais que giram ao seu redor no texto, tais como as que se concentram sobre as “cartas escritas”; há de se acrescentar, a esse processo, outras informações que se dão por palavras de cunho não referencial. Com isso, Custódio Filho (2011) interpreta que o intercruzamento que se faz de tais informações aliadas ao aparelhamento sociocognitivo promove sucessivas transformações sobre o referente central, as quais se dão em várias etapas, ao longo do texto, resultando ao final, na confirmação ou na correção dessas transformações, feitas pelo leitor.

Tendo isso em vista, Custódio Filho (2011) supõe que possíveis estudos sobre as redes referenciais serão muito profícuos em torno dessa questão, desde que fundamentados e enriquecidos por esse caminho epistemológico, na consideração da heterogeneidade de fatores para a edificação do referente. Um procedimento que esse pesquisador julga de muita valia é relevarem-se as predicções desenvolvidas ao longo do texto, no construto dos referentes, os quais, segundo ele observa em sua análise metodológica, não são formatados exclusivamente por suas cadeias correferenciais. Por outro lado, o mapeamento do que se expressa no cotexto deve ser, por sua vez, acrescido de uma série de fatores complexos e multifacetados (circunstâncias, contextos sociais, elementos multimodais do texto, propósitos comunicativos...), a acionarem os processos inferenciais que tornam possível a construção da referência.

²⁰ As demais categorias de “materialidade verbal”, eleitas por Custódio Filho (2011), para examinar como são promovidas as (re)elaborações dos referentes escolhidos no conto e no seriado, são: a expressão referencial que incide sobre os referentes escolhidos [para análise], o sintagma referencial, em função de predicativo e a construção linguística, mais ampla que a expressão referencial. A outra categoria relativa à “materialidade visual” refere-se à da imagem no seriado.

²¹ Assim como em nossa análise, Custódio Filho (2011) não determina em que medida as referências que incidem sobre os objetos de discurso distintos dos escolhidos para análise se caracterizariam como anáforas indiretas destes últimos.

Também em virtude de ser mais textual-discursivo do que estrutural, o processo da recategorização não se encontra fixo à linearidade textual, pois tal fenômeno depende, sem dúvida, de movimentos prospectivos e retrospectivos na leitura do texto, de tal modo que todos os elementos da materialidade são passíveis de ativar esse movimento não linear, em conformidade com o que anunciamos na seção sobre a segunda tendência de referenciação.

Para acompanharmos melhor como se dá a reconstrução dos referentes, resenharemos o esquema das quatro (4) etapas em Custódio Filho (2011), acerca dos modos de (re)elaboração dos referentes.

4.3.1 O esquema de Custódio Filho (2011) sobre os modos de (re)elaboração referencial

Custódio Filho (2011) pressupõe as formas de (re)elaboração referencial em dois tipos gerais: apresentação e mudança dos referentes, os quais foram retomados por Cavalcante e Brito (2016) ao anunciarem as funções da construção referencial. O processo de *apresentação* representa a maneira pela qual os referentes em observação manifestam-se pela primeira vez. Esse processo é essencial para que os demais processos de mudança possam cumprir suas funções, o que não quer dizer que a apresentação não possa conter casos de recategorização, segundo o autor, diferentemente de Cavalcante e Brito (2016). Já o processo de *mudança* engloba a maneira pela qual todos os acréscimos são postos aos referentes, os quais possibilitam a percepção de que tais referentes modificam o estatuto de sua significação no transcorrer do texto.

Constata-se, pois, que aquilo que o autor denomina de *apresentação* iguala-se à noção de *introdução referencial* de Cavalcante, todavia salienta os modos pelos quais um referente pode ser mostrado pela primeira vez no texto. Por raciocínio semelhante, o que o autor trata como *mudança* corresponde à *recategorização*, porém valorizando o aspecto das alterações feitas sobre o referente a cada momento do texto, a partir de indícios que orientam cada etapa evolutiva do referente.

De nossa parte, utilizamos as nomenclaturas de ambas as propostas, mantendo a distinção dos autores entre os conceitos de *apresentação* e de *introdução referencial*; entretanto, julgamos que os usos de *mudança* e a *recategorização* sejam perfeitamente intercambiáveis no presente trabalho.

Deste modo, há três eixos pelos quais se pauta a mudança, consoante o autor: mudança por Acréscimo, mudança por Correção e mudança por Confirmação. Mostraremos, em bases gerais, em que cada uma delas consiste:

I. Mudança por Acréscimo: Contempla os casos que imprimem modificações aos referentes escolhidos na análise. Para cada um dos textos, há elementos centrais que orientam a condição dos personagens. Tais elementos, após apresentados, sofrem acréscimos que alteram sua condição inicial, mas que, ao contrário da correção, não desconstroem a compreensão que vinha sendo feita em relação a determinado personagem.

II. Mudança por Correção: Consiste nas modificações diretamente envolvidas nos efeitos de surpresa e/ou, eventualmente, nas mudanças no estatuto dos personagens, as quais se orientam em sentido contrário ao que se vinha construindo antes. As correções, segundo o autor, são também um tipo de acréscimo, porém a correção tende a alterar os referentes com a função específica de corrigir sua construção, para se obter do leitor um impacto.

O autor adverte que nem sempre todas as etapas de mudanças por ele observadas se encontram em todos os gêneros, especialmente a correção em textos curtos, como é o caso da nota jornalística. De fato, conforme iremos comentar no capítulo da análise de dados, tal mudança por correção, da forma como se propõe neste conceito, não foi encontrada em nossa amostra. Logo, os modos de continuidade referencial em certa correlação ao gênero textual em que se situam, já são algo previsto por Custódio Filho (2011).

III. Mudança por Confirmação: Consiste na reiteração ou homologação de algum traço do referente, apresentado anteriormente. Trata-se de uma etapa de manter o que foi dito em elaborações precedentes. O autor adverte que, mesmo parecendo paradoxal dizer que uma confirmação seja uma mudança, é importante ter em mente que a confirmação quase sempre se impõe como estratégia para se destacar características necessárias. Ao que parece, a confirmação é um recurso essencial aos textos longos, mas adverte o autor que este não é um recurso exclusivo desses tipos de texto.

De fato, a confirmação é uma estratégia também expressa em textos curtos, o que se expressa em nossos resultados obtidos na análise de notas jornalísticas. Desde já, antecipamos que foi verificada em nossos dados a presença dessa mudança (recategorização) tanto quanto a mudança por acréscimo.

Com isso, consideramos ao modo de Cavalcante e Brito (2016), que tais mudanças pertencentes ao “esquema das quatro etapas” (denominação sugerida por Custódio Filho (2011)) devam ser encaradas como recategorizações inerentes a toda continuidade referencial, ou seja, a todas as anáforas. Mas as autoras pontuam que é desnecessário se falar que tais mudanças se realizam por “acrécimo”, já que toda recategorização se faz por algum acréscimo ou alteração de ideias sobre o objeto de discurso, havendo sempre a seleção de um novo viés sob o qual se fala a respeito do referente, processo este que é indiciado sob a marca de diferentes semioses verbais ou não verbais, para atender a variados propósitos do enunciador.

De nossa parte, chamamos a atenção sobre um ponto importante em relação a esse esquema. Em decorrência da análise de nossa amostra, bem como da nossa leitura dos dados de Figueiredo (2003), observamos a existência de certos tipos de recategorização nos subgêneros noticioso e opinativo das notas jornalísticas que representam algo, em parte, similar à correção devido ao caráter de orientação da referência em sentido contrário a um momento anterior no texto, acabando por também desconfirmar as significações previamente negociadas sobre o objeto de discurso. Porém, interpretamos que eles se diferenciam por não trazer a característica de impactação do leitor, mas sim a de oposição de informações a respeito desse objeto, o que teremos oportunidade de demonstrar em alguns dos exemplos da tese. Um deles é o texto (38) sobre o filme da Globo:

(38) *“Até que enfim a Globo escolheu um filmão – E o vento levou – para sua programação de fim de semana. Apesar da dublagem terrível – para não dizer inaudível em alguns momentos -, nada mais apropriado do que ter um momento Scarlet O’Hara na tarde do primeiro sábado do ano”*. (FIGUEIREDO, 2003, p. 124)

A nota acima é ilustrativa do fato de que, conquanto o filme “E o vento levou” seja apresentado de forma apreciativa, através de pistas, como “até que enfim”, “um filmão”, “nada mais apropriado do que ter um momento Scarlet O’Hara na tarde do primeiro sábado do ano”, não há como se negar que sua qualificação é rebaixada através de sua retomada recategorizadora, por meio da avaliação negativa e irreverente feita sobre o aspecto da dublagem do filme: “apesar de”, “a dublagem terrível – para não dizer inaudível”, algo que, sob certo traço, desconfirma o que é dito sobre o filme, mesmo que, na oração a seguir, retorne-se à confirmação da orientação argumentativa pretendida segundo o posicionamento,

que é a de enaltecer o fato da escolha do filme pela Globo. Mas é importante realçarmos que a desconfirmação incide sobre certo traço do objeto, não do objeto como um todo.

Esta constatação de uma possível recategorização por desconfirmação de traços nos parece relevante, porque talvez possa constituir uma etapa mais abrangente que a de correção, que não se aplica a todos os textos.

Dito isso, passemos a comentar alguns trechos da análise de Custódio Filho (2011), a fim de demonstrarmos como o autor identifica as etapas de apresentação e mudança. A análise foi feita em 16 blocos, acerca do conto “Obscenidades para uma dona de casa”. Para tanto, Custódio Filho (2011) estabelece um código cromático em que as marcações de vermelho significam todos os elementos e construções que contribuem para a configuração do referente analisado, “a dona de casa”. São eles as expressões referenciais (você e eu em negrito), os adjetivos em função predicativa (ansiosa e alcoólatra, sublinhados) e as construções 1, 2, 3 e 4, sombreadas de amarelo, enquanto que os segmentos em azul correspondem aos elementos de construção do referente “marido” e a construção do “escritor das cartas” se define pela cor verde. Já para o caso de as categorias pertencerem a mais de um personagem, como o marido e a dona de casa, optou-se pela mistura de cores vermelho e azul.

No trecho 1, vê-se a forma de apresentação do personagem “uma dona de casa”, enquanto, no trecho 2, notam-se novas construções concernentes à “dona de casa”, inclusive, apresentando um novo referente a ela associado, “o marido”, ambos seguidos de “mudanças por acréscimo”:

(39) Trecho 1

Título: *Obscenidades para uma dona de casa*

Ignácio de Loyola Brandão

Análise de Custódio Filho sobre a construção referencial

- A expressão “dona de casa” informa uma personagem do conto.
- A construção “Obscenidades para uma dona de casa” informa que essa personagem —recebe obscenidades.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Apresentação: uma dona de casa que entra em contato com algo obsceno.

Trecho 2

(1) *Três da tarde ainda*, ficava *ansiosa*. (2) *Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. Ligava a televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar. Apanhava o litro de martini,* (3) *desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que você é alcoólatra.* (4) *Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias do marido,* (5) *nenhuma precisando remendo. Jamais havia meias em mau estado, ela se esquecia que ele é neurótico por meias,* (6) *ao menor sinal de esgarçamento, joga fora. Nem dá aos empregados do prédio, atira no lixo.*

Análise de Custódio Filho sobre a construção referencial

- O adjetivo – *ansiosa* – informa um estado da dona de casa.
- A construção 1 informa que a dona de casa espera por algo.
- As construções 2 e 4 informa que ela procura ocupar o tempo com atividades rotineiras.
- A construção 3 mostra que a dona de casa se preocupa com o que os outros pensam.
- A expressão - *do marido* - introduz esse personagem na história.
- O adjetivo - *neurótico por meias* - e as construções 5 e 6 informam que o marido é bastante preocupado com o bom estado de suas meias.
- A construção 2 e a expressão - *empregados do prédio* - informam que o casal tem uma condição socioeconômica satisfatória/elevada.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por acréscimo: está ansiosa.

Mudança por acréscimo: preocupada com a opinião alheia.

<marido>

Apresentação: marido da dona de casa.

Mudança por acréscimo: bastante preocupado com o estado de suas meias.

<dona de casa> e <marido>

Mudança por acréscimo: um casal de classe média para cima.

Analisa-se, no excerto 2, o conflito interior da personagem pelo fato de receber obscenidades, ao mesmo tempo em que ela se preocupa com sua reputação de boa dona de casa. Tudo isso é inferido não por mediação de estratégias referenciais que assinalem tais características explicitamente, e sim por meio de um conjunto de predicções a seu respeito: “Apanhava o litro de martíni, desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que você é alcoólatra”, para indicar seu receio da opinião dos outros. O mesmo ocorre na passagem: “Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias do marido, nenhuma precisando remendo”.

Dialogando com o texto acima, do ponto de vista das redes de referentes, enfatizamos que toda essa porção textual, ao estabelecer esse conjunto de predicções, realiza-o agregando variados referentes que o contextualizam, assinalando a mudança da mulher na sequência narrativa do texto. Para tanto, há um agrupamento de itens que podem compor um cenário para a “ansiedade” da mulher: “a cozinha, nescafé, televisão, livro, planta, agenda, amiga a quem chamar, o litro de Martini”, os quais atuam junto a outros elementos da porção contextual, como os verbos de ações “andava para lá, girava, ligava, desligava”, além de elementos da sequência temporal: “três da tarde, quatro”, que evocam a crescente ansiedade da mulher, com o passar do tempo.

Nesse texto narrativo, os elementos agregados à personagem “mulher”: “gavetas, calcinhas, sutiãs arrumados, meias (fiscalizadas) do marido”, dentre outras anáforas indiretas, contribuem para salientar a característica da “mulher” como “prendada”, ao cumprir rigorosamente suas atividades domésticas rotineiras, reforçando esse estereótipo cultural. Igualmente, vemos nisso que as marcas textuais das construções assinaladas pelo autor acima e especificamente certas anáforas indiretas dessa tessitura auxiliam na reformulação de ambos os referentes. Veja-se nas construções 4, 5 e 6, “fiscalizava as meias do marido”, “nenhuma precisando remendo”, “Jamais havia meias em mau estado”, “ao menor sinal de esgarçamento, joga fora”, “Nem dá aos empregados do prédio, atira no lixo”. Nelas a construção do objeto “as meias” é um importante indício tanto da mulher como “prendada” quanto do marido como “neurótico por meias”, processo no qual também se observa que o objeto “os empregados do prédio” e, acrescentemos a isso “o lixo”, atuam colaborativamente, a partir do seguinte trecho: “Nem dá aos *empregados do prédio*, atira no *lixo*”. Segundo Custódio Filho (2011), este trecho que faz menção aos “empregados do prédio” não é casual, pois sugere uma boa e estável condição socioeconômica dos personagens. Por causa desta

intenção, é que são convocados os elementos emparelhados, “os empregados”, “o prédio” e “o lixo”. É exatamente este ponto que desejamos pesquisar no gênero nota jornalística, pois acreditamos que a condução das relações entre os elos acaba por assumir um papel funcional nos estágios do referente, ao longo de suas fases progressivas no texto, além de se amoldarem ao gênero textual.

Portanto, convergindo para este aspecto, Custódio Filho (2011) também chama a atenção para a coparticipação da categoria das “expressões referenciais que incidem sobre os objetos de discurso diferentes dos escolhidos [para análise]” - que identificamos como elementos componentes das redes referenciais – nestes processos de recategorização. De modo incipiente, Custódio Filho (2011) trata das relações entre os referentes, à proporção em que vai descrevendo e observando as relações entre “o marido” e a “dona de casa”, desde sua apresentação (introdução) no conto. Tudo isso construído pelos movimentos de idas e vindas interpretativas que contribuem para o cálculo progressivo acerca dos personagens.

Saltamos os trechos do conto até a cena de seu desfecho (trecho 16), em que ocorre a *correção* do referente, ao lado da *confirmação* e do *acréscimo*, tal como analisa Custódio Filho (2011).

Trecho 16

Agora, escureceu totalmente, não acendo a luz, cochilo um pouco, acordo *assustada*. (1) *E se meu marido chega e me vê com a carta?* Dobro, recoloco no envelope. Vou à despensa, jogo a carta na cesta de natal, quero tomar um banho. Hoje é sexta-feira, (2) *meu marido chega mais tarde*, (3) *passa pelo clube para jogar squash*. A casa fica tranquila, peço à *empregada* que faça omelete, salada, o tempo inteiro é *meu*. Adoro as segundas, quartas e sextas, (4) *ninguém em casa, nunca sei onde estão as crianças, nem me interessa*. Porque assim *me* deito na cama ((5) *adolescente, escrevia o meu diário deitada*) e (6) *posso escrever outra carta*. Colocando amanhã, ela *me* será entregue segunda. O carteiro das cinco traz. Começo a ficar *ansiosa* de manhã, esperando o momento dele chegar e (7) *imaginando o que vai ser de minha vida se parar de receber estas cartas*.

Análise da construção referencial

- O adjetivo —assustada - e a construção 1 confirmam que a dona tem medo de que o marido descubra a existência das cartas.

- A construção 2 confirma que o marido não faz companhia à dona de casa.

- A construção 3 confirma que o marido pertence a uma classe social privilegiada.
- A construção 4 confirma que a dona de casa está insatisfeita com sua vida familiar.
- A construção 6 informa que a dona de casa é o escritor das cartas.
- A construção 7 confirma que a dona de casa gosta das cartas.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: receosa de que o marido descubra a existência das cartas

Mudança por confirmação: insatisfeita com a vida familiar

Mudança por confirmação: gosta das cartas.

Mudança por correção: escreve as cartas que recebe

Mudança por acréscimo: tem senso de humor

Mudança por acréscimo: insatisfeita com a prática do marido em fazer tudo sempre

igual

Mudança por correção: bastante imaginativa, quando lhe interessa

Mudança por correção: conhecedora do universo sexual-obsceno

Mudança por confirmação: pretende aparentar ser ingênua e ter valores morais sólidos

Mudança por correção: aparenta julgar negativamente o comportamento sexual dos outros, mas tem profundo interesse pelo assunto.

Mudança por acréscimo: dissimulada.

Mudança por correção: não se sente humilhada pelas cartas que recebe

Mudança por acréscimo: tem nas cartas a estratégia para não sucumbir à insatisfação sem que precise tomar uma medida drástica.

Mudança por acréscimo: gosta do conflito que vive por conta das cartas que recebe.

Mudança por acréscimo: gosta do medo que sente em relação à atitude do marido se descobrir a existência das cartas.

<marido>

Mudança por confirmação: não faz companhia à dona de casa (é ausente)

Mudança por confirmação: pertence à classe média/ média alta

<escritor das cartas>

Mudança por correção: é a dona de casa x\

No último trecho do conto, a análise de Custódio Filho (2011) demonstra que, após contínuas e extensas remodelações da ‘dona de casa’ por acréscimos e confirmações (16 trechos nos quais se dividiu o texto), ao final, descobre-se com surpresa- o que é peculiar da “mudança por correção” - que era a própria dona de casa que escrevia as cartas obscenas, fazendo-nos desconstruí-la como mulher pudica e envergonhada. E, pelo que vemos, tal expectativa é criada, dentre outros recursos, pelas redes referenciais nas construções analisadas pelo autor. Logo, a quebra de expectativa ao final ocorre porque, na verdade, era a própria mulher que se deleitava fantasiando prazeres sexuais e obscenos. Por outro lado, confirma-se sua situação conjugal e familiar de insatisfação.

Por fim, o trabalho de Custódio Filho (2011) assume imensa relevância para a nossa tese, tendo-nos comprovado, antes de tudo, que as entidades textuais e suas reconstruções não são processadas apenas por meio de itens exclusivamente referenciais, dado que, para se conhecer todos os traços dessas entidades, é preciso identificar todo o teor das informações que lhes são atribuídas por diversos recursos do texto. Portanto, mesmo que Custódio Filho (2011) não tenha retratado diretamente a temática das redes referenciais, muito menos em sua relação com os traços dos gêneros, incorporamos seu esquema dos modos de (re)construção do referente, que, sem dúvida, forneceram-nos valiosos subsídios para a providência de uma análise e rediscussão acerca das cadeias referenciais, em favor de uma noção de redes, na multiplicidade de recursos que a cognição social oferece para atestar a (re)construção dos objetos discursivos.

Quanto ao que virá no próximo capítulo, falaremos sobre as noções de gênero na perspectiva sociorretórica e sua contribuição ao estudo referencial, observando, com mais proximidade, como os elementos dos subgêneros da nota jornalística podem se relacionar à construção das redes de referentes nos textos.

5 A ABORDAGEM SOCIORRETÓRICA DOS GÊNEROS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A ANÁLISE DAS REDES REFERENCIAIS

*“Este livro é sobre servir aos outros (...)
Comentando sobre o fato de ter tido a ideia de ir até a Casa Ronald Mc’Donald por intermédio de sua amiga, Gail Shingler disse que isso mostrou o quanto estamos todos interligados.
-“É tudo uma teia”, ela disse”. (Gary Morsch e Dean Nelson, In: O poder de servir aos outros)*

Indiscutivelmente, a relevância dos estudos sobre os gêneros, particularmente na Linguística Textual, é tamanha que, atualmente, eles vêm sendo tomados, em inúmeras pesquisas, como parâmetros investigativos de fenômenos do texto e do discurso, pressupondo-se que eles influenciam ou impõem certas formas de manifestação contextual desses fenômenos. Neste veio de pesquisas, é que Roncarati (2010) revela que as configurações de tessituras referenciais, incluindo as estratégias de referenciação pelas quais elas são tecidas, tendem a ser guiadas, até certo ponto, pelo gênero textual, o qual se integra aos contextos sociais, intercognitivos e culturais de enunciação.

Uma vez tendo como propósito geral de nossa tese propor uma análise em favor da noção de redes referenciais, na construção dos sentidos do gênero textual, nós sugerimos parâmetros do gênero que tragam à tona o funcionamento das redes referenciais na construção dos sentidos, assim como analisamos a intervenção das relações entre os referentes das redes nos processos de recategorizações, em subgêneros²² da nota jornalística. Então, a análise sociorretórica da nota jornalística nos oferece a possibilidade de explorarmos tais parâmetros genéricos a partir dos quais vislumbramos certa previsibilidade de redes referenciais regulares na configuração dos subgêneros noticioso e opinativo das notas jornalísticas, bem como nos permite observarmos as possibilidades de interveniência das redes nos percursos evolutivos dos referentes destes subgêneros.

Para introduzirmos essa discussão, revisemos a noção discursiva, ou dialógica de gênero inicialmente postulada por Bakthin (2003, p.279) [1953] em concernência às esferas gerais de atividade humana, como “tipos relativamente estáveis de enunciados” situados sócio-historicamente, num contraste entre os gêneros do discurso na vida cotidiana e os gêneros retóricos e, ainda, os circunscritos ao universo literário. Nos gêneros do discurso, o

²² A denominação de *subgêneros* encontra-se em Bhatia (2003), cuja conceituação veremos adiante.

autor discerne entre gêneros primários (gêneros de comunicações verbais espontâneas) - tais como o bilhete, a conversação oral - e os gêneros secundários (gêneros de comunicação cultural, mais complexa, principalmente escrita), tais como as comunicações oficiais, os textos científicos e artísticos, levando em conta as circunstâncias discursivas em que se originam. Daí em diante, a noção de gênero passa a ser plenamente discutida e abordada por inúmeros pesquisadores de diversas correntes teóricas, de sorte que, nos dias atuais, há tantas definições de gênero quantas são as teorias que o abarcam.

Neste contexto, a abordagem sociorretórica dos gêneros muito se harmoniza com a nossa perspectiva de referenciação no estudo das redes. Ela possui em comum com a referenciação a ênfase no caráter social da linguagem. Em seu bojo, a perspectiva sociorretórica concebe os gêneros como formas de conhecimento cultural que emolduram e medeiam os modos de ação típicos de inúmeras situações sociais. Segundo Carolyn Miller (1984) e Bazerman (2005; 2006), autores de grande influência nesta vertente, o gênero implica ações sociais significantes, recorrentes e tipificadas, pois suas formas padronizadas são reconhecidas pelos usuários, corporificando os modos de conhecer e de agir de uma comunidade. Por isso, Bawarshi e Reiff (2010) asseveram que os gêneros tanto organizam quanto geram espécies de texto em relação recíproca com as ações em sociedade. Afirma também Bazerman (2005; 2006) que, para chegarmos a uma compreensão mais profunda dos gêneros, necessitamos enxergá-los como categorias sociopsicológicas, que são parte de processos de atividades socialmente organizadas.

Assumindo os mesmos pressupostos sociorretóricos acima destacados, a noção de *subgêneros* é, por sua vez, colocada por Bhatia (2003), de forma que o autor ressalta que o traço da versatilidade dos gêneros, ou seja, a sua capacidade de evoluir através do tempo, acarreta a manifestação de subgêneros, ou ainda, de uma colônia de gêneros, todos agrupados em torno de um mesmo propósito comunicativo geral. Assim é que se tornou viável a sugestão de Figueiredo (2003) no tocante aos subgêneros da nota jornalística, os quais são caracterizados mediante suas peculiaridades, a despeito de sua característica mais geral, na medida em que significam subpropósitos (narrar um fato ou opinar sobre ele), como pequenas alterações de um propósito maior (fornecer uma notícia breve). Entretanto, a descrição retórica em Figueiredo (2003) e em Figueiredo e Bonini (2007), embora, obviamente, considere a relevância da noção de propósito comunicativo, não a possui como critério privilegiado na observação dos subgêneros, mas sim os padrões retóricos para esses tipos de construção.

Uma vez que dispomos do estudo de Figueiredo (2003) sobre a nota jornalística, como auxílio à consecução de nossos intuitos investigativos, explicaremos, no presente capítulo, a proposta da pesquisadora. Convém, antes de tudo, falar um pouco a respeito da descrição retórica de John Swales (1990), de quem se extrai a gênese da pesquisa de Figueiredo (2003).

5.1 John Swales (1990; 1992) e a abordagem sociorretórica dos gêneros textuais

A perspectiva de John Swales encontra-se bastante direcionada ao estudo dos gêneros textuais em contextos acadêmicos e profissionais, abordando a construção do texto e das práticas sociais de tais esferas a determinarem as escolhas linguísticas que configuram o texto. Swales (1990; 1992) se preocupa em ir além de uma noção de gênero baseada unicamente em seus arranjos superficiais, ou tão somente enquanto conjunto de fórmulas linguísticas ou de marcas formais que caracterizam o gênero. Deste modo, o gênero se conceitua, para Swales (1990, p.58), como “uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham um conjunto de propósitos comunicativos”. Dito de outro modo, o autor considera a forma, o conteúdo, os propósitos e os objetivos do texto dentro de um evento socialmente interativo. Neste ponto, o autor afina-se com a noção de Miller (1984), que contempla de perto a ação social reconhecida em cada gênero.

Como alternativa à abordagem fixada na superfície do gênero, o pesquisador propôs conceitos que levem em conta o contexto das práticas discursivas na construção do gênero, sob a orientação social. Desta forma, conceitos tão caros a Swales (1990), tais como o de comunidade discursiva²³ e propósito comunicativo²⁴, são ambos de caráter crucial para o

²³ Em Swales (1992), o conceito de *comunidade discursiva*, inicialmente, foi concebido como grupos reais e estáveis de indivíduos com posições consensuais, mas logo teve que passar por várias reformulações, uma vez que tal definição se mostrou problemática, sendo muito mais complexa do que aquilo que de início se supôs. Assim, discute-se que a comunidade discursiva possui, na verdade, certas características, dentre elas as especificidades e as evoluções dos grupos sociais, os relacionamentos variados de seus participantes com múltiplas comunidades discursivas, assim como o fato de que objetivos da comunidade nem sempre são consensuais ou totalmente aceitos por seus membros, dentre outras questões levantadas pelo autor.

²⁴ Conceito de imenso privilégio em Swales (1990), o *propósito comunicativo* seria o elemento de maior peso na definição de um gênero, definindo cabalmente sua estrutura esquemática, assim como as escolhas de seu conteúdo e estilo. Tal conceito, em obra posterior, passa a ser revisto e caracterizado em função de resultados de investigações em torno dos gêneros. Conforme se discute em Askehave e Swales (2001), seria prudente abandonar a noção de propósito comunicativo como um método imediato de classificação de discursos em categorias genéricas precisas, embora esse conceito possa ser conservado como resultado de uma análise, com base em mais outros critérios de observação.

aprimoramento de suas pesquisas. Nestas circunstâncias, a obra deste autor inspirou trabalhos como o de Figueiredo (2003), que busca conjugar os aspectos funcionais e estruturais entre o jornal e a nota jornalística.

À luz de seus conceitos, Swales (1990) desenvolve um modelo de análise chamado CARS (*creating a research space*, cuja tradução é “criando um espaço de pesquisa”), o qual aponta modelos *standard* na estrutura retórica de determinados textos acadêmicos, o que reflete as práticas discursivas deste tipo de comunidade. O mesmo modelo é ampliado para estudos retóricos que envolvam também práticas discursivas em contextos profissionais. Neste sentido, tal modelo é absorvido pelo estudo de Figueiredo (2003), com o fim de realizar o levantamento da organização retórica dos subgêneros das notas de jornal, levando à correlação entre forma e função desses textos no meio jornalístico. Desse estudo, procuramos um padrão na organização socioretórica que evidenciasse o funcionamento das redes de referentes nesses subgêneros.

O modelo de Swales (1990) consiste, pois, na descrição retórica das introduções dos artigos de pesquisa, extraídos de três áreas do saber: física, educação e psicologia. O quadro a seguir mostra as regularidades a que chegou Swales (1990):

Quadro 2: Modelo CARS sobre introduções de artigos de pesquisa

<p>MOVIMENTO 1: ESTABELEECER O TERRITÓRIO</p> <p>Passo 1: Estabelecer a importância da pesquisa</p> <p>Passo 2 – Fazer generalizações quanto ao tópico</p> <p>Passo 3 – Revisar a literatura</p>	<p>e/ou</p> <p>e/ou</p>	<p>Diminuindo o esforço retórico</p>
<p>MOVIMENTO 2: ESTABELEECER O NICHOS</p> <p>Passo 1A- Contra-argumentar</p> <p>Passo 1B – Indicar lacunas no conhecimento</p> <p>Passo 1C- Provocar questionamento</p> <p>Passo 1D- Continuar a tradição</p>	<p>Ou</p> <p>Ou</p>	<p>Enfraquecendo os possíveis questionamentos</p>

<p><u>MOVIMENTO 3: OCUPAR O NICHU</u></p> <p>Passo 1A- Delinear os objetivos</p> <p>Passo 1B- Apresentar a pesquisa</p> <p>Passo 2- Apresentar os principais resultados</p> <p>Passo 3- Indicar a estrutura do artigo</p>	<p>Ou</p>	<p>Explicitando o trabalho</p>
---	-----------	--------------------------------

Fonte: Swales (1990, p.141)

Como se vê, o modelo é representado por unidades que o autor chama de *movimentos retóricos (moves)*, que indicam o propósito comunicativo de cada seção acima. Para cada movimento, existem os *passos retóricos (steps)* correspondentes, que apresentam uma sequência retórica visando ao cumprimento de cada propósito almejado. No caso acima, nota-se que o sinal simultâneo (e/ou) existente no movimento 1 revela que seus passos podem ser tanto adicionais quanto alternativos. Dessa forma, pode haver todos eles num mesmo texto, bem como apenas a alternância de um ou outro, não havendo a obrigatoriedade de todos os passos descritos no movimento 1; do mesmo modo pelo qual se indica, por meio de (ou), nos movimentos 2 e 3, que as subunidades são opcionais entre si. Em seguida, vejamos a aplicação desta proposta teórica e metodológica ao trabalho de Figueiredo (2003), apresentada também em Figueiredo e Bonini (2007).

5.2 A aplicação do modelo CARS à pesquisa de figueiredo (2003): um aporte para o estudo das redes referenciais na nota jornalística

O modelo de Swales (1990) tem tido uma imensa produtividade científica, servindo de base a inúmeras pesquisas sobre os gêneros. É possível estender a aplicação do modelo a gêneros de comunidades discursivas além da acadêmica, originalmente testado pelo autor. Uma destas pesquisas é a dissertação de Figueiredo (2003), que, apoiando-se nos trabalhos de Swales (1990) e de Bhatia (1993), busca investigar o padrão estrutural do gênero nota jornalística e seu modo de funcionamento do jornal; portanto em uma comunidade discursiva profissional. Deste padrão genérico buscamos extrair parâmetros, em nossa tese, para analisar as redes referenciais, na constituição dos sentidos.

Figueiredo (2003), por sua vez, tem o cuidado de buscar a caracterização deste gênero formal e funcionalmente em relação à notícia²⁵, distinção esta que não se mostra, de modo nenhum, clara na literatura da área de Comunicação - segundo alega a autora, com base em extratos de manuais e obras deste campo - visto que a nota e a notícia são gêneros estruturalmente próximos e constituem práticas discursivas presentes na mesma esfera jornalística. Ademais, o fato de não haver pesquisas prévias sobre o gênero nota jornalística, de modo correlato, na área da Linguística Textual, faz de seu trabalho pioneiro quanto à investigação sobre a função e estrutura retórico-composicional deste gênero. Na verdade, o trabalho de Figueiredo (2003) se incorpora a um amplo projeto do autor Adair Bonini (2001), intitulado “Os gêneros do jornal: as relações entre gênero textual e suporte”, cuja metodologia é empreendida em duas dimensões: a da macroanálise (estudo do jornal em relação aos gêneros) e a da microanálise²⁶ (estudo do gênero em relação ao jornal); contudo a dissertação de Figueiredo (2003) se situa no nível da microanálise do gênero.

Analisando o gênero nota por seu conceito mais típico, que é o de ser uma “notícia curta” (manual da Folha de São Paulo, 1998), a autora o contrapõe, em termos definicionais, à notícia mediante o tratamento dado a ela por diversos autores da Comunicação. Um dos autores citados pela autora é Nilton Lage (1993, p. 16), jornalista e linguista, que define notícia como “relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante”²⁷. Já um autor que contrasta os gêneros nota e notícia é Melo (1985, p. 65), afirmando que a nota “(...) corresponde ao relato de acontecimentos que estão em processo de configuração”, ao passo que a notícia é “o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social”.

²⁵ Apesar da estrutura da nota expor certas unidades semelhantes às da notícia, nos moldes do esquema do discurso da notícia em Van Dijk (1992) e da organização retórica da notícia em Silva (2002), Figueiredo (2003) afirma que tais traços não impõem, categoricamente, a consequência de que a nota seja um subgênero da notícia, mas sim sugere que se trata de gêneros próximos entre si, cada qual com suas peculiaridades.

²⁶ Figueiredo (2003) explica, em termos gerais, que, na macroanálise, o jornal é tomado como objeto de estudo para, a partir de então, observar-se como os gêneros compõem tal suporte; ao contrário da microanálise, na qual um dado gênero do jornal é estudado, na verificação de como se comporta e circula em tal suporte. Sobre a natureza do jornal, Bonini (2002) considera o jornal um hipergênero (um gênero que abriga outros) além de funcionar como um veículo ou suporte.

²⁷ Ao mencionar isso, Lage (1993) alude à técnica de elaboração estrutural da notícia, apontada como “o princípio da pirâmide invertida”, que consiste em se construir a notícia através da priorização dos aspectos mais importantes no início do texto, e as menos importantes ou acessórias, depois.

Assim, no que se refere à nota, Figueiredo (2003) conclui, em sua dissertação, que se trata de um gênero estável, com base nas características que possui e no modo como circula em seu suporte, tanto em colunas quanto no corpo do jornal. Figueiredo (2003) defende que haja três subgêneros da nota jornalística, tendo em vista seus papéis nesse tipo de comunidade discursiva: a *nota noticiosa*, a *nota comentário* e a *nota comentário relatado*, cujas particularidades são assim justificadas de acordo com a autora:

- a) *Nota noticiosa*: texto que relata uma notícia de maneira sintética;
- b) *Nota comentário*: texto que apresenta um ponto de vista do escritor/jornalista sobre um fato, oscilando entre a análise e a opinião;
- c) *Nota comentário relatado*: texto em que o repórter relata o ponto de vista de algum opinante (pessoa ou instituição) diante de determinado fato.

De modo tangente à distribuição desses subgêneros, a análise de Figueiredo (2003) demonstra que, dos 132 textos do *corpus*, grande parte corresponde ao tipo noticioso²⁸, o que justifica, segundo a autora, a tendência que há no meio jornalístico em se definir a nota como uma pequena notícia, e não como um pequeno relato ou comentário.

A autora vê, nos subgêneros por ela designados, uma gradação que vai do relato explícito, ou de certo modo, objetivo do fato a uma opinião explícita e pessoal. Segundo Figueiredo e Bonini (2007), as notas jornalísticas que ocorrem no corpo do jornal não vêm assinadas e possuem, com mais frequência, o padrão de notícia, apresentando, portanto, características informativas (nota jornalística noticiosa). Já nas colunas assinadas, as notas adquirem características mais indagativas, com textualidade orientada para o comentário, mostrando-se como relatos críticos, sociais, de estreias de shows e lançamentos de produtos (nota comentário e nota comentário relatado). Segundo Figueiredo (2003), a nota comentário relatado seria um meio termo nesse contínuo, apresentando pouco ou nenhum posicionamento explícito por parte do escritor. A autora frisa também as possibilidades de heterogeneidade entre os subgêneros, podendo ocorrer composições variadas, mesclando a notícia com os comentários, ou combinando os comentários com unidades da notícia – essas possibilidades são contempladas nos esquemas sugeridos pela autora.

Nós, porém, consideramos os tipos elencados apenas como dois subgêneros: a *nota noticiosa* e a *nota opinativa*, uma vez que vemos muito mais semelhanças do que

²⁸ Além de qualitativo, o tratamento dos dados em Figueiredo (2003) foi também quantitativo. A esse respeito, a autora constatou, de modo geral, que 76,51% dos exemplares corresponderam à “nota noticiosa”, 20,44%, à “nota comentário” e 3,03%, à “nota comentário relatado”.

diferenças entre a nota comentário e a comentário relatado; ou seja, ao compararmos os esquemas composicionais das estruturas e funções de ambas (cf. seções a seguir), preferimos considerá-las como notas do tipo opinativo em nossa análise, em vez de separá-las segundo tais esquemas, visto que tanto um tipo quanto outro sustentam-se sob bases argumentativas. Com isso, a nota comentário relatado guarda semelhanças de movimentos e passos retóricos em comparação aos da nota comentário, sendo, portanto, mais aproximados entre si do que da nota noticiosa, que segue um padrão mais próximo do esquema narrativo, embora este possa aparentar, diversas vezes, um tom de oscilação entre o relato e o comentário. Em outros termos, a característica basilar das notas de comentário é que ambas se projetam a partir de posicionamentos e de argumentos que traduzem esses pontos de vista.

Desse modo, demonstramos, em nossa análise, que as redes se conformam aos propósitos dos subgêneros noticioso e opinativo na construção dos sentidos, gerando objetos de discurso que se irmanam, inclusive efetuando recategorizações referenciais de variados tipos, a partir de inúmeras possibilidades de relações entre as entidades textuais.

Em vista disso, interessa-nos de perto a descrição das características retórico-composicionais da nota jornalística, na investigação do funcionamento das redes referenciais nesses subgêneros. Agora veremos, *pari passu*, como cada um dos tipos se constitui segundo a proposta de Figueiredo (2003), em adequação ao modelo de Swales (1990).

5.2.1 Os subgêneros da nota jornalística segundo figueiredo (2003)

Antes de iniciarmos a descrição dos padrões da nota, tencionamos ressaltar o ponto de partida de nossa análise. Nosso referencial para a construção dessas redes segue, evidentemente, o traço do gênero analisado, o qual se centra em um fato, evento, processo ou acontecimento principal. Sobre esse aspecto, Figueiredo (2003, p.29) assim enuncia: “Se a nota corresponde de fato a uma pequena notícia, sempre estará em sua base um evento (talvez de menor relevância quanto à veiculação)”. E, em outro momento, acrescenta:

(...) o repórter/jornalista, em termos da nota, invariavelmente está lidando com fatos seja relatando-os, seja comentando-os, de modo que (e este talvez seja um diferencial da nota em relação à notícia) antecipa ou faz previsões sobre o desdobramento de fatos que estão em evidência na mídia (FIGUEIREDO, 2003, p. 63).

Com base nisso, compreende-se, seja no subgênero noticioso, seja no subgênero opinativo, que as notas têm como pilastra um acontecimento noticiado, o que vimos literalmente expresso na definição dos subgêneros pela autora enumerados. Ao examinarmos como os referentes se entrelaçam nos textos, percebemos que sob esse fato central divulgado se assentam os demais elementos da nota, até mesmo os fatos de natureza futura em relação ao acontecimento noticiado, cujo componente retórico parece ser exclusivo da nota em diferenciação à notícia, conforme acima sugere Figueiredo (2003). O corolário disso, para nossa análise, é a consideração de que todos os referentes da nota se prendem, de uma forma, ou de outra, a esse fato ou evento principal, o que faz disso um pontapé inicial para a compreensão de como as redes se formam do ponto de vista da construção do gênero. Segundo veremos, o fato central é por nós examinado, sobretudo, como um potencial referente, além de ser uma estrutura da composição que gera também outros elementos em torno de si, os quais, por sua vez, vão fundando novas redes, de modo tal que o fato se torna uma espécie de âncora maior do gênero (note-se que aqui nos referimos somente à ancoragem das redes no gênero, e não às múltiplas ancoragens sociocognitivo-discursivas que elas possuem), que origina as demais redes de referência de modo prototípico.

5.2.1.1 A estrutura retórico-composicional da nota noticiosa e sua relação com as redes referenciais

Retomemos, neste momento, o esquema CARS de Swales (1990), adaptando-o aos padrões de estruturação das notas, a começar pelo subgênero noticioso, segundo Figueiredo (2003) e Figueiredo e Bonini (2007):

Esquema 7: Estrutura composicional da nota noticiosa

Movimentos retóricos da nota noticiosa

MOVIMENTO 1: Identificar a nota

Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico

Passo 2A: Categorizar a nota E/OU

Passo 2B: Identificar pontos mais salientes

MOVIMENTO 2: Sumarizar a notícia

Passo 1: Citar o fato

Passo 2A: Citar o elemento desencadeador do fato E/OU

Passo 2B: Citar o elemento afetado pelo fato E/OU

Passo 2C: Situar o fato E/OU

Passo 2D: Citar causa/motivo do fato E/OU

Passo 2E: Citar o desdobramento do fato

MOVIMENTO 3: Agregar informação complementar

Passo 1A: Apresentar o fato E/OU

Passo 1B: Apresentar histórico do fato E/OU

Passo 1C: Descrever componente do fato E/OU

Passo 1D: Apresentar causa/motivo do fato E/OU

Passo 1E: Indicar lacuna informativa E/OU

Passo 1F: Descrever a conjuntura do fato E/OU

Passo 1G: Orientar o leitor em relação ao fato E/OU

Passo 1H: Apresentar desdobramento do fato E/OU

Passo 1I: Apresentar perspectiva de desdobramento do fato E/OU

Passo 1J: Apresentar fato relacionado E/OU

Passo 1L: Relatar posicionamento de opinante E/OU

Passo 2A: Apresentar posicionamento de opinante E/OU

Passo 2B: Apresentar argumento que sustenta a opinião

Fonte: Figueiredo (2003)

Ao modo de Swales (1990), a autora representa os passos (steps) retóricos correspondentes à consecução dos propósitos enumerados nos movimentos (moves), integrando ou alternando os vários passos existentes, os quais podem ser sinalizados por (E), (OU) ou ambos, tal como no quadro 2.

Como se observa, o padrão composicional deste modelo é composto de três (3) unidades assim conceituadas pela autora:

Movimento 1 - identificar o tópico central da nota. Pode ser entendido como um momento em que o escritor procura dar pistas que possibilitem a identificação rápida do título e subtítulo, tópico(s) central(is) da nota e, ao mesmo tempo, influenciar o leitor para a leitura total do texto;

Movimento 2 – sumarizar o conteúdo ou informação essencial da nota. Aqui o escritor procura descrever o conteúdo essencial da nota. É o ponto central deste subgênero, pois todos

os exemplares manifestam, obrigatoriamente, este movimento. Esta é a parte da nota desenvolvida de maneira mais aproximada do lide (*lead*) de uma notícia;

Movimento 3 – agregar informação complementar. Nesta etapa da escritura da nota, o escritor, tomando o movimento 2 como núcleo, procede à especificação de um conteúdo já citado ou sugerido no movimento anterior. Esta representa uma informação complementar, havendo uma grande margem de variação nas possibilidades de preenchimento.

Figueiredo (2003) alerta para a questão de que os movimentos e passos ocorridos não ocorrem constantemente, já que sua análise estatística dos dados comprovou que alguns exemplares não apresentaram todos os movimentos²⁹, com exceção do movimento 2, que é obrigatório, por conter as informações essenciais de sustentação de uma nota. Isto significa, necessariamente, contemplar o fato ou evento em que se fundamentam todas as notas, haja vista que os dados quali-quantitativos de Figueiredo (2003) revelaram que o passo “*citar o fato*” (no movimento 2) se manteve constante (100% dos casos) nas estruturas de todos os subgêneros analisados. Este é um fator crucial para a construção das redes referenciais baseada no fato enquanto referente-âncora mais geral no gênero, que se delineia em nossa análise, uma vez que também é verificada essa constante, algo que acabamos por representar na esquematização das redes referenciais que sugerimos, no capítulo de análise.

Como se vê, cada movimento retórico tende a trazer determinados tipos de informações (essenciais e complementares) à nota e, conseqüentemente, aos referentes que a constituem. Portanto, tais informações interligam os referentes e os modificam discursivamente, das mais variadas formas. As entidades construídas e negociadas no texto seguem, assim, seu curso natural, que é o de se recategorizarem. Defendemos, então, que os traços retóricos do gênero nota jornalística (uma vez sendo relativamente fixo) tendem a conter certas categorias prototípicas de redes de referentes que se alinham a seus condicionamentos, construindo os sentidos.

Como aplicação dos padrões retóricos de notas, mostraremos algumas ilustrações retiradas do *corpus* da autora Figueiredo (2003), tal como a seguinte:

(40)

Quadro 3- Análise retórico-composicional

²⁹ Segundo Figueiredo (2003), os passos variam bastante quanto ao número de ocorrências, principalmente no terceiro movimento, onde são mais alternativos, por conterem dados complementares aos fatos.

MOVIMENTOS	TEXTO	PASSOS
<i>Identificar a nota</i>	ASSALTO	<i>Categorizar a nota</i>
	Passageiros de vans recuperam bens	<i>Identificar aspecto mais saliente</i>
<i>Sumarizar a notícia</i>	Alcinei Gonçalves e Leandro Silva Barroso, ambos de 19 anos	<i>Citar o elemento desencadeador do fato</i>
	roubaram joias, dinheiro e cartões de crédito	<i>Citar o fato</i>
	de passageiros de uma van	<i>Citar o elemento afetado pelo fato</i>
	no percurso entre Alcântara e a praça 15, no Rio	<i>Situar o fato</i>

Fonte: Figueiredo (2003, p. 87) (Jornal do Brasil, 07/01/00)

O presente caso ilustrado, apesar de possuir os três movimentos retóricos (os quais não são obrigatórios, com exceção do movimento 2), não possui todos os passos dos movimentos descritos, pois não contém a unidade informacional de “citar a causa/motivo do fato” no movimento 2, cujo acontecimento que dá origem à nota é o “assalto”. Isto implica, em nossa análise, que nem todas as redes de referentes passíveis de existir neste subgênero poderão ocorrer em todos os exemplares, mesmo porque as concretizações dos textos ocorrem a partir de uma multiplicidade de fatores contextuais não previstos. Assim propomos, neste exemplo, que não conste no texto uma rede referencial ligada à causa/motivo do fato, isto porque os elementos que se ligam ao fato de os passageiros terem recuperado seus bens está associado, na estruturação retórica, aos desdobramentos do fato (assalto), e não a uma causa ou motivo. Da mesma forma, não há redes referenciais ligadas ao histórico do fato, à lacuna informativa, ou à conjuntura do fato, dentre outras, porque não existem os demais passos do movimento 3, que aditem informações como essas ao sumário do fato principal, influenciando, destarte, no processo evolutivo dos referentes nessa direção.

Nos parágrafos que se seguem, descreveremos os padrões de construção da nota noticiosa, demonstrando como tais estruturas retóricas podem ser realizadas no texto,

relacionando, de modo mais ou menos previsível, seus elementos aos tipos de redes nele manifestadas.

a) O passo *I-1A* (*ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico*) diz respeito aos recursos não verbais do texto jornalístico (fotografia, desenho e gráfico ou tabela). Entretanto, um recurso não citado o qual encontramos em nossos dados foi o acompanhamento de vídeos à nota, correspondentes ao conteúdo abordado no texto (tais formas de ilustrações, inclusive a imagem correspondente ao vídeo da notícia, teremos a oportunidade de ver no capítulo de análise), já que o gênero abordado possui como suporte o computador. Aqui sublinhamos que, uma vez sendo o objetivo de nossa tese examinar as redes referenciais na linguagem verbal, foge ao nosso escopo uma análise teórico-analítica de semioses não verbais, como as que podem constar no passo 1A deste movimento. Contudo, isso não nos impede de termos tecido, em nossa análise dos dados, breves considerações quanto à sua contribuição para a edificação e a evolução do referente nos textos, haja vista a asseveração de autores como Custódio Filho (2011) e Cavalcante e Brito (2016) a esse respeito.

b) Os passos *I-2A* (*categorizar a nota*) e *I-2B* (*identificar pontos mais salientes*) destinam-se à generalização do texto. Os recursos informacionais realizados a partir destes movimentos enquadram o texto em um determinado campo de interesses para o leitor. Estes movimentos podem ser desenvolvidos conjunta ou alternativamente, havendo também casos de notas sem ambos. O primeiro passo citado se representa, em termos formais, pela expressão denominada de “cartola” no jargão jornalístico, realizada por uma ou mais palavras que determinam um campo temático de inserção da nota (nomes geográficos, nomes de campos científicos, de temas já conhecidos do leitor, ou até de pessoas em evidência na mídia). Um exemplo disso é a nota (40), que traz a cartola “assalto”, que é um tema bastante corriqueiro no noticiário brasileiro, portanto, conhecido dos leitores. Assim sendo, o papel que cabe a estas expressões é o de encapsular os referentes mediante rotulações (CAVALCANTE, 2011; 2012), trazendo modificações ao referente, ou o de introduzi-los, tornando-se o ponto de partida para tais evoluções.

Já o segundo passo acima corresponde ao título da nota. Tem a função de chamar a atenção do leitor, o que nem sempre corresponde a um resumo do conteúdo do texto, sendo, mais propriamente, o momento em que o escritor apresenta o aspecto mais saliente da nota. Na ilustração acima, tal passo é expresso pela oração “Passageiros de vans recuperam bens”, a qual, como já dissemos antes, não representa o fato em si, mas sim o desdobramento desse fato, conforme se comprova no movimento 3. Isto quer dizer que a informação de saliência

fornecida pelo escritor foi a questão de os passageiros assaltados terem seus pertences de volta, o que raramente acontece na incidência de um assalto. Logo, esta informação recategoriza o fato e também elementos que a ele se unem.

Façamos aqui um parêntese. Sabe-se que elementos como os títulos, figuras e ilustrações são comumente preditivos em relação ao conteúdo posterior do texto. Em termos gerais, podemos antecipar tais informações mediante nossas estruturas cognitivas (SMITH, 1988), ou ainda, por nosso contexto sociocognitivo (KOCH, 2002) ou modelos de contexto (VAN DIJK, 2012). E em matéria jornalística, vemos também que essa antecipação ocorre pelo conhecimento prévio acerca de fatos já acontecidos, ou que vêm circulando nos meios públicos de divulgação, o que se explica pela pressuposição dos jornalistas quanto ao compartilhamento social dos fatos com os leitores dentro de uma mesma comunidade epistêmica³⁰, ao exporem, sinteticamente, certos títulos e manchetes de jornal, conforme se mostra em Van Dijk (2012). Por isso, segundo o mesmo pesquisador, a estratégia de apresentar entidades de notícias como algo já conhecido ou esperado pelo interlocutor é bastante recorrente.

Na verificação de nosso objeto de estudo, percebemos que os elementos referenciais que realizam esta generalização sobre o texto predizem certos conteúdos, muitos deles em sugestiva relação com o tópico central. A nosso ver, tais elementos não são em si mesmos prototípicos do gênero, visto que elementos que são ligados mais ao tópico textual do que propriamente a elementos peculiares das notas de jornal. Na verdade, uma vez que tais passos retóricos empurram a atenção do leitor para prováveis interligações entre a identificação da nota e as unidades seguintes no corpo do texto, interpretamos que aqueles referentes que categorizam a nota e aqueles que auxiliam na identificação de seus pontos mais salientes tendem a equivaler, em última instância, à antecipação de elementos que orbitam em torno do fato, de uma forma ou de outra, seja como elementos da notícia sumarizada, seja como elementos que a ela agregam informações complementares. Assim é que, na nota (40), pode-se realizar a previsão de que o “assalto” que categoriza a nota funciona como o *fato central*, assim como “os passageiros de vans” (e os “bens”, que pertencem à rede dos “passageiros”) adquirem o papel composicional de *elemento afetado pelo fato*, algo que será

³⁰ Van Dijk (2012) explica, em sua obra, a estratégia relativamente simples dos jornalistas ao elaborarem um gênero jornalístico: “Assuma que os leitores têm o mesmo conhecimento sociocultural que você”. Em outros termos, a noção de que o conhecimento adquirido pelos jornalistas e pelos leitores sobre determinados fatos e coisas tende a ser mais ou menos o mesmo numa mesma cultura ou comunidade implica uma mesma comunidade epistêmica.

comprovado, ou poderá ser refutado na leitura subsequente do texto, mediante também suas modificações ao longo de sua continuação. Por conseguinte, pela questão de serem passos retóricos que contêm funções mais ligadas ao tópico e à antecipação de elementos que se seguirão no esquema noticioso, deixamos de sugerir categorias de redes referenciais ligadas, particularmente, à *categorização* e à *identificação de pontos mais salientes do texto*.

Por isso, em muitas vezes, a identificação que se faz do referente, tanto de seu sentido quanto de seu papel no gênero, pode parecer mais ou menos clara ou previsível num primeiro lance de leitura do título; ao passo que, em outras, parece não ser, talvez pela indefinição do referente nesse momento. Desse modo, é presumível, de antemão, que a cartola que categoriza a nota por meio do rótulo “assalto” represente o acontecimento principal de que se falará no movimento retórico posterior, algo que, de fato, confirma-se no porvir do texto, ao se acrescentarem informações sobre o referente, corroborando nosso conhecimento episódico sobre a ocorrência de um assalto como um fato. Porém, nem sempre isso se mostra tão claro numa categorização, sendo necessária, às vezes, a leitura de uma parte do texto, ou mesmo a leitura de sua totalidade, para que o referente e seu sentido sejam reprocessados, tal como se afirma sobre a não linearidade da construção da referência em pesquisadores como Custódio Filho (2011). Vejamos uma ilustração que selecionamos da análise de Figueiredo (2003):

(41)

Quadro 4 – Análise retórico-composicional

MOVIMENTO	TEXTO	PASSOS
<i>Identificar a nota</i>	Foto	<i>Ilustrar a nota</i>
	Juntando os cacos	<i>Categorizar a nota</i>
<i>Sumarizar a notícia</i>	O arquiteto Hélio Pellegrino e Neodi Mocellin, dono do Porcão Rio's,	<i>Citar o elemento desencadeador do fato</i>
	estão comemorando o sucesso do primeiro revéillon que a casa promoveu.	<i>Citar o fato</i>

<i>Agregar informações complementares</i>	“Levamos três meses para reformar o restaurante. Foi muito prazeroso abusar da reciclagem dando uma função artística aos restos da obra”, conta Hélio.	<i>Relatar posicionamento</i>
	A reforma, assim como a dos restaurantes da Barra, de Ipanema e de Lisboa, foi desenvolvida com peças de demolição, portões de ferro, lustres de bolinha de gude e teto com garrafas de uísque.	<i>Descrever componente do fato</i>
	“Agora, vamos começar o projeto das franquias do Porcão em Nova Iorque e Hong Kong”, anuncia Mocellin.	<i>Apresentar perspectiva de desdobramento do fato</i>

Fonte: Figueiredo (2003, p. 120) (Jornal do Brasil, 09/01/00)

Na nota acima, a expressão “juntando os cacos” já não remete a uma identificação tão previsível de seu sentido e de sua remissão referencial. No presente caso, apenas quando se leem as informações posteriores no texto, é que se ressignifica a referência “os cacos”, a qual, a nosso ver, é capaz de aguçar a curiosidade do público leitor graças à indefinição de seu sentido inicial.

Em conformidade com a progressão textual, tal referente é desvendado como “material usado na reforma dos restaurantes Porcão”, o qual descende da rede referencial do componente do fato (restaurante) e passa a se redefinir e a se recategorizar nas unidades retóricas. Isto porque o referente “os cacos” é sugerido com base em várias pistas textuais, dentre elas os referentes “reciclagem”, “uma função artística aos restos da obra” (elementos que se prestam ao posicionamento do opinante) e “peças de demolição” (elemento que

constrói a descrição do componente do fato, que é a reforma), construindo a argumentação em prol do sucesso do restaurante. Logo, certos fatores como o acréscimo de referentes a ele associados em torno do posicionamento do opinante e da descrição do restaurante acabam por recategorizar o referente, introduzido sugestivamente como material fragmentado (“juntando os cacos”), modificando-o em sentido contrário, como material artístico de decoração (“uma função artística aos restos da obra”), chamando, assim, a atenção do público leitor. A nosso ver, essa recategorização, além de constituir um acréscimo de dados sobre o referente (algo típico de todas as mudanças operadas sobre os objetos discursivos, segundo Custódio Filho, 2011), opera, a nosso ver, uma releitura também em um sentido contraditório àquele pelo qual foi introduzido. Ou seja, de início, os cacos eram sugeridos como um material inútil e, em seguida, foram rerepresentados como um material aproveitável, de modo a funcionar como elemento de arte na decoração. Assim, julgamos que este seja um caso de recategorização que se dá em sentido de *oposição* no discurso, levando a uma desconfirmação sobre os dados do objeto (quanto à nossa suposição sobre a existência desse tipo de recategorização, remetemos ao capítulo da metodologia e análise dos dados).

Em suma, as estruturas desse texto revelam redes de objetos provenientes da construção do gênero, encontrando-se conectados, em última instância, ao evento de centralidade desta pequena notícia, que é a comemoração do sucesso do restaurante. Sob este prisma, isto só vem a corroborar a tese de que a recategorização de um referente não é um processo isolado de outros fatores e que nasce, corriqueiramente, da presença de outro(s) referente(s), pois sem a relação, especialmente com os referentes citados acima, não haveria a transformação do referente em questão, “os cacos”.

Voltemos agora à descrição dos passos seguintes da segunda unidade retórica: *II-1 (citar o fato)*, *II-2A (citar o elemento desencadeador do fato)*, *II-2B (citar o elemento afetado pelo fato)*, *II-2C (situar o fato)*, *II-2D (citar causa/motivo do fato)* e *II-2E (citar o desdobramento do fato)* que compõem aquilo que, no jargão jornalístico, é denominado de lide (*lead*). Portanto, esta estrutura do movimento 2 é indispensável ao subgênero noticioso, uma vez comprovada por Figueiredo (2003) como movimento retórico constante (100% dos casos), ainda que nem todos esses passos elencados se repitam em todas elas. Em nosso modo de proceder, adaptamos tais unidades elementares às redes referenciais básicas do subgênero nota noticiosa, sob a previsão (não exaustiva) de que tais tipos de referentes serão nela encontrados de modo prototípico.

c) O passo *II-1* (*citar o fato*), ao contrário dos demais passos, é, caracteristicamente, obrigatório, conforme já citamos. Abordado como evento, ou acontecimento de centralidade tratado na nota, alguns exemplos de citações de fatos são dados pela autora sob vários traços:

(42) “(...) *roubaram joias, dinheiro e cartões de crédito* (...)” (FIGUEIREDO, 2003, p. 45)

(43) “(...) *descartaram a candidatura única* (...)” (idem)

(44) “(...) *informou que tratará logo de se registrar como eleitor no estado, a tempo de votar em Hillary, que disputará uma cadeira no Senado* (...)” (FIGUEIREDO, 2003, p. 45)

(45) “*Já está na Internet a tabela com os valores do Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) de 2000.*” (idem)

(46) “(...) *um dispositivo bloqueador de velocidade que opera por sinal de satélite poderá ser usado* (...)” (idem)

Sob o prisma de contextos formais, Figueiredo (2003) sinaliza que o passo *II-1* aparece na forma de uma ação praticada (ex. 42), na forma de uma ação abstrata (ex. 43), ou na forma de um performativo (ex. 44). Pode aparecer também como uma oração que envolve um estado que implica, implicitamente, uma ação de alguém (ex. 45). Pode ocorrer com verbos na voz ativa (42), (43), (44) ou passiva (ex. 46). Segundo a autora, os fatos, portanto, são de naturezas diversas, influenciando nas demais categorias informativas que o movimento 2 irá trazer. Isso se traduz, em nossa pesquisa, nas possibilidades de apresentação do fato no contexto, como um referente, que pode travar uma série de viáveis relações com outros dados que podem acarretar sua manutenção e progressão.

Em se tratando dos traços formais, uma das formas mais gerais de reconhecimento de um referente enquanto entidade mental construída no discurso é a sua natureza substantivada (CAVALCANTE, 2011); assim como a expressão ou sintagma nominal, o pronome substantivo, ou certos advérbios, podem ser referentes. Porém, para nós, o fato central, mais do que uma estrutura, é, sobretudo, um referente em potencial. Em termos referenciais, devemos esclarecer que não só o fato central, mas também unidades do movimento 2, como o desdobramento do fato e a causa/motivo do fato, nem sempre

representadas por expressões referenciais, mas sim, às vezes, por orações ou segmentos textuais, conforme especifica Figueiredo (2003), são por nós pressupostas como possíveis entidades de cunho referencial perante o respaldo de autores como Cavalcante (2011; 2012) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), quando a formulação de um objeto de discurso é construída mentalmente apenas por meio de pistas contextuais, sem que tal objeto seja sequer mencionado. Ou então quando o objeto, mesmo em forma de oração, pode ser substantivado, ou pode vir a ser nominalizado pela estratégia de encapsulamento por um rótulo, muito embora o referente se apresente ainda disforme, ou apenas de forma “embrionária” ou latente no texto (conforme o capítulo 4 do referencial teórico). Isso justifica, portanto, o fato de, não com pouca frequência, todo o conteúdo de uma nota ser rotulado como, por exemplo, “crime”, “tortura”, “negócios”, dentre outros exemplos vistos; tais referentes também se recategorizam à proporção que os elementos textuais progridem, especificando todo um conjunto de informações a desvendarem os motivos dessas rotulações, acrescentando-lhes sentidos, confirmando-os ou não.

Entretanto, é de vital importância advertir que nem todo processo de encapsulamento equivale ao resumo de um fato central, visto que a construção de outros referentes na forma de elementos estruturais, que não somente o fato, pode ser homologada por esse processo, seja na intitulação da nota, seja em qualquer parte do texto, consoante concluiremos na sequência desta descrição.

d) Dito isso, seguimos com a definição do passo *II-2A* (*citar o elemento desencadeador do fato*), o qual consiste no componente que desencadeia um processo que será relatado como o fato da notícia. Este componente pode ser expresso como um agente inumano ou humano (ex. 45), com uma instituição (ex. 46), com um elemento inanimado (ex. 47), etc. Vejam-se, logo abaixo, alguns excertos de notas apresentados pela autora:

(47) “Itamar Franco saiu do Rio rumo a Belo Horizonte ontem de manhã, e seguiu do aeroporto direto para o Palácio das Mangabeiras (...)” (FIGUEIREDO, 2003, p. 105)

(48) “A Justiça americana decidiu ontem que os 1.201 presos agredidos e torturados durante o levante ocorrido na penitenciária de Attica, em 1971, deverão receber uma indenização de US\$ 8 milhões. (...)” (idem, p. 83)

(49) “Dois trens com um total de 100 passageiros a bordo colidiram ontem no sul da Noruega (...) (idem, p.82)

Por conseguinte, os exemplos acima nos dão a noção de que o elemento desencadeador do fato é um agente do fato, sendo algo ou alguém que pratica ou que provoca um acontecimento. Nos casos mostrados, isto é expresso pela ligação entre tais agentes e os verbos: “Itamar Franco saiu”, “A Justiça americana decidiu” e “dois trens com um total de 100 passageiros a bordo colidiram”.

Com relação a isso, sugerimos que haverá a construção de uma rede referencial correspondente a esse elemento composicional, recebendo, por isso, sua denominação com base nesse elemento. Para efeito de análise, tomemos o texto relativo ao excerto (44), em sua integridade:

(44)

Quadro 5- Análise retórico-composicional

MOVIMENTO	TEXTO	PASSOS
<i>Identificar a nota</i>	ESTADOS UNIDOS	<i>Categorizar a nota</i>
	Clinton troca de domicílio eleitoral	<i>Identificar ponto mais saliente</i>
<i>Sumarizar a notícia</i>	Ao sair ontem, com sua mulher, Hillary, da recém-comprada casa de Chappaqua, nas imediações de Nova Iorque, onde passaram a primeira noite,	<i>Situar o fato</i>
	O presidente Bill Clinton	<i>Citar o elemento desencadeador do fato</i>
	informou que tratará logo de se registrar como eleitor no estado,	<i>Citar o fato</i>

<i>Agregar informações complementares</i>	A tempo de votar em Hillary, que disputará uma cadeira no Senado	<i>Citar a causa/motivo do fato</i>
	“Gostamos muito do lugar e voltaremos sempre”, disse ele ao regressar a Washington.	<i>Relatar posicionamento</i>

Fonte: Figueiredo (2003, p. 84) (Jornal do Brasil, 07/01/00)

Diante desse texto, de acordo com a classificação de Cavalcante (2012) sobre os processos referenciais, “Clinton”, “o presidente Bill Clinton”, “eleitor no estado” e “ele” são retomadas diretas desse elemento, constituindo suas anáforas diretas, pertencendo, por isso, ao nóculo referencial desse elemento desencadeador do fato. Além disso, outras anáforas indiretas juntam-se, referencialmente, à rede desse mesmo elemento, tais como “sua mulher, Hillary” e “a recém-comprada casa de Chappaqua”. Mas consideramos que tais anáforas indiretas, em sua complexidade, acabam por fundar, em seu eixo, novas redes interligadas, as quais, na composição do gênero, passam a ocupar outras categorias de redes, segundo nosso parâmetro de análise. Assim, “sua mulher, Hillary” preenche um novo nóculo referencial como outro elemento do fato o qual, em sua continuidade, passa a compor também a rede de elementos que giram em torno da causa/motivo do fato, já que Bill Clinton afirma que mudou seu domicílio eleitoral para votar em Hillary, relacionando-a ao elemento “uma cadeira no Senado”. Já o referente “a recém comprada casa de Chappaqua” ocupa a categoria de rede espacial ligada ao fato central, visto que ela o contextualiza em termos de lugar onde ele ocorre. À proporção que esses e outros elementos referenciais ligados ao fato e ao posicionamento sobre o fato se somam num emaranhado de relações, de acordo com a estrutura retórica do subgênero, a recategorização de Bill Clinton vai acontecendo, e a cada menção dele, acrescentam-se e se confirmam seus traços.

Uma observação a se fazer é que os dados da pesquisa de Figueiredo (2003) comprovam, estatisticamente, que o elemento desencadeador, apesar de considerado como um provocador do fato, nem sempre existirá nas notas, o que acarreta também a

possibilidade de não existência dessa rede referencial em todas as notas. Apenas para citar um caso, veja-se o trecho de uma nota do *corpus* da pesquisadora:

(50) *ACIDENTE*

Promotor morre na Teresópolis-Friburgo

O promotor Victor Rogério Magalhães de Sá Melo, de 28 anos, morreu ontem depois de bater num caminhão na altura do quilômetro 67 da rodovia BR-116, que liga os municípios de Teresópolis e Friburgo. (...) (FIGUEIREDO, 2003, p. 87)

Consoante propõe a autora, não há aqui elementos desencadeadores do fato, pois “o promotor Victor Rogério Magalhães de Sá Melo, de 28 anos”, que morreu em virtude de uma colisão com um caminhão, é apenas o elemento que é afetado por esse fato, e não o seu agente, visto que o sentido do elemento supramencionado não ocorre como provocação de um acontecimento (conforme se verá no passo II-2B), pelo menos nesse contexto em que foi enquadrado. Então a facultatividade desse elemento no subgênero traz como consequência o fato de que a construção das redes referenciais não se pauta pelo elemento desencadeador do fato como âncora geral das redes no plano organizacional do texto, segundo a representação esquemática que fazemos da organização das redes no subgênero (ver capítulo sobre a metodologia e análise dos dados), ainda que sua denominação de “desencadeador” o sugira como uma espécie de gênese do fato. Em vez disso, o gancho anafórico geral dos elementos de ambos os subgêneros (não só do noticioso) é o fato central, sendo ele o elemento-chave ou o eixo constante na construção prototípica das notas jornalísticas, conforme já fundamentado.

e) O passo *II-2B* (*citar o elemento afetado pelo fato*) se apresenta, na superfície textual, como um elemento sobre o qual uma ação, fenômeno ou processo incide, conforme excerto:

(51) “*O Exército Republicano Irlandês (IRA) acusou os serviços de informação britânicos e a polícia norte irlandesa de continuarem levando a cabo “sua guerra” contra os republicanos católicos na província (...)*”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 46)

Como se vê, o elemento afetado pelo fato implica um elemento que sofre uma ação ou processo, em sentido passivo, o que pode ser visto nos elementos sublinhados na presente nota e na anterior. Por isso, sugerimos reservar a rede do elemento afetado pelo fato

para os referentes a ele correspondentes, mesmo que nem sempre ocorram em todos os exemplares do gênero. A propósito, Figueiredo (2003) confirma o traço opcional desse elemento, inclusive em textos como este a seguir:

(52)

Quadro 6 – Análise retórico-composicional

MOVIMENTO	TEXTO	PASSOS
<i>Identificar a nota</i>	CRIME	<i>Categorizar a nota</i>
<i>Sumarizar a notícia</i>	Acusado de nazismo parte para Austrália	<i>Identificar aspecto mais saliente</i>
	O letão Konrad Kalejs, de 86 anos, acusado de ter cometido crimes contra a humanidade sob o regime nazista,	<i>Citar o elemento desencadeador do fato</i>
	Partiu	<i>Citar o fato</i>
	ontem de Londres	<i>Situar o fato</i>
	sem refutar judicialmente a deportação decretada pelo ministério do Interior britânico.	<i>Citar o fato</i>
<i>Agregar informações complementares</i>	Kalejs, que viveu em Londres nos últimos 6 meses, embarcou num voo da Singapore Airlines com destino à Austrália, onde é cidadão.	<i>Apresentar o fato</i>
	Ele já havia sido deportado dos Estados Unidos e do Canadá devido à suspeita.	<i>Apresentar histórico do fato</i>

Fonte: Figueiredo (2003, p. 85) (Jornal do Brasil, 07/01/00)

No presente texto, temos um agente do fato, o acusado de crimes, Konrad Kalejs, que viaja para Austrália. Todavia não temos um elemento que figure como afetado por esse fato, na medida em que há apenas a ação de “partir”, mas não há um sentido de alguém que tenha sido afetado por essa ação do desencadeador, que, nesse caso, apenas suscita tal fato. Com base nesse contexto, observemos que a propriedade que tem o referente como “acusado de ter cometido crimes contra a humanidade”, mesmo com um sentido passivo, não significa o fato que o afetou nesta nota, porque o fato noticiado se centra na ação de o acusado (elemento desencadeador do fato) ter viajado para a Austrália, e não a questão de ele ter sido acusado pelos crimes. Logo, tal propriedade nada mais é do que um pressuposto sobre ele, conforme informa a identificação da nota “acusado de nazismo”, como um ponto de partida para o fato “parte para Austrália” e para a sua continuidade no texto, em termos referenciais, pois é o modo pelo qual foi apresentado no discurso. E, relacionadas a essa informação, mover-se-ão as demais redes de elementos provenientes do fato (como a causa/motivo do fato, elemento de espaço e tempo) e do histórico do fato, bem como as suas retomadas diretas (tais como “o letão Konrad Kalejs, de 86 anos, acusado de ter cometido crimes contra a humanidade sob o regime nazista” e “Kalejs, que viveu em Londres nos últimos 6 meses”) em torno de sua evolução cognitivo-discursiva.

À parte esses casos, há tipos de ocorrências em que o elemento desencadeador do fato, ou o afetado pelo fato podem existir apenas em situação de implicitude, pelo que pudemos constatar nos exemplos apresentados por Figueiredo (2003). Por esse viés, a crítica que fazemos à perspectiva da pesquisadora é que a autora, em determinados casos, não leva em consideração essa possibilidade de implicitude de tais elementos na superfície textual, afastando-se, neste ponto, de nossa visão sobre a construção do texto, como já repisamos no segundo capítulo, sobre os pressupostos da referenciação como atividade negociada e que prescinde da explicitude das expressões referenciais, criando-se as condições para que os sentidos sejam reconstruídos contextualmente. Reproduziremos o exemplo (45) da autora na íntegra, a fim de melhor argumentarmos:

(45)

Quadro 7- Análise retórico-composicional

MOVIMENTOS	TEXTO	PASSOS
------------	-------	--------

<i>Identificar a nota</i>	IPVA	<i>Categorizar a nota</i>
	Tabela de valores já está na Internet	<i>Identificar ponto mais saliente</i>
<i>Sumarizar a notícia</i>	Já está na Internet a tabela com os valores do Imposto sobre Propriedade de Veículos Automotores (IPVA) de 2000.	<i>Citar o fato</i>
<i>Agregar informações complementares</i>	Para tanto, basta digitar www.sef.rj.gov.br .	<i>Orientar o leitor em relação ao fato</i>
	Pela primeira vez, o contribuinte poderá parcelar o pagamento em três vezes. À vista, será dado um desconto de 3,5%.	<i>Descrever o componente do fato</i>

Fonte: Figueiredo (2003, p. 88) (Jornal do Brasil, 08/01/00)

Pela nossa perspectiva, esse exemplo nos sinaliza que a composição dessa nota se fez sem a manifestação explícita do elemento desencadeador do fato, na medida em que o público leitor poderá ter a noção de que o fato de a tabela estar na Internet sugere que se entenda que alguém, indiretamente, provocou esse acontecimento. Em outros termos, acreditamos que a notícia é dada de forma metonímica, tomando-se o resultado da ação em vez da própria ação, omitindo-se o elemento que desencadeia o evento. A partir dessa inferência, pode-se acionar o conhecimento sobre quem emite o IPVA, que é o departamento

de trânsito (DETRAN) através da SEFAZ (Secretaria da Fazenda, cuja sigla aparece no endereço virtual www.sef.rj.gov.br), o que implica que as modificações cognitivas em torno do referente também se efetuam por meio de reconstruções implícitas. Dessarte, ainda que, na oração que traduz a operação retórica de *citar o fato*, não esteja gramaticalmente definido que o DETRAN foi o agente que emitiu o IPVA na Internet, é viável inferir isto no contexto. Assim, concluímos que apenas se ocultou a imagem do desencadeador, enquanto que “a tabela do IPVA” é, por consequência, o elemento afetado pelo fato, uma vez que sofreu o fato de a emissão de seus valores ter sido disponibilizada na Internet pelo DETRAN, sentido preenchido pelo nosso conhecimento enciclopédico. Apesar disso, não pretendemos forçar a afirmação de que todos os exemplares do subgênero noticioso devem possuir, implicitamente, um elemento desencadeador ou um elemento afetado pelo fato na ausência desses elementos no contexto; mas, pelo menos, julgamos que se possam atestar as possibilidades dessas implicitudes em certos textos.

Sabemos, sobretudo, que nem todos os elementos referenciais são previsíveis numa análise dos textos, principalmente numa perspectiva que se proponha a analisá-los em suas concretas realizações, na infinidade de contextos discursivos. Por isso, é normal que constataremos a presença de elementos que participam dos fatos, contudo não coincidam, nem com o elemento desencadeador do fato, nem com o elemento afetado pelo fato. Por causa disso, preferimos adotar o nome de “*elemento do fato*” para tal referente, o qual consiste em um componente do fato que preenche um nóculo referencial, não exercendo diretamente nenhuma das funções narrativas elementares da notícia (lide, em inglês *lead*), mas fazendo parte do contexto discursivo e funcionando como uma espécie de elemento que consideramos coadjuvante do fato, mesmo sabendo que sua denominação é de cunho bastante geral e que talvez represente uma lacuna quanto à sua especificação dentro do gênero. Conferiremos esse tipo no seguinte texto de nossa amostra, adaptando-o ao quadro de Figueiredo (2003):

(53)

Quadro 8- Análise retórico-composicional adaptada de Figueiredo (2003)

MOVIMENTO	TEXTO	PASSOS
<i>Identificar a nota</i>	Brasil cai em grupo com Rússia e Argentina no vôlei feminino	<i>Identificar aspecto mais saliente</i>

<i>Sumarizar a notícia</i>	A seleção brasileira feminina de vôlei	<i>Citar elemento afetado pelo fato</i>
	conheceu suas adversárias da primeira fase dos Jogos Olímpicos	<i>Citar o fato</i>
	de 2016, no Rio de Janeiro, nesta segunda-feira,	<i>Situar o fato</i>
	e terá pela frente rivais como a Rússia e a Argentina.	<i>Citar o fato</i>
<i>Agregar informações complementares</i>	Medalhistas de ouro em Pequim- 2008 e Londres-2012, as brasileiras ficaram no grupo A do torneio olímpico, formado, além de Rússia e Argentina, por Japão, Coreia do Sul e Camarões, anunciou a Federação Internacional de Vôlei (FIVB) hoje.	<i>Descrever componente do fato</i>
	Os Estados Unidos, prata contra as brasileiras em Pequim e Londres, estão no grupo B, ao lado de China, Sérvia, Itália, Holanda e Porto Rico, que conquistou a última vaga no torneio ontem.	<i>Descrever componente do fato</i>
	As quatro primeiras seleções de cada grupo se classificarão para as quartas de final, fase a partir da qual	<i>Apresentar perspectiva de desdobramento do fato</i>

	<p>os duelos serão eliminatórios.</p> <p>O torneio será disputado entre 6 e 21 de agosto.</p>	
--	---	--

Fonte: Figueiredo (2003) (Jornal do Brasil, 23/05/16)

Observando o segundo movimento desta nota, temos a seleção brasileira de vôlei como o elemento que é afetado pelo fato; porém atinamos para a rede referencial de “suas adversárias [do Brasil] da primeira fase dos Jogos Olímpicos”, que incluem as rivais “Rússia” e “Argentina”. A nosso ver, estes elementos não consistem na rede do desencadeador, uma vez que não se provocou nenhuma ação direta sobre a seleção do Brasil. Embora sejam elementos que se ancorem e descendam da rede da seleção do Brasil, a nosso ver, as seleções rivais passam a constituir um novo nóculo referencial que se origina de Brasil, gerando um núcleo de referências em seu eixo e se recategorizando, de maneira a se desmembrar em dois referentes, em termos cognitivo-referenciais: “Rússia” e “Argentina” que ocupam um espaço relevante, na medida em que compõem o fato, interagindo, enunciativamente, com as demais redes, inteirando-lhes sentidos, principalmente à rede do elemento afetado pelo fato. Dito de outro modo, a rede de “as seleções rivais do Brasil” funciona como um importante coadjuvante do elemento sobre o qual incide o fato.

Resta-nos dizer, ainda, que há referentes surgidos por ocasião dessas estruturas, os quais nós propomos chamá-los de “elementos ligados” (por ex., “elementos ligados à opinião”, “elementos ligados aos argumentos que sustentam a opinião”), pelo fato de funcionalmente contribuírem para a formação dessas estruturas, conforme veremos na nossa análise dos dados.

Quanto à importância da seleção brasileira, convém dizer que o destaque a ela dado se faz sentir por todo o texto, pelas marcas textuais que pontuam sua importância maior em todos os movimentos retóricos (“Brasil cai em grupo com Rússia e Argentina”, “a seleção brasileira conheceu suas adversárias e terá pela frente rivais”, “as brasileiras ficaram no grupo A”, “Os Estados Unidos, prata contra as brasileiras”), focalizando-a como o centro do discurso, mas sempre em relação com outros elementos, o que plausivelmente se explica, devido à nota ser proveniente de um jornal brasileiro (Jornal do Brasil). Então vemos que a contribuição do elemento do fato para a recategorização do elemento afetado pelo fato se aplica pelas relações que se dão entre ambos no contexto.

f) O passo *II-2C (situar o fato)* se apresenta, na superfície textual, como palavras ou expressões que trazem carga semântica de localização, principalmente advérbios (ontem, amanhã, neste dia, à noite etc.) e adjuntos adverbiais de lugar, modo, tempo, consoante abaixo:

(54) “Ao visitar os desabrigados dos dois incêndios na favela dos Sem Teto, em Manguinhos (...)” (FIGUEIREDO, 2003, p.86).

(55) “E a ma-ra-vi-lho-sa Vittor Santos Orquestra estreia sábado temporada no Mistura Fina. (...)” (idem, p. 106).

(56) “Estreia amanhã, às 21h, no Teatro Villa-Lobos, em Copacabana, Otelo, de Shakespeare, superprodução do ator Norton Nascimento e do diretor Janssen Lage (...)” (idem, p. 96).

Os elementos referenciais que aí se encontram nessa função, tais como “a favela dos Sem Teto”, “Manguinhos”, “sábado”, “o Mistura Fina”, “as 21h”, “o Teatro Villa-Lobos” e “Copacabana” são por nós sugeridos como componentes dessa rede, que pode ser tanto do elemento espacial quanto do elemento temporal, ou ainda do elemento de modo, todos ligados ao fato central. Baseando-nos em dados de Figueiredo (2003), bem como em decorrência daquilo que encontramos em nossos dados, afirmamos que podem ainda ocorrer elementos dessa natureza não somente ligados à rede do fato central, mas também à rede de outras estruturas composicionais, tais como a de (perspectiva) do desdobramento do fato, a de orientação do leitor sobre o fato, a do histórico do fato, a do fato relacionado e assim por diante, passando a atender à função da unidade retórica na qual se inserem. Por esse motivo, denominamos tais redes de acordo com a estrutura a que servem, por exemplo, a rede do elemento espacial ligada ao desdobramento do fato, ou a rede do elemento temporal ligado ao histórico do fato, dentre outras. Um exemplo claro dessa função está em textos como o da nota (52), em que o histórico do fato, ao comentar fatos anteriores a respeito do referente, recorda que ele já foi deportado de certos países; com isso, apresenta-se a rede de elementos de lugar, que são “os Estados Unidos” e “o Canadá”. Convêm mais ilustrações, como a que vem a seguir:

(57)

Quadro 9 – Análise retórico-composicional

MOVIMENTOS	TEXTO	PASSOS
<i>Identificar a nota</i>	RALI PARIS-DAKAR-CAIRO	<i>Categorizar a nota</i>
	Brasileiro chega em primeiro	<i>Identificar aspecto mais saliente</i>
<i>Sumarizar a notícia</i>	O rali Paris-Dakar-Cairo 2000 começou	<i>Citar o fato</i>
	ontem.	<i>Situar o fato</i>
<i>Agregar informações complementares</i>	A prova, considerada o maior desafio da atualidade, tem um percurso de 10.870 km. A primeira etapa da prova tem 588km. Até o final da prova, dia 23, na chegada às pirâmides do Cairo, as equipes terão atravessado seis países: Senegal, Mali, Burkina Fasso, Niger, Líbia e Egito.	<i>Descrição de componente do fato</i>
	Ontem, a equipe de caminhões dos checos Tomas Tomecek e Petr Vodak e do brasileiro André Azevedo venceu a primeira etapa do rali, um trecho veloz de 205 km.	<i>Apresentar desdobramento do fato</i>

Fonte: Figueiredo (2003, p. 94) (Jornal do Brasil, 07/01/00)

A partir de exemplos como este acima, torna-se inevitável a presença de termos referenciais (muitas vezes ao lado de termos não referenciais também contextualizadores) que situam os fatos, podendo alterar e acrescentar dados sobre os referentes em variados movimentos retóricos, não só no movimento básico da nota. Assim como acontece na descrição do rali como componente do fato, pois as expressões “(até) o final da prova”, “dia 23”, “na chegada às pirâmides do Cairo” se prestam a situar essa descrição, trazendo em si cargas semânticas de tempo e de localização, auxiliando na adição de traços ao percurso do rali.

Como se vê, tais elementos não servem apenas para situar o fato de centralidade, mas também para situar outros fatos e elementos das notas, ajudando-os, sem dúvida, na transformação dos referentes, na medida em que lhes somam novas informações que o contextualizam. Por isso, adaptamos esse tipo de rede às várias estruturas da nota, numa evidente demonstração de que a função de situar, ou de contextualizar é, para nós, mais ampla do que sua função na unidade retórica associada apenas ao lide (*lead*) do fato.

g) O passo II-2D (*Citar causa/motivo do fato*), segundo a autora, refere-se à citação de razões que justificam o acontecimento noticiado. Ocorrem, geralmente, na forma de uma oração final, conforme o excerto (58). Podem ocorrer também mediante um adjunto adverbial causal, como em (59). Em muitos momentos, a apresentação desta unidade dá-se de forma implícita, como ocorre nos exemplos (44) e (50) anteriormente já expostos:

(58) “*o ex-ditador Augusto Pinochet fez uma série de exames num hospital de Londres ontem, para avaliar se está em condições de ser extraditado para a Espanha.* (...)” (FIGUEIREDO, 2003, p. 83)

(59) “*Quatro pessoas ficaram feridas em consequência de um acidente* (...)” (idem, p. 86)

(Excerto do exemplo 44) (...) *o presidente Bill Clinton informou que tratará logo de se registrar como eleitor no estado, a tempo de votar em Hillary, que disputará uma cadeira no Senado*”. (idem, p. 84)

(Excerto do exemplo 50) “*O promotor Victor Rogério Magalhães de Sá Melo, de 28 anos, morreu ontem depois de bater com o carro num caminhão* (...)” (FIGUEIREDO, 2003, p. 87)

Pelos exemplos mostrados, a autora diz que as orações subordinadas finais e adjuntos adverbiais causais são, sintaticamente, as condições da causa ou motivo do fato. Quanto a nós, consideramos que toda a estrutura retórica relativa à causa/motivo funda uma tessitura de referentes ligados a essa estrutura. A título de ilustração, tem-se, no último item, os elementos “o carro” e “um caminhão” como membros da rede da causa/motivo do fato, em ligação com o referente “o promotor Victor Rogerio Magalhães de Sá Melo”, proporcionando sua mudança no texto. O “acidente” é, por sinal, o elemento-causa da morte; enquanto que, no item (58), as condições de extradição de Pinochet para a Espanha estão atreladas à causa do fato da realização dos exames associados ao “ex-ditador Augusto Pinochet”. Dito isso, conclui-se que a rede de causa é uma importante construção dentro do texto, a permitir a alteração de sentidos que venham a reestruturar o referente, atribuindo as mais diversas razões para os fatos acontecidos.

No entanto, em uma análise mais ponderada sobre a construção da referência, percebemos que não podemos limitar-nos às formas sintáticas estabelecidas, uma vez que a causa/motivo do fato, na condição de referente, é passível de ser construída de diversas maneiras. Como pode ser dada por outros meios além dos designados, ou por pistas indiretas do cotexto, ultrapassando os contextos gramaticais estabelecidos, é possível, muitas vezes, apenas inferi-la pelo entorno discursivo, conforme comprovamos tanto com base em nossos dados quanto nos próprios textos analisados por Figueiredo (2003).

A nota (52), desta autora, é um exemplo que ilustra bem esse fenômeno. Nela se pode considerar o elemento que representa a causa/motivo do fato como sendo “a deportação decretada pelo Ministério do Interior britânico”, cujo sentido implícito de causa se dá pelo contexto, muito embora Figueiredo (2003) não o tenha reconhecido como tal, não identificando nisso a ação retórica referente a “citar a causa/motivo do fato” no move 2. Logo, a expressão acima não corresponde a uma oração final, nem a um adjunto causal. Em razão disso, julgamos que o ato de “partir” do acusado ocorre motivado por uma causa, ou seja, ele partiu para Austrália, porque foi deportado. Esse, pois, é um dos dados sobre o referente que ajudam a modificá-lo durante o discurso, atuando no sentido de confirmarem a ideia de “acusado”, que paira sobre ele.

Isto, por sua vez, enceta a reflexão de que não se pode confundir entre o elemento que desencadeia um evento e a causa ou motivo desse evento. Aqui entendemos a clara distinção de Figueiredo (2003), na medida em que ela nos faz pressupor que o elemento desencadeador pode provocar um fato por conta de determinada causa, embora nem um, nem

outro seja um elemento constante em todos os casos. Dito de outro modo, o desencadeador não é o mesmo que a causa ou motivo do fato nestes termos, e isto nos parece muito lógico no contexto enunciativo dessa nota, ainda que a autora não tenha considerado, na nota (50), a “deportação” como a causa da partida de “Konrad Kalejs”, no referido caso.

h) O *passo II-2E (citar o desdobramento do fato)* diz respeito ao futuro imediato (mas já decorrido) de um fato que está sendo relatado, às reações ao fato e às suas consequências. É lexicalizado mediante as várias palavras, expressões e orações que explicitam a relação de decorrência do fato, conforme o exemplar de nota abaixo:

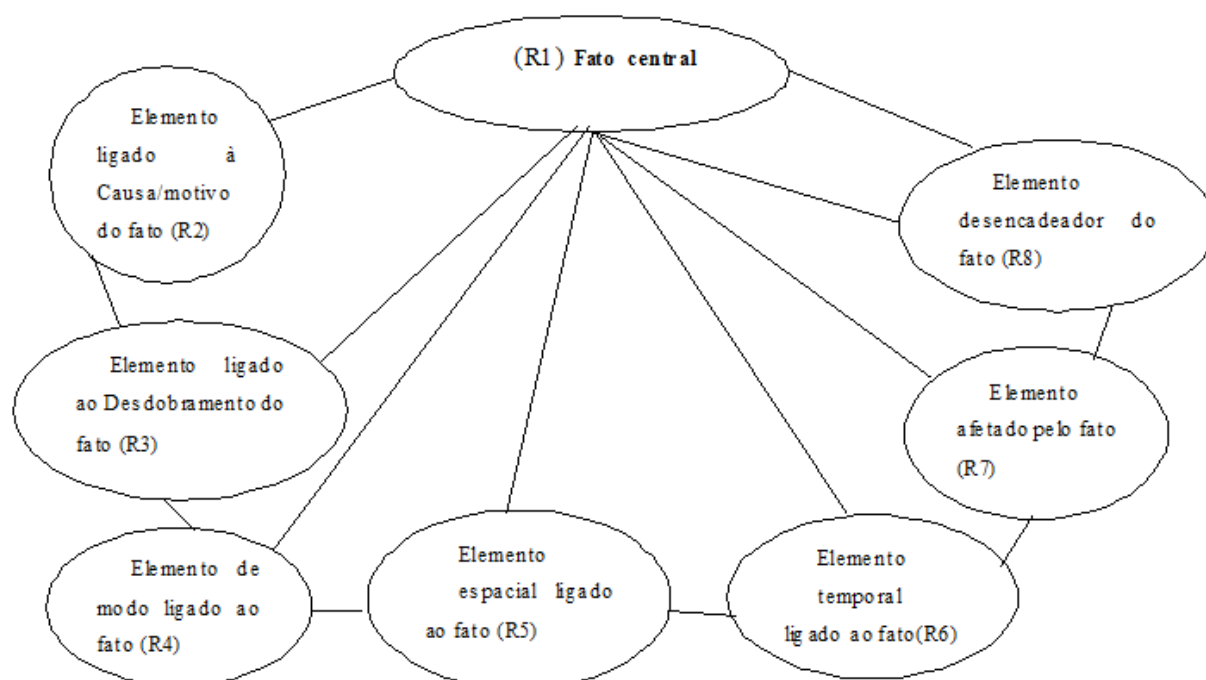
(60) *“Para revolta geral da escola de samba Vila Isabel, o primeiro ensaio técnico do ano, que aconteceria ontem, foi proibido pelo secretário municipal de Trânsito, coronel Paulo Afonso. Trata-se de uma tradição do bairro, com um minidesfile na avenida principal”*. (FIGUEIREDO, 2003, p.98)

No exemplo (60), o projeto de dizer do repórter enfatiza a reação advinda do fato, que é a “revolta geral da escola de samba Vila Isabel”, sendo esta expressão colocada no início do parágrafo. Nota-se que, por meio dessa expressão, é que os sambistas são introduzidos no texto, de forma implícita. Com isso, tais informações, somando-se aos dados sobre o fato, suas reações e descrição do componente do fato - que, no caso, é “o ensaio técnico” - são responsáveis pela progressão referencial em torno da escola de samba.

Em termos das formas de manifestação dos elementos, assim como o fato central e a causa do fato, a categoria de referentes que representa o desdobramento do fato nem sempre vem em forma de expressões nominais, mas também pode despontar ao modo de uma oração ou estrutura agregando em seu eixo diversos referentes, sendo também plausível que essa estrutura receba uma rotulação que a resuma em um único referente, de maneira análoga às demais redes referenciais que representem estruturas do texto. Essa rotulação dos conteúdos por meio de expressões ou de nominalizações, acaba por demonstrar a potencialidade de construção do referente nesses casos, ao homologar, no contexto, determinadas entidades já construídas sociocognitiva e discursivamente no discurso, em consonância com aquilo que debatemos insistentemente, acerca da dinamicidade que envolve os processos de referenciação.

Em síntese, vejamos, esquematicamente, como correlacionamos todos os elementos componentes da estruturação básica existentes nesse subgênero aos elementos de natureza referencial:

Esquema 8: Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura básica da nota noticiosa e as redes referenciais



Fonte: Figueiredo (2003)

Tais unidades básicas são bastante próximas das características do lide (*lead*) em uma notícia, pois estas, segundo Figueiredo (2003) e Figueiredo e Bonini (2007), respondem às seguintes questões resumitivas do relato do jornalista: Quem? O quê? Como? Quando? Onde? e Por quê? Assim, os elementos referenciais correspondentes a tais informações foram por nós adaptados das unidades apresentadas no *move 2* (*Sumarizar a nota*), considerado o ponto central deste subgênero, sendo esta a única estrutura retórica de surgimento obrigatório na nota. Portanto, os elementos que adaptamos, como o *fato central da nota* (do passo 1), que sintetiza “O quê?”, o *elemento desencadeador do fato* (do passo 2A) e o *elemento afetado pelo fato* (do passo 2B), representando “Quem?”, os elementos que traduzem o *modo* “Como?”, o de tipo *espacial* (do passo 2C), (“Onde?”), os de cunho *temporal* (do passo 2C) (“Quando?”), ambos situando o fato, e os que representam a *causa/motivo* (do passo

2D), respondendo à pergunta “*Por quê?*”, além do *desdobramento do fato* (do passo 2E), que se sucede ao lide (*lead*), foram por nós testados, em análise preliminar de dados, enquanto categorias de referentes capazes de gerar uma rede de elementos a eles estritamente associados no texto. Devemos esclarecer que a ordem de numeração das redes acima serve unicamente a título de ilustração, visto que nosso critério de numeração delas, em nosso *corpus*, segue a ordem de sua apresentação no texto.

Desde agora, trataremos das unidades do terceiro movimento retórico da nota noticiosa, que traz em si as informações agregadas de modo complementar ao fato, as quais, em sua maioria, foram anunciadas já no segundo movimento, segundo Figueiredo (2003). Sob o plano da referencialidade e da argumentatividade, lembramos que também é comum os elementos composicionais, em particular os do *move* 3, manifestarem-se em porções textuais que gestam as unidades referenciais, podendo também receberem rotulações, aptas a recategorizar tais informações de modo frequentemente avaliativo-argumentativo, ao modo das estruturas da rede da causa/motivo e do desdobramento do fato, e em consonância com o que explanamos teoricamente sobre os processos referenciais de encapsulamento, segundo Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014).

A relação entre esse aspecto do subgênero e a nossa pesquisa é que, em termos referenciais, as novas redes que se geram a partir dessas unidades tendem a retomar algum (ns) elemento(s) previamente enunciado(s) no *move* 2 (bem como alguns no *move* 1), segundo mostraremos no capítulo da análise dos dados. Isto faz com que certos elementos de redes prévias do movimento anterior possam se repetir nas estruturas retóricas seguintes, e, em sua continuidade, tais elementos tendem a se relacionar com outros referentes, o que faz com que o texto possa equilibrar a informatividade entre referentes velhos ou dados e entre referentes (parcialmente) novos.

Um corolário dessa relação de retomada de elementos se faz presente nas ações retóricas que trazem o verbo “apresentar” no terceiro movimento, em remissão a elementos já introduzidos pelas ações retóricas de “citar” no segundo movimento, como explica a pesquisadora. Por exemplo, o passo (*step*) de “*apresentar o fato*” alude ao fato dado no *move* 2, introduzido como “*citar o fato*”, o que também não implica que ambos os movimentos sejam, necessariamente, coexistentes no texto. De um modo geral, a autora reforça a tendência dos passos de não ocorrerem em concomitância, num mesmo exemplar de nota jornalística, e, por outro lado, a ordem em que aparecem as unidades retóricas é também variável, apesar de a descrição de Figueiredo (2003) trazê-las em sequência numerada fixa. As várias

exemplificações dessas possibilidades retórico-composicionais, de ora em diante, serão mostradas sinteticamente:

i) *Passo III- 1A (apresentar o fato)*, que conduz a uma explicitação do fato já mencionado no movimento 2. Este passo ocorre na nota (52), que, primeiramente, “cita” a partida de Konrad Kalejs de Londres em direção à Austrália e, em seguida, “apresenta” alguns detalhes sobre Kalejs e sobre como se deu a viagem.

j) *passo III-1B (apresentar histórico do fato)* pode aparecer na superfície textual de dois modos: como um relato de casos similares ocorridos no passado (trecho em (59)) ou como uma sequência de fatos que ocasionam o fato relatado na nota (trecho em (60)):

(59) *“Dois trens com um total de 100 passageiros a bordo colidiram (...) Este é o pior acidente na Europa desde o ocorrido em outubro, em Londres.”* (FIGUEIREDO, 2003, p.82)

(60) *“Os odores são sentidos diferentemente em cada uma das narinas (...) Isso é o que anunciou ontem o pesquisador americano Larry Cahill, da Universidade da Califórnia, que com sua equipe trabalhou com 32 voluntários aos quais foram dados durante vários dias oito produtos de uso comum para cheirar, inicialmente por uma narina e, alguns minutos mais tarde, pela outra.”* (idem, p.91)

k) *Passo III-1C (descrever componente do fato)* realiza-se mediante a explanação de um aspecto não diretamente relacionado à cadeia de ações do fato. Pelo que observamos, aquilo que Figueiredo (2003) chama de “componente” do fato mencionado nesse passo retórico pode coincidir com o elemento afetado pelo fato, com o desencadeador, com o elemento do fato, ou com qualquer outro componente referencial do texto. Conferiremos o seguinte caso, no qual interpretamos que o componente descrito é o próprio “elemento afetado pelo fato:

(61) *“(...) O governo britânico criou ontem uma comissão encarregada de avaliar o risco de algum asteroide chocar-se com a Terra. Segundo o ministro da Ciência, lorde Sainsbury, a população não deve ficar apreensiva, pois o risco é muito remoto, mas ainda assim não deve ser ignorado.*

Três astrônomos fazem parte do grupo de trabalho, voltado para a observação constante de Objetos Próximos à Terra, o que inclui também cometas e aglomerados de rochas resultantes da formação do sistema solar". (FIGUEIREDO, 2003, p. 89)

l) *passo III-ID (apresentar causa/motivo do fato)* explica as razões que justificam o acontecimento do fato. Quando vem antecedida da citação sumária das razões do fato (no movimento 2), esta unidade retórica a justifica, ocorrendo similarmente ao que ocorre com relação aos passos de “citar” o fato e “apresentar” o fato, quando juntos no texto. Por isso, apresenta, com um pouco mais de detalhes, a causa ou o motivo do fato.

(62) “A Colt, fabricante de armas nos EUA, vai adquirir a alemã Heckler & Koch (...) A Colt vem tentando fortalecer sua posição no mercado de armas para militares, a fim de proteger-se da campanha contra armas civis nos EUA.” (FIGUEIREDO, 2003, p. 103)

m) O *passo III-IE (indicar lacuna informativa)* tem uma relação com a apuração do fato, mostrando os aspectos ainda não conhecidos (mas previsíveis) do fato, consoante o que se segue:

(63) “Dois trens com um total de 100 passageiros a bordo colidiram ontem no sul da Noruega, matando pelo menos sete pessoas e ferindo 30. Este é o pior acidente na Europa desde o ocorrido em outubro, em Londres. Ainda não se sabe a causa da colisão.” (FIGUEIREDO, 2003, p.82)

n) O *passo III-IF (descrever a conjuntura do fato)* apresenta uma panorâmica (ou dados gerais) do contexto do fato noticiado. Eis um trecho que o destaca:

(64) “Os espanhóis reconhecem que terão dificuldades no Mundial de Clubes, mas afirmam que vão fazer de tudo para serem campeões. (...) O Real Madrid vai estrear desfalcado de Júlio César, do goleiro Iigner e Morrientes, que será substituído por Anelba. O líbero Hierro ainda é dúvida”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 92)

o) O *passo III-IG (orientar o leitor em relação ao fato)* diz respeito a dicas que o repórter fornece, para o leitor, em relação a como lidar com o fato. Como a dica abaixo:

(65) “*Os interessados no concurso da Polícia Rodoviária Federal também ganharam mais tempo para estudar. (...) Os interessados devem se antecipar ao edital e iniciar logo os seus estudos, porque a procura promete ser muito grande. A Central de Concurso/Degrau Cultural tem novas turmas intensivas e material didático de apoio*”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 113)

p) O passo III-1H (*Apresentar desdobramento do fato*) descreve os acontecimentos posteriores do fato em relação ao ponto focal do relato. Retomemos um trecho da nota “assalto”, cuja íntegra foi exposta em (40):

(Excerto do exemplo 40) “*Alcinei Gonçalves e Leandro Silva Barroso, de 19 anos, roubaram joias, dinheiro e cartão de crédito (...) De acordo com PMs, os assaltantes chegaram a descer do veículo, mas o motorista viu um carro de polícia e avisou sobre o assalto. Os dois ladrões foram presos e os cinco passageiros recuperaram seus pertences*”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 87)

q) O passo III-II (*apresentar perspectiva de desdobramento do fato*) diz respeito, frente a um fato posto, ao que está previsto para acontecer, principalmente através de informações fornecidas por envolvidos neste fato, conforme se expõe em:

(66) “*A Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro vai realizar concurso para 98 vagas de perito. (...) O concurso está autorizado, o regulamento já foi publicado e o edital está previsto para ser divulgado a qualquer momento (...)*”. (FIGUEIREDO, 2003, p.112)

r) O passo III-1J (*apresentar fato relacionado*) relata um fato que, embora no mesmo campo de conteúdo do fato central, se desenvolve em outro local e com outros participantes, não sendo um desdobramento daquele, como se mostra em:

(67) “*O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística está prevendo para o mês de abril a realização do concurso para o preenchimento de 183 mil vagas de recenseador em todo o país. (...) Antes, porém, vai sair o edital para agente censitário, com 32.300 vagas para 2º grau*”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 114)

s) O passo III-1L (*relatar posicionamento*) traz a opinião ou conclusão de outra pessoa em relação ao fato. Este passo retórico, bem como os que se seguirão doravante, nesta descrição da nota noticiosa, contêm os elementos da nota opinativa, uma vez que é possível a nota noticiosa ter seu conteúdo e função mesclados aos desse tipo de nota. A autora repete o exemplo (61), focalizando o seguinte trecho:

(Excerto do exemplo 61) “(...) *O governo britânico criou ontem uma comissão encarregada de avaliar o risco de algum asteróide chocar-se com a Terra. Segundo o ministro da Ciência, lorde Sainsbury, a população não deve ficar apreensiva, pois o risco é muito remoto, mas ainda assim não deve ser ignorado.*” (FIGUEIREDO, 2003, p.89)

t) O passo III-2A (*comentar posicionamento*) traz a opinião do repórter sobre o fato. No caso de (68), o texto versa sobre o comportamento do diretor polonês Roman Polanski:

(68) “(...) *O diretor Roman Polanski prestes a filmar seu 25º longa, soltou o verbo sobre sua fama de obcecado por sexo: “Sou apenas um entusiasta do sexo bem feito”.*

Para Robert Evans, o diretor de Chinatown, Polanski “se sentia atraído por qualquer pessoa do sexo oposto”.

Qualquer uma, não. Sua predileção é por menininhas com bem menos que seus 66 anos.

E arriscando uma auto-análise: “Sempre gostei de mulheres mais novas. Talvez por causa da minha mãe, o primeiro amor da minha vida”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 122)

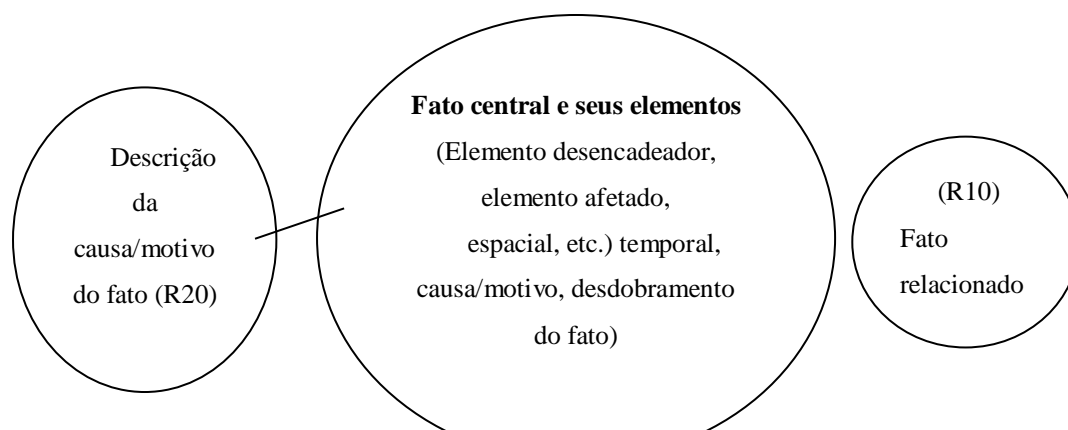
u) O passo III-2B (*apresentar argumento que sustenta a opinião*) está atrelado ao passo anterior (ou ocorre no texto junto com ele, ou não ocorre), traz os argumentos que justificam a opinião expressa. Ainda no mesmo exemplo anterior, esse passo se expressa no último parágrafo:

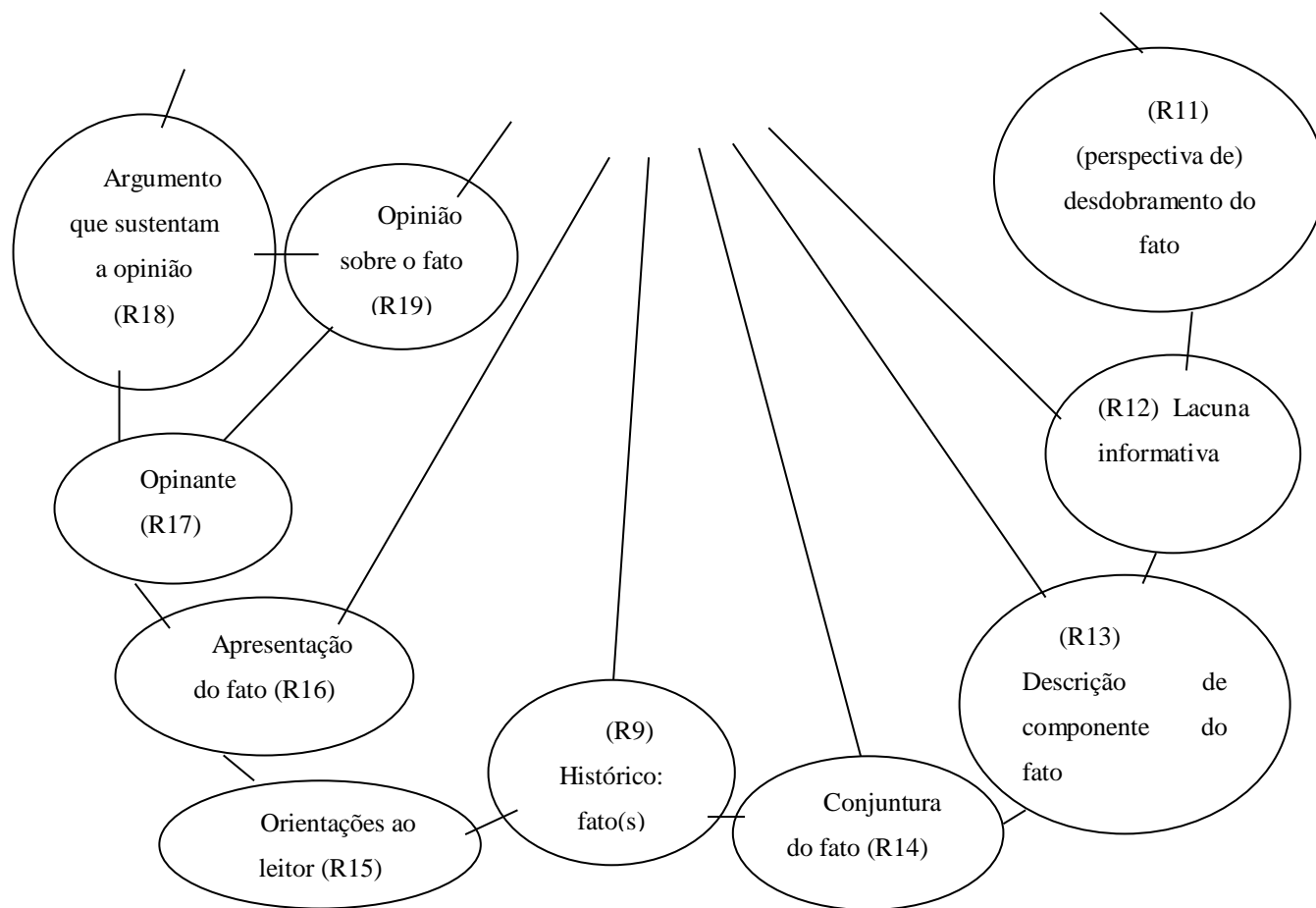
(Excerto do exemplo 68) “(...) *E arriscando uma auto-análise: “Sempre gostei de mulheres mais novas. Talvez por causa da minha mãe, o primeiro amor da minha vida.”* (FIGUEIREDO, idem)

Os exemplos acima destacam unidades retóricas dentro das quais se promove o nascedouro de determinados referentes e a continuidade de outros em sua retomada recategorizadora, os quais se adéquam aos propósitos de cada um dos passos do movimento 3, podendo acarretar uma série de mutações referenciais, à proporção que as informações complementares vão se agregando aos dados do fato central. Ademais, as ilustrações acima nos revelam que as unidades do movimento 3 da nota tendem a provocar um entrecruzamento dos referentes e auxilia em sua reconfecção, aumentando a carga de informações sobre eles, cujo processamento se dá por ordem do resgate cognitivo de conhecimentos enciclopédicos e da capacidade inferencial do leitor, somando novos dados em integração ao que se disse antes no texto. Assim, revela-se, naturalmente, a evolução das entidades referenciais, que reaparecem com novos sentidos acrescidos, confirmados, ou até refutados no texto, pelo que observamos.

Finalmente, adicionando os elementos dos movimentos e passos básicos à estrutura complementar da nota, finalizamos as seguintes redes previstas nesse modelo retórico:

Esquema 9: Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura complementar da nota noticiosa e as redes referenciais





Fonte: Figueiredo (2003)

Seguimos, neste esquema, a lógica da interrelação entre as redes, demonstrando que tipos de unidades aparecem prototipicamente, na estrutura complementar da nota, que, no caso, são as que se concentram no move 3 deste subgênero, tendo por função agregar informações complementares ao conteúdo central da nota jornalística. Este, por sua vez, representa a estrutura de rede originária da nota, a qual também abriga, em seu próprio eixo, os componentes referenciais básicos do fato, cada qual gerando uma rede referencial em torno de si. Nesse sentido, buscamos adicionar ao núcleo das redes de elementos do fato central as novas redes que os complementam e que, por isso, deles descendem segundo tais vias de formação das redes acima, formando todos uma grande rede na totalidade do texto.

Doravante, os movimentos e passos concentrar-se-ão em torno dos subgêneros por nós chamados de *notas opinativas*, de cuja modelagem emerge o propósito opinativo, ou seja,

a finalidade de expor dados e argumentos em defesa dos pontos de vista do jornalista ou do jornal para o qual ele escreve, ou então de indivíduos, ou instituições.

5.2.1.2 *A estrutura retórico-composicional da nota opinativa e sua relação com as redes referenciais*

Veremos, comparativamente, as estruturas da nota comentário e da nota comentário relatado cujos movimentos e passos são assim esquematizados:

Esquema 10: Estrutura composicional da nota comentário

Movimentos retóricos da nota comentário

MOVIMENTO 1: Identificar a nota

Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico

Passo 2A: Categorizar a nota E/OU

Passo 2B: Identificar aspecto mais saliente

MOVIMENTO 2: Introduzir comentário

Passo 1A: Apresentar posicionamento OU

Passo 1B: Generalizar a partir de dado(s) OU

Passo 1C: Apresentar suposição OU

Passo 1D: Descrever aspecto da realidade

MOVIMENTO 3: Fundamentar comentário

Passo 1A: Apresentar argumento(s) que sustenta(m) o posicionamento OU

Passo 1B: Apresentar dado(s) que sustenta(m) a generalização OU

Passo 1C: Apresentar dado(s) que sustenta(m) a suposição

Passo 2A: Apresentar posicionamento conclusivo E/OU

Passo 2B: Declarar algo E/OU

Passo 2C: Apresentar perspectiva de desdobramento de fato

Fonte: Figueiredo (2003)

Esquema 11: Estrutura composicional da nota comentário relatado

Movimentos retóricos da nota comentário relatado

MOVIMENTO 1: Identificar a nota*Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou com desenho ou com gráfico**Passo 2A: Categorizar a nota E/OU**Passo 2B: Identificar aspecto mais saliente***MOVIMENTO 2: Introduzir comentário***Passo 1: Identificar o opinante**Passo 2A: Relatar posicionamento OU**Passo 2B: Relatar suposição***MOVIMENTO 3: Fundamentar comentário***Passo 1A: Relatar argumento(s) que sustenta(m) o posicionamento OU**Passo 1B: Relatar dado(s) que sustenta/m a suposição**Fonte: Figueiredo (2003)*

Os movimentos de ambas as notas são quase iguais, sendo que a única diferença se encontra no movimento 2, que será explicado a seguir:

- MOVIMENTO 1 (identificar a nota): pode ser entendido, em ambas as notas, como um momento em que o escritor procura dar pistas que possibilitem a identificação rápida do(s) tópico(s) central(is) e, ao mesmo tempo, seduzir o leitor para a leitura total do texto;
- MOVIMENTO 2 (introduzir comentário): nesta etapa da textualização na nota comentário, o repórter elabora um raciocínio geral (expressamente valorativo ou não) acerca de determinado fato. Na nota comentário relatado, o mesmo raciocínio é expresso por outrem, mas mediado pelo repórter;
- MOVIMENTO 3 (fundamentar comentário): nesta etapa da textualização, o repórter expõe os dados ou argumentos que embasam o raciocínio expresso no movimento anterior.

Dessa maneira, para Figueiredo (2003) e Figueiredo e Bonini (2007), a nota comentário apresenta um ponto de vista do escritor/jornalista sobre determinado fato ou aspecto da realidade, oscilando entre a análise e a opinião; por outro lado, a nota comentário relatado expõe o ponto de vista de algum opinante (pessoa ou instituição) sobre determinado fato ou aspecto da realidade, por entrevista ou outros meios. Logo, os movimentos e passos retóricos desses subgêneros espelham tais propósitos comunicativos, dentro da comunidade discursiva jornalística.

Tendo em vista a semelhança funcional e composicional entre as duas notas, reforçamos nossa sugestão classificatória de ambas em um só tipo “opinativo”, razão pela qual nos utilizaremos dessa denominação doravante na descrição e explicaremos os movimentos e passos de ambas as notas de forma condensada em um só tipo, sob o argumento de que todos os movimentos da nota comentário relatado estão contidos na nota comentário.

Muito embora o propósito que se sobressaia neste subgênero não seja o de narrar o fato em si, e sim o de fornecer opiniões sobre ele, advertimos que o referente relativo ao fato principal permanece também como a essência de qualquer nota jornalística opinativa, constituindo-se, portanto, num elemento vital. Entretanto os posicionamentos e comentários constituintes desse tipo de nota em geral também possuem nela uma grande centralidade, visto que pressupõem sempre, em sua essência, um fato, chegando quase a se confundirem, pois o fato que origina os posicionamentos e argumentos tende, muitas vezes, a estar somente em latência no cotexto.

Inicialmente, a descrição do movimento 1 (identificar a nota) não será necessária, porque se trata dos mesmos conceitos dados no item descritivo da nota noticiosa, sendo, portanto, um movimento recorrente em ambos os tipos noticioso e opinativo.

Assim como no movimento 2 da nota noticiosa, o segundo movimento da nota opinativa é sempre imprescindível, pois é a única unidade obrigatória, contendo a essência da nota, com a função de *introduzir comentário*.

Portanto, no que tange a essa estrutura básica considerada como ponto-chave e de total recorrência nas notas analisadas em Figueiredo (2003), as unidades podem apresentar um *opinante* (“Quem opina?”) que emite um ponto de vista relacionado a um *fato* (“O que se comenta?”), cujo comentário pode vir na forma de uma *suposição* ou de um *posicionamento* na nota relatada, comum à nota comentário. Já uma especificidade da nota comentário, segundo a referida autora, são os passos retóricos de *generalização* ou *descrição de um aspecto da realidade*. Porém, no corpo de texto com tal estrutura, não aparece a figura explícita de um opinante, pois este é o próprio repórter.

Em suma, ao condensarmos o movimento 2 das notas comentário e nota comentário relatado, temos os seguintes elementos: além do fato central que discernimos, temos o opinante (no caso de a opinião ser reportada), o posicionamento, a suposição (estes dois últimos comuns às duas notas), a generalização a partir de dados e a descrição de aspecto da realidade (estas duas peculiares às notas comentadas pelo próprio repórter). Outro ponto em comum com os movimentos da nota noticiosa é que tais passos deste movimento

direcionam as escolhas de textualização dos passos no movimento 3, por vários deles serem uma continuidade de 2 (consequentemente, nesse processo há o envolvimento da continuidade referencial). Vejamos, então, como esses passos se caracterizam.

a) Observamos então que *o passo 1* da nota comentário relatado, “*identificar o opinante*”, distingue-se como o momento em que o repórter aponta a pessoa, empresa, instituição, órgão, que emitiu a opinião ou que produziu o raciocínio. Para Figueiredo (2003), a presença deste elemento dá um contorno mais noticioso à nota, algo próximo da função do elemento desencadeador do fato, pois, segundo a autora, pelo modo como a opinião de outrem é relatada, ela se torna quase que um fato narrado. Essa, então, é uma nota que apresenta o opinante:

(69) *Os empresários brasileiros da indústria e do agronegócio estão inquietos com os rumos da integração e querem uma abertura maior nas áreas de comércio e de investimentos. Reclamam que hoje o Mercosul vai bem, ou vai mal, na dependência do que ocorre no setor automotivo. E se queixam, com razão, de que o Bloco não pode se limitar a ser uma base para as montadoras multinacionais operarem.* (...) (FIGUEIREDO, 2003, p. 132)

O opinante acima identificado são os donos de empresas e do agronegócio no Brasil, os quais se agregam aos elementos referenciais que denunciam seu ponto de vista, sendo ligados, pois, à rede do posicionamento sobre o fato, modificando-o por acréscimo: “os rumos da integração” e “uma abertura maior nas áreas de comércio e de investimentos”.

Como vimos, a presença da categoria do opinante não está apenas na nota opinativa, pois, em certos casos, ele se localiza também no *move 3* da nota noticiosa, âmbito favorável à ocorrência de “relatos de posicionamento do opinante” suplementando o conteúdo sumarizado do acontecimento central, conforme já exemplificado no item de descrição da nota noticiosa.

Já os passos relativos ao posicionamento, à suposição, à generalização a partir de dados e à descrição de aspecto da realidade são todos alternativos entre si, mas juntos ao fato central, chegam quase a se confundir com ele frequentemente, devido à sua presença latente no comentário. O *passo 1A* (nota comentário) consiste em “*apresentar posicionamento*” e o *passo 2A* (nota relatada) se dá como o ato de “*relatar posicionamento*”. O posicionamento é apresentado quando o próprio repórter torna expressa seu ponto de vista sobre o fato; enquanto que o posicionamento é relatado quando o repórter apresenta a opinião à qual teve

acesso por entrevista ou outros meios. Sobre essa diferenciação, podemos conferir dois exemplos:

(70) *“O tênis pra mexer em suas regras, é mais lento que o futebol.*

O ano 2000 começa, felizmente, com a extinção do intervalo seguinte ao primeiro game. Nada mais bem-vindo. Aquela primeira pausa é um breve contra a fluência e o prazer do jogo.” (FIGUEIREDO, 2003, p. 129)

(71) *“A professora Maria Celina D’Araújo chama de “espasmo” a rebelião dos militares aposentados contra a demissão do comandante da Aeronáutica Walter Brauer (...)”.*
(idem)

No primeiro dos dois casos, o posicionamento vem do próprio repórter, o qual julga as regras de tênis menos flexíveis com o passar do tempo do que o futebol. Por conta dessa avaliação, entram em jogo duas redes referenciais: a do “tênis” (elemento do fato o qual se discute, que é a mudança das regras do tênis) e a do “futebol” (elemento de comparação ao tênis, portanto um elemento que não faz parte do fato, e sim de um posicionamento sobre ele, conquanto haja uma quase fusão de ambos no subgênero). É a partir destes e de novos elementos a eles somados, junto a outras pistas cotextuais, que a recategorização acerca do tênis será efetuada.

No segundo dos casos, a professora é o opinante a respeito do acontecimento, que consiste na “rebelião dos militares aposentados”, recebendo a recategorização mediante a (re) denominação de “espasmo”, remetendo prospectivamente ao fato e negociando, assim, tal perspectiva de (re)construção desse referente.

b) O passo 1B (*Generalizar a partir de dado(s)*) aparece, na superfície do texto, como uma conclusão mais ou menos geral que o repórter produz a partir dos dados aos quais teve acesso. Veja-se a generalização:

(72) *“Se o time do Corinthians fosse nas águas da imprensa brasileira, poderia ter tido uma surpresa desagradável, na estreia do mundial de clubes. O Raja, de Marrocos, não é nada do que se dizia por aqui. Não é cego de bola, tem um estado físico invejável e é um exemplo de entrega. Menos mal que a equipe”.* (FIGUEIREDO, 2003, p.129)

O trecho destaca a conclusão a que chega o jornalista ao comentar a condição do time do Raja de Marrocos, na estreia do mundial de clubes, com base nos dados apresentados subsequentemente. Para tanto, novos qualificativos são apresentados ao time do Marrocos como elemento do fato “não é nada do que se dizia por aqui”, “não é cego de bola”, “estado físico invejável”, exemplo de entrega”. Portanto, todos esses elementos são projetados em teia referencial para se chegar a essa constatação, corroborando a versão do fato segundo o redator do texto e colaborando com os desígnios retóricos ligados à generalização com base em dados.

c) O passo 1C (*Apresentar suposição (nota comentário)*) diz respeito ao momento do texto em que o repórter apresenta uma conclusão sobre os prováveis desdobramentos do fato. O passo 2B (*relatar suposição (nota comentário relatado)*) se refere ao momento em que o repórter apresenta a suposição de alguém sobre o futuro de algum acontecimento ou processo, como em:

(73) “(...) *E, pelo andar da carruagem, a terceira indicação da maquiadora britânica Tina Barnshaw não demora muito a vir.*

Em O talentoso Mr. Ripley, novo filme de Anthony Minghella, Tina deixou Cate Blanchett e Gwyneth Paltrow com a cara dos anos 50. Para isso, usou e abusou do tom de pele pálida, batonzão vermelho e sobrancelhas definidas”. (FIGUEIREDO, 2003, p.125)

(74) “*Alberto Furuguem, ex-diretor do BC e atualmente consultor econômico da Associação Comercial do Rio, projeta crescimento superior a 10% nas exportações em 1999.*

Furuguem acredita que a balança comercial vai virar o jogo este ano com superávit entre US\$ 5 bilhões.” (idem, p. 132)

No primeiro texto, configura-se a construção do fato em forma de uma suposição feita pelo redator do texto. Dalí separamos duas coisas distintas, porém intrinsecamente unidas no movimento retórico: o fato suposto, já construído como entidade referencial (a terceira indicação da maquiadora britânica Tina Barnshaw) e a suposição sobre ele, em forma de uma entidade em potencial (a terceira indicação da maquiadora britânica não demora muito a vir).

Já no segundo dos casos, a identificação do opinante se faz clara, “Alberto Furuguem, ex-diretor do BC e atualmente consultor econômico da Associação Comercial do

Rio”, sendo ele a trazer a suposição, “projeta crescimento superior a 10% nas exportações em 1999”. Em ambos os casos, a interpretação dos fatos é direcionada pela opinião, seja a do repórter, seja a do opinante.

Nestes casos, indica-se que os fatos ainda não aconteceram, mas apenas se supõe que deverão acontecer. Independentemente de acontecerem ou não, a construção referencial destes supostos fatos, inexoravelmente, ocorre no texto, já que não nos baseamos nas suas condições de verdade objetiva, e sim na (re)construção intercognitiva do referente no discurso.

d) O *passo 1D (descrever aspecto da realidade)* diz respeito ao momento como o repórter descreve, em um sentido declarativo, os fatos da realidade, como, por exemplo, o modo como algo ocorre. Eis o caso exemplificado pela autora:

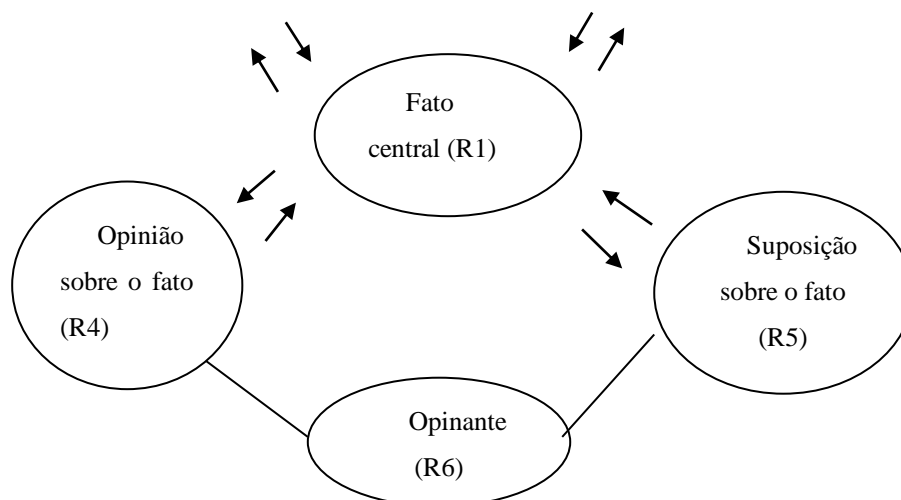
(75) “As festas, o tumulto da virada do século, por tantos desvios, acabei deixando de felicitar o Fluminense pelo título de campeão da Terceira.” (FIGUEIREDO, 2003, p. 130)

Neste exemplo, verificamos que a realidade a ser descrita concerne aos fatos que se seguiram à época da conquista de campeão do Fluminense, na Terceira divisão dos jogos, sendo esses aspectos da realidade os motivos que levaram o jornalista a não cumprimentar o time, e, dentre os elementos presentes em tal descrição, estão “as festas” e “o tumulto da virada do século”, logo recategorizados pela nomeação “tantos desvios”, que convida o público da nota a ressignificá-los dessa maneira, dando-lhe também uma ideia reticente de outros elementos que possam estar aí incluídos nessa categoria de “desvios”. Assim, julgamos que o sentido declarativo ocorre no trecho “as festas, o tumulto da virada do século, por tantos desvios”, por ser meramente uma descrição que constata algo, e não uma narração dos fatos por meio de um ato performativo.

Sintetizamos, então, as possibilidades (não exaustivas) de elementos aptos a constituírem redes referenciais básicas da nota opinativa – integrando-se a estrutura da nota comentada e do comentário relatado - podendo-se constatar a presença alternativa de uns ou de outros nos textos, assim os identificando:

Esquema 12: Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura básica da nota opinativa e as redes referenciais





Fonte: Figueiredo (2003)

Segundo a idealização do modelo original por Figueiredo (2003), a “descrição de aspecto da realidade” (R2), a “generalização” (R3), a “opinião” (R4) e a “suposição”(R5), todas derivadas do fato central comentado (R1), são estruturas alternativas e mutuamente excludentes em um mesmo texto; contudo as representamos todas num único modelo, pela imposição da necessidade de sintetizarmos essas possibilidades³¹. Usamos setas de via dupla a fim de representar a íntima ligação entre o fato central e as redes (R2), (R3), (R4) e (R5), uma vez que estas tendem a se manifestar por conta da pressuposição de um fato ou um processo, a partir do qual se tecem os comentários. Quanto ao opinante, este pode se atrelar à função de opinar, ou à de supor, o que tem se comprovado em nossos dados analisados.

No terceiro movimento da nota, cujo propósito é *fundamentar o comentário* enunciado no *move 2*, encontram-se seis (6) passos, todos alternativos entre si: “*passo 1A- apresentar argumento(s) que sustenta(m) o posicionamento*”, “*passo 1B- apresentar dado(s) que sustenta(m) a generalização*”, “*passo 1C- apresentar dado(s) que sustenta(m) a suposição*”, “*passo 2A- apresentar posicionamento conclusivo*”, “*passo 2B- declarar algo*” e “*passo 2C- apresentar perspectiva de desdobramento do fato*”. Este terceiro movimento é mais facultativo em relação ao segundo, tal como acontece na nota de caráter noticioso. Outro

³¹ Não propusemos aqui nenhum modelo retórico-composicional alternativo ao modelo de Figueiredo (2003), pois a decisão de agregarmos tais subgêneros no que sugerimos denominar de “nota opinativa” não proveio de nenhuma pretensão de providenciar um modelo retórico diferente para a convenção deste subgênero, mas nasceu do resultado da análise das redes referenciais a partir de tais estruturas retórico-composicionais, sob nosso ponto de vista.

ponto a se reforçar é que os passos 1A, 1B e 1C dão, respectivamente, continuidade aos propósitos dos passos 1A, 1B e 1C do segundo movimento, especificando mais o conteúdo deles e lhes acrescentando, em consequência disso, mais informações progressivas ao texto, especialmente aos referentes em rede.

Quanto à estrutura da nota comentário relatado, esta apresenta apenas dois (2) passos, que são bastante aproximados dos da nota comentário, pois a única diferença naquela nota se dá apenas em torno dos propósitos 1A e 1B, que “relatam” argumentos e dados em vez de “apresentá-los”: *passo 1A- relatar argumentos que sustentam o posicionamento*” e “*passo 1B- relatar dados que sustentam a suposição*”. Não obstante, a autora Figueiredo (2003) alega que seu exame da estruturação de tais passos na nota comentário relatado não está bem sedimentado, pois o número de exemplares encontrados desse subgênero foi muito baixo, apenas 4 (quatro), o que fez com que os dados de tal levantamento fossem bastante incipientes, segundo a autora. Ela levanta a possibilidade de que um estudo de *corpus* mais amplo, em outras pesquisas, possa revelar mais pontos em comum entre ambas as notas, como a manifestação da “perspectiva de desdobramento do fato”, o que deveras encontramos em nossos dados. Este, portanto, mostra-se mais um fator favorável à nossa decisão de amalgamar tal estrutura à da nota comentário, dividindo os três tipos de nota apenas entre os padrões noticioso e opinativo, ressaltando-se que ambos são igualmente argumentativos e eivados de conteúdo reflexivo sobre os acontecimentos.

Resumidamente, demonstramos que os passos que se seguem tendem a se unir ao fato central, indicando ao leitor as diversas maneiras pelas quais se discute, comenta ou se posiciona a respeito de tais eventos, gerando redes referenciais relativas aos pontos de vista dos jornalistas e dos indivíduos ou instituições com quem se teve contato:

e) O *passo III-1A (apresentar argumento(s) que sustenta(m) o posicionamento)* diz respeito às razões que o repórter apresenta para dar base à sua opinião. Pelo que vemos, este passo situa-se numa instância próxima ao *passo III-1A* da nota relatada, concernente a *relatar argumento(s) que sustenta(m) o posicionamento*, equivalendo ao momento em que o repórter expõe as razões que sustentam a opinião de alguém. Os trechos abaixo em destaque equivalem aos argumentos que dão continuidade às apreciações dos fatos feitas no segundo movimento retórico seja por atribuição do repórter, seja por atribuição de outras pessoas ou instituições, respectivamente:

(76) “*Até que enfim a Globo escolheu um filmão – E o vento levou – para sua programação de fim de semana. Apesar da dublagem terrível – para não dizer inaudível em alguns momentos -, nada mais apropriado do que ter um momento Scarlet O’Hara na tarde do primeiro sábado do ano*”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 124)

(77) “*(...) Os empresários brasileiros da indústria e do agronegócio estão inquietos com os rumos da integração e querem uma abertura maior nas áreas de comércio e de investimentos. Reclamam que hoje o Mercosul vai bem, ou vai mal, na dependência do que ocorre no setor automotivo. E se queixam, com razão, de que o Bloco não pode se limitar a ser uma base para as montadoras multinacionais operarem.*” (FIGUEIREDO, 2003, p. 132)

f) A mesma equivalência ocorre entre os passos *1C da nota comentário (apresentar dado(s) que sustenta(m) a suposição)*, correspondendo aos dados que o repórter toma como base da previsão expressa no movimento anterior, e o passo *1B da nota comentário relatado (relatar dado(s) que sustenta(m) a suposição)*, respeitante ao momento em que o repórter relata os dados que alguém tomou como base para emitir a sua conclusão sobre algo. Os respectivos casos relacionam-se aos dados relativos às suposições fornecidas em (73) e (74):

(Reiteração do exemplo 73) “*(...) E, pelo andar da carruagem, a terceira indicação da maquiadora britânica Tina Barnshaw não demora muito a vir.*”

Em O talentoso Mr. Ripley, novo filme de Anthony Minghella, Tina deixou Cate Blanchett e Gwyneth Paltrow com a cara dos anos 50. Para isso, usou e abusou do tom de pele pálida, batonzão vermelho e sobrancelhas definidas”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 125)

(Reiteração do exemplo 74) “*Alberto Furuguem, ex-diretor do BC e atualmente consultor econômico da Associação Comercial do Rio, projeta crescimento superior a 10% nas exportações em 1999. Furuguem acredita que a balança comercial vai virar o jogo este ano com superávit entre US\$ 4 bilhões e US\$ 5 bilhões*”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 132)

Uma constatação que fazemos em nossa tese, quanto a estes exemplos da autora, é que tanto na estrutura retórica que apresenta os argumentos que fundamentam as opiniões quanto na estrutura que as relata, há a construção de referentes ligados aos argumentos, o que

ajuda a validar as posições defendidas e, ao mesmo tempo, a efetuar as recategorizações na progressão textual.

As ilustrações que se seguem agora revelam propósitos cumpridos pela própria intenção do repórter, segundo Figueiredo (2003), seja a de *apresentar dados que sustentam a generalização, apresentar posicionamento conclusivo, declarar algo, ou apresentar perspectiva de desdobramento do fato*:

g) *Passo 1B (apresentar dado(s) que sustenta (m) a generalização)*, o qual diz respeito aos dados (numéricos, observados etc.) que o repórter apresenta como base da conclusão que expressou no movimento anterior:

(78) “*Queda*

Tudo leva a crer que, em 1999, houve menos lançamentos imobiliários do que em 98.

Segundo dados da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), em 98, foram lançadas 4.401 unidades residenciais. No ano passado, o número cai para 3.343, até novembro. Em 98, foram lançadas 1.653 unidades comerciais. No ano passado, 835, até novembro.

A Ademi divulga os números totais de 99 até o dia 15”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 129)

h) *Passo 2A (apresentar posicionamento conclusivo)* é o momento em que o repórter apresenta, com outras palavras, um raciocínio antes sinalizado no texto, como em (79):

(79) “*Duplo*

O ex-presidente Figueiredo tinha duas palavras. Na entrevista à revista IstoÉ, diz que o hoje vice-presidente Marco Maciel, embora tomasse as bênçãos de Geisel, era um homem “correto”. Na fita de vídeo publicada pelo JB, desdenha de Maciel. Uma opinião a seco e outra regada a cerveja”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 123)

i) O *passo 2B (declarar algo)* diz respeito ao momento em que o repórter realiza um ato performativo ou seu dizer (de exortação, injunção, etc.) com funções variadas. O exemplo que virá representa a continuidade do trecho de (75):

(Reiteração do exemplo 75) *“As festas, o tumulto da virada do século, por tantos desvios, acabei deixando de felicitar o Fluminense pelo título de campeão da Terceira.*

Palmas pra equipe de comando e, em particular, pra Carlos Alberto Parreira”.

(FIGUEIREDO, 2003, p. 130)

j) O *passo 2C (apresentar perspectiva de desdobramento de fato)* é o momento em que o repórter antecipa algum acontecimento relacionado ao comentário que está tecendo, como no exemplo (78) já exibido:

(Reiteração do exemplo 78)

“Queda

Tudo leva a crer que, em 1999, houve menos lançamentos imobiliários do que em 98.

Segundo dados da Associação de Dirigentes de Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), em 98, foram lançadas 4.401 unidades residenciais. No ano passado, o número cai para 3.343, até novembro. Em 98, foram lançadas 1.653 unidades comerciais. No ano passado, 835, até novembro.

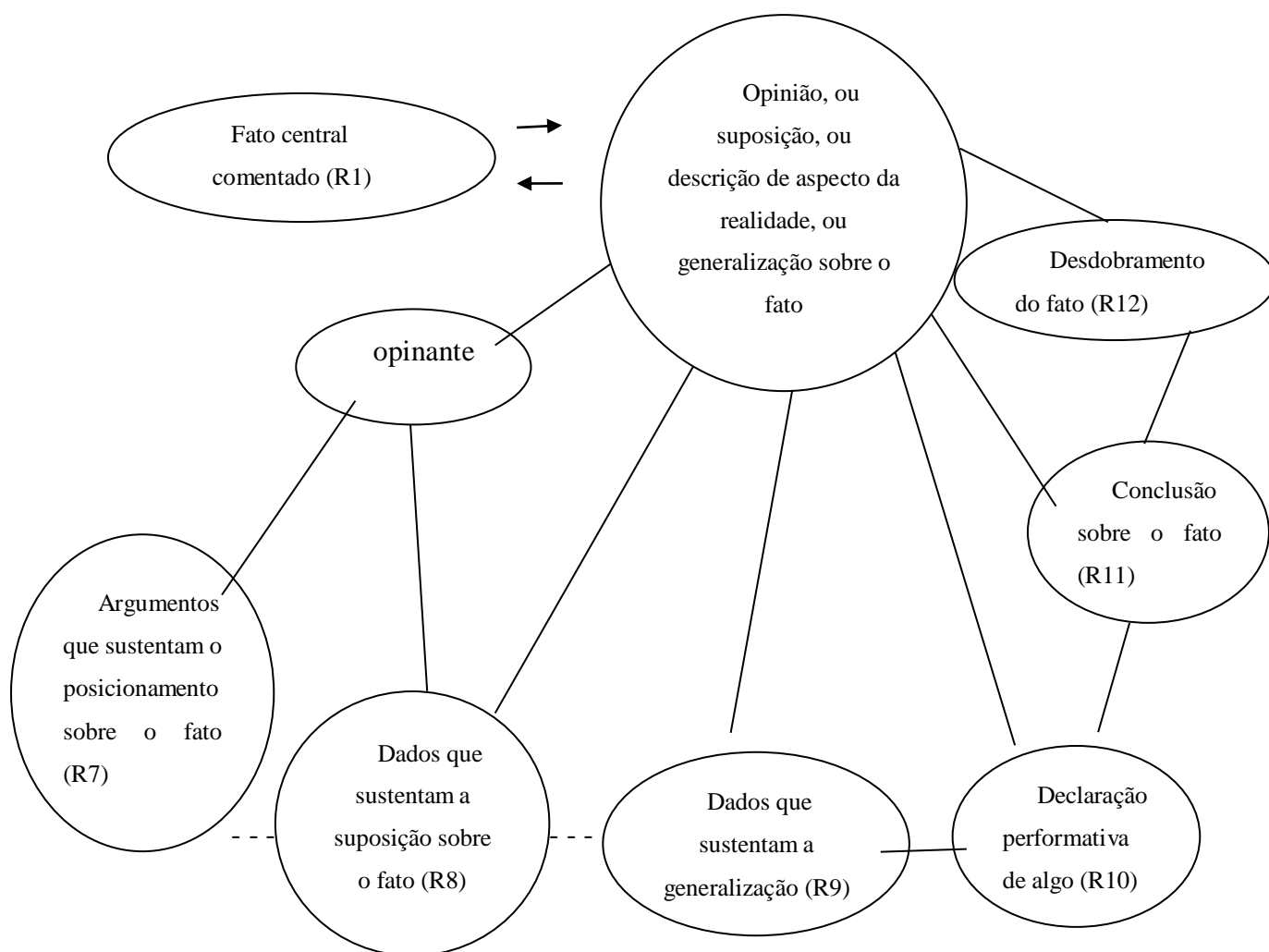
A Ademi divulga os números totais de 99 até o dia 15”. (FIGUEIREDO, 2003, p. 129)

Podemos ver que os trechos sublinhados em cada exemplo apresentam redes de referentes que se incorporam aos padrões retóricos, bem como aos propósitos do produtor do texto, de maneira a cooperar com o fornecimento de dados para as devidas recategorizações referenciais. Havemos de enfatizar, por isso, a importância assumida pelos referentes que se integram entre si para efetuar as recategorizações. Dessarte, enquanto alguns referentes vão surgindo na progressão do texto, outros são retomados, ainda que indiretamente, na sequência do texto, oferecendo-se, com isso, sua continuidade pela interação com os demais referentes.

Tudo isso vem a corroborar, mais uma vez, que a recategorização na leitura não se dá de forma isolada, mas por um conjunto de indícios, dentre os quais os referentes que se completam nos sentidos enunciativos.

No que tange à inclusão de toda a estrutura complementar descrita, finalizamos nosso esquema da seguinte forma sintética:

Esquema 13: Adaptação do modelo de Figueiredo (2003) e relação entre a estrutura complementar da nota opinativa e as redes referenciais



Fonte: Figueiredo (2003)

Neste momento, procuramos sintetizar a nota comentário e a nota comentário relatado em um único modelo, sinalizando o fato central comentado como o fio condutor de redes com as quais mantém uma ligação intrínseca na estrutura básica do subgênero. A esta estrutura são adicionadas as redes peculiares do *movimento retórico 3 (fundamentar*

comentário), a saber: a rede dos “argumentos que sustentam a opinião sobre o fato”, a dos “dados que sustentam a suposição sobre o fato” e a dos “dados que sustentam a generalização”, as quais são três unidades excludentes entre si (aspecto representado pelos pontilhados). Entretanto, cada uma pode surgir num texto, juntamente à rede de “declaração performativa de algo”, e/ou à de “conclusão sobre o fato” e/ou à de “desdobramento do fato”.

Finalizando a descrição, diremos que a análise dos fenômenos nas unidades retóricas dadas em Figueiredo (2003) tende a trazer à tona as diferenças de perspectivas e métodos em relação a nosso estudo. Em nosso caso, mapeamos todos os elementos referenciais, enquanto unidades menores do texto; ao passo que a autora verifica as unidades maiores da estruturação retórico-composicional, deixando, por vezes, de salientar certos pormenores mais sutis do texto.

Com apoio no trabalho de Figueiredo (2003), contemplamos as questões em torno da previsibilidade das funções de certas redes advindas do gênero, envolvendo referentes os quais, mediante a análise retórica da autora, assume-se ou se pressupõe que existam nas notas de jornal. Desta forma, dado o caráter estrutural mais ou menos fixo da nota jornalística, este gênero permite entrever, até certo ponto, as redes referenciais quanto aos elementos dos subgêneros noticioso e opinativo, tendo-se como ponto de origem a rede de sentido mais geral, que é o fato de centralidade noticiado, dele se derivando outras estruturas referenciais, que se desenvolvem desencadeando novos elementos e redes, que vêm a acrescentar dados aos referentes, recategorizando-os de diversas maneiras. Assim, observamos que as diversas informações que cada rede traz aos referentes são capazes de modificá-los ou reconstruí-los discursivamente, nos diferentes contextos, em conformidade com os propósitos retóricos.

5.3 Por fim, que noção pretendemos atribuir às redes referenciais?

É fato que as contribuições dos diversos teóricos, tais como Halliday e Hasan (1976; 1985) trouxeram-nos uma série de esclarecimentos sobre as cadeias, pelo papel coesivo atribuído às referências, dada a natureza lexical dos encadeamentos e de seus modos de associações na costura dos textos, além da devida importância dada por Antunes (1996) às cadeias no aspecto textual da continuidade tópica, bem como a contemplação de aspectos mais cognitivos a partir de Corblin (1995) e de aspectos mais interativos da referência com Roncarati (2010). Sem contarmos ainda a contribuição da noção de espaços anafóricos em Bonomi (1994), que fornece visibilidade às fluidas relações que deslocam as significações a

cada momento, através da acumulação de propriedades e traços dos referentes, em contínua ligação com outros no discurso.

Não obstante tais estudos, buscamos sugerir, ao final de nosso percurso teórico, a noção das redes referenciais com a finalidade de suprir a lacuna existente nos estudos sobre a referência, uma vez que se faz necessária uma proposta alicerçada num construto resultante de fatores sociocognitivo-discursivos, os quais não foram contemplados nem mesmo pelas pesquisas da segunda tendência de referenciação, na qual nos embasamos.

Como resultado de nossa observação, as *redes referenciais* são entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes, os quais mantêm uma diversidade de relações entre si e se adaptam, funcionalmente, aos modos de constituição dos textos. Desta forma, tais redes são formadas por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como *links*, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência. Neste mesmo pensamento, as recategorizações que atuam nessas redes nem sempre são avalizadas por tipos pontuais e restritos a certas unidades linguísticas, mas também por uma infinidade de indícios contextuais, resultantes de uma visão sociocognitiva sobre os processos de referência.

Assim, preferimos chamar as “cadeias” de “redes referenciais” - como metáfora de produtiva utilização nas Ciências Humanas - porque julgamos que tanto a denominação quanto a noção conceitual de cadeias se vincula, não raro, a visões mais restritas do fenômeno. Com essa sugestão de nomenclatura, ou seja, quando afirmamos que os referentes se organizam em *redes*, é porque almejamos enfatizar mais propriamente a ideia de relacionamentos entre os referentes do que os aparelhamentos léxico-semânticos e formais que podem ser apontados a partir do fenômeno.

Em razão do que teoricamente aventamos até aqui, convém sintetizar algumas características que desejamos abarcar na noção de redes, diferentemente das cadeias de referentes, o que se define pelos pressupostos defendidos e por nossas contribuições analíticas:

✓ no plano do cotexto, as construções das redes de referentes não decorrem somente da edificação das unidades lexicais que os designam, mas também se constituem de diversas pistas deixadas, competentemente, pelo produtor do texto, chegando a dispensar, em frequentes casos, a explicitação da própria nomeação das entidades sob uma superfície textual em linearidade;

✓ sugerimos que as redes possam ser divisadas sob o parâmetro funcional na composição das unidades retóricas do gênero, em moldagem a ele;

✓ as relações entre os referentes não são apenas léxico-semânticas, mas podem ser diversas, sobretudo, sociocognitivo-discursivas, de modo que, nestas duas últimas, situa-se a essência de nossa abordagem evolutiva do referente. Por esse motivo, não privilegamos somente as ligações semânticas ou gramaticais, embora elas façam parte de nossa análise, sendo também fatores responsáveis pelas interconexões que fazemos entre os objetos no discurso;

✓ ao contrário das outras propostas vistas sobre cadeias, as redes de referentes não devem ser tratadas isoladamente no texto, visto termos percebido que elas tendem a interagir discursivamente, entre si, na construção e manutenção da coerência e do gênero, mesmo que tais relações pareçam não ser todas iguais entre si.

No capítulo que virá, detalharemos esta discussão, com a apresentação de nossa análise de dados, que tem o objetivo geral de propor a visão sociocognitivo-discursiva de redes referenciais, que abrangem os pressupostos assentados nos capítulos teóricos.

6 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Caracterização da pesquisa

Buscamos desenvolver uma pesquisa de cunho descritivo, porque nos empenhamos em propor a noção de redes referenciais, a partir de uma observação do comportamento dos referentes textuais, sob o viés sociocognitivo-discursivo. Deste modo, tencionamos delinear os fatos de referenciação e, assim, ressaltamos a relevância de um estudo descritivo sobre tais fatos, uma vez que a amplitude de uma pesquisa desta natureza, conforme se constata em Oliveira (2007, p.68), permite explicar a relação entre as possíveis variáveis, “fundamentando com precisão os pressupostos ou hipóteses do objeto de estudo”, dentre outras características desse tipo de pesquisa.

Da mesma forma, identificamos o caráter exploratório de nosso estudo, o qual se justifica em Moreira e Caleffe (2008), pois estes autores conceituam que este tipo de pesquisa resulta no desenvolvimento, no esclarecimento ou na modificação de conceitos e no estabelecimento de prioridades para o futuro das pesquisas sobre determinado fenômeno, o qual ainda se revela pouco conhecido ou estudado. O estudo das cadeias referenciais, conforme já debatido nos capítulos iniciais da tese, é algo pouco elucidado, especialmente na perspectiva da referenciação. Já as escassas pesquisas que se detiveram sobre o assunto carecem de uma abordagem aprofundada acerca de aspectos sociocognitivo-discursivos operantes no entrelaçamento dos objetos de discurso; inclusive reivindicamos a abordagem desses processos na confecção do próprio gênero textual em que atuam, algo que não foi satisfatoriamente realizado pelos estudos sobre a referência.

Quanto à abordagem da pesquisa, esta é caracterizada como eminentemente qualitativa e, quanto ao método utilizado, ela aplica o levantamento de dados documentais. Nosso modelo operativo da pesquisa baseado em análise documental assim se identifica, conforme conceituado em Oliveira (2007), pelo fato de lançar mão de materiais chamados de *fontes primárias*, já que ainda não receberam tratamento analítico, por exemplo: cartas pessoais, diários, jornais, fotografias, ofícios, documentos cartoriais, etc... Os textos por nós examinados serão descritos logo mais.

6.2 Bases metodológicas da pesquisa

O presente trabalho tem como objetivo geral propor uma análise em favor da noção sociocognitivo-discursiva de redes referenciais, atendendo aos parâmetros do gênero textual e à construção das recategorizações. Seus objetivos específicos são:

a. Propor parâmetros a partir do gênero textual que evidenciem o funcionamento das redes referenciais na construção dos sentidos de notas jornalísticas;

b. Analisar o modo como as relações entre os referentes nas redes intervêm na construção das recategorizações nos subgêneros da nota jornalística.

Há, pois, uma questão central na pesquisa: a partir de que parâmetros podemos propor uma análise sociocognitivo-discursiva das redes em prol do gênero e das recategorizações aplicados à nota jornalística?

Desta pergunta, decorrem as seguintes subquestões:

a) Que regularidades podem ser apontadas na relação entre as características do gênero nota jornalística e as possibilidades de redes referenciais?

b) Como as redes referenciais elaboram os modos de apresentação, manutenção e progressão de referentes peculiarmente construídos nas relações entre os referentes que compõem as redes do gênero nota jornalística?

Em função desses objetivos e problemáticas de pesquisa, elaboramos nossa metodologia e análise de dados a serem descritas a seguir.

6.3 Delimitação do universo

6.3.1 A construção do *corpus*

Pretendemos delimitar o universo da amostra em função do objeto estudado no gênero nota jornalística, caracterizada como pequena notícia destinada à informação rápida. O gênero, anteriormente estudado por Figueiredo (2003) e Figueiredo e Bonini (2007), foi subdividida em três subgêneros: nota noticiosa, nota comentário e nota comentário relatado, embora a autora tenha admitido a necessidade de maiores pesquisas com relação a este último tipo, devido à pouca recorrência dele em sua amostra. Sob tal aspecto, acreditamos ter

ampliado os limites de tal pesquisa, na medida em que analisamos um maior número de ocorrências enquadradas por Figueiredo (2003) como “comentário relatado”, bem como constituímos nossa amostra baseada em vários jornais e revistas *on-line* (os quais serão identificados mais adiante), e não somente em um jornal (a autora analisou somente o “Jornal do Brasil”).

Porém, não podemos perder de vista a nossa consideração dos três subgêneros acima como apenas dois (2), a saber: a do tipo *noticiosa* e a *opinativa*, devido ao fato de a nota comentário e a nota comentário relatado serem ambas de natureza argumentativa, diferindo pouco entre si, em termos de estrutura e função.

A quantidade da amostra é de 20 exemplares do subgênero noticioso e 20 exemplares do subgênero opinativo, resultando, pois, num *corpus* de 40 (quarenta) notas jornalísticas. Os exemplares do gênero em geral foram retirados de *blogs* de jornalistas e de jornais e revistas *on-line* da imprensa local e nacional, de modo que ambos os gêneros da Internet fazem parte de arquivos de circulação pública. Os *blogs* foram *É Hora de Esporte* e *Blog Do jornalista*, e os jornais ou revistas *on-line* foram os seguintes: *Diário do Nordeste*, *Portal Isto É*, *O Estadão*, *Portal O Globo*, *Portal Veja.com*, *Estadão Alagoas*, *Jornal do Brasil*, *Portal Isto É Dinheiro*, *A Gazeta do Acre*, *Folha.uol.com*, *Montes Claros*, *Jornal O Dia*, *Tribuna do Norte* e *O Povo*. Procuramos então analisar textos que abordassem os conteúdos mais diversos, entre os quais foram temas de economia, política, esporte, cultura, fatos do cotidiano e até sobre artistas e celebridades da mídia. As notas coletadas compreenderam os períodos entre 2009 e 2017.

A escolha metodológica dos gêneros a se desvelar se pautou por três motivos. O primeiro é a característica relativamente estável da nota jornalística. Assim, este traço do gênero poderia refletir-se na sistematização de possíveis modelos de redes referenciais em alguma medida.

O segundo motivo, derivado do primeiro, é que, apesar desse caráter mais ou menos fixo da nota, esse gênero se divide em subgêneros, com suas respectivas estruturas e funções, o que talvez, segundo pensamos, facilitaria o desvendamento de diferentes padrões do fenômeno em questão.

O terceiro motivo por que optamos pelos designados subgêneros se deve ao seu tipo de extensão textual relativamente curta. Este fator viabiliza acompanharmos, com maior desenvoltura, o desdobramento das redes referenciais. A propósito, a dificuldade operacional em razão do mapeamento de redes é algo comentado por Roncarati (2010), ao falar das

distribuições de cadeias extremamente densas, ao se abrangerem diversos gêneros de maiores extensões (conversações, contos extensos, dentre outros). A autora, assim, admite a crescente complexidade de se explorarem textos com expansões de cadeias ainda maiores, “cujo fluxograma exigiria ser editorado com muitas dobraduras” (RONCARATI, 2010, p. 135), tornando-se uma tarefa arduamente desafiadora ao pesquisador. Tal asserção, sem dúvida, exerceu influência sobre nossa seleção do *corpus*, cuja densidade acabou por se corroborar em nosso contato com os dados.

6.4 Critérios de análise

Inicialmente, frisamos que nosso exame das redes resulta da adoção da dimensão analítica funcional, visto que partimos da ideia daquilo que as redes podem representar no gênero e dos modos pelos quais elas podem se desenvolver diante dessa prática discursiva. Logo, seguimos o critério *funcional*, mediante o qual estabelecemos relações entre os referentes em redes e os diferentes papéis que podem desempenhar na estrutura composicional dos subgêneros da nota jornalística e nas recategorizações nesses tipos de textos.

Em vista disso, analisamos como os referentes entrelaçados – fenômeno que se dá por uma diversidade de razões, dentre elas as sociocognitivo-discursivas – poderiam ser alocados em uma mesma rede, ou em redes distintas, vindo a desempenhar possíveis funções na estrutura retórica do gênero, distinguindo-se umas redes das outras, em virtude dessas funções. Por exemplo, as prováveis redes ocupariam funções como a do elemento desencadeador do fato, a do elemento que situa o fato, a do fato central, a do fato relacionado, a do opinante, a do posicionamento defendido pelo opinante, dentre outras, harmonizando-se entre si, na edificação dos textos e possuindo peculiaridades funcionais a depender dos propósitos sociocomunicativos e padrões retórico-composicionais desses subgêneros.

Pelo mesmo critério nos pautamos para observar os modos pelos quais a apresentação, manutenção (continuidade) e conseqüente progressão (recategorização) de um referente se estabelecem, permitindo o engendramento de referentes em redes de relações. Desta maneira, planejamos observar que acréscimos de sentidos são provocados e em que direção ocorrem quando, por exemplo, a informação de um elemento temporal, espacial ou de modo se entrecruza com os dados sobre o elemento de relevância do fato. Tencionamos, com isso, chegar a constatações acerca de como os objetos de discurso unidos em rede intervêm

sobre os modos pelos quais um referente aparece, bem como sobre suas transformações, avaliando-se como tais entrelaçamentos de referentes ajudam a construir determinados tipos de trajetos evolutivos, na condição de retomadas recategorizadoras, revelando-se estas como processos funcionais, segundo Cavalcante e Brito (2016).

6.5 Procedimentos metodológicos

Para o alcance do objetivo de se propor parâmetros a partir do gênero textual que evidenciem o funcionamento das redes referenciais na construção dos sentidos, em notas jornalísticas, realizamos os seguintes procedimentos metodológicos em sequência:

- a) Adaptação do modelo retórico e associação entre elementos dos subgêneros da nota noticiosa e opinativa e as possíveis redes referenciais

Dado o caráter exploratório da pesquisa em torno de uma nova noção de redes referenciais, tornou-se imperativo buscarmos parâmetros de análise desse fenômeno. Sob essa atitude, partimos de nossa adaptação do modelo de Figueiredo (2003), que descreve a organização composicional dos subgêneros da nota jornalística sob a orientação do modelo CARS de Swales (1990), conforme discutido teoricamente no capítulo anterior. Com base nisso, procuramos, preliminarmente, identificar certos elementos das estruturas básicas e complementares de ambas as notas noticiosa e opinativa, aos quais os objetos de discurso pudessem corresponder de modo regular, formando redes de natureza referencial.

O modelo retórico de Figueiredo (2003) nos revela que o “fato central” é o único elemento indispensável da nota, levando-nos a entender que todos os seus componentes se organizam todos em torno de um acontecimento tomado como ponto de partida. Com isso, estabelecemos essa relação entre a rede do fato central e as demais redes, de acordo com nossa análise prévia das redes, nas estruturas dos dois subgêneros.

No que concerne à adaptação dos esquemas de Figueiredo (2003) sobre a nota comentário e a nota comentário relatado, condensamo-las em um único tipo e lhe atribuímos o nome de *opinativas*. Essa tomada de atitude partiu de nossa verificação dos padrões retóricos e das funções bastante aproximadas entre os dois tipos, o que não pareceu conduzir a um problema metodológico na junção de ambos os subgêneros em um só.

- b) Mapeamento dos referentes nos textos e distribuição das redes segundo os elementos retóricos

Passamos aqui ao mapeamento de todos os referentes construídos em cada exemplar de rede jornalística, não só dos que se erigiram no plano do cotexto, mas também de todos aqueles que, na interpretação, são reconstituídos de modo implícito, dadas as pistas de construção desses referentes. Uma vez identificados, a abreviatura R seguida de uma numeração foi uma forma de identificar cada rede com seus elementos, com a ressalva de que cada rede recebeu sua numeração conforme a sequência em que foi sendo identificada na continuação do texto, de acordo com o papel que desempenha dentro da construção retórica de cada subgênero.

Passemos agora à próxima etapa metodológica respeitante ao segundo objetivo deste trabalho. Para analisar o modo como as relações entre referentes intervêm na construção das recategorizações nos subgêneros da nota jornalística, executamos os procedimentos a seguir.

- c) Observação das relações entre o referente da rede investigada e os demais referentes e rastreamento de seus percursos evolutivos

Delimitamos um referente de relevância central em cada nota analisada, de modo que o referente fosse continuado direta ou indiretamente no texto, de modo a contrair prováveis relações com outros referentes apresentados em rede, durante a progressão textual. Para tanto, verificamos como os referentes, em correspondência com os elementos dos subgêneros da nota, distribuíram-se interagindo com o referente em proeminência, dentro de cada movimento retórico, observando-se, conseqüentemente, as possibilidades de interveniência dessa tessitura na mudança de sentidos com relação ao referente da rede investigada.

Nessa operação, averiguamos os tipos de trajetos evolutivos do referente da rede escolhida para investigação em sua relação com os demais referentes, em cada movimento retórico, de modo a confirmar ou não as inferências anteriores sobre ele no texto. Assim sendo, buscamos rastrear em que direção ocorrem os possíveis padrões de percurso das redes de elementos na promoção de sua apresentação e continuidade (manutenção e conseqüente

progressão ou recategorização), norteando-nos pela classificação taxionômica de CUSTÓDIO FILHO (2011).

6.6 Análise dos dados

Aplicando os procedimentos metodológicos descritos, descrevemos a análise dos dados em cinco itens, dividindo os textos em blocos: a *análise retórica*, em que discernimos a unidade retórica e seu(s) passo(s) correspondentes no texto; as *redes referenciais no movimento retórico*, no qual sugerimos algumas relações de regularidade entre os movimentos e passos retóricos e as tipificações de redes referenciais que deles decorrem como seu parâmetro; os *processos sociocognitivos de referenciação no move*, item em que identificamos os processos estratégicos reveladores das (re)construções dos referentes nas redes, seja direta, seja indiretamente; a *descrição das relações entre os referentes*, item no qual tomamos dada entidade textual para análise, cuja continuidade ou retomada recategorizadora tende a ser influenciada ao entrar em relação com os demais referentes no texto; e, por fim, os modos de *apresentação e de continuidade do referente*, que revelam quais percursos evolutivos do referente analisado foram traçados pelas relações entre as redes. Será mostrada a análise do subgênero noticioso, em seguida a do subgênero opinativo, com suas devidas considerações analíticas. Já nos próximos itens, trataremos a respeito de algumas constatações sobre os modos de (re)construção implícita dos referentes, sobre as variações de elementos dos subgêneros, sobre certas intervenções das relações entre os referentes nas recategorizações avaliativas, e, ainda, sobre mais possibilidades de recategorizações que conjecturamos com base em nossa análise.

6.6.1 As redes referenciais: um caso prototípico de elementos básicos da nota noticiosa

Veremos como os resultados de nossa análise reforçam nossas convicções acerca do caráter de extrema dinamicidade dos processos referenciais, os quais podem estabelecer uma complexa rede de vínculos e, com isso, conferir múltiplos sentidos ao texto, de modo estratégico, efetuando a continuidade e a progressão textual e referencial. Tomemos o texto (80) como primeiro exemplo, o qual apresenta quase todos os elementos básicos aproximados do lide (*lead*) de uma notícia. Em seguida, analisaremos segundo os itens que elencamos:

a) Análise da nota (80)

(80) *Ex-ginasta comentará Olimpíada na TV paga*



Laís comentará Olimpíada

Por Thiago Prado

A SporTV acaba de fechar a contratação da ex-ginasta Laís Souza para comentar a Olimpíada e os Jogos Paralímpicos em agosto. Laís tornou-se tetraplégica em 2014, após um grave acidente enquanto se preparava para uma prova de esqui aéreo.

(Por: Da redação Veja.com, 14/04/2016)

- Move 1: Análise retórica: **Identificar a nota**

(Passo 2B: Identificar aspecto mais saliente) Ex-ginasta comentará Olimpíada na TV paga

(Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico) Foto (da ex-ginasta)

(Passo 2B: Identificar aspecto mais saliente) Laís comentará Olimpíada

- Redes referenciais no *move* 1

R1 (FATO CENTRAL): A contratação de Laís (implícita no verbo “comentará”)

R2 (ELEMENTO AFETADO PELO FATO): Ex-ginasta

R3 (ELEMENTO LIGADO À CAUSA/MOTIVO DO FATO): Olimpíada

R4 (ELEMENTO DESENCADEADOR DO FATO): a TV paga

R2 (ELEMENTO AFETADO PELO FATO): Laís

- Processos sociocognitivos de referenciação no *move* 1

Introdução referencial implícita da “contratação de Laís” por meio da oração (Laís comentará Olimpíada na TV paga) (R1)

Introdução referencial de “Ex-ginasta” (R2)

Anáfora indireta de “ex-ginasta”: Olimpíada (R3)

Introdução referencial de “a TV paga” (R4)

Foto de Laís (R2)

Anáfora direta de “ex-ginasta”: Laís (R2)

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Laís”

Neste momento inicial, já se expressam de antemão indícios da provável relevância tópica do referente por nós escolhido para análise. Primeiramente, no passo retórico de identificação de aspecto mais saliente da nota, através da categorização “Ex-ginasta” e mediante os traços verbais e imagéticos (muito embora não nos ocupemos de modo teórico, nem analítico das semioses visuais, não poderemos aqui ignorar seu papel na construção verbal do referente), uma vez que se pode contemplar a focalização de sua imagem sentada em algo que sugere uma cadeira de rodas, no passo retórico de ilustração da nota com fotografia. Além disso, a introdução das redes de elementos sobre o fato, “Olimpíada” e “TV paga”, aliadas à ação de comentar”, ajudam a acrescentar ideias sobre Laís, funcionando como elementos preditivos do fato, por não estarem ainda suficientemente retratados no título, o que ocorrerá devidamente no corpo do texto, definindo-se melhor suas funções pelo que virá no texto depois. Deste modo, a rede do fato central (R1) em que ela se insere, “a contratação de Laís”, já começa a ser delineada neste momento do texto, gerando os demais elementos ao modo do lide (*lead*) da notícia.

- Modo de apresentação e modos de continuidade de “Laís” no move 1

O título sintetiza os elementos do fato que envolvem Laís. Neste movimento retórico, consideramos que houve a apresentação (introdução referencial) de Laís por meio de uma qualificação “ex-ginasta”, acompanhada de uma ação “comentará a Olimpíada na TV paga” e sua continuidade (retomada recategorizadora) por acréscimo de informações, na medida em que ela recebe uma nova denominação por nome próprio “Laís”, além de ter sua fotografia veiculada, independente de qual tenha sido a ordem informacional captada pelo leitor visualmente (se foi primeiro a foto, o título, ou o resumo abaixo da foto).

- Move 2: Análise retórica: Sumarizar a nota

(Passo 2A: Citar o desencadeador do fato) A SporTV

(Passo 1: Citar o fato) acaba de fechar a contratação

(Passo 2B: Citar o elemento afetado pelo fato) da ex-ginasta Laís Souza

(Passo 2D: Citar a causa/motivo do fato) para comentar a Olimpíada e os Jogos Paraolímpicos

(Passo 2C: Situar o fato) em agosto.

- Redes referenciais no movimento retórico 2

<p>R4 (ELEMENTO DESENCADEADOR DO FATO CENTRAL): A SporTV</p> <p>R1 (FATO CENTRAL): a contratação da ex-ginasta, Laís Souza</p> <p>R2 (ELEMENTO AFETADO PELO FATO CENTRAL): a ex-ginasta Laís Souza</p> <p>R3 (CAUSA DO FATO CENTRAL): os jogos Olímpicos e os Paralímpicos</p> <p>R5 (ELEMENTO TEMPORAL LIGADO AO FATO): (o mês de) agosto</p>
--

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 2

Anáfora direta de Laís: “a ex-ginasta Laís Souza” (R2)

Anáfora direta da TV paga: A SporTV (R4)

Anáfora indireta de Laís: “a contratação da ex-ginasta Laís Souza” (R1)

Anáfora indireta de “a ex-ginasta”: os jogos Olímpicos e os Paralímpicos (R3)

Anáfora indireta de “contratação”: (o mês de) agosto (R5)³²

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Laís”

O *move* 2 exibe as informações mais gerais do acontecimento de centralidade na nota, ao passo que vai apontando, pouco a pouco, as categorias de referentes introduzidas no título da nota, como “a SporTV” (R4), anáfora que identifica de que canal de TV paga se trata no título. Já o encapsulamento do fato, “a contratação da ex-ginasta Laís Souza” (R1), remetendo ao anúncio do título, é o que define que a ex-ginasta (R2) comentará os jogos, porque a “SporTV” é sua contratante, o que exerce uma ação sobre Laís, correspondendo, então, ao componente chamado de “elemento desencadeador do fato” (R4). Em consequência, “Laís” será entendida como o elemento afetado pelo fato (R2) e “os jogos Olímpicos e os Paralímpicos” (R3) se definem como elementos ligados à causa/motivo do fato, isto é, da contratação da comentarista. O mês de agosto (R5), por sua vez, é o referente temporal de contextualização do fato, a indicar quando os jogos acontecerão. Em virtude da atuação em presença de quase todos os elementos do lide (*lead*) de uma notícia, (com exceção do desdobramento do fato), dizemos que se trata de um caso mais prototípico da estrutura elementar noticiosa.

- Modos de continuidade de Laís no movimento retórico 2

Aqui os elementos do fato que envolve Laís são apresentados com um pouco mais de detalhes, o que leva a afetá-la indiretamente no texto. Portanto, observamos a influência de “a SporTV”, “os Jogos Olímpicos e os Paralímpicos”, “(o mês de) agosto” para detalhar mais o fato encapsulado como “a contratação da ex-ginasta Laís Souza”, o que auxilia na recategorização por confirmação, ainda que indireta, do referente “Laís” adotado para análise, uma vez que retrata sua contratação para ser comentarista dos jogos. Da mesma maneira, a recategorização de Laís se dá por acréscimo: A ex-ginasta Laís Souza comentarista, na SporTV, das Olimpíadas e Paralimpíadas em agosto.

³² Conforme já mencionado nesta tese, a problemática da anáfora nos trouxe indagações quanto ao fato de o conceito de anáforas indiretas não abarcar, ou não contemplar todos os casos de ancoragem entre os referentes, da maneira como aqui abordamos; entretanto tais relações se comprovam. É o caso, por exemplo, da relação discursiva entre “contratação” e “(o mês de) agosto”.

- *Move 3 - Análise retórica (Agregar informações complementares)*

(Passo 1C – descrever componente do fato) Laís tornou-se tetraplégica em 2014, após um grave acidente enquanto se preparava para uma prova de esqui aéreo.

- Redes referenciais no movimento retórico 3

R2 (ELEMENTO AFETADO PELO FATO) – Laís

R6 (DESCRIÇÃO DE COMPONENTE DO FATO) – O acidente de Laís que a deixou tetraplégica

R7 (ELEMENTO TEMPORAL LIGADO À DESCRIÇÃO DE COMPONENTE DO FATO) - (O ano de) 2014

R8 (ELEMENTO LIGADO À DESCRIÇÃO DO COMPONENTE DO FATO) – Um grave acidente

R8 (ELEMENTO LIGADO À DESCRIÇÃO DO COMPONENTE DO FATO) – uma prova de esqui aéreo

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 3

Anáfora direta de Laís: Laís (R2)

Predicação de Laís: tetraplégica (R2)

Anáfora indireta do fato descrito (Laís tornou-se tetraplégica): (o ano de) 2014 (R7)

Anáfora indireta de Laís e do fato: um grave acidente (R8)³³

Anáfora indireta de Laís e do fato “um grave acidente”: uma prova de esqui aéreo (R8)

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Laís”

³³ Mais uma vez, diante de associações como a contraída entre o nome próprio “Laís” e “um grave acidente”, conjecturamos se é possível se falar de relações entre os referentes que extrapolem o campo das anáforas, as quais não parecem contemplar tais casos na literatura sobre o assunto.

Neste momento, o foco se centraliza em uma nova estrutura retórica com base no fato central (R1), emergindo disso uma nova rede referencial (R6) com dois nódulos de elementos (R7) e (R8) que descrevem o motivo pelo qual a ex-ginasta se tornou tetraplégica, afetando mais uma vez seus sentidos. Pela condução das redes referenciais, pode-se perceber que a mudança referencial de Laís aqui se deve, principalmente, a um deslocamento súbito da abordagem do fato central da contratação de Laís Souza para um subtópico sobre o componente do fato (R6), que, neste caso, destina-se a uma descrição sobre Laís, levando-se o leitor a entender por que ela é uma “ex-ginasta”. “Um grave acidente”, ocorrido no período de “2014”, na preparação para “uma prova de esqui aéreo”, resume o acidente que a deixou “tetraplégica”.

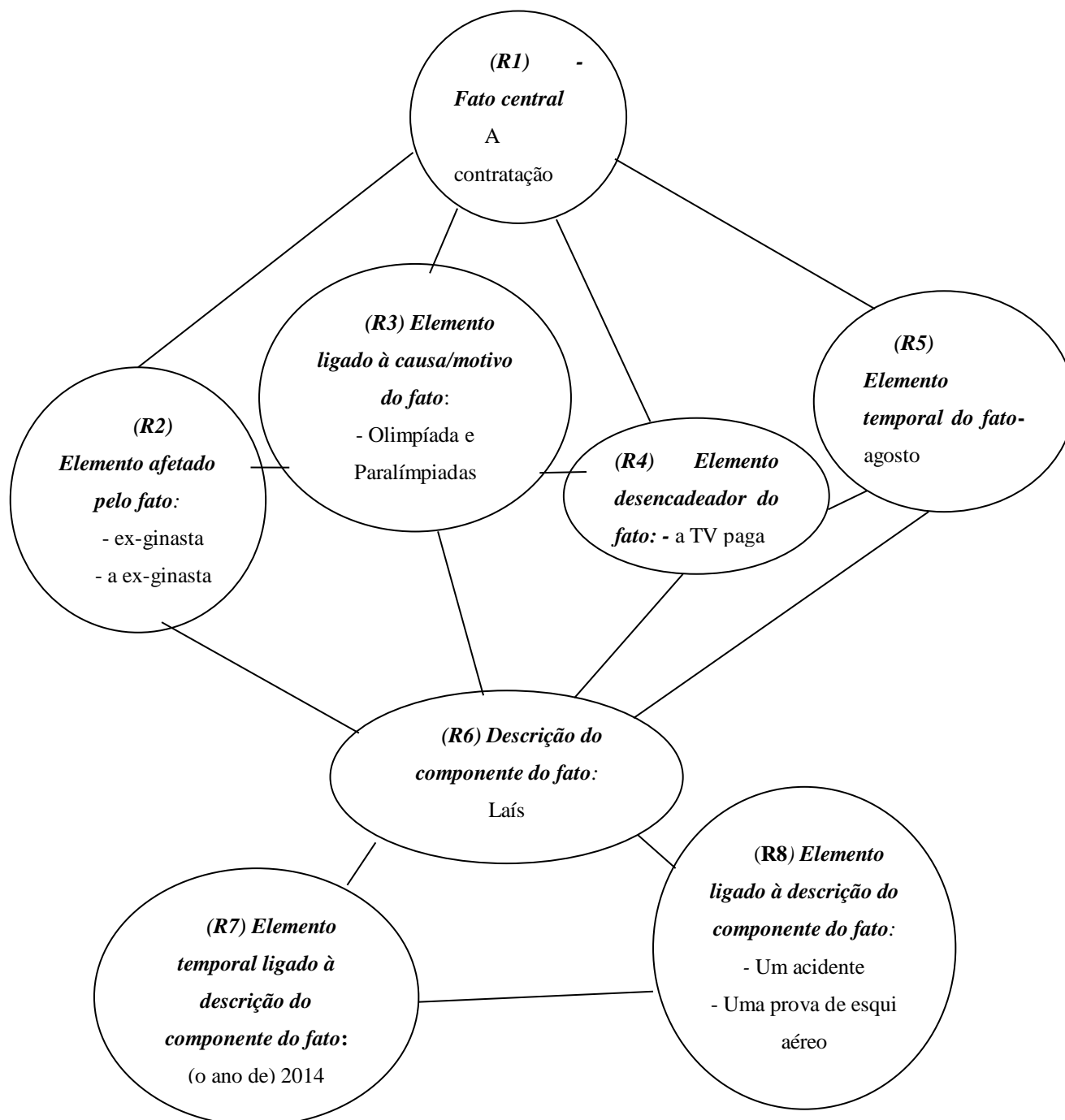
Ademais, os elementos temporais não referenciais, “após” e “enquanto”, aliados aos referenciais, dão a indicação de que se trata do contexto narrativo que descreve o componente do fato. Recordemos que a descrição de componente do fato é tida pelos autores da organização retórica da nota como a explanação de um aspecto não diretamente relacionado à rede de ações do fato central (FIGUEIREDO, 2003; FIGUEIREDO E BONINI, 2007); daí a ruptura do tópico discursivo anterior, a “contratação de Laís Souza pela SporTV”, em direção a um tópico diferente abordando “o acidente de Laís que a deixou tetraplégica”. Por isso, o elemento afetado pelo fato (R2), que é Laís Souza, é retomado, associando-se à sua descrição como componente do fato (R6), estrutura a qual abarca novas redes de elementos (R7) e (R8), auxiliadoras de sua (re)construção. Assim, verificamos a tendência de todos os nódulos referenciais interligarem-se entre si e ao fato central no contexto discursivo, de uma maneira ou de outra.

- Modos de continuidade de Laís no movimento retórico 3

Os elementos sobre o acidente ocasionam novas informações sobre “Laís”, pois, além de fornecerem alguns detalhes do acidente, ainda acrescentam qual era a modalidade esportiva praticada pela atleta na circunstância desse acidente; por outro lado, sua qualificação como “tetraplégica” acaba por redundar na confirmação da informação visual veiculada na fotografia de Laís sentada em uma cadeira de rodas, no *move* 1 da nota. Por conseguinte, as recategorizações de Laís são por confirmação: “Laís - tetraplégica” e por acréscimo de dados sobre ela: “Laís sofreu grave acidente”.

Para avaliar como as redes se constroem como componentes do gênero, vejamos o esquema 14:

Esquema 14: As redes referenciais no subgênero noticioso (nota 80)



Fonte: Nota extraída de nosso *corpus*

Uma vez que sua numeração é identificada no texto pela ordem em que aparece, a rede do fato (R1), referente ao fato da “contratação” - começando a ser delineada já no anúncio do *move* 1 – assume também o posto de “rede-chefe” das demais redes referenciais em termos de gancho interpretativo, no plano subjacente da constituição do gênero. As teias referenciais R2, R3, R4 e R5 ligam-se mais diretamente ao fato central por serem componentes básicos, próximos do *lide* da nota; ao passo que a descrição do componente do fato (R6), mais abaixo no esquema, apesar de se associar mais indiretamente ao acontecimento central, não se separa dele de todo, pois passa a remodelar as características de Laís, tomando-se por base esse fato. Pode-se dizer que as escolhas dos referentes ligados a Laís, além de se amoldar às intenções do produtor do texto, refletem também os propósitos das unidades retóricas do gênero, de certa forma. Por exemplo, as aparições dos referentes “o acidente” e “uma prova de esqui aéreo”, ligados a Laís, condizem com o projeto de dizer argumentativo do jornalista, bem como convergem para o objetivo de descrição do componente Laís, alterando seus sentidos amiúde no texto, à proporção que vão sendo inseridas enunciativamente.

Com esta esquematização das redes, o que propomos é a busca da visualização de cada teia referencial em adequação à estrutura do subgênero. Contudo, não nos cabe dizer que as redes se constroem, em termos de processamento do texto, tal como o percurso acima projetado, mesmo porque defendemos que as (re)construções dos referentes compreendem trajetos multilineares, que dependem de vários fatores, inclusive os de nível idiossincrático, conforme se alerta em Custódio Filho (2011). Também corrobora com isso a afirmação de Roncarati (2010) de que a “fabricação” das redes diz respeito às construções sociocognitivas do próprio interlocutor, em sua leitura pessoal. Portanto, se assim o fazemos, é por julgarmos quase inevitável a tentativa de representações visuais ao serem tomadas as redes de referência como objeto de estudo - o que não significa, de forma alguma, que queiramos “engessar” as idas e vindas não lineares das ancoragens anafóricas dos textos elaborados em suas efetivas realizações.

6.6.2 Quando o elemento espacial é o próprio elemento afetado pelo fato na nota noticiosa: um indicativo de variação

Passemos a outro exemplo de nota noticiosa:

b) Análise da nota (81)

(81) A COPA É NOSSA

E finalmente saiu o anúncio. Fortaleza é uma das 12 cidades brasileiras que terão a honra e o prazer de sediar a Copa do Mundo de 2014 no Brasil. As outras 11 escolhidas foram Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Cuiabá/MT, Curitiba/PR, Manaus/AM, Natal/RN, Porto Alegre/SC, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP.

Agora, um lembrete: as subsedes ainda podem ser alteradas se não cumprirem com o planejamento da Fifa. Quem não respeitar o que foi entregue no caderno de encargos pode sair. (Diário do Nordeste, 01/06/2009)

Em correspondência aos elementos composicionais da construção da nota, fizemos nossa análise da seguinte forma:

- Move 1: Análise retórica: *Identificar a nota*

PASSO 2B: **Identificar aspecto mais saliente** (A COPA É NOSSA)

- Redes referenciais no movimento retórico 1

R1 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) - A Copa

R2 (ELEMENTO ESPACIAL LIGADO AO FATO CENTRAL) - nossa (no Brasil/os brasileiros) implícitos

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 1

Introdução referencial “A Copa” – predicação: nossa.

- Descrição das relações entre os referentes na apresentação de “Brasil”

A nota se inicia com uma relação entre os elementos preditivos “a Copa” (R1) e sua predicação de noção espacial “nossa”, envolvendo referentes implícitos: o Brasil e os brasileiros (R2), o que irá, um pouco adiante, especificar os lugares brasileiros nos quais se passará a Copa. Conforme já bastante frisado nos capítulos teóricos, o conhecimento

sociocultural que os leitores dividem entre si e com os produtores do texto vem a ser fundamental para a coerência.³⁴ Neste caso, o jornalista do Diário do Nordeste acima compartilha, de modo tácito, com seus leitores tanto as experiências sobre a Copa do Mundo quanto a sua localização geográfica no Brasil, vindo a enfatizar a cidade de Fortaleza como uma das cidades da Copa. O referente “Brasil”, embora não tenha sido mencionado já no título, evoca, de antemão, o conhecimento socializado sobre essa perspectiva de realização dos jogos da Copa neste país, o que evoca, por extensão, os brasileiros.

Convém apenas esclarecer que conhecermos previamente certos referentes dados no título da nota não nos garante prever sua função no plano retórico do texto. Isto porque se trata de duas noções diversas: uma é a de conhecimento prévio de determinado referente, por exemplo, o que é a Copa do Mundo, ou os Jogos Olímpicos. Outra noção é a de sua funcionalidade nos textos em uso, na medida em que não sabemos que categoria de rede referencial a Copa ou as Olimpíadas pode ocupar no texto, como por exemplo, o papel do desencadeador do fato central, ou de elemento afetado pelo fato. O que podemos realizar são inferências acerca de tais elementos que podem ser ou não corroboradas durante a leitura da nota. Temos como exemplo disso a expressão “A Copa é nossa”, a qual fornece indícios de que a nota tratará da Copa como temática, funcionando também como um elemento-síntese do fato central (R1). Com base nisso, a segunda rede (R2), também ligada ao fato central e objeto de discurso por nós tomado para análise, ocupa um posto de grande importância temática dentro da nota, além de atribuir ao fato uma informação geográfica, no desenrolar da notícia, consoante se verá na unidade retórica a seguir.

- Modo de apresentação de “Brasil” e “subsedes” no move 1

Aqui o referente Brasil é apenas sugerido indiretamente, por meio da menção ao fato da Copa acontecer no Brasil, iniciando-se, simultaneamente, a construção das subsedes da Copa. A introdução implícita de “Brasil” é feita por meio do elemento espacial “nossa” (dos brasileiros), que, implicitamente, remete ao Brasil e, por extensão, aos brasileiros e às subsedes onde serão realizados os jogos, com ênfase sobre a cidade de Fortaleza.

- Move 2 - Análise retórica: **Sumarizar a nota**

³⁴ Essa estratégia de apresentar entidades de notícias como algo já conhecido ou esperado pelo interlocutor é bastante recorrente, segundo Van Dijk (2012).

(Passo 1: Citar o fato) E finalmente saiu o anúncio.

(Passo 2B: Citar o elemento afetado pelo fato) Fortaleza é uma das 12 cidades brasileiras que terão a honra e o prazer de sediar a Copa do Mundo

(Passo 2C: Situar o fato) de 2014 no Brasil.

(Passo 2B: Citar o elemento afetado pelo fato) As outras 11 escolhidas foram Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Cuiabá/MT, Curitiba/PR, Manaus/AM, Natal/RN, Porto Alegre/SC, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP.

- Redes referenciais no move 2

R1 (FATO CENTRAL) O anúncio (sobre a Copa do Mundo)

R2 (ELEMENTO ESPACIAL) e R3 (ELEMENTO AFETADO PELO FATO) Fortaleza - uma das 12 cidades brasileiras que terão a honra e o prazer de sediar a Copa do Mundo

R4 (ELEMENTO TEMPORAL) (o ano de) 2014

R2 e R3- (ELEMENTO ESPACIAL E ELEMENTO AFETADO PELO FATO) O Brasil

R2 e R3- (ELEMENTO ESPACIAL E ELEMENTO AFETADO PELO FATO) As outras 11 cidades escolhidas – Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Cuiabá/MT, Curitiba/PR, Manaus/AM, Natal/RN, Porto Alegre/SC, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP.

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 2

Anáfora direta (encapsuladora) do referente do fato: “o anúncio” (R1);

Anáfora indireta de Brasil pela anáfora “Fortaleza”, junto à sua predicação “uma das 12 cidades brasileiras que terão a honra e o prazer de sediar a Copa do Mundo” (R2) E (R3);

Anáfora indireta de Brasil pela predicação de Fortaleza: “uma das 12 cidades brasileiras que terão a honra e o prazer de sediar a Copa do Mundo” - (R2) E (R3);

Anáfora direta da Copa: “a Copa do Mundo” (R1);

Anáfora indireta do fato “(o ano de) 2014” (R4);

Anáfora direta de “o Brasil” (R2) E (R3);

Anáfora indireta de Brasil: As outras 11 escolhidas - Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Cuiabá/MT, Curitiba/PR, Manaus/AM, Natal/RN, Porto Alegre/SC, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP - (R2) E (R3).

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Brasil”

O *move* 2, responsável por enunciar o conteúdo central do fato da nota (R1), apresenta referentes que, em sua maioria, convergem para a noção de espaço. Com exceção de “*o anúncio*” (R1), cujo encapsulamento refere-se ao fato comunicado, e “*(o ano de) 2014*”, reportando-se ao momento em que se situa o fato (R4), os demais elementos especificam, mais uma vez, o traço de lugar tematicamente associado ao fato (R2), o que tende a modificar o referente Brasil e subedes (com realce em Fortaleza), introduzido implicitamente na nota, no movimento retórico 1. Queremos chamar a atenção para a questão de que o elemento de espaço aqui passa a ocupar, da mesma forma, o posto de elemento que é afetado pelo fato, porque é neste ponto do texto que tal elemento começa a ser implicado como paciente do fato, a nosso ver. Portanto, interpretamos isso como uma fusão de funções desempenhadas pelo mesmo conjunto de referentes em R2 e R3.

Com isso, o referente Brasil, âncora para a enumeração das anáforas indiretas envolvendo as cidades e estados brasileiros, acaba por se desenvolver aos poucos, recategorizando-se por acréscimo, inicialmente por “Fortaleza”, acompanhado da predicação “*uma das 12 cidades que terão a honra e o prazer de sediar a Copa do Mundo*”; em seguida, da anáfora direta, “*as outras 11 cidades escolhidas*”, a qual consideramos como parcial, juntamente com sua predicação “*Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Cuiabá/MT, Curitiba/PR, Manaus/AM, Natal/RN, Porto Alegre/SC, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP*”, as quais nominalizam, dessa forma, todas as cidades brasileiras que foram escolhidas para serem as sediadoras da Copa do Mundo. Julgamos que a modificação de Brasil acontece por causa da ampliação de seu sentido provocada por todos estes referentes apontados, ainda que estes o retomem indiretamente. Há que se apontar os indícios de que o fato central esteja sendo caracterizado como algo positivo em virtude dessa localização geográfica. Dentre outras pistas, destacamos que o modalizador “finalmente” faz emergir a ideia de que este anúncio é, na verdade, muito esperado pelos brasileiros, sinalizando a própria proveniência do jornal, que é o “Diário do Nordeste”, que se situa no Brasil e na

região Nordeste, mais precisamente em Fortaleza, local privilegiado pelo redator no texto, ao mencioná-la destacadamente. Portanto, as modificações desse referente se devem a dados que se encaixam tanto nos propósitos do gênero quanto nos do produtor do texto.

Na subjacência do texto, reconhecemos também a hierarquia semântico-cognitiva subjacente aos objetos “(a Copa do) “Mundo”, “o Brasil”, “(os estados) MG, PE, AM, RN etc.” e “as 12 cidades brasileiras”, na composição de uma rede espacial ligada ao contexto do fato. O fato de terem sido os locais escolhidos para os jogos faz com que, além de ser um elemento da rede de espaço (R2), “Fortaleza” funde-se com uma nova rede, a do elemento afetado pelo fato (R3). Recordemos que este, segundo o modelo de Figueiredo e Bonini (2007), é o elemento sobre o qual uma ação, processo ou fenômeno incide. Neste caso, a escolha das cidades sedadoras da Copa recai sobre Fortaleza e as demais cidades. Consequentemente, o referente “Brasil” e seus elementos passarão também a pertencer a essa rede. Assim se verifica a possibilidade de certos elementos pertencerem a mais de uma rede referencial. A nosso ver, isso resulta do acúmulo de informações relacionadas ao espaço e a quem sofreu o fato atribuídas aos mesmos elementos (de R2 e R3), numa implicação semântico-pragmática de que “as *subsedes brasileiras*” são mentalmente recuperadas pelo leitor como as cidades escolhidas a quem se imputou a responsabilidade de serem as “anfitriões” do evento, o que pode incluir mais referentes em implicitude, como a população, as autoridades administrativas das subsedes ou outros referentes contíguos, que se associem ao fato.

Portanto, essas informações de espaço são cruciais nesse contexto e funcionam não só como meros circunstanciais de lugar, mas também como elementos afetados pelo fato, uma vez que dele assim participam. Propomos, então, que todos esses elementos do *move 2* sejam componentes básicos da rede do fato central encapsulado como “o *anúncio*”.

Quanto às figuras do elemento desencadeador do fato, da causa/ motivo e do desdobramento do fato não ocorrem nesta construção, comprovando-nos aquilo que se alegou sobre a provável inexistência da totalidade dos componentes do acontecimento principal em certos textos.

- Modos de continuidade de Brasil no movimento retórico 2

Neste *move*, explicita-se que o fato envolverá as cidades brasileiras que irão sediar a Copa do Mundo. Para tanto, geram-se mais elementos sob o eixo do referente Brasil, acarretando:

Recategorização de Brasil por confirmação: a Copa é do Brasil;

Recategorização de Brasil por acréscimo: As 12 cidades (e estados) brasileiros que sediarão a Copa são Fortaleza/CE, Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Cuiabá/MT, Curitiba/PR, Manaus/AM, Natal/RN, Porto Alegre/SC, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e São Paulo/SP.

- Move 3 - Análise retórica: **Agregar informação complementar**

(Passo 1I: Apresentar perspectiva de desdobramento do fato) Agora, um lembrete: as subsedes ainda podem ser alteradas se não cumprirem com o planejamento da Fifa. Quem não respeitar o que foi entregue no caderno de encargos pode sair.

- Redes referenciais no movimento retórico 3

R5 (REDE DE PERSPECTIVA DE DESDOBRAMENTO DO FATO CENTRAL) um lembrete;

R2 (ELEMENTO ESPACIAL) E R3 (ELEMENTO AFETADO PELO FATO CENTRAL) as subsedes (alteradas);

R6 (ELEMENTO LIGADO À PERSPECTIVA DE DESDOBRAMENTO DO FATO) O planejamento da Fifa;

R2 (ELEMENTO ESPACIAL) E R7 (ELEMENTO LIGADO À PERSPECTIVA DE DESDOBRAMENTO DO FATO) Outras possíveis subsedes (implícito);

R2 (ELEMENTO ESPACIAL) E R3 (ELEMENTO AFETADO PELO FATO) Quem não respeitar (= administrações das subsedes) o que foi entregue no caderno de encargos;

R6 (ELEMENTO LIGADO À PERSPECTIVA DE DESDOBRAMENTO DO FATO) O caderno de encargos (no planejamento da Fifa).

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 3

Anáfora direta (encapsuladora) da perspectiva de desdobramento do fato: um lembrete (R5);

Anáfora direta das 12 cidades brasileiras: “as subsedes” (R2) E (R3);

A predicação “alteradas” negocia a ideia de uma possível substituição destas subsedes por outras; neste caso, “outras possíveis subsedes brasileiras” (R7) é uma anáfora indireta e implícita das subsedes escolhidas (R2 e R3);

Anáfora indireta de “a Copa”: o planejamento da Fifa (R6);

Anáfora direta de “as subsedes”: Quem não respeitar o que foi entregue no caderno de encargos (R2) E (R3);

Anáfora indireta de “a Fifa”: o caderno de encargos (R6).

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Brasil”

Nesta última parte da nota, destinada ao adicionamento de informações suplementares ao fato central - as quais permanecem ligadas a ele – abre-se uma nova rede da perspectiva de desdobramento do fato (R5), que contém em si as redes de elementos advindos da rede do fato central. Esta nova estrutura retórica vem encapsulada como “um lembrete”, que se ancora no fato a respeito do referente em análise, “*as subsedes da Copa*”, expressão que vem a homologar as informações repassadas sobre as 12 cidades brasileiras. A mudança por acréscimo sobre elas se dá por conta de sua possível condição de “*alteradas*”, pela possibilidade de não respeitarem o cumprimento dos encargos impostos pela Fifa, o que acaba por alterar, de certa forma, o anúncio sobre quais seriam as cidades escolhidas para serem as subsedes da Copa do Mundo no Brasil, no ano de 2014. Tal recategorização é proporcionada pela condição a elas imposta pela “*Fifa*”, cujos elementos “*o planejamento da Fifa*” (R6) e “*o caderno de encargos da Fifa*” (R6) colaboram para tal sentido. Tal condição expressa “*as subsedes ainda podem ser alteradas se não cumprirem com o planejamento da Fifa. Quem não respeitar o que foi entregue no caderno de encargos pode sair*” acaba por redesenhar para o leitor um novo referente implícito, corolário de um provável fato novo, que são “*outras possíveis subsedes*” no Brasil em substituição às que foram anunciadas.

- Modos de continuidade de Brasil no movimento retórico 3

O início deste movimento retórico pressupõe as predicções anteriores das cidades brasileiras, as quais são retomadas como “*subsedes*”, sendo-lhes atribuídas uma recategorização que confirma essa significação. Porém, a continuação desta unidade retórica acrescenta às *subsedes* novas significações advindas, dentre outros fatores, pelas redes de elementos que compõem a estrutura da perspectiva de desdobramento do fato. Logo, entendemos que esta alteração referencial se dá por acréscimo, na medida em que essa nova predicção, junto a novas informações, levam o leitor a processar a possibilidade de perda desse estatuto e a conseqüente implicação de novas cidades a substituírem-nas. Por outro lado, neste acréscimo, tais significações têm também outra perspectiva que não necessariamente confirma a predicção anterior, na medida em que se abre a possibilidade das cidades não serem mais *subsedes* da Copa. Sugerimos que se trate de uma recategorização por desconfirmação, já diversas vezes mencionada na presente tese, fenômeno do qual voltaremos a falar neste mesmo capítulo. Em síntese:

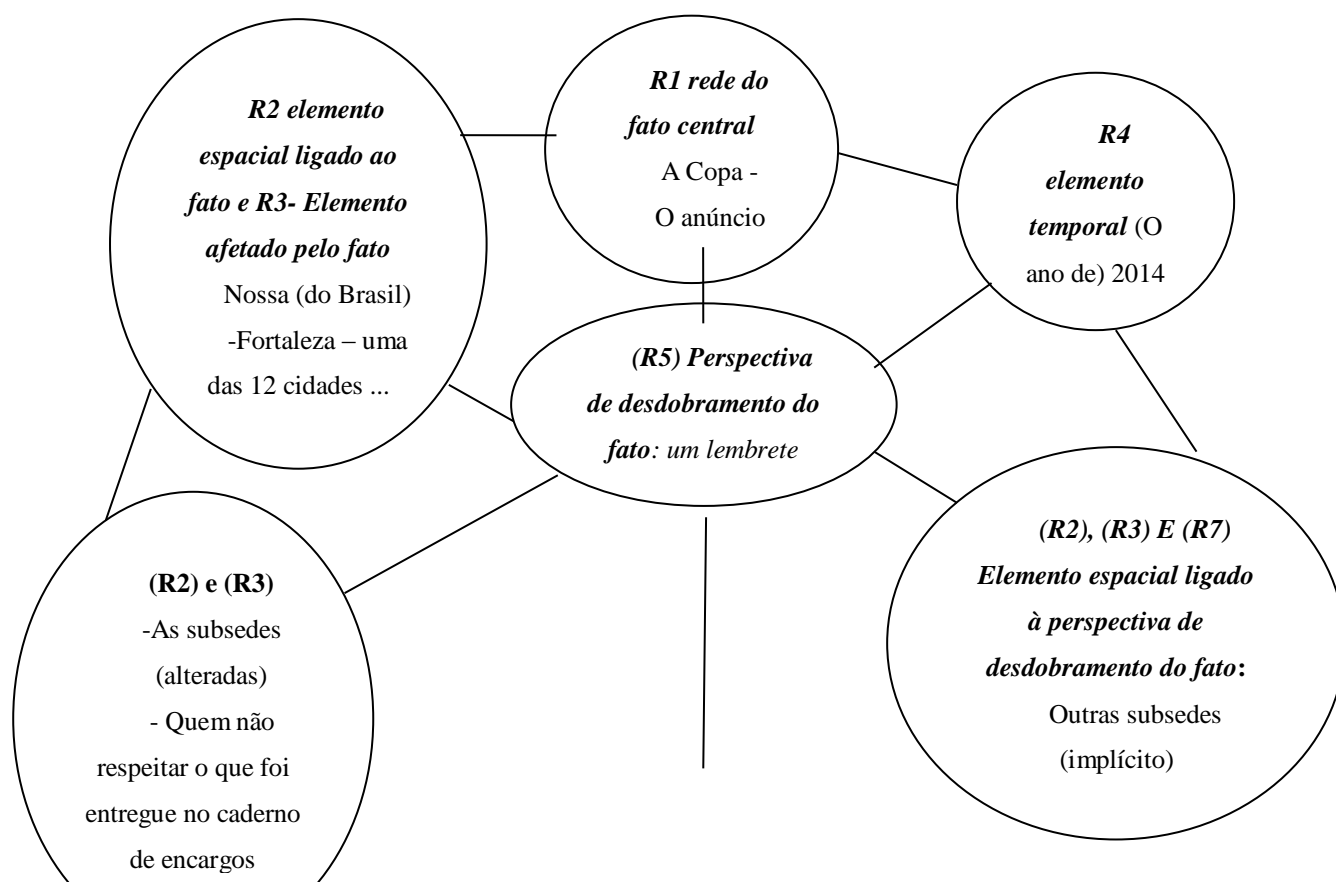
Recategorização de “Brasil” por confirmação: as *subsedes*;

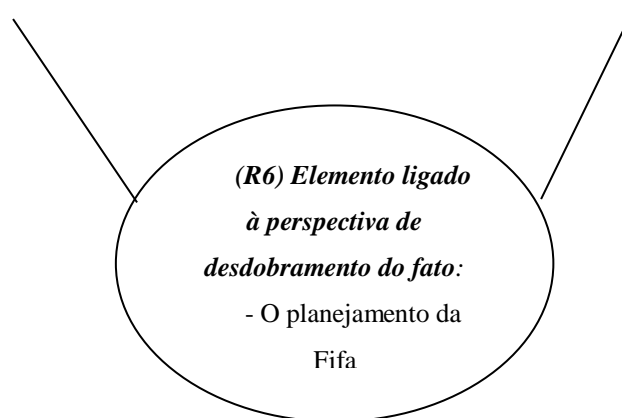
Recategorização de “Brasil” por acréscimo: as *subsedes* brasileiras poderão ser alteradas;

Recategorização por desconfirmação: as *subsedes* poderão deixar de sê-las.

Em suma, aplicamos o modelo de representação das redes decorrente de sua organização no gênero, a partir do fato central:

Esquema 15: As redes referenciais no subgênero noticioso (nota 81)





Fonte: Nota extraída de nosso corpus

Neste exemplo, temos a perspectiva de desdobramento do fato (R5) como estrutura de elementos decorrente do fato central. Esta estrutura acaba por subsumir os elementos da rede do fato central (R1, R2,, R3, R4), já que os toma como pressuposto para o porvir dos novos fatos, ao mesmo tempo que propicia o surgimento de novas redes (R6 e R7), as quais, ainda que permaneçam originárias do fato central - na medida em que se verifica a interligação discursiva entre as redes – nascem especificamente por ocasião da perspectiva de um fato futuro com relação ao acontecimento principal da nota.

Por conseguinte, as recategorizações que nascem dessa nova expectativa de fato (R5) não acontecem sozinhas, mas em dependência com os demais fatores sociocognitivos, com as porções cotextuais e com outras redes referenciais que, em alguma medida, ampliam seus sentidos.

6.6.3 Um caso prototípico de elementos da nota opinativa

Observamos que o exemplo seguinte expõe elementos prototípicos de uma nota opinativa pela ocorrência da menção de um fato que origina, comumente, uma opinião e dela será suscitado o argumento que a sustentará. Assim, o que compõe, basicamente, um modelo opinativo de nota é um comentário com teor de opinião sobre determinado fato, e este, por sua vez, segue-se de dados ou argumentos que o defendem. Já em textos menos prototípicos, havemos de observar que nem sempre os argumentos constam na nota, por exemplo.

c) Análise da nota (82)



(82) *Para Eugênio Aragão, escolha de Flávia Piovesan é tentativa de legitimar governo Temer*

Para o ex-ministro da Justiça, Eugênio Aragão, o convite à jurista Flávia Piovesan para assumir a Secretaria de Direitos Humanos é a prova de que o governo Temer “precisa de pessoas para legitimá-lo”. A professora é benquista entre juristas ligados aos governos Dilma e Lula. Aragão imagina que Flávia tenha aceitado o cargo por pensar “antes eu do que um aventureiro”. (Jornal O Estadão, Por Beatriz Bulla, 18/05/2016)

Explanaremos agora o mesmo texto em etapas:

- Move 1 - Análise retórica: **Identificar a nota**

(Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico) Foto (do opinante)

(Passo 2B: Identificar aspecto mais saliente) Para Eugênio Aragão, escolha de Flávia Piovesan é tentativa de legitimar governo Temer.

- Redes referenciais no movimento retórico 1

R1 (OPINANTE) - Eugênio Aragão

R2 (FATO CENTRAL) - Escolha de Flávia Piovesan –

R3 (ELEMENTO DO FATO) - Flávia Piovesan

R4 (POSICIONAMENTO SOBRE O FATO) – Escolha de Flávia Piovesan é tentativa de legitimar governo Temer

R5- (ELEMENTO DO FATO) – governo Temer

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 1

Introdução referencial de “Eugênio Aragão” (R1);

Introdução referencial do fato e predicação: Escolha de Flávia Piovesan – tentativa de legitimar governo Temer (R2)

Introdução referencial de Flávia: Flávia Piovesan

Predicação do fato: tentativa de legitimar governo Temer (R3)

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Flávia Piovesan”

Na primeira parte retórica do texto, o elemento de predição inicial, inaugurado por uma dupla semiose verbal e não verbal (fotografia), é (R1) “*Eugênio Aragão*”. Como uma pista não verbal de que ele é o opinante, mostra-se a imagem de um homem gesticulando, o que pode sugerir o ato de argumentar. Dentre as marcas verbais de que ele é o opinante, ao se dizer “*Para Eugênio Aragão*”, atribui-se a ele a voz subjetiva sobre determinado acontecimento, (R2) “*escolha de Flávia Piovesan*”.

Esta expressão origina também a rede relativa ao elemento do fato que elegemos para análise: “*Flávia Piovesan*” (R3), a qual se torna o alvo da opinião: “*escolha de Flávia Piovesan é tentativa de legitimar governo Temer*” (R4). Assim sendo, ao leitor será possível predizer, consoante o foco do título da nota, que “*Flávia Piovesan*” (R3), bem como o “*governo do presidente Temer*” (R5) são prováveis elementos componentes do fato, os quais podemos previamente conhecer através de nossos saberes político-sociais sobre o Brasil.

Destarte, a compreensão da teia referencial de Flávia Piovesan (R3) tomará por pressuposto aquilo que se pode inferir do fato (R2) de que ela participa, considerando-se a sua associação com a rede (R1) do opinante e de sua posição (R4). Com isso, há uma quase fusão entre o fato e a opinião que nele se concentra, pois há elementos que se sobrepõem a ambos, sendo compreendidos de maneira intrínseca, de modo tal que não há como entender um sem recorrer ao entendimento mútuo de outro, dentro do contexto discursivo. Por exemplo, ao se mencionar diretamente a opinião sobre a tentativa de legitimação do governo não há como não a associar ao evento da escolha de Flávia e vice-versa. Sob outros termos, a intenção geral desta nota não é somente relatar simplesmente um fato, mas, sobretudo, associá-lo a um teor opinativo, de modo que um referente contém elementos do outro.

O opinante tende, assim, a apreciar “*Flávia Piovesan*” de maneira positiva, relacionando-a ao fato, em detrimento do “*governo Temer*”, introduzido na qualidade de

governo ilegítimo, pelo posicionamento do opinante. Em outras palavras, desse modo, atribui-se um juízo de valor negativo ao referente “*Temer*” e modifica-se, por acréscimo de informações, o estatuto de “*Flávia Piovesan*”, positivamente, em sentido contrário a *Temer*. Outro recurso que dá força à avaliação sobre Flávia é, a nosso ver, a própria recategorização visual do opinante, traduzido visualmente em uma postura de ajuizamento.

Esta interconexão dos referentes, em que um é avaliado positiva ou negativamente, em relação com outro, fazendo-o evoluir no texto, é uma das possibilidades que observamos sobre a interveniência das relações entre referentes em situação de contiguidade, no que tange às recategorizações avaliativas. Na seção 6.6.7, iremos fornecer alguns casos desse tipo encontrados em nosso *corpus*.

O jornalista assim negocia uma ressignificação do fato e seus elementos implicados, pela busca da adesão de seu interlocutor a determinadas interpretações. Para tanto, também verificamos a conexão dos elementos postos com *Temer* (R5), um elemento que ajuda a remodelar “*Flávia*”, de modo a se deduzir que a nota versará sobre a influência positiva de Flávia no cargo do governo. Participam desta construção as condições de produção da nota no ambiente sociopolítico em que foi escrita. Isto nos permite dizer, não só no que tange a esse primeiro movimento retórico, mas também no que tange aos demais movimentos a seguir, que os sentidos do elemento em análise (R3) se movem a partir de uma intrínseca relação com fatores de diversas ordens, em meio a um balanceamento entre acréscimos e confirmações de sentidos operadas dentro dessas redes para garantir a evolução referencial e textual.

- Modos de apresentação e de continuidade de “*Flávia*” no movimento retórico 1

Inicialmente, sintetiza-se o opinante e sua opinião sobre o fato no qual se insere Flávia, introduzida de modo positivo “*escolha de Flávia*”. Assim, a recategorização de Flávia Piovesan ocorre por acréscimo: “a escolha de Flávia é tentativa de legitimar o governo *Temer*”.

- Move 2 - Análise retórica: **Introduzir comentário**

(Passo 1: Identificar opinante) Para o ex-ministro da Justiça, Eugênio Aragão

(Passo 2A: Relatar posicionamento) O convite à jurista Flávia Piovesan para assumir a Secretaria de Direitos Humanos é a prova de que o governo Temer “precisa de pessoas para legitimá-lo”.

- Redes referenciais no movimento retórico 2

R1 (OPINANTE) O ex-ministro da Justiça, Eugênio Aragão
 R2 (FATO CENTRAL) O convite à jurista Flávia Piovesan para assumir a Secretaria de Direitos Humanos
 R3 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) A jurista Flávia Piovesan
 R4 (POSICIONAMENTO SOBRE O FATO) O convite à jurista Flávia Piovesan para assumir a Secretaria de Direitos Humanos é a prova que o governo Temer “precisa de pessoas para legitimá-lo”.
 R5 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) O governo Temer
 R3/R5 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) A Secretaria de Direitos Humanos
 R3/R5 (ELEMENTOS DO FATO CENTRAL) Pessoas para legitimá-lo (o governo Temer)

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 2

Anáfora direta de Eugênio Aragão: O ex-ministro da Justiça, Eugênio Aragão (R1);

Anáfora direta de “a escolha de Flávia Piovesan” e predicação (R2) e (R4): O convite à jurista Flávia Piovesan para assumir a Secretaria de Direitos Humanos - a prova que o governo Temer “precisa de pessoas para legitimá-lo”;

Anáfora direta de Flávia: a jurista Flávia Piovesan (R3);

Anáfora indireta de “governo Temer” (R3) e Flávia (R5): a Secretaria de Direitos Humanos;

Anáfora direta de “governo Temer”: o governo Temer (R5);

Anáfora indireta de “governo Temer” (R3) e “Flávia Piovesan” (R5): pessoas para legitimá-lo.

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Flávia”

Nesta parte retórica, o opinante (R1) volta ao cenário identificado como “*o ex-ministro da Justiça, Eugênio Aragão*”, o que exige o conhecimento prévio do leitor de sua posição político-ideológica contrária à do elemento do fato central “*governo Temer*” (R5). Conforme esquematizamos, o opinante é uma rede provinda mais diretamente da estrutura do argumento, portanto, (R4). A própria nomeação do fato central (R2), elemento que dá gênese à rede de (R4), reaparece acrescentada de sentidos por se esclarecer que tipo de convite foi feito pelo governo Temer à Flávia Piovesan, “*o convite à jurista Flávia Piovesan para assumir a Secretaria de Direitos Humanos*” (R2). Isso recategoriza o fato, introduzindo mais informação e adicionando um elemento comum à rede (R3) de Flávia e (R5) de Temer, “*a Secretaria de Direitos Humanos*”, cujos sentidos se refletem em Flávia. Se os sentidos de Flávia se encontram perpassados pelo governo Temer, é normal que a secretaria para a qual Flávia foi convidada seja associada aos dois elementos, uma vez firmada a relação intersubjetiva entre ambos, por meio das pistas de acesso às significações.

Há nisso também a retomada de Flávia por anáfora direta, “*a jurista Flávia Piovesan*”, oferecendo a esse referente uma nova versão, que homologa sua boa qualificação para o cargo. Já na rede da opinião, o referente “*peçoas para legitimá-lo*” é acrescentado de sentidos, dos quais participam “*a jurista Flávia Piovesan*”, sendo o “*governo Temer*” beneficiado pela suposta legitimidade.

Um ponto que destacamos, em capítulo teórico, é a nossa suposição de certos elementos do fato central na nota opinativa poderem constituir “resquícios” do lide (*lead*) da nota noticiosa, ou guardar com ele alguma espécie de relação, tal como observamos em vários outros textos do *corpus*. No presente caso, acrescenta-se que, muito embora a ação do convite não tenha sido explicitada como feita pelo “*governo Temer*”, ele é emoldurado como o praticante da ação do fato, ou seja, aquele que desencadeou o fato sobre “*a jurista Flávia Piovesan*”, a qual se assemelha, em grande medida, ao “elemento afetado pelo fato”, visto que representa um sujeito passivo do fato. Ainda há que se citar o elemento “*a Secretaria de Direitos Humanos*” em estreita dependência com a causa/motivo do fato, uma vez que este se deu em razão de um convite com o fim de a jurista assumir tal cargo.

- Modos de continuidade de “Flávia” no movimento retórico 2

Aqui se desenvolvem mais algumas referências que apoiam a defesa do posicionamento sobre o elemento do fato, o governo Temer, o qual guarda estreita ligação com Flávia e que a recategoriza de modo argumentativo. Neste contexto, a recategorização de Flávia é por confirmação do traço da “legitimação” que confere ao governo. Também ocorre a recategorização de Flávia por acréscimo: Flávia foi convidada para assumir o cargo na Secretaria de Direitos Humanos.

- Move 3 - Análise retórica: **Fundamentar comentário**

(Passo 1A: Relatar argumento(s) que sustenta(m) o posicionamento) A professora é benquista entre juristas ligados aos governos Dilma e Lula. Aragão imagina que Flávia tenha aceitado o cargo por pensar “antes eu do que um aventureiro”.

- Redes referenciais no movimento retórico 3

R6 (ARGUMENTO QUE SUSTENTA A OPINIÃO) A professora é benquista entre juristas ligados aos governos Lula e Dilma;
 R3 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) A professora (benquista);
 R7 (ELEMENTO LIGADO AO ARGUMENTO) Juristas ligados aos governos Lula e Dilma;
 R1 (OPINANTE) Aragão;
 R3 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) Flávia;
 R3 e R5 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) Cargo;
 R8 (ELEMENTO LIGADO AO ARGUMENTO) Um aventureiro.

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 3

Anáfora indireta de Flávia (R3) e do governo Temer (R5) que introduz um novo referente: juristas ligados aos governos Lula e Dilma (R7);

-Anáfora direta de Eugênio Aragão: Aragão (R1);

-Anáfora direta de Flávia: Flávia (R3);

-Anáfora indireta de Flávia (R3) e anáfora indireta do governo Temer (R5): o cargo;

-Anáfora indireta do governo Temer que introduz um novo referente: um aventureiro (no cargo do governo) (R9).

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Flávia”

No último *move*, que começa pelo “argumento que sustenta a opinião” (R6), mais uma vez, o elemento (R3) é requalificado. Flávia recebe a designação de “*a professora*” acompanhada da adjetivação “*benquista*” entre “*juristas ligados aos governos Lula e Dilma*” (R7), que são convocados como parte desse argumento, com o fim de justificar o ponto de vista do opinante (R1), reforçando ainda mais a capacidade de Flávia para legitimar “o governo Temer” (R5). Logo, a recategorização é por confirmação.

Os referentes aludidos na rede (R8) “*Lula e Dilma*”, que possuem suas funções no gênero ligadas aos argumentos que sustentam o ponto de vista, encontram-se em associações latentes com outras redes do início da nota, especialmente no que diz respeito à identificação do opinante como “*ex-ministro da Justiça*”, ligado ao governo Dilma, em parceria ao governo Lula. Tendo o aparato do saber sobre “*Eugênio Aragão*”, no contexto sociopolítico, o leitor também pode reconstruí-lo - embora não se tenha mencionado - na mesma categoria de “jurista brasileiro”, na mesma esteira de “*Flávia Piovesan*” (R3) e dos “*juristas ligados aos governos Lula e Dilma*” (R7), em virtude de Aragão ter sido um ministro jurista do “*governo Dilma*” exonerado por razões favoráveis ao “*governo Temer*”. Todavia, tal associação, em nosso modo de ver, é um tanto oculta, já que a figura de maior relevo como jurista é a de Flávia, e não a de Aragão nesse contexto. Por conseguinte, sendo “*os governos Lula e Dilma*” (R8) referentes ligados aos argumentos de “*Eugênio Aragão*” (R1), eles tendem a colaborar significativamente para a confirmação positiva a respeito de Flávia, em sintonia ideológica com o mesmo opinante.

Tal opinante, por sua vez, volta a ser mencionado simplesmente como “*Aragão*”, e uma razão viável é o fato de já ter sido introduzido no texto. “*O cargo*” (R3) e (R5) refere-se anaforicamente à Flávia e ao governo, aos quais também se liga uma outra categoria de rede ligada ao argumento, que parece funcionar como um contra-argumento na estrutura argumentativa: “*um aventureiro*” (R9), que seria alguém não responsável ou benquista no cargo, ou seja, uma característica discursivamente oposta à da jurista. Portanto, vemos que até mesmo essa introdução de outro referente, que sinaliza um sentido oposto ao de Flávia, surge

um efeito de sentido favorável à confirmação dela como alguém qualificada e competente segundo o ponto de vista defendido.

Com isso, chamamos a atenção para a questão de que o comentário tecido em torno do evento gerador da nota (82) acrescentou ajuizamentos avaliativos que puderam se refletir nos elementos de natureza referencial contiguamente envolvidos, e estes causaram, indiretamente, a recategorização do elemento “Flávia Piovesan”, como num “efeito dominó”. Tal elemento, por sua vez, foi retomado como “a jurista” e “a professora benquista”, homologando-se as predicções que lhe foram conferidas ao longo do texto, pelo auxílio dos elementos não referenciais e das porções do texto, bem como pela intrincada dependência entre as demais redes de referência, as quais ajudam na elaboração dos argumentos que sustentam o posicionamento, portanto, amoldando-se à unidade retórica do gênero e provocando sentidos cambiantes em torno de “Flávia”.

- Modos de continuidade de Flávia no movimento retórico 3

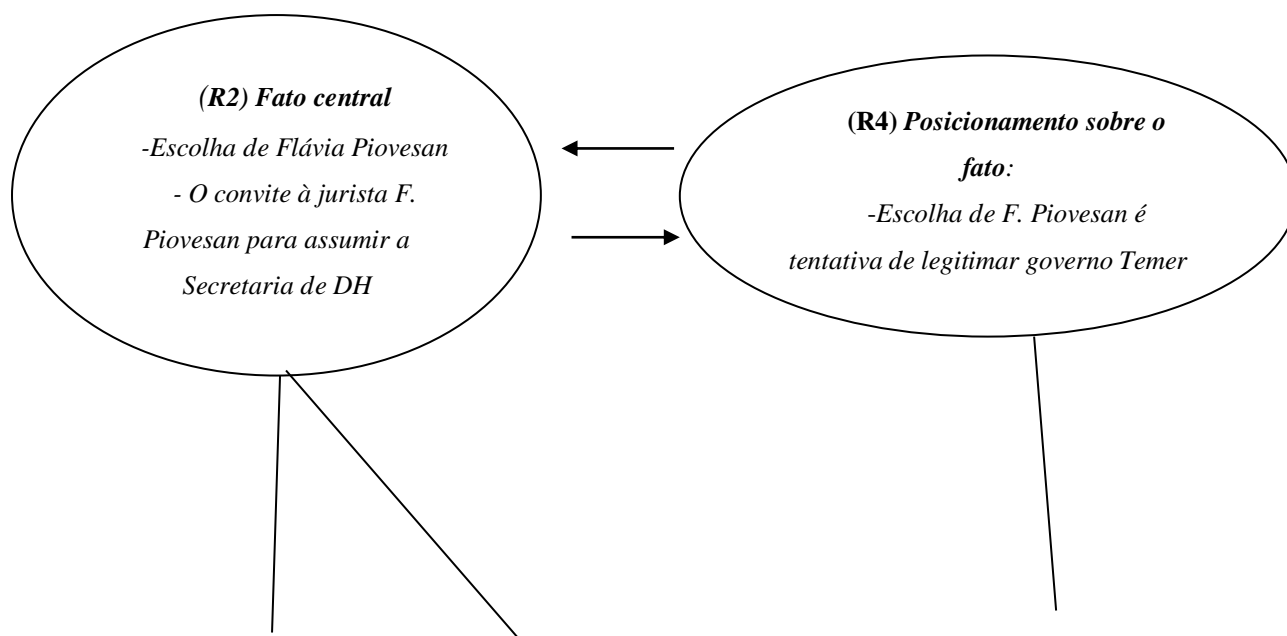
Na retomada direta de Flávia, por novas caracterizações e por adição de novos elementos indiretamente ligados a ela, fundamenta-se o ponto de vista do opinante, ocasionando:

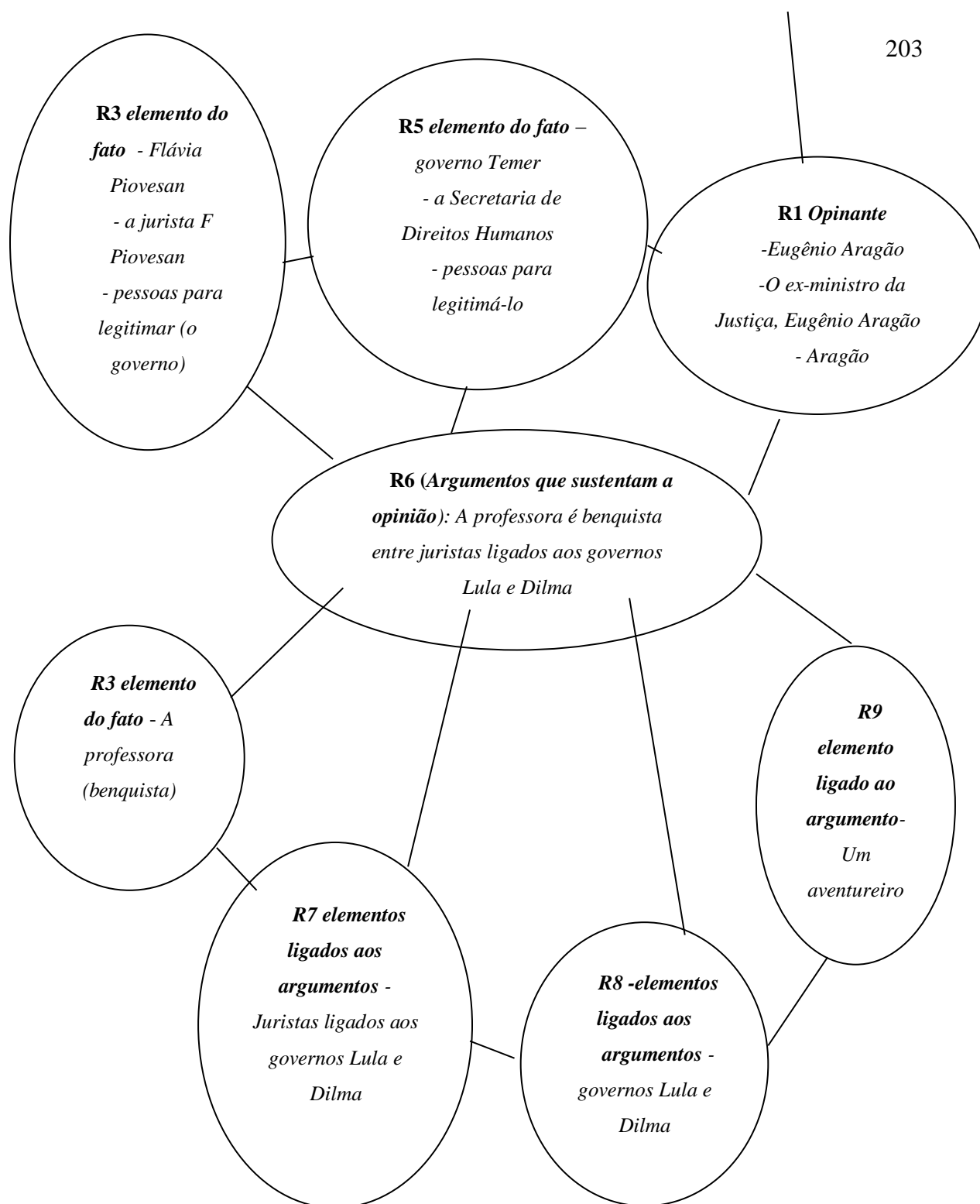
Recategorização de Flávia por confirmação: Flávia é uma das pessoas para legitimar o governo de Temer;

Recategorização de Flávia por acréscimo: a professora é benquista entre juristas ligados aos governos Lula e Dilma.

Assim esquematizamos as redes em sua relação com o gênero textual:

Esquema 16: As redes referenciais no subgênero opinativo (nota 82)





Fonte: nota extraída de nosso corpus

Não julgamos redundante rememorarmos que certas redes, ainda que não mencionadas e representadas em determinados momentos do texto, fazem parte da (re)construção intercognitiva do enunciado. Podemos relatar o caso dos referentes “Lula e Dilma”, os quais acreditamos que já poderiam ser resgatados pela memória discursiva a qualquer momento no texto, antes mesmo de serem expostos à superfície textual; no entanto,

a função deles, no plano retórico, deriva dos argumentos que amparam a opinião, ajudando a confirmar o traço de Flávia como uma das pessoas a legitimarem o governo Temer, segundo o ponto de vista do opinante.

6.6.4 A construção inferencial do fato e de seus elementos na nota opinativa

O exemplo seguinte mostra que o fato sobre o qual se desenvolve um raciocínio argumentativo, bem como o elemento participante desse fato são construídos aos poucos, por meio de pistas, dentre elas as referências que vão se somando ao texto:

d) Análise da nota (83)

(83) *Porto Seguro*

Mudança necessária

Flagrado nas escutas da Operação Porto Seguro e exonerado da função que ocupava, por ordem expressa de Dilma Rousseff, Glauco Alves Cardoso (procurador-geral da Agência Nacional de Transporte Aquaviário) tem um problema extra para resolver. Precisa desocupar o apartamento da União onde vive. A unidade é exclusiva aos titulares de cargos de confiança.

(Por Ricardo Boechat, portal Isto é, 03/06/16)

- Move 1 - Análise retórica: **Identificar a nota**

(Passo 2A: Categorizar a nota) Porto Seguro

(Passo 2B- Identificar aspecto mais saliente) Mudança necessária

- Redes referenciais no movimento retórico 1

R1- (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) Porto Seguro

R2- (GENERALIZAÇÃO DO FATO) Mudança necessária

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 1

Introdução referencial: Porto Seguro (R1);

Anáfora encapsuladora da generalização sobre o fato: Mudança necessária (R2).

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Glauco”

Aqui avaliamos que estas expressões “*Porto Seguro*” e “*Mudança necessária*” predizem os conteúdos de maior preponderância da nota, mas, a esta altura, seus elementos revelam noções ainda muito parcas de um fato a ser desvendado na leitura. Caso o leitor tenha conhecimento prévio sobre temáticas policiais divulgadas na mídia no ano de 2016, a expressão “*Porto Seguro*” (R1) levará à inferência acerca da operação da Polícia Federal³⁵, o que será confirmado logo no início do movimento seguinte da nota. De qualquer forma, tal compreensão ocorrerá no *move 2*, mesmo que seu sentido seja apenas parcialmente recuperado pelo leitor, caso haja a falta do conhecimento sobre “*Porto Seguro*”, nesse contexto. Tal operação, por sua vez, fundeia uma ligação também com “*Glauco*” a seguir, no texto, na medida em que ele será investido da característica de “corrupto”, por ter sido flagrado pelas escutas da operação policial.

Já a expressão contígua, “*mudança necessária*” (R2), diz respeito àquilo que o leitor, possivelmente, espera, como encapsulamento de um ponto de vista sobre o fato, algo que também irá nortear a construção textual de Glauco, elemento inserido no fato. Reforçamos que essa intitulação que aponta para a (re)construção do referente é um dos meios de se acrescentar traços avaliativo-argumentativos às entidades discursivas, recategorizando-as através do direcionamento dado pela visão do repórter acerca do fato. Contudo essa “*mudança necessária*” só será de vez definida ao final do movimento 3, quando se explicará a devida desocupação que Glauco terá que fazer do apartamento da União onde mora, muito embora tudo o que será dito no texto se encaminhe para esse esclarecimento ao final.

Tais referências comprovam o princípio da *não linearidade* da recategorização, pois tal fenômeno de transformação referencial, para ter sentido, depende dos movimentos difusos de idas e vindas do leitor para (re)processar os sentidos que se deslocam fluidamente, a cada segundo no texto.

³⁵ A categorização “Porto Seguro” é uma operação da Polícia Federal que desvendou um esquema de corrupção consistindo na fraude de pareceres técnicos por parte de gestores de cargos de confiança do governo federal, à época em que a nota foi escrita.

Portanto, ambas as expressões se vinculam a Glauco Alves Cardoso, representante da rede referencial analisada (R4). Dessarte, veremos que elas conduzirão, prospectivamente, a reenquadramentos negativos desse referente, sendo algo que se instala já no próprio intitulação da nota, dado que o referente “Glauco” já começa a ser construído por meios indiretos, a partir de então.

- Modo de apresentação de “Glauco” no move 1

Glauco, aos poucos, vai sendo instituído no discurso, por meio de outros referentes que a ele se atrelam indiretamente, na construção argumentativa. Então, a construção implícita de Glauco como corrupto se dá pela introdução referencial “Porto Seguro” e pela anáfora encapsuladora “mudança necessária”, o que será confirmado no movimento retórico seguinte, com a integração de novas informações.

- Move 2 - Análise retórica: **Introduzir comentário**

(Passo 1B: Generalizar a partir de dados) Flagrado nas escutas da Operação Porto Seguro e exonerado da função que ocupava, por ordem expressa de Dilma Rousseff, Glauco Alves Cardoso (procurador-geral da Agência Nacional de Transporte Aquaviário) tem um problema extra para resolver.

- Redes referenciais no movimento retórico 2

R3 (FATO CENTRAL) A exoneração da função de Glauco Alves Cardoso (implícita)
 R4 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) Flagrado nas escutas da Operação Porto Seguro e exonerado da função que ocupava, por ordem expressa de Dilma Rousseff, Glauco Alves Cardoso (procurador-geral da Agência Nacional de Transporte Aquaviário)
 R1 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) As escutas da operação Porto Seguro (= Polícia Federal (implícito));
 R5 (ELEMENTO DO FATO CENTRAL) Ordem expressa de Dilma Rousseff
 R4 e R5 (ELEMENTOS DO FATO CENTRAL) A função que ocupava (do governo de Dilma);
 R2 (GENERALIZAÇÃO SOBRE O FATO) Glauco Alves Cardoso tem um problema extra para resolver;
 R6 (ELEMENTO LIGADO À GENERALIZAÇÃO) Um problema extra para resolver.

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 2

Anáfora direta de Glauco - Flagrado nas escutas da Operação Porto Seguro e exonerado da função que ocupava, por ordem expressa de Dilma Rousseff, Glauco Alves Cardoso (procurador-geral da Agência Nacional de Transporte Aquaviário) (R4);

Anáfora indireta de Porto Seguro e de Glauco: as escutas da operação Porto Seguro (R1);

Anáfora indireta (implícita) de Porto Seguro e de Glauco: Polícia Federal (R1);

Anáfora indireta de procurador-geral da ANTAQ: governo de Dilma Rousseff;

Anáfora indireta de procurador-geral da ANTAQ e do governo de Dilma Rousseff: ordem expressa de Dilma Rousseff (R5);

Anáfora indireta de procurador-geral da ANTAQ e do governo de Dilma Rouseff: a função que ocupava (R4) e (R5);

Anáfora indireta de Glauco: um problema extra para resolver (R2).

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Glauco”

O elemento que participa do fato central (R4) é mencionado por uma extensa expressão qualificadora “*Flagrado nas escutas da Operação Porto Seguro e exonerado da função que ocupava, por ordem expressa de Dilma Rousseff, Glauco Alves Cardoso (procurador-geral da Agência Nacional de Transporte Aquaviário)*”, que acrescenta dados sobre Glauco, inclusive, reportando-se a um fato (R3), “a exoneração do cargo de Glauco”, como uma instância a partir da qual se projeta uma conclusão (generalização) subjetiva, cujo declarante não é, neste caso, outra pessoa a não ser o próprio redator da nota jornalística. Recordemos que a generalização sobre o fato quer dizer, no modelo de Figueiredo (2003) e Figueiredo e Bonini (2007), uma conclusão mais ou menos geral que o repórter produz a partir dos dados aos quais teve acesso. Continuando então a construção referencial apenas insinuada nos passos do move 1, tal adjetivação de Glauco (R4) - referente agora explicitamente apresentado – passa também a homologar os sentidos a ele atribuídos de forma negativa, uma vez insinuado na qualidade de corrupto, por ocasião das investigações da operação policial (R1). A rede R5 relativa ao “*governo de Dilma Rouseff*”, construído fora de

uma menção propriamente dita, entrecruza-se com a de adjetivação de Glauco (R4), especialmente pelo elemento comum a ambas, que é “*a função que [Glauco] ocupava*” no governo de Dilma Roussef. Some-se a isso a relevância da anáfora indireta de Dilma, “ordem expressa de Dilma Roussef”, que define o fato da exoneração de Glauco.

A “generalização” (R2) gerada sobre o fato é recolocada como “Glauco Alves Cardoso tem um problema extra para resolver”. Nesta generalização, o elemento novo

que se coloca é “um problema extra para resolver” (R6). Tal dado que sustenta a generalização terá seu conteúdo revelado nos passos seguintes do comentário.

- Modos de continuidade de “Glauco” no move 2

Neste momento do texto, Glauco é, de certa forma, retomado pela relação indireta que possui com outro elemento do fato, a Operação Porto Seguro, bem como com a generalização feita sobre o fato, que é a mudança necessária, pois esta se refere a Glauco. A menção de Glauco revela uma nova caracterização que homologa seu atrelamento à Operação Porto Seguro, bem como traz outras informações a seu respeito, que são a sua exoneração do cargo do governo e o problema que ele terá por conta disso. As recategorizações de Glauco são por confirmação de suas relações com a Polícia: “Glauco foi flagrado na Operação Porto Seguro” e por acréscimo: “Glauco foi exonerado da função de procurador-geral da ANTAQ e tem um problema extra para resolver”.

- Move 3 - Análise retórica: **Fundamentar comentário**

(Passo 1B: Apresentar dado(s) que sustentam a generalização) Precisa desocupar o apartamento da União onde vive. A unidade é exclusiva aos titulares de cargos de confiança.

- Redes referenciais no movimento retórico 3

R7 (DADOS QUE SUSTENTAM A GENERALIZAÇÃO) Glauco precisa desocupar o apartamento da União onde vive, porque é exclusivo aos titulares de cargos de confiança.

R8 (ELEMENTO LIGADO AOS DADOS QUE SUSTENTAM A GENERALIZAÇÃO) O apartamento da União onde vive;

R8 (ELEMENTO LIGADO AOS DADOS QUE SUSTENTAM A GENERALIZAÇÃO) A unidade – exclusiva aos titulares de cargos de confiança (= O apartamento da União);

R9 (ELEMENTO LIGADO AOS DADOS QUE SUSTENTAM A GENERALIZAÇÃO) Os titulares de cargos de confiança.

- Processos sociocognitivos de referenciação no move 3

Anáfora direta de Glauco elíptica na oração: “Precisa desocupar o apartamento da União onde vive” (R4);

Anáfora indireta de Glauco: o apartamento da União onde vive (R8);

Anáfora direta e predicação do apartamento da União: a unidade – exclusiva aos titulares de cargos de confiança (R8);

Anáfora indireta de Glauco: os titulares de cargos de confiança (R9).

- Descrição das relações entre os referentes na continuidade de “Glauco”

Neste último passo retórico, o jornalista dá a entender ironicamente - sob seu ponto de vista, o qual compartilha com a sociedade brasileira - que não se trata, na verdade, de um “problema” de Glauco a resolver (R6), e sim de justiça, pois é “justo que Glauco saia do apartamento da União, porque não é digno de confiança, como os titulares de cargos de confiança”, o que se traduz do trecho “*Precisa desocupar o apartamento da União onde vive. A unidade é exclusiva aos titulares de cargos de confiança*”(R8). Para tanto, “*o apartamento onde vive*” é a unidade referencial tomada em questão nessa argumentação (R8), correspondendo ao elemento incorporado aos dados que corroboram o ponto de vista defendido. E, para completar o sentido, “*a unidade*” (R8) vem a retomar diretamente “*o apartamento da União onde vive*”, modificando-a com uma predicação que introduz a rede de um novo elemento convocado pelos dados que comprovam a generalização, que são “*os titulares de cargos de confiança*” (R9). Mais uma vez, a introdução de novos elementos, em afinidade com os elementos dados, coopera para as recategorizações indiretas de Glauco tanto por acréscimo quanto por confirmação. O acréscimo se dá ao se determinar o “problema” de Glauco, que consiste em sua saída do apartamento da União, consoante o que explanamos; enquanto a confirmação ocorre tanto pela homologação de sua “mudança necessária” quanto pela ratificação de seu atributo “corrupto”, exonerado do cargo por causa de práticas ilícitas - estatuto do referente alegado desde o início da nota, porém se destacando novas informações sobre o referente. Assim sendo, a homologação desse traço se deve muito implicitamente pela

avaliação acerca do apartamento da União em prol dos titulares de confiança, pelo seguinte raciocínio argumentativo: o apartamento só pode ser ocupado por indivíduos com cargos de confiança do governo federal; Glauco não é mais de confiança, então Glauco não pode mais viver no apartamento da União. Logo, defendemos que a recategorização de um elemento depende, em grande medida, de sua integração a outros que lhe são discursivamente contíguos.

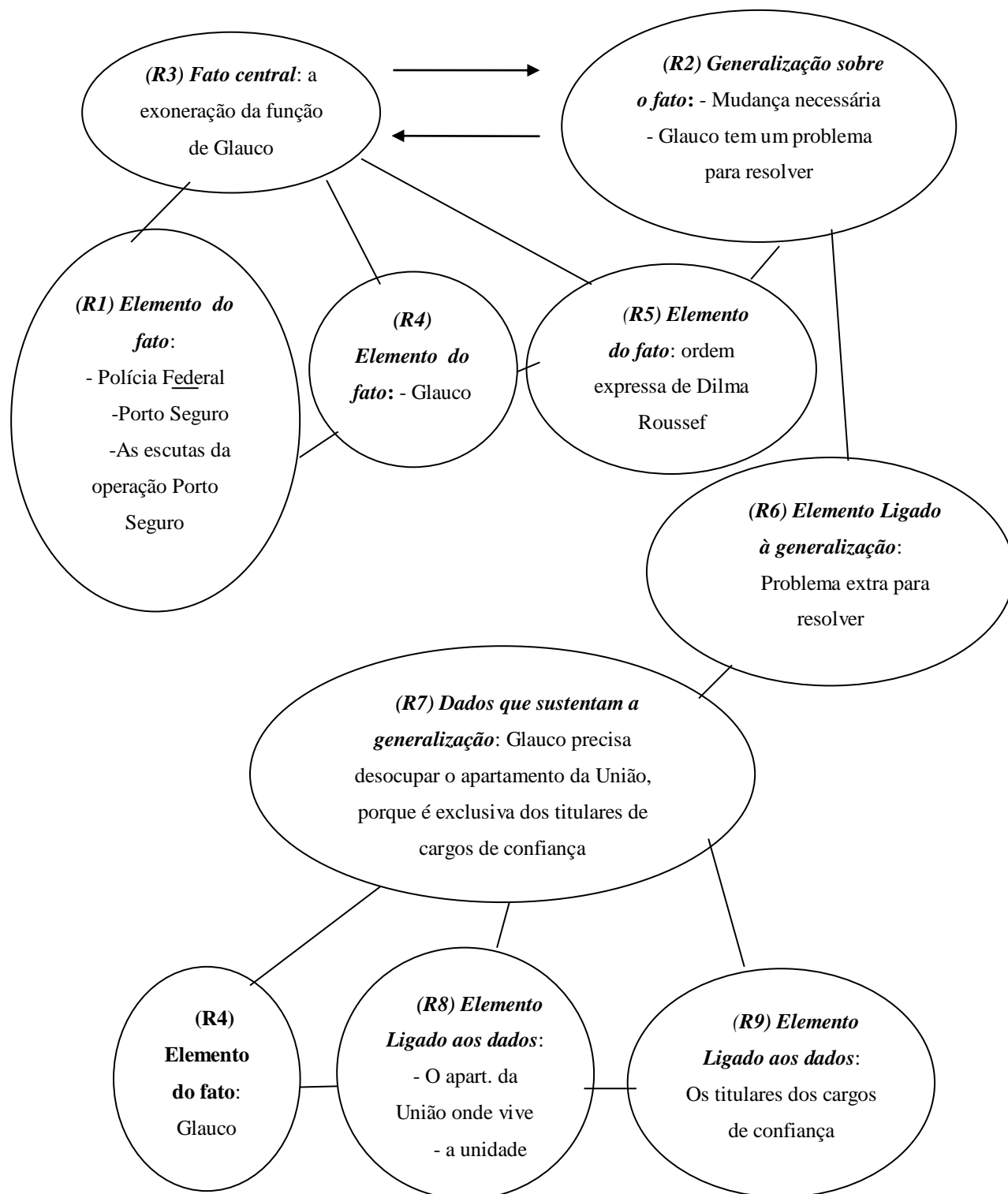
Podemos retornar agora, com mais clareza, à remissão retrospectiva do início da nota quanto ao elemento do fato “*Porto Seguro*” (R1), da mesma forma pela qual o encapsulamento de “*mudança necessária*” (R2) nos faz reprocessar o “problema” de Glauco, o que estrutura a generalização do fato, daí gerando os dados que a justificam e, concomitantemente, combinando dados que efetuam as evoluções referenciais, adaptadas aos propósitos retóricos do gênero e do produtor, consoante vimos em cada etapa analisada.

- Modos de continuidade de Glauco no move 3

Glauco é retomado direta e indiretamente, por meio de elementos que lhe são concernentes. Assim sendo, a construção de “mudança necessária” que envolve Glauco é algo apenas sugerido inicialmente, para somente, em seguida, ser reconstruído mediante a progressão referencial e textual. Como resultado, temos a recategorização de Glauco por acréscimo: “a mudança necessária se deve ao fato de sua retirada do apartamento da União” e também por confirmação: “Há uma mudança pela qual ele deve passar e tal mudança se dá por consequência de sua corrupção”.

Assim sumarizamos a análise total, no que tange à organização das redes componentes do gênero:

Esquema 17: as redes referenciais no subgênero opinativo (nota 83)



Fonte: nota extraída de nosso *corpus*

Diante desse esquema, interpretamos que as recategorizações atribuídas ao referente Glauco não acontecem isoladamente, mas sim devido a uma série de fatores sociais, cognitivos, culturais e linguísticos, dentre eles os fatores envolvidos nas relações entre tal

referente em proeminência e os demais com os quais ele se encontra em rede. Destes se extraem diversas informações (inclusive advindas do papel retórico que ocupam) que levam às evoluções referenciais.

Sem dúvida, tais resultados acabam por trazer como consequência geral a ampliação de nossa ótica sobre os processos de referenciação, visto que os especialistas que se ocuparam desses fenômenos não se detiveram em estudá-los de forma integrada, de forma a unir todos os nódulos de referência de um texto afluindo numa única rede de interligações hierarquizada pelo gênero, da maneira como aqui fazemos. Isso não se realizou em nenhum estudo das cadeias pela abordagem formalista e nem mesmo pela abordagem das cadeias na referenciação, a qual seguimos teoricamente.

Na seção que agora vem, analisaremos mais casos que corroboram os vínculos associativos entre as entidades do discurso, sob diferentes modos.

6.6.5 Mais algumas formas de (re)construções implícitas dos objetos de discurso pelas redes referenciais

Em conformidade com o que já foi debatido nesta tese, há várias ocorrências indicativas de que as redes referenciais contribuem para a construção implícita dos referentes. Além de exemplos como o anterior, vejamos como mais alguns exemplos de referentes podem ser gestados intercognitivamente, por meio das redes de referentes, antes de sua aparição no texto. Então, vejamos:

(84) Governo

Força comunista

No instante em que duas agências reguladoras (Anac e Antaq) têm dirigentes indiciados pela Polícia Federal, no rastro da Operação Porto Seguro, o PCdoB mostrou força na ANP na quarta-feira, 28. Emplacou Aurélio César Nogueira Amaral na estratégica Superintendência de Abastecimento. Para tanto, a diretora-geral, Magda Chambriard, teve que destituir um técnico concursado do posto. Vale lembrar que a agência já tem um diretor (Florival de Carvalho) filiado ao PCdoB.

(IstoÉ online, por Ricardo Boechat, 30/11/2012)

Observamos que o referente “PC do B” é gestado por meio de termos que o sugerem, “governo” e “força comunista”, associando-se entre si, principalmente pelo contexto sociopolítico ativado sobre o Brasil, em 2012. Logo mais, a superfície textual corrobora que o objeto de discussão nesta nota opinativa é o elemento do fato, “PC do B” e sua relação com o governo. O título da nota, propondo-se a direcionar a forma de construção desse referente, leva outros elementos no corpo da nota a serem acomodados nesta mesma direção, de forma a confirmar o que se sugere sobre o “PC do B” como “força comunista”, tais como o verbo “emplacou” e as expressões “mostrou força”, “teve que destituir”, além dos referentes avaliados como “a estratégica Superintendência de Abastecimento” e “um diretor (Florival de Carvalho) filiado ao PCdoB”. Deste modo, a recategorização que envolve o “PC do B” se faz através da enorme teia de relações dentro da nota, à proporção que a (re)construção do referente completa seu sentido ao se integrar à (re) formulação de outros referentes.

Do mesmo modo, há casos em que o referente, mesmo sendo apresentado logo de início, ainda não é claramente definido no momento de sua introdução, de modo que a introdução de outros referentes em associação com tal referente, de acordo com o andamento retórico, vai ajudando a prevê-lo, em combinação com o conhecimento de mundo e do contexto sociocultural do interlocutor (tivemos algumas oportunidades de comentar esse fenômeno, ao falarmos das categorizações anunciadas especialmente nos títulos das notas, no capítulo anterior). Julgamos que esse é o caso da nota noticiosa adiante:

(85) *Outro mundo*

O diretor Fabrício Mamberti acompanhou, em Los Angeles, as gravações do piloto de “No tomorrow”. A série da CW é uma adaptação de “Como aproveitar o fim do mundo”, que foi ao ar na Globo em 2012, com Alinne Moraes e Danton Mello. A TV americana comprou o formato.

(Portal O Globo, por Patrícia Kogut, 21/05/2016)

Aqui a construção do referente introduzido “outro mundo” permanece mais ou menos enigmática no texto, enquanto a movimentação das redes ajuda, aos poucos, a construí-lo, por meio de indícios que o sugerem, dentre os quais sublinhamos “No Tomorrow”, referente que funciona como elemento afetado pelo fato, e “Como aproveitar o fim do mundo”, referente que funciona como um elemento ligado à sua descrição como componente

do fato (No Tomorrow), portanto, interligando-os. Isto porque o plano linguístico da tradução de “No Tomorrow”, “Sem amanhã”, é um dos responsáveis por essa interligação entre ambos. Logo, isso se faz, dentre outros fatores, com o auxílio das redes de referentes as quais, pouco a pouco, delineiam o referente, preparando sua (re)construção ao leitor, vindo a confirmar e a acrescentar dados sobre ele.

Outra situação semelhante é esta:

(86) TST

Modernos escravistas

Maior autoridade da Justiça trabalhista no Brasil, o presidente do TST, João Dalazen, aplaude a proposta de emenda constitucional que equipara os direitos dos domésticos aos dos demais assalariados, em exame no Legislativo. “O País não pode ter mão de obra de primeira e de segunda classe. Quem diz que a PEC trará desemprego age como os senhores de terras no século XIX, resistentes ao fim da escravidão”.

(Portal IstoÉ, por Ricardo Boechat, 30/11/2012)

Inicialmente, a introdução obscura de “modernos escravistas”, que sugere alguma relação discursiva com TST, nesta nota opinativa, vai dando lugar, gradativamente, à ideia de desigualdade trabalhista pautada no conceito de escravidão, conforme o posicionamento defendido pelo opinante, mediante uma série de pistas. Algumas destas pistas, que assinalam juízos de valor, são “a proposta de emenda constitucional que equipara os direitos dos domésticos aos dos demais assalariados” (fato central que ancora a discussão), “mão de obra de primeira e de segunda classe” (elementos do fato) e “os senhores de terras no século XIX, resistentes ao fim da escravidão”(elemento ligado aos argumentos que sustentam o posicionamento), todos dotados de juízos de valor.

Igualmente de forma valorativa, a expressão que apresenta o opinante, “maior autoridade da Justiça Trabalhista no Brasil, o presidente do TST, João Dalazen”, explica a sigla “TST” posta no título, numa associação que se descobre contrária a “modernos escravistas”, cujo sentido vai sendo construído e modificado durante todo o texto, negativamente. A compreensão dessa significação foge à disposição linear das expressões no texto, algo que justifica uma visão de construção referencial não presa à sequência do cotexto, em virtude dos movimentos prospectivos e retrospectivos exigidos nessa leitura.

Assim sendo, o imbricamento entre os referentes vai tecendo as relações discursivas entre eles e a entidade “modernos escravistas”, juntamente com outros indícios contextuais, fazendo a costura do texto e ajudando o locutor a construir seu projeto de dizer, levando a entender que a entidade focalizada nada mais é do que “quem diz que a PEC trará desemprego”, que se compara a “os senhores de terras no século XIX, resistentes ao fim da escravidão”, isto é, aquele que se opõe ideologicamente a PEC enquanto instrumento de libertação do trabalho escravo, funcionando, pois, como uma espécie de contra-argumento como peça-chave para a sustentação do ponto de vista do opinante.

Como afirmamos reiteradas vezes, a proposta de Custódio Filho (2011) nos mostra que o percurso percorrido pelo referente, neste caso, *modernos escravistas*, ocorre por acréscimo, pois há uma torrente de modificações causadas pelos constantes acréscimos de sentidos a esse referente. Mas reforçamos que a recategorização também pode homologar um sentido negativo a ele atribuído, neste caso relacionado à escravidão trabalhista.

Ressalvamos, agora, dois pontos que julgamos muito pertinentes acerca das estruturas das notas opinativas e as redes referenciais. Sublinhamos aqui um discernimento fundamental entre o fato principal comentado e o comentário sobre o fato, algo que percebemos não estar suficientemente enfatizado na explanação de Figueiredo (2003) e de Figueiredo e Bonini (2007). A questão parte do princípio de que, embora estes autores tenham reconhecido como pressuposto para a existência dos comentários um evento inicial pré-existente, temos investigado que o discernimento entre aquilo que é o fato central e aquilo que representa um posicionamento sobre ele ocorre, não raro, de modo tácito pelos leitores, dado que não se dispõe dessa informação de forma lexicalmente exposta, mas sim à custa do cálculo mental desse pressuposto, em muitas ocorrências de notas jornalísticas. Em razão disso, fez-se necessário trazermos à tona e distinguirmos tais redes de referentes sob as respectivas denominações de “rede do fato central” e “rede do posicionamento sobre o fato”.

Assim, tanto o fato quanto o posicionamento sobre o fato, como já admitimos no capítulo 5, são estruturas retóricas que abarcam (ou podem abarcar) uma potencialidade de referentes abrigados em seus eixos, para a construção dos sentidos, inclusive provendo uma série de informações retóricas (dentre outros níveis de informações) condutoras de diversos sentidos de continuidade aos referentes.

Por conta dessas implicitudes, identificamos a presença do fato – assim tratado como entidade construída sociocognitiva e discursivamente - em todas as ocorrências de notas, ainda que o passo retórico condizente com “citar o fato” não seja considerado nas notas

de opinião, na análise de Figueiredo (2003), talvez pela razão de o fato vir apenas indiretamente abordado nestes casos, estando, muitas vezes, subjacente aos movimentos retóricos.

O segundo ponto é que pensamos haver elementos vinculados, de modo latente, ao “desencadeador do fato”, ao “elemento afetado pelo fato”, à “causa/motivo do fato”, ou a outros possíveis elementos peculiares à nota noticiosa no interior das estruturas de cunho opinativo. Mas preferimos nos resguardar de assim tratá-los em nossa análise, em se tratando de uma nota opinativa, que não possui as categorias narrativas do lide (*lead*), tendo-se em vista que o fato central nele não é desenvolvido a partir de elementos de um relato narrativo. Em razão disso, na nota opinativa, chamamos os elementos envolvidos no fato de “elementos do fato”.

Vejamos o próximo texto. Observemos que, na construção da rede de “Thomás Turbando”, há uma nítida demanda de um conhecimento intertextual apoiado na situação política brasileira da época da escritura da nota:

(87) *Adams sobre ‘Thomás Turbando’: ‘300 reais por 5 minutos de fama’*

O ex-advogado-geral da União, Luís Inácio Adams, ironizou para o Radar o “protesto” que um advogado de Brasília promoveu ao pagar a conta de um almoço dele e do também ex-AGU José Eduardo Cardozo.

Eduardo Moreth Loquez pagou a conta de ambos e disse que se tratava de uma “cortesia” do “ilustre jurista Thomás Turbando”.

“O ‘advogado’ gastou 300 reais por 5 minutos de fama, o que corresponde a 3.600 reais a hora. Vale tanto? Pena que pedi um vinho barato”, reagiu Adams.

(Veja.com, coluna Radar, por Vera Magalhães, 27/06/2016)

Atentemos para a questão de que, caso o leitor não desconheça o fato político que ocasionou a notícia envolvendo “Thomás Turbando”, terá condições de antecipar as informações abordadas sobre ele, realizando determinado percurso de leitura do referente desde o momento de sua introdução na nota. Na verdade, este nome representa, na memória discursiva, uma referência intertextual a uma cacofonia resultante de um equívoco do ex-advogado da União, José Eduardo Cardozo, em uma ocasião política, quando pretendia pronunciar um outro nome, o de “Thomás Bustamante” (um terceiro referente que, conquanto implícito na nota acima, relaciona-se a esta reconstrução referencial). Por isso, note-se que o

uso abundante de aspas conota o sarcasmo no qual a nota está envolta, gerenciada por termos e expressões como “um protesto”, “cortesia”, “o ilustre jurista Thomás Turbando”, “o advogado”, todas elas envolvidas no processo de recategorização de “Thomás Turbando” em tom jocoso, discursivamente viabilizado nessa relação com outros elementos referenciais e com o entorno interativo.

Já em termos de seu percurso evolutivo, o referente “Thomás Turbando” é apresentado de maneira incógnita no primeiro *move* e só volta a ser mencionado adiante; porém recategorizado, ao se descobrir que se trata do advogado “Eduardo Moreth Loquez”, em um sentido ambíguo, na medida em que o advogado age dubiamente em nome dele, de modo irônico (“Eduardo Moreth Loquez pagou a conta de ambos e disse que se tratava de uma “cortesia” do “ilustre jurista Thomás Turbando”). Esta recategorização se confirma mais uma vez pela construção “o ‘advogado’ gastou 300 reais por 5 minutos de fama”, culminando com um retorno cíclico (ao menos em parte) ao que se disse na identificação do ponto mais saliente da nota: “‘Thomás Turbando’: ‘300 reais por 5 minutos de fama’”. Outro dado interessante é a dubiedade que conduz, em seguida, à identidade referencial entre “o advogado Eduardo Loquez” e “Thomás Turbando”. Julgamos que esse retorno recorrente ao sentido pelo qual foi introduzido ocorre ao menos em parte, já que o sentido dele volta recategorizado pelas informações acrescentadas.

Assim, mais uma vez, julgamos pertinentes determinadas considerações sobre a implicitude e a intertextualidade³⁶. Um fato extremamente curioso a respeito de nossa análise do gênero nota jornalística é que, em determinados casos, recorreremos à leitura de outras notas jornalísticas prévias sobre determinado tema, para que possamos, de maneira mais contextualizada, reprocessar certos conteúdos abordados em uma nota específica. Ao que parece, isto ocorre porque, ao supor que certo tema noticiado em outros textos já seja conhecido do leitor, o jornalista os expressa ao modo do já-dado, o que pode acarretar uma leitura obscura diante de uma nota em particular, caso o leitor não disponha de leituras prévias que contextualizem os fatos. Desta forma, as recategorizações dadas como uma *oposição* de valores ocasionados pelo antagonismo de opiniões sobre o referente, no texto (88), pressupõem o conhecimento ao fato noticiado nos textos (89) e (90), ambos veiculados no

³⁶ A intertextualidade se caracteriza como uma relação que um texto estabelece com outros, das mais diversas maneiras, explicitamente marcadas no texto, ou não (CAVALCANTE; CUSTÓDIO FILHO; BRITO, 2014).

mesmo jornal (Portal Isto É) e na mesma data, dia 24 de junho de 2016, apresentando-se entre elas a evidência de uma intertextualidade. Eis o que mostraremos:

(88) *Cabo de guerra*

“Tem de ter outros critérios, além da renda. Essas questões precisam de outro tipo de olhar”, defende Terra. A proposta, porém, já chama a atenção do Ministério da Fazenda, que quer reduzir os gastos com o BPC. Em 2015, eles representaram 0,7% do PIB.

(Portal IstoÉ, por Brasil confidencial, 24/06/16)

(89) *4 centavos*

Uma visita a crianças com microcefalia em Pernambuco ajudou a convencer o ministro a pensar na revisão dos critérios. Terra conheceu uma família de dois filhos, cujo pai abandonou o emprego para dar cuidados especiais à recém-nascida. A família excede em 4 centavos a renda estipulada para ter o BPC.

(Portal Isto é, por Brasil confidencial, 24/06/16)

(90) *Para além da matemática*

Idosos e famílias com pessoas portadoras de deficiência podem ter transformado oficialmente os critérios que as selecionam para o recebimento do chamado Benefício de Prestação Continuada (BPC)

Idosos e famílias com pessoas portadoras de deficiência podem ter transformado oficialmente os critérios que as selecionam para o recebimento do chamado Benefício de Prestação Continuada (BPC). O programa prestado pelo INSS considera hoje apenas aspectos de renda per capita, mas decisões judiciais já começam a ampliar este espectro. Agora, o ministro do Desenvolvimento Social, Osmar Terra (PMDB-RS), revelou à coluna que vai se empenhar para revisar e ampliar os critérios considerando também aspectos sociais.

(Portal Isto é, por Brasil confidencial, 24/06/16)

Mostramos a relação entre os três textos acima verificando que, por ventura, o leitor não tenha ciência de outros textos que retratem este assunto, julgamos que não haja dados suficientes no texto (88), nem em (89), para se recuperar, inferencialmente, certos referentes desta temática ancorados no texto (90), porém tomados já como dados ou conhecidos do leitor em cada texto isolado. Achamos curiosa, pois, a questão da recuperação da referência no cotexto associada a outro cotexto, no caso, um outro texto do mesmo gênero nota, o qual circulou no mesmo suporte (ou hipergênero do jornal) em uma mesma data³⁷. Julgamos que essa é uma constatação relevante, que merece ser explorada em trabalhos futuros.

Por conseguinte, tais averiguações nossas corroboram os resultados de vários estudos, especificamente os do grupo Protexito, já realizados sob o ângulo sociocognitivo-discursivo, os quais, conforme já vimos, sinalizam para o fato de que a construção referencial, em uma infinidade de contextos, prescinde de uma menção pontual da entidade mentalmente construída na superfície do texto. E a partir de nossa metodologia investigativa, constatamos que tais referentes representam reconstruções insinuadas, que, muitas vezes, só se fazem entender de fato, pela progressão textual, numa intrincada relação entre os referentes em redes.

Já o item a seguir tende a demonstrar como se deram algumas variações nos padrões retóricos dos subgêneros das notas de jornal divulgados em Figueiredo (2003) e como isso se refletiu em nosso estudo sobre as redes.

6.6.6 Algumas variações não previstas de elementos na proposta de Figueiredo (2003) e suas implicações na construção do referente

Nossa análise de dados detectou certas variações em elementos originários da sugestão de Figueiredo (2003) e Figueiredo e Bonini (2007). Entretanto, julgamos perfeitamente admissíveis os prováveis e constantes acréscimos e modificações deste esquema prototípico aplicado a textos concretizados nas suas mais diversas realizações, tendo em vista que as unidades dos textos não são “congeladas”, mas sim adequadas aos contextos de uso e intentos comunicativos, elaborados por locutores inseridos em situações reais.

³⁷ Em nossa ilação, essa característica de uma nota ser elaborada quase como uma sequência dos fatos de outra nota parece ser comum a práticas relacionadas a gêneros da esfera jornalística de modo intertextual.

Um caso de variação que interessa à nossa pesquisa foi a presença da figura de mais de um opinante em algumas notas de teor opinativo, o que pode desembocar em recategorizações de sentidos opostos quando as opiniões entre os indivíduos sejam antagônicas entre si. Um desses possíveis casos é o do exemplo (91), que, além disso, traz ainda um novo recurso audiovisual:

(91) **Move 1: Identificar a nota**

Passo 2B: Identificar aspecto mais saliente

Ministro defende cobrança por bagagem

Primeiro acabou o lanche grátis. Depois, a amigável balinha de boas vindas. Alguns assentos ficaram mais caros, sob a desculpa de que seriam, vejam só, mais confortáveis. Fone de ouvido foi cortado. Cada um que use o seu. E agora, se depender do governo, as companhias áreas poderão cobrar do consumidor desde o primeiro volume de bagagem. [...]

<http://videos.abril.com.br/veja/id/a1e029d342d15736f1365c2f457c3d3c?>

Move 2: Introduzir comentário

Passo 1d: descrever aspecto da realidade - *Primeiro acabou o lanche grátis. Depois, a amigável balinha de boas vindas. Alguns assentos ficaram mais caros, sob a desculpa de que seriam, vejam só, mais confortáveis. Fone de ouvido foi cortado. Cada um que use o seu.*

[Passo 2A da nota comentário relatado]: relatar posicionamento: *E agora, se depender do governo, as companhias áreas poderão cobrar do consumidor desde o primeiro volume de bagagem.*

[Move 3: Fundamentar comentário- passo 1 do move 2 na nota comentário relatado: Identificar opinante] *O ministro dos Transportes, Mauricio Quintella, que não é nenhum especialista no setor, [Passo 1A do move 3 na nota comentário relatado: Apresentar argumentos que sustentam o posicionamento]: usou reunião ministerial para dizer que só a abertura de capital não vai solucionar o rombo nas áreas.*

E disse, então, que o Brasil é um dos três únicos países do mundo que não cobram pela bagagem despachada.

*Estimou que esse tipo de coisa causou uma perda de 10 bilhões às empresas nos últimos dois anos [Passo 2C: **Relatar perspectiva de desdobramento do fato**] e sugeriu uma audiência pública da Anac para discutir a cobrança, que reconheceu ser impopular. Para surpresa geral, obteve apoio dos colegas ministros e dos líderes do governo presentes. (Revista Veja.com, coluna Radar TVeja, por Vera Magalhães, 28/06/2016)*

A nota (91) revela diversos pontos interessantes. O primeiro deles é a inserção, no primeiro movimento do texto, de um *link* sobre um vídeo relacionado ao assunto a ser debatido, já que se trata de notas *on-line*. Logo, os recursos audiovisuais como formas de remissão na nota são algo digno de estudos mais detidos por parte de investigadores da multimodalidade – não será este o nosso caso aqui.

No corpo da nota, há a ocorrência de passos retóricos não designados como parte dos movimentos de determinada nota. Neste texto, temos como exemplo o passo 2A, o passo 1 e o 1A na sequência da nota, todos tidos como peculiares da nota comentário relatado, assim designado por Figueiredo (2003). Isto traz como corolário a mistura de ambos os tipos de nota comentário classificados por Figueiredo (2003), pois, ao mesmo tempo em que há a reflexão do fato assumida pelo jornalista, há também o relato de opinião de outro indivíduo, no caso, “o ministro” do governo. Um traço dessa consequência em particular são as oscilações entre as vozes argumentativas nesse texto. Se, em determinado momento, o comentário é da voz do próprio repórter, em outro, a opinião é de um segundo opinante relatado por esse repórter. Nisto se cria uma curiosa oposição de recategorizações dentro do mesmo texto, niveladas sob dois pontos de vista. Se, pela voz do jornalista, a cobrança pela bagagem é algo ruim para o consumidor, pela voz do ministro (rede do opinante e, ao mesmo tempo, de elemento desencadeador do fato central) a mesma cobrança é algo desejável e positivo para o Brasil, na contramão da modificação anterior do mesmo referente.

Em prol dessa oposição de sentidos, a construção das redes referenciais se dá também em dois sentidos opostos, evidenciando o que chamamos de recategorização por *desconfirmação*. Note-se que tanto o jornalista quanto o opinante selecionam, principalmente, certos aspectos diferentes do mesmo elemento afetado pelo fato “empresas aéreas” em sua reconstrução divergente, por exemplo, a enumeração feita pelo jornalista acerca dos elementos seguintes com todas as adjetivações que comportam (*o lanche grátis (acabou), a*

amigável balinha de boas vindas (acabou), alguns assentos (mais caros) (mais confortáveis), fone de ouvido (cortado)) que são, implicitamente, “os serviços oferecidos pelas empresas aéreas”. Nisso salta aos olhos a saliência da opinião do repórter pelo modo como se desqualifica o próprio opinante, alguém que “*não é nenhum especialista no setor*”, dentre outras pistas atitudinais da avaliação e da recategorização negativas sobre “*a cobrança de bagagem*”. Eis também por que, na última parte da nota, todas as entidades referenciais ligadas à perspectiva de desdobramento do fato, inclusive o novo elemento “*surpresa geral*”, foram confeccionados para embasar a repercussão do fato sob o prisma argumentativo do produtor do texto, a par do auxílio à confecção retórica do gênero.

Por outro lado, o jornalista dá voz à segunda pessoa do opinante, que defende, em contrapartida, a cobrança como positiva; em razão disso, são atribuídos a essa segunda voz a construção do referente aos olhos do empresariado, e não aos olhos do consumidor, haja vista as anáforas indiretas, tais como “*a abertura de capital*” das empresas, “*o rombo nas áreas*” e “*uma perda de 10 bilhões às empresas*”. Tais elementos são introduzidos a partir desse momento, para integrar *a rede dos argumentos que sustentam o posicionamento do opinante*; no entanto, elas já existem ao modo do conhecido, pois descendem da mesma *rede do elemento afetado pelo fato* (empresas aéreas), mas são re-adaptadas de modo a recategorizar os sentidos de “cobrança” em prol das ideias do opinante dado o objetivo retórico. Até mesmo a qualificação do elemento espacial ligado à contextualização do fato central, referente também enquadrado na rede que constrói os argumentos – “*o Brasil - um dos três únicos países do mundo que não cobram pela bagagem despachada*”, cuja atribuição através de oração adjetiva “*que não cobram pela bagagem despachada*” influi nesta recategorização, sendo retomada pejorativamente como “*esse tipo de coisa*”, a fim de fundamentar o comentário do opinante, que é também o propósito retórico da unidade do gênero.

Deste modo é que expressões ligadas a outros referentes, poderíamos citar, dentre eles, os diversos elementos componentes das empresas aéreas, a qualificação do ministro opinante, referentes ligados à perspectiva de desdobramento do fato, a predicação do elemento espacial que situa o fato - têm a possibilidade de influir nessa recategorização, sob pontos de vistas que se chocam.

Logo, a arquitetura de tais pontos de vista montada pelas redes referenciais remete-nos ao fenômeno da polifonia discursiva, em que as vozes e ideias se misturam, na medida em que a palavra alheia pode estar presente no nosso discurso, sendo que, ao tomarmos posição diante dela, realizamos escolhas dialógicas, quer de alinhamento, quer de

refutação, sempre em caráter responsivo no discurso (BAKTHIN, 1999). Por conseguinte, nessa estrutura composicional, que mescla a voz do repórter e a voz do opinante, verifica-se a existência do fenômeno polifônico nas versões alternantes da “cobrança” ora como negativa, ora como positiva, ocasionando, por isso, uma oscilante recategorização por desconfirmação dos sentidos de cobrança.

Outro exemplo de uma dupla de opinantes marcada por posições diferentes podemos conferir agora:

(92) [Move 1: passo 2B- *Identificar aspecto mais saliente*]

Filho de Carlos Feitosa diz que não houve crime

[*Move 2: Introduzir comentário- Passo 1: Identificar opinante [1]: Procurado pelo O POVO, o desembargador Carlos Feitosa [Passo 2A: Relatar posicionamento [1]: preferiu se “resguardar de comentar” sobre a decisão de virar réu no STJ. [Passo 1: Identificar opinante [2]]: Já o advogado Fernando Feitosa, filho do magistrado e acusado pela Polícia Federal de intermediar a venda de liminares, [Passo 2A: Relatar posicionamento [2]]: afirmou não aceitar a “condenação pública antecipada. Agora é que temos de fato um processo”. (...)* (O POVO, 16/03/2017)

Neste segundo exemplo, também residem duas estruturas retóricas a mostrar duas vozes opinativas de pai e de filho, o desembargador Carlos Feitosa (elemento do fato e opinante 1) e o advogado Fernando Feitosa (elemento do fato e opinante 2), respectivamente. Não obstante isso, a diferença entre o texto (91) e (92), em termos de textualização, é que neste, existem duas opiniões relatadas pelo repórter, marcadas pela identificação de dois opinantes. Ao passo que naquele, há um ponto de vista expresso pelo repórter, que discute determinado fato, mas que também dá lugar a outra opinião. Contudo, em ambos os casos, continua a existir a dualidade de vozes polifônicas, embora naquele caso a voz do jornalista se faça sentir com mais força do que nesse caso, em que o ponto de vista do jornalista disfarça-se em tons mais discretos. Outro exemplo semelhante é o do exemplo (88), na construção da rede de “*os gastos com o BPC*”, que se contrapõe dialogicamente ao ponto de vista de outro opinante num mesmo texto, que, por sua vez, efetua a alteração do referente em sentido diverso ou oposto. Desse modo, se para um opinante, os gastos com o BPC é algo que deve ser possivelmente expandido, o mesmo referente, para o outro opinante, é algo que deve ser

reduzido, conforme se expressa retoricamente, no relato do posicionamento do segundo opinante.

Nestas questões residem nossas críticas com relação ao modelo sugerido por Figueiredo (2003). Uma é a de que nem sempre se mostra uma opinião unívoca, e nem sempre haverá apenas uma pessoa, ou instituição a opinar, o que pode causar, conseqüentemente, uma verdadeira bifurcação de recategorizações referenciais, coexistentes no texto. Por isso, seu modelo deveria prever a influência de tais situações dialógicas em termos retórico-composicionais, como se expôs em (88), (91) e (92). Outra crítica é a de que ambos os tipos de nota (comentário e comentário relatado) não deveriam ser tratados como dois subgêneros distintos; para nós, trata-se de um mesmo subgênero opinativo, sendo que aquilo que nele se sobressai é, praticamente, um mesmo padrão retórico-composicional, além da intenção comum de demonstrar avaliações ou reflexões sobre os fatos.

Portanto, analisamos que, embora certas combinações de elementos não estejam alocadas dentro do modelo prototípico de Figueiredo (2003), elas são assim elaboradas para atender perfeitamente aos desígnios argumentativos do jornalista; e para isso, não se pode estar preso à estrutura composicional dentro de unidades fixas e cerradas; elas são livres até certo limite, para cumprir os intentos dos produtores dos textos, dentro dos multivariados contextos.

A estrutura de ambos os exemplos supracitados, ao revelar a característica de uma dupla opinião antagônica diante de um mesmo referente se apresenta como o tipo de recategorização interpretada como uma possibilidade dos modos de retomada recategorizadora acontecerem por meio de uma *desconfirmação*. A seção 6.6.8.1 será oportuna para tal discussão, sobre a qual refletiremos.

Uma outra possibilidade do fenômeno da recategorização por nós verificado nas relações entre os nódulos referenciais consiste no fato de que o contato discursivo entre referentes pode favorecer determinadas transformações neles que impliquem questões avaliativas. A partir de agora, mostraremos algumas exemplificações desse fenômeno.

6.6.7 Observações sobre as relações entre os referentes e suas implicações nas recategorizações avaliativas

Vemos se sobressair, em nossa análise, a complexa integração entre os diversos elementos de retomada recategorizadora surgidos na manutenção e progressão do processo

referencial nas redes, verificando-se que a recategorização se faz nesta perfeita combinação de elementos entre si. Em razão disso, discutiremos acerca de como se dá a intervenção das relações entre os elementos das redes de referentes, nos processos de recategorização avaliativa. Esta discussão será breve, pelo fato de a influência avaliativa de um referente sobre outro não ter sido um aspecto suficientemente abordado em nosso exame das redes.

Iremos conferir, por exemplo, certos casos a mostrar que um referente pode ser avaliado apreciativa ou depreciativamente, sob influência de outro com o qual estabelece conexão no texto:

(93) Move 1: Identificar a nota – Passo 2B: Identificar pontos salientes:

Sem repasse da prefeitura, UPA de Palmeira volta à Zona Vermelha

[Move 2: Sumarizar a nota- Passo 2D: Citar a causa/motivo do fato] Mais uma vez, vítima do descaso administrativo por parte da prefeitura municipal de Palmeira dos Índios, [Passo 2B: Citar o elemento afetado pelo fato]: a UPA, que foi polemicamente construída e instalada para assegurar a saúde da população, [Passo 1- Citar o fato] volta mais uma vez a dar sinais de falência múltiplas dos órgãos.

[Move 3: Agregar informações complementares – Passo 1A: Apresentar o fato] Em reunião realizada na última terça-feira entre coordenadores e funcionários, chegou-se à conclusão de que sem o repasse dos valores devidos pela PMPI, a partir deste domingo 29, a Unidade médica só prestará atendimento aos pacientes que estiverem enquadrados dentro do que se institui de Zona Vermelha.

[Passo 1I: Apresentar perspectiva de desdobramento do fato] Há uma previsão pessimista de que será inevitável o encerramento das atividades da instituição a partir do mês de agosto, conforme cálculos de peritos em administração na área de saúde. [Passo 1D: Apresentar causa/motivo do fato] Contudo, a responsabilidade pelo caos é atribuída definitivamente à incapacidade de gerenciamento por parte do prefeito municipal de Palmeira dos Índios.

(Estadão Alagoas, 28/05/2016)

Asseveramos que a tendência desta orientação argumentativa é a de apontar traços que recategorizam o referente “UPA de Palmeira dos Índios” (elemento afetado pelo fato) na progressão do texto de modo negativo, e as pistas que o transformam se devem,

dentre outras coisas, à influência de outro objeto, que, neste contexto, é o elemento da causa/motivo do fato: “a prefeitura de Palmeira dos Índios”. Dito de outra forma, a rede referencial de UPA (por exemplo, “(volta à) zona vermelha”, “sinais de falência múltipla dos órgãos”, “uma previsão pessimista”, “(só prestará) atendimento aos pacientes que estiverem enquadrados dentro do que se institui de Zona Vermelha”) sofre a influência da avaliação também negativa da prefeitura, avaliada depreciativamente (confira-se, dentre outras, as expressões “o descaso administrativo por parte da prefeitura municipal de Palmeira dos Índios”, “incapacidade de gerenciamento por parte do prefeito municipal de Palmeira dos Índios”). Perceba-se que a relação discursiva entre ambos os referentes é tamanha que se faz notar por elementos comuns a UPA e à prefeitura, tais como “(sem) o repasse dos valores devidos pela PMPI” e “a responsabilidade pelo caos (da UPA)”, pois um remete intrinsecamente ao outro. Ao raciocinarmos deste modo, entendemos o porquê da influência avaliativo-argumentativa de um referente sobre outro, já que o elemento negativamente afetado pelo fato se associa à causa do fato igualmente negativa.

Neste exemplo que segue, veremos, porém, que nem sempre as avaliações seguem uma mesma direção, de sorte que, de um lado, determinado referente pode ser avaliado positivamente pela ligação que mantém com outro(s), tal como na nota a seguir:

(94) Move 1: Identificar a nota - Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico



Passo 2A: Categorizar a nota:

Indicação de renome

[Passo 2B: Identificar pontos mais salientes]

O livro preferido de negócios de Bill Gates chega neste mês ao Brasil pela Record

[Move 3: Agregar informação complementar - passo 1B: apresentar histórico do fato]: Lançado originalmente em 1969, “*Business Adventures*”, de John Brooks, voltou a ganhar fama em 2014, quando o fundador da Microsoft revelou em artigo sua estima pela obra, indicada a ele na década de 1990 por ninguém menos que o megainvestidor Warren Buffett.

[Move 2: Sumarizar a nota - passo 2C: situar o fato]: Com coletâneas de casos emblemáticos do mundo dos negócios, como *General Electric* e *Xerox*, **[Passo 1: citar o fato]:** a obra será lançada pelo selo de negócios da editora, o *Best Business*, **[Passo 2C: situar o fato]** com o título de “*Aventuras Empresariais*”. (Portal Veja, coluna Radar on-line, Natália Viri, 09/03/16)

A inversão da ordem dos *moves* (1, 3 e 2) é uma das realizações encontradas na nota de jornal. O primeiro *move* segue a ordem prototípica, em que se anuncia a notícia após a foto ilustrativa pela expressão conhecida no meio jornalístico como “cartola”, que, como vimos no capítulo 5, tem o papel de posicionar a nota dentro de uma temática; no caso de (94), corresponde à categorização encapsuladora “indicação de renome”, a qual, em nossa análise, faz remissão prospectiva à rede referencial ligada ao histórico do fato, que, na verdade, é um dos pontos mais enfatizados no texto. O histórico do fato resume o porquê de um livro antigo ser tão famoso atualmente, revelando-se as importantes personalidades que influenciaram na fama do livro, que são Bill Gates (pessoa famosa cuja imagem é exposta na foto) e Warren Buffet. É muito provavelmente por essa razão que se dá a inserção do movimento 3 antes do movimento 2, com a antecipada citação do histórico do fato, relembrando, de modo persuasivo, quando o livro foi originalmente lançado e quando ele começou a ser conhecido. Só na sequência retórica, é que surge a contextualização e a citação do fato (referente que já começou a ser construído no movimento 1), normalmente inseridos na segunda unidade retórica da nota. Não há assim como negar que a avaliação positiva imputada ao livro repercute a figura destacadamente positiva de Bill Gates, ativada pela memória discursiva do leitor, tanto por meios verbais quanto visuais, reforçando a defesa da recategorização indireta de um elemento referencial por meio de outro elemento a ele contíguo.

Mais um caso curioso é quando um referente pode ser tanto positivo quanto negativo pela “contaminação” com aquilo a que pode ser associado, ainda que por evocação no contexto:

(95) **Move 1: Identificar a nota- Passo 2B: Identificar pontos mais salientes:**

Best-seller nos anos 2000, Augusto Cury volta com romance político

Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico



Cury: qualquer semelhança não é coincidência

[Move 2: Sumarizar a nota – passo 2A: Citar o elemento desencadeador do fato] Um dos autores brasileiros mais vendidos nos anos 2000, Augusto Cury **[passo 1: Citar o fato]** lança **[passo 2C: Situar o fato]** neste mês pela editora Planeta **[passo 1: Citar o fato]** novο romance com título concernente aos dias atuais: O médico da humanidade e a cura da corrupção.

[Move 3: Agregar informação complementar - passo 1J: Apresentar fato relacionado] Embora não situe explicitamente a história no Brasil, **[passo 1A: Apresentar o fato]** Cury trata de temas para lá de atuais.

[passo 1C: Descrever componente do fato] O protagonista é Napoleão Alcântara, candidato à presidência de um grande país que recebe a visita do misterioso senhor H.

Cercado de assessores de índole duvidosa, como o marqueteiro João Gilberto, Napoleão começa a rever seus conceitos quando H o coloca frente a frente com líderes e pensadores como Robespierre e Sócrates. (Veja.com, por Vera Magalhães, 13/03/2016)

Observemos que esta nota do tipo noticiosa, dados os seus movimentos e *steps* retóricos, contém um alto teor avaliativo-argumentativo, concentrado, de modo crucial, na rede referencial do elemento desencadeador do fato (Augusto Cury), o qual está relacionado à sua obra como rede do elemento afetado pelo fato. Uma vez introduzido no texto sob a predicação, “*Best-seller nos anos 2000*”, ou “*um dos autores mais vendidos nos anos 2000*”,

lança-se a perspectiva ao leitor de que o referente “*romance político*”, num vínculo semântico-discursivo entre autor-obra, possua a mesma característica apreciativa de seu elemento próximo, pelo menos de acordo com a condução argumentativa deste contexto. E, de fato, todo o conteúdo do texto se voltará ao elemento recategorizado como “*novo romance com título concernente aos dias atuais: O médico da humanidade e a cura da corrupção*”, obra cuja leitura será instigada por meio de sua descrição na posteridade do texto.

E um fato interessante é que a temática abordada pela obra revela um referente ficcional, “a corrupção”, cujo teor semântico-lexical já é por si só de teor negativo, mas que se torna ainda mais depreciativa, especialmente pela associação feita pelo autor Augusto Cury entre os elementos do contexto da história de “*um grande país*” na ficção e os elementos contextuais da História do Brasil, o que se prediz veladamente no movimento 1, “*qualquer semelhança não é coincidência*”, ou ainda, “*embora não situe explicitamente a história no Brasil, Cury trata de temas pra lá de atuais*”. Em nosso entendimento, uma nova rede tacitamente paralela aos referentes da ficção (a rede de fato relacionado, que são os fatos históricos ligados à corrupção no Brasil) é armada argumentativamente nesse texto, com o fim de realizar uma crítica social acerca dos acontecimentos compartilhados no meio sociocultural e econômico brasileiro. Assim, a rede de elementos da história da obra, a nosso ver, possui uma raiz ainda mais negativa pela contaminação de sentidos relacionados aos da rede do referente “História do Brasil”.

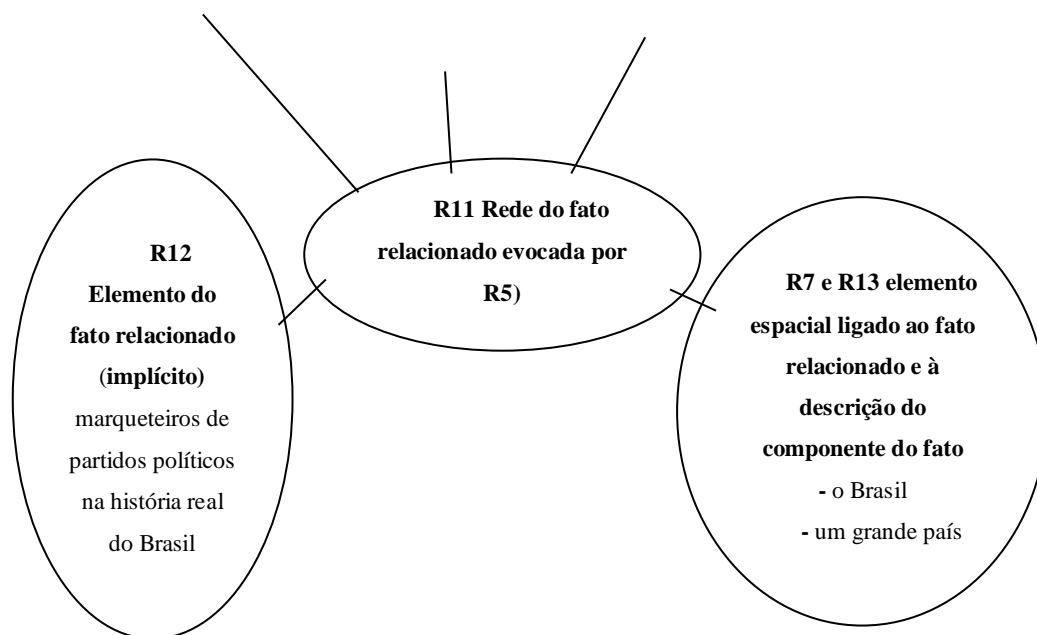
Tal paralelismo irá se delineando à medida em que vão sendo desenvolvidas as redes referenciais, durante o passo retórico de descrever o componente do fato, no caso, a história do livro. Consequentemente, o referente negativo da corrupção abordado na história será recategorizado, dentre outras coisas, pela rede de referentes que fazem parte da descrição retórica do componente do fato. Nesta rede, estão elementos como “o protagonista Napoleão Alcântara” e “assessores de índole duvidosa, como o marqueteiro João Gilberto”, cuja influência em sentido depreciativo se faz confirmar sequencialmente, pela recategorização do personagem, “Napoleão começa a rever seus conceitos”, os quais evocam redes de elementos ligadas a “políticos brasileiros corruptos”, inclusive “marqueteiros de partidos políticos” em campanhas eleitorais, na contemporaneidade brasileira, posto que podemos resgatar tais dados da memória discursiva relativa aos acontecimentos e discursos de nossa época, em meio ao entorno de crise política vivenciada no país. Por conseguinte, interpretamos que haja o paralelismo entre os elementos da obra com os elementos da História brasileira, interconectadas entre si e com os outros elementos do texto.

Por outro lado, o movimento das redes referenciais, no plano processual do texto, demonstra que o livro de Cury é recategorizado por acréscimo de novos dados à história que se desenrola, ao passo que também é recategorizado por confirmação do traço com que é anunciado desde o início, que é o de ser um romance político abordando o tema da corrupção. É importante ressaltar que o referente “corrupção” da história de Cury é avaliado negativamente, mas o livro de Cury é (re)moldado de forma instigante, por retratar um tema da atualidade, demonstrando-se uma perfeita simbiose entre o autor e sua obra, de modo que, na presente nota, “vende-se” a boa imagem do livro, em parte, pela imagem de brilhantismo e criatividade de seu autor, cuja foto é destacada no primeiro movimento retórico do subgênero.

Propomos, ao final a síntese da organização dessas redes na nota (95), para melhor visualizarmos as redes evocadas:

Esquema 18 – a construção avaliativa de redes referenciais evocadas por outras (nota 95)





Fonte: nota extraída de nosso *corpus*

Em suma, temos que a obra destacada (rede do elemento afetado pelo fato) é apreciativa por conta dos valores positivos atribuídos ao autor Augusto Cury (rede do elemento desencadeador do fato), enquanto que os personagens da história da obra (redes dos elementos de descrição do componente do fato) são dados como depreciativos em razão de elementos do fato a que se ligam num plano evocativo (redes de elementos do fato relacionado). Portanto, é também curioso o fato de se estabelecer aqui não só um referente de modo implícito, mas sim vários referentes dentro da rede de R6 evocados por R5, construídos em torno da corrupção na história real do Brasil veiculada pelos jornais midiáticos, dentre os quais identificamos os marqueteiros de partidos na história real do Brasil, ou ainda, outras personalidades políticas possivelmente recuperáveis na memória discursiva do leitor diante dessa leitura.

Contudo, outros textos elaborados, como o que se encontra a seguir, podem nos mostrar um fenômeno inverso, em que um referente avaliado positivamente pode provocar, contrariamente, a avaliação negativa do outro, ou vice-versa, ao que nos parece:

(96) Move 1: Identificar a nota - passo 2B: Identificar pontos mais salientes

Vídeo - Janaína Paschoal se impõe contra Lindbergh

"Como petistas têm vassallos, e não orientandos, exigem que os outros se ajoelhem"

Passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico



Lindberg x Janaína

[Move 2: Sumarizar a nota – passo 2A: Citar o elemento desencadeador do fato] Janaína Paschoal [passo 1: citar o fato] se impôs mais uma vez contra [passo 2B: citar o elemento afetado pelo fato] Lindbergh Farias (PT-RJ) [passo 2C: Situar o fato] na comissão do impeachment. [passo 2D: Citar causa/motivo do fato] O senador petista havia dito que estranhou o fato de o juiz que decretou a **prisão de Paulo Bernardo** [grifo do autor] ser orientado em pesquisa na USP pela coautora do pedido de impeachment contra Dilma Rousseff.

[Move 3: agregar informações complementares - passo 1A: Apresentar o fato] Na sessão desta segunda-feira (27), a advogada rebateu a insinuação de “Lindinho” [passo 1L: Relatar posicionamento do opinante] alegando que o juiz toma suas decisões de acordo com a sua própria consciência.

[Passo 2A: Comentar posicionamento de opinante] Para arrematar tamanha obviedade e mostrar que o PT tenta medi-la com a régua do partido, Janaína saiu-se com uma frase memorável: [Passo 2B: apresentar argumento que sustenta a opinião] “Como os petistas têm vassalos, e não orientandos, eles exigem que os outros se ajoelhem diante deles.

Assista”.

(Veja.com, por Felipe Moura Brasil, 27/06/2016)

No presente texto, que mescla, retoricamente, a notícia e a opinião, destacam-se dois referentes na estrutura composicional, porém um construído em sentido contrário ao do outro: um deles é “Janaína Paschoal” e o outro, “Lindberg Farias”. Antes de tudo, merece ser digna de nota a inovação do vídeo acima que ilustra o fato, desempenhando, a nosso ver, igual função à de uma ilustração por meio de uma foto, ou desenho, ou gráfico, consoante o movimento retórico de identificação da nota. Neste caso, a imagem que aparece no vídeo é a de Lindberg, cuja fisionomia julgamos que tende a confirmar a ideia de um contexto de

tensão. O repórter aborda Lindberg como um elemento afetado pelo fato, delegando à Janaína uma postura de alguém que desencadeia o fato. Atente-se, por exemplo, ao enfoque dado na nota: “Janaína Paschoal se impôs mais uma vez contra Lindbergh Farias”.

Notemos, no início do texto, a expressão conotadora de rivalidade “Lindberg x Janaína”, bem como a construção “Janaína Paschoal se impôs mais uma vez contra Lindbergh Farias”, que fortalecem esse efeito de sentido, pois ambos se revelam, assim, em uma situação discursiva de conflito. O primeiro é ideologicamente remodelado de modo apreciativo, em detrimento da construção pejorativa de Lindberg. A figura positiva de Janaína sobressai-se através de certas marcas as quais denotam o próprio posicionamento do jornalista em seu favor, uma vez se resgatando os eventos em torno do impeachment da presidente da República do Brasil, no ano de 2016, em nosso modelo de conhecimento episódico (KOCH, 2002). Desse modo, além das propriedades atribuídas como “*a advogada*” e “*coautora do pedido de impeachment contra Dilma Rousseff*”, juntamente aos verbos indicadores de força e de ação, “*rebateu*” e “*arrematar*”, além das qualificações do juiz, também positivamente vinculado a ela (o juiz toma decisões de acordo com sua própria consciência, ou ainda, a construção indireta de que o juiz é um orientando, e não um vassalo), sem esquecer as anáforas indiretas a respeito de Janaína que realizam com igual vigor o papel dessa avaliação, que são “*tamanho obviedade*” e “*uma frase memorável*”. Tais referentes, que consistem nos rótulos dados, respectivamente, ao posicionamento da opinante e ao argumento que sustenta esse posicionamento, representam, sem dúvida, uma posição de relevo nessa nota, conforme o destaque dado à opinião da advogada no movimento 1, de identificação da nota.

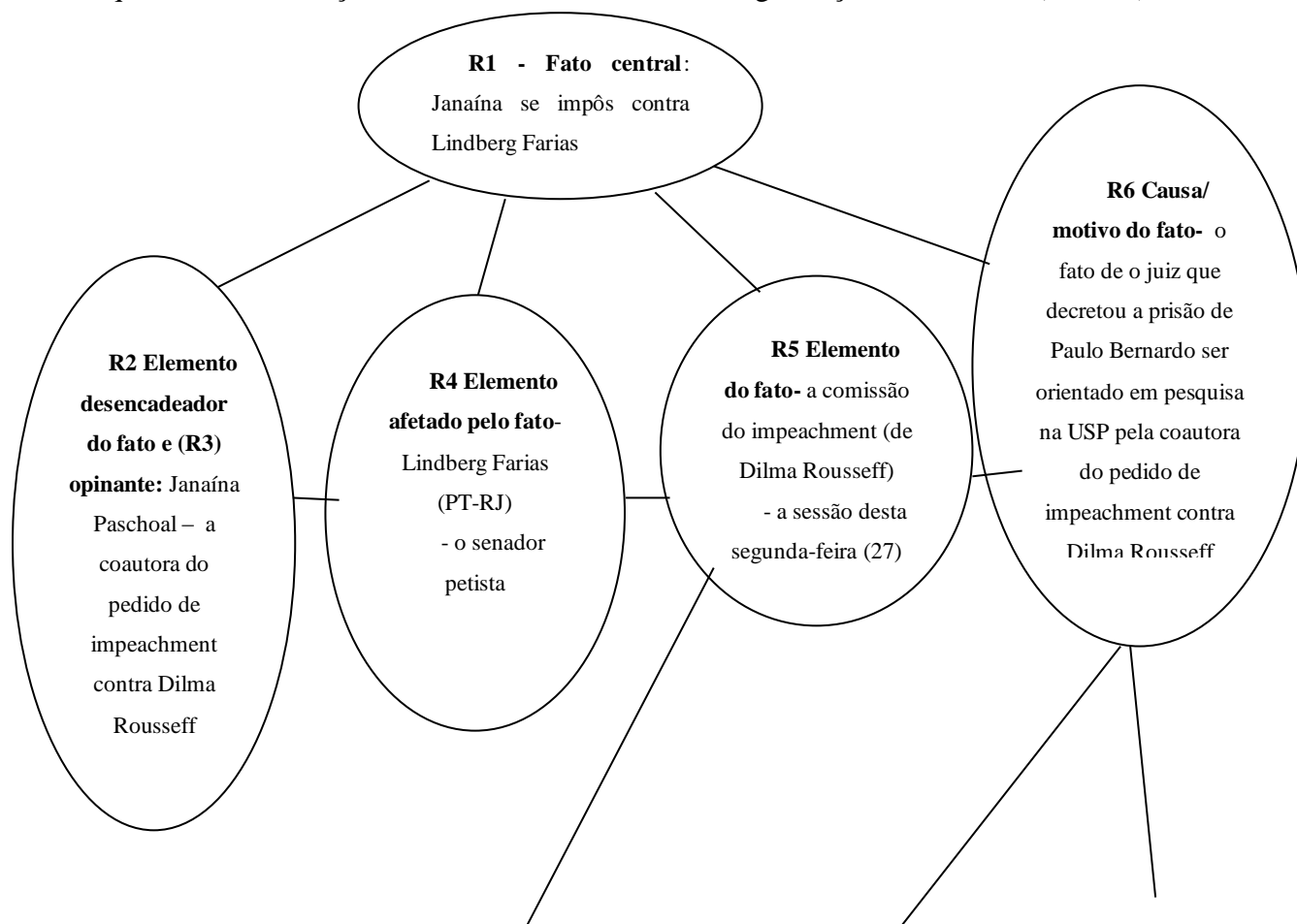
Em contrapartida, detectamos que tais anáforas causam um efeito de embate a uma avaliação positiva de Lindberg no contexto enunciativo. Como suporte, afluem então certos elementos de referência que revelam, principalmente, marcas de desqualificação do partido político PT, ao qual pertence Lindberg. Por exemplo, “*os petistas têm vassalos, e não orientandos, eles exigem que os outros se ajoelhem diante deles*”, mesmo em referência indireta, é pejorativa em relação a Lindberg e ao PT; ao mesmo tempo em que, nas entrelinhas, é um traço oposto à Janaína e ao juiz, por significar, segundo a construção da opinante, que “Janaína não possui vassalos, e sim orientandos”, que agem por consciência própria, e não sob “*a régua do partido do PT*”. Por isso, não é à toa que o repórter põe em negrito a nomeação de um elemento ligado à causa do fato, “**a prisão de Paulo Bernardo**”, o qual deve ser recuperado pelo leitor também como um integrante do PT, além da presidenta Dilma Rousseff.

Por fim, havemos de lembrar que a “*tamanha obviedade*” – significando que tal posicionamento foi absolutamente claro, segundo Janaína e que foi endossado pelo repórter - possui como âncora o fato alegado pelo senador petista, o qual foi reconstruído pelo encapsulamento “*a insinuação de “Lindinho”*”. Daí a carga altamente depreciativa do sufixo - *inho* anexo ao nome próprio; logo, “a insinuação de ‘Lindinho’” veio ao encontro da opinião de Janaína.

Assim, corroboramos o que dizem Bonomi (1994) e Custodio Filho (2011) acerca da interferência de referentes sobre outros na progressão textual, de modo que as relações que vão sendo contraídas entre eles vão tecendo as redes de modo argumentativo e acarretando as recategorizações continuamente no universo textual-discursivo, integrando-se aos demais elementos do cotexto e do arcabouço sociocognitivo e cultural dos interlocutores. Neste caso, as recategorizações tendem a confirmar o estado inicial dos referentes como mutuamente rivais no texto, acrescentando-lhes dados e características que acentuam essa relação discursiva, tais como a própria forma como as duas redes se caracterizam antagonicamente, de modo que uma construção referencial desfavorece a outra.

Sugerimos que os elementos do subgênero assim se estruturam pelas seguintes redes referenciais:

Esquema 19: As relações entre os referentes nas recategorizações avaliativas (nota 96)





Como resultado dessas relações entre os referentes, a recategorização da rede do elemento afetado pelo fato (R4), que são os petistas, aos quais Lindberg está intimamente associado, ocorre por contaminação de outros elementos, dentre os quais destacamos a rede de R2 e R3, que é a de Janaína Paschoal, que desencadeia o fato e, ao mesmo tempo, opina sobre ele na nota (96). Porém, essa contaminação de sentidos, ao que tudo indica, dá-se em sentido oposto à apreciação de Janaína, pois os petistas são qualificados como os que possuem vassallos, sendo estes comparados aos orientandos da advogada Janaína Paschoal. O ponto de vista da opinante é também assumida pelo jornalista, pois ele, ao relatar o argumento que sustenta tal opinião, rotula-o sob a expressão “uma frase memorável”, referindo-se ao posicionamento como “tamanho obviedade”, homologando, portanto, o ponto de vista de Janaína e ajudando a construir o elemento afetado pelo fato negativamente, por pistas textuais, como a expressão “o PT tenta medi-la com a régua do partido”.

A nota seguinte, de mesmo tema político, é mais uma evidência em favor dessa influência contrária entre referentes:

(97) Move 1: Identificar a nota – passo 1A: Ilustrar a nota com fotografia ou desenho ou gráfico



Deputado federal Luiz Carlos Hauly

[Move 3: Fundamentar comentário – passo 1A: Relatar argumentos que sustentam o posicionamento]: “Reforma fatiada não é comigo. Estou tratando da matéria mais séria do País, que vale por todas as reforminhas que estão sendo feitas”, **[Move 2: Introduzir comentário - passo 1: Identificar opinante]** diz o relator da reforma tributária, **[Passo 2A: relatar posicionamento]** ironizando as reformas da Previdência e Trabalhista.

Similarmente à ilustração anterior, nesta estrutura de nota opinativa (a qual apresenta os movimentos retóricos em ordem invertida, em situação semelhante à do exemplo (94), acerca das variações de padrão do subgênero) revela-se um objeto discursivo positivamente avaliado em detrimento da avaliação negativa de outro: “reforma fatiada” e “todas as reforminhas que estão sendo feitas”, remetendo às reformas previdenciária e trabalhista, num frontal contraste à reforma tributária, negociada no discurso pelo opinante, “deputado federal Luís Carlos Hauly”, como “a matéria mais séria do país”. O tom argumentativo da nota também se faz presente pela postura do político na imagem, com o dedo em riste.

Antes de encerrarmos estas considerações, recordemos a análise do referente Flávia Piovesan na nota (82):

(Excerto da nota 82) (...) Para o ex-ministro da Justiça, Eugênio Aragão, o convite à jurista Flávia Piovesan para assumir a Secretaria de Direitos Humanos é a prova de que o governo Temer “precisa de pessoas para legitimá-lo”. A professora é benquista entre juristas ligados aos governos Dilma e Lula. Aragão imagina que Flávia tenha aceitado o cargo por pensar “antes eu do que um aventureiro”.

(Jornal O Estadão, Por Beatriz Bulla, 18/05/2016)

Analogamente aos demais casos, a introdução do referente “juristas ligados aos governos Lula e Dilma” é um referente associado a Flávia, atuando beneficentemente em sua qualificação, de acordo com a orientação argumentativa do opinante do texto, ao passo que a introdução de “um aventureiro” colabora para a (re)construção positiva de Flávia, porém em dissociação com ela, em termos atributivos.

Ademais, acreditamos na probabilidade deste tipo de reconstrução dos referentes ocorrer por influência do gênero nota jornalística. Mesmo diante do fato de se corroborar cada vez mais a presença de teor avaliativo nos mais diferentes tipos de texto (MATOS E CAVALCANTE, 2016), a nota jornalística é um dos gêneros que mais contêm argumentos e embates de pontos de vista, mesmo em notas de esquema noticioso.

Em suma, todas essas ocorrências sugerem que orientações argumentativas possivelmente coloquem em cena, muitas vezes, referentes com caracterizações, seja com a intenção de aproximá-los em uma mesma direção avaliativa, seja com o intuito de dissociá-los em termos de juízos de valor, mas julgamos que o aspecto das relações entre os referentes nas

avaliações poderá ser analisado com mais acuidade, em investigações mais específicas sobre o tema da avaliação nos textos. Em todo o caso, corroboramos o que dizem Bonomi (1994) e Custodio Filho (2011) acerca da interferência de referentes sobre outros na progressão textual.

Nesse emaranhado de relações, vejamos agora outros modos de continuidade referencial por nós encontrados na análise das redes.

6.6.8 Outras possibilidades de recategorizações consideradas em decorrência de nossa análise

No transcorrer de nossa análise sobre a intervenção das redes de referências nas recategorizações das notas de jornal, observamos as formas de apresentação e de continuidades referenciais tanto por meio de recategorizações (mudanças) por *acréscimo* de informações aos referentes quanto por meio de *confirmação* de informações já conferidas aos referentes, corroborando, assim, os resultados obtidos pela pesquisa taxionômica de Custódio Filho (2011) na qual nos baseamos. No entanto, não detectamos nenhuma recategorização por *correção* sugerida pela classificação de Custódio Filho (2011); além do fato de que certas recategorizações nos textos de nosso *corpus* não se enquadraram, com precisão, em nenhuma das três categorias de continuidade (confirmação, acréscimo e correção) da análise de Custódio Filho (2011). Talvez porque tais ocorrências são de natureza distinta das manifestadas no contexto da narrativa ficcional analisada pelo autor. Os casos que analisamos cumprem a função de adicionar novas informações aos referentes noticiados ou discutidos no meio jornalístico, reconstruídos no contexto de argumentações, por vezes conflituosas.

Surgida assim em decorrência da análise, nossa sugestão sobre a existência desses modos de continuidade (retomada recategorizadora), analisados à luz da convocação das redes referenciais, assenta-se sobre algumas reflexões rápidas que ora faremos, lançando um convite a um exame mais profundo sobre o fenômeno, em pesquisas ulteriores.

6.6.8.1 A hipótese das recategorizações por desconfirmação e sua função argumentativa na nota jornalística

Um caso previamente mencionado nessa tese é aquele que vem caracterizado pela modificação de dados sobre o referente, em sentido contrário ao que se vinha apresentando anteriormente, de modo que, em certos casos, despontam-se opiniões divergentes em sua

(re)construção, oferecendo vazão ao que se entende por polifonia de vozes no discurso, em sentido restrito. Desta forma, alternam-se versões de sentido a respeito de determinado referente no texto, por ocasião do ponto de vista de mais de um enunciador, cada um rejeitando a negociação de sentido do outro e oferecendo, em troca disso, a sua própria versão a respeito do referente. Apesar de sugerirmos que a recategorização pode ocorrer em um sentido contrário, tal como na mudança por correção (tomamos a nomenclatura “mudança” por sinônimo de “recategorização”) designada por Custódio Filho (2011), esta transformação opositiva não surte grandes efeitos impactantes ao leitor, como acontece na mudança por correção.

Neste ensejo, recordemos os exemplos que contemplam tal antagonismo, ao revelar duas reconstruções conflitantes sobre os referentes, dado que uma opinião desconstrói a outra anterior, corrigindo-se, pois, mutuamente as atribuições de traços conferidos ao referente no texto, de modo que a construção avaliativa em torno de um referente influencia, por via indireta, a construção de outros na mesma direção, numa oscilação entre os polos positivo e negativo, havendo toda uma reorganização das redes em prol de cada opinião e, para isto, as redes se tornam fundamentais, portanto.

Julgamos salutar rememorarmos o exemplo (88) para trazer à tona o fenômeno:

(Reiteração do exemplo 88) Cabo de guerra

“Tem de ter outros critérios, além da renda. Essas questões precisam de outro tipo de olhar”, defende Terra. A proposta, porém, já chama a atenção do Ministério da Fazenda, que quer reduzir os gastos com o BPC. Em 2015, eles representaram 0,7% do PIB.

(Portal IstoÉ, por Brasil confidencial, 24/06/16)

Primeiramente, recordemos que a nota possui dois opinantes divergentes: um é Osmar Terra, o outro é o Ministério (ou o ministro) da Fazenda, que reconstroem, de forma paralela, o referente “gastos com o BPC”. Logo, há o cruzamento de duas vozes opinativas, que envolvem redes encarregadas de travar tais relações (as dos opinantes 1 e 2, as dos posicionamentos 1 e 2, a do argumento que sustenta o posicionamento 2). O próprio título já aparenta ser um tanto sugestivo a esse respeito, mediante a expressão encapsuladora da rede do fato comentado: “*cabo de guerra*”, pois assim se antecipam, de certo modo, as posteriores recategorizações em lados opostos, sobre “*os gastos com o BPC*”. Tal elemento comunga, proximamente, com as redes referenciais dos seguintes elementos: “*o governo Temer*” e “*as*

famílias brasileiras carentes”, ambos veladamente presentes no texto, de modo que se prescindir de suas menções, dado que o leitor é capaz de reconstruir tais relações. Por isso, assinalamos a presença deste modo de recategorizar embora, obviamente, nem toda estrutura com a presença de dois indivíduos que opinem apresente, necessariamente, recategorizações com teor de divergência entre si.

Outra situação de oposição que verificamos se dá no tocante a casos observados nos quais se modifica o sentido do referente construindo-lhe determinados atributos ou propriedades adversas à construção argumentativa de determinado enunciador; entretanto, ao que nos parece, essas características se dispõem a funcionar muito mais como um recurso a favor do argumento enunciado. Em resultado disso, notamos que tais características contrárias têm a tendência de não se manterem ao longo do texto. Este caso pode exemplificar tal constatação:

(98) *Setenta mil doses de vacinas contra a febre amarela, vendidas pela Fiocruz, foram rejeitadas pelas autoridades sanitárias do Sudão. O produto chegou ao país africano sem os lacres necessários para garantir sua conservação. O caso é o mais recente numa série de problemas relacionados à produção da fundação – cuja excelência histórica não se questiona. Funcionários do Complexo Tecnológico de Vacinas de Manguinhos informaram à coluna que os descartes de lotes por contaminação cresceram consideravelmente nos últimos tempos.*



(Portal Isto é, por Ricardo Boechat, 03/06/2016)

O presente texto noticioso informa um acontecimento bastante negativo acerca das vacinas contra a febre amarela vendidas no Brasil pela Fundação Fiocruz (ilustrada na foto, que, neste caso, vem após o corpo do texto). Destacamos, então, que, de todas as redes referenciais destinadas à repercussão desse fato negativo sobre a Fiocruz, apenas um elemento

relacionado à rede referencial da Fiocruz (rede do elemento afetado pelo fato) redefine-a de forma positiva, retrocedendo a essa avaliação negativa, ainda que por um breve momento no texto. Enumeremos alguns rastros deixados na superfície do texto que denotam a avaliação negativa, embora sutil e implícita, sobre a Fiocruz. A locução verbal “*foram rejeitadas*”, endereçada às setenta mil doses de vacina por ela vendida (rede do elemento afetado pelo fato), seria um primeiro indício. A seguir, a (re)criação de elementos dessa rede referencial, por meio de anáfora indireta, “*(sem) o lacre necessário para garantir sua conservação*” (rede da causa do fato), além do encapsulamento a ela ligado através da expressão “*o caso*” (rede do fato central) seguida de predicativo, “*mais recente numa série de problemas relacionados à produção da fundação*” (rede do histórico do fato), recategorizam-na por *confirmação* do seu traço negativo, embora não explícito, de estar comercializando “produtos defeituosos”. Todavia, nessa rede pertencente ao histórico do fato, há um elemento introduzido que parece desviar-se do sentido de depreciação do produto: a anáfora indireta da Fundação, “*excelência histórica*”, com a propriedade de ‘inquestionável’. Ou seja, a informação de fatos retrospectivos sobre a Fiocruz, acerca do grau de qualidade de seus produtos tradicionalmente fabricados, passa a orientá-la em sentido contrário, ocorrendo, por isso, a sua recategorização por *desconfirmação* à própria orientação argumentativa do produtor do texto, dado que a informação nova acrescentada ao referente baseia-se, pois, numa caracterização aparentemente paradoxal à orientação argumentativa que se vinha mantendo, que era a de “produzir de vacinas com defeito”. Este fenômeno se deu, ainda que uma informação posterior voltasse a confirmar o referente em sentido pejorativo, como é o caso da última referência às vacinas, “*os descartes de lotes por contaminação*”, que “*cresceram consideravelmente nos últimos tempos*”. A lógica que vemos na volta à homologação de tais traços coaduna-se com a atitude do produtor do texto de focar, indiretamente, o traço mais importante do referente para sua orientação argumentativa, que é a de “produção de vacinas com defeito”, e não a de “produção de excelência”.

Exibiremos o fenômeno em mais um caso, desta vez no interior de uma nota de opinião:

(99) Auxiliares de Dilma não creem em retorno da petista



“Alguns dos principais aliados da presidente afastada, Dilma Rousseff, têm feito avaliações semelhantes às do Planalto sobre suas chances de voltar ao poder: ou seja, pessimistas.

Em conversas recentes, esses antigos auxiliares dizem que, politicamente, a situação de Dilma já está definida.

Ainda que tecnicamente seja possível descaracterizar as razões para impeachment, dizem, os senadores já estão convencidos de que ela não tem condições políticas de retornar”.

(Portal Veja, por Vera Magalhães, 28/06/2016)

O presente texto opinativo revela o gerenciamento do repórter sobre o posicionamento do opinante “*alguns dos principais aliados da presidente afastada*”, em torno do referente “*Dilma Rousseff*”, elemento do fato discutido. Segundo a nota da revista, “Dilma não possui condições políticas de voltar ao poder”. Entretanto, em determinado momento, indica-se que é possível, tecnicamente, “*descaracterizar as razões para impeachment*”, o que indica, em implicitude, a condição de Dilma voltar a governar. Entretanto, a tese defendida no texto é justamente o contrário, ou seja, que Dilma não deve voltar ao poder, indicada acima também pela foto gestual da presidenta, que insinua um aceno de despedida, o que reforça a confirmação desse estatuto do referente. Assim, a ideia de que o impeachment pode ser descaracterizado poderia se chocar com a orientação de que Dilma não pode voltar ao poder, mas isto funciona, na verdade, como um recurso para dar mais força à tese defendida sobre a presidenta, uma vez atuando no sentido de colaborar com a defesa argumentativa pretendida, e não de destruí-la.

Além disso, no capítulo sobre os gêneros textuais, observamos que certas ilustrações de notas nos próprios dados da pesquisa em Figueiredo (2003), correspondem também a esse fenômeno. Convém retornarmos à nota (61), por exemplo:

(Reiteração do exemplo 61) “(...) *O governo britânico criou ontem uma comissão encarregada de avaliar o risco de algum asteroide chocar-se com a Terra. Segundo o ministro da Ciência, lorde Sainsbury, a população não deve ficar apreensiva, pois o risco é muito remoto, mas ainda assim não deve ser ignorado.*” (FIGUEIREDO, 2003, p.89)

O “ministro da ciência, lorde Sainsbury”, na presente nota, passa a ocupar o papel de opinante. Na enunciação, o risco de um asteroide se chocar com a Terra é construído de maneira oscilatória, pois ao mesmo tempo em que se noticia o fato de se criar uma comissão para avaliar tal risco, o ministro britânico tranquiliza a população, ao julgar o risco como muito remoto. A oscilação do referente entre “risco muito remoto” e “risco que não deve ser ignorado” parece se adequar a essa modificação antagônica do referente.

Vimos ainda que a recategorização em uma direção opositiva pode ocorrer em situações nas quais o texto manifesta um acontecimento³⁸, ou pelo menos, a suposição ou a expectativa de um acontecimento responsável por definir um novo estado ou atributo de determinado referente, modificando-o inversamente à construção anterior desse referente no texto, sob certos traços. Um exemplo é o que se segue:

(100) *Mudança de rota*

Leopoldo Pacheco, que já está certo no elenco de “Haja coração”, precisará deixar a produção. É que ele só entraria no capítulo 60 da trama das 19h e foi chamado para um papel de destaque na novela de Gloria Perez. “À flor da pele”, nome da história que ela prepara para as 21h, está em franco processo de escalação.

(Portal O Globo, por Patrícia Kogut, 21/05/2016)

Na presente nota, veremos que esta recategorização em sentido oposto coloca em relação, de modo principal, o elemento desencadeador do fato e o elemento afetado pelo fato. Como o próprio nome da nota sugere, a “*mudança de rota*” (R1- rede do fato central) do referente ocorre porque o referente é Leopoldo Pacheco (R2- rede do desencadeador do fato), convocado para a novela “*Haja coração*” (R3 – rede do elemento afetado pelo fato), de cuja produção tal ator deverá sair, segundo a nota. Esse acontecimento então revela uma nova

³⁸ Concebemos acontecimento como sinônimo de fato, ou evento que serve de base para a nota jornalística, tal como anunciado na descrição retórica e composicional de Figueiredo (2003). Tal fato pode abranger outros eventos dele decorridos, tais como fatos passados (histórico do fato), fatos relacionados ou (perspectiva de) fatos futuros.

informação sobre o referente através de um evento que irá acontecer “*precisará deixar a produção*” em franca oposição ao traço previamente apresentado sobre o referente “*que já está certo no elenco de ‘Haja coração’*”. Isto ocorre porque o conteúdo do próprio fato central, enunciado mediante uma ação futura, distingue entre dois aspectos do referente aparentemente paradoxais: o primeiro, expresso na apresentação inicial do referente “*que já está certo no elenco*” e o segundo, o do evento de centralidade da nota, que o desestabiliza perante sua apresentação inicial, o fato de que “*precisará deixar a produção*”. Isto é o suficiente para que se compreenda a centralidade desse fato do ator, imediatamente oposta ao modo pelo qual ele foi apresentado.

Supomos, pois, que isto corresponde a uma reconfiguração oposta do mesmo objeto de discurso, em favor de um fato que revela em si um aspecto posterior do referente em oposição semântica e discursiva à expectativa criada por seu atributo inicial. Seu traço posterior é expresso, neste caso, não por uma expressão referencial, e sim por uma construção linguística responsável por essa reconfiguração, “*precisará deixar a produção*”. Independentemente de as categorias de análise serem enquadradas como expressões referenciais, adjetivos, sintagmas adjetivais em posição de predicativo, ou construções linguísticas, o que verdadeiramente importa à nossa perspectiva teórico-analítica são os indícios contextuais que impliquem a percepção de que o referente do texto evoluiu.

Por outro lado, ambas as etapas referenciais de apresentação do referente Leopoldo Pacheco (R2) “*certo no elenco*” e de sua continuidade no sentido de reconduzir seu estado de apresentação, “*precisará deixar a produção*”, são ambas aferidas a partir de sua íntima associação semântico-cognitiva com outra rede referencial: a novela (R3). Isso evidencia a enorme complexidade dos vínculos entre as redes referenciais e a consequente dificuldade no estabelecimento de fronteiras nítidas entre elas em termos cognitivos, e nisto lembremos Antunes (2009), ao traçar os tipos de cadeias de referentes através de suas relações semântico-lexicais e cognitivas.

Outro texto do *corpus* que ilustra bem esse fenômeno é o seguinte:

(101) *Nem apelo de familiares deve tirar Lula das eleições de 2018*

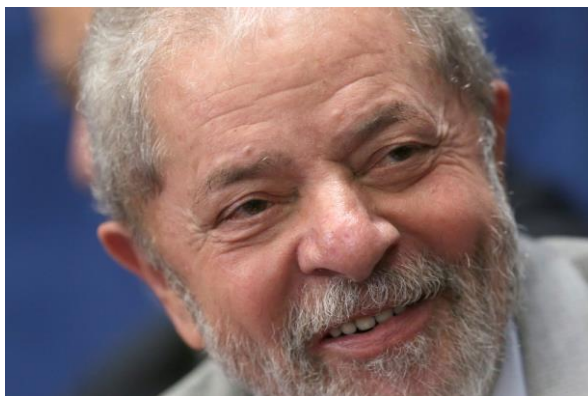


Foto: Eraldo Peres/AP

No que depender dos filhos do ex-presidente Lula, ele não será candidato à sucessão presidencial em 2018 nem à presidência do PT. Avaliam que a exposição vai gerar mais problemas para a família.

Os apelos não têm surtido efeito. Lula já está com a campanha para a presidência nas ruas. Já para o comando do partido, ainda resiste. O 6º Congresso do PT será em junho.

(Coluna do Estadão, por Andreza Matais e Marcelo de Morais, 06 de março, 2017)

No presente caso, veremos que a expectativa sobre o referente se exhibe pela relação, principalmente, entre o opinante do texto e o elemento do fato central comentado, cujo título “*Nem apelo de familiares deve tirar Lula das eleições de 2018*” antecipa a discussão a ser tecida. O opinante do fato correspondente às “eleições presidenciais de 2018 no Brasil” (rede do fato), são os familiares do ex-presidente Lula e este último é o elemento em destaque no fato principal. O posicionamento do opinante é justamente formado pela expectativa de que “*ele [Lula] não será candidato à sucessão presidencial em 2018 nem à presidência do PT*”, cuja representação da rede é referencialmente realizada pelo rótulo “*os apelos*”. A fundamentação do comentário se faz pela seguinte rede do argumento: “*Avaliam que a exposição vai gerar mais problemas para a família*”. Portanto, até aqui, as redes referenciais estruturam-se na construção do elemento textual “Lula” pelo traço “não candidato a presidente do Brasil”, ainda que sob a perspectiva do opinante.

Apesar de ser uma nota opinativa, sua estrutura composicional abre espaço para a inserção retórica da apresentação de desdobramentos do fato após seu comentário. Neste ponto, focalizamos que a recondução do elemento “Lula” se dá também pela introdução da rede referencial relativa a tais desdobramentos, definindo um momento posterior do texto; assim o jornalista coloca que “*os apelos não têm surtido efeito*”, já que “*Lula já está com a*

campanha para a presidência nas ruas” (rede do desdobramento do fato). Logo, o novo traço futuro de “Lula candidato a presidente do Brasil”, no desenrolar dos fatos, entra em contradição com a atitude esperada de Lula de não vir a ser candidato, em momento anterior do texto. Não deixemos de registrar a imagem visual focalizada no rosto de Lula, simpático e sorridente, ao modo de um “candidato”, o que tende a confirmar, discursivamente, a oposição da expectativa de seus familiares.

Por último, um exemplo disso também é a nota (81), já apresentada neste capítulo, em que a estrutura retórica complementar, decorrente do fato central noticiado traz a ideia de uma transformação do referente “subsedes” ao contrário de seu estado anterior, pois antes se demarcavam as cidades sediadoras da Copa, o que se homologa pelo termo “as subsedes”; no entanto, a expectativa de um porvir faz com que as cidades enumeradas tenham a possibilidade de perderem seu *status* de subsedes, a originar outras subsedes em seu lugar.

Hipotetizamos, assim, que as ocorrências dessa recategorização revelem apenas uma faceta dos diversos modos possíveis de desconfirmação, os quais possam se adaptar ao caráter dos gêneros. No caso das notas jornalísticas, estas espelham toda uma complexidade das contradições de pontos de vista e dos argumentos defendidos nas opiniões, assim como as evoluções referenciais através de fatos. É importante salientarmos que tais tipos de recategorização ocorreram nos dois subgêneros, não se limitando a nenhum tipo.

Tal recategorização por nós delineada se diferencia dos tipos de mudança referencial que foram sugeridos por Custódio Filho (2011), embora seja plausível observarmos um ponto em comum entre tal modo de continuidade e o desse autor, pois os tipos de correção e tais formas opositivas aparentam ser ambos uma forma de “desconfirmação” da leitura feita sobre o referente, na sequência do texto. No entanto, fazemos a imprescindível ressalva de que tal desconfirmação, nos casos que vimos, não incide de modo total sobre o referente, visto que a identidade dele permanece no texto, conservando-se sua integridade. Apenas certos traços seus é que se modificam.

Reafirmamos que a mudança por correção definida por Custódio Filho (2011), não foi encontrada em nossos dados, ao contrário das recategorizações (ou mudanças, no dizer de Custódio Filho (2011)) por acréscimo e por confirmação, largamente encontradas em nossa amostra. Com isso, deixamos nesta tese, reflexões sobre tal fenômeno que poderão ser desenvolvidas em estudos outros que possuam esse interesse investigativo.

7 CONCLUSÃO

A par das pesquisas empreendidas em torno das cadeias, com maior atenção em se descrever a forma das expressões que as constituem, como é o caso de análises formalistas sobre a coesão, e até de estudos da referenciação em perspectiva atrelada ao cotexto, sugerimos uma abordagem sociocognitivo-discursiva em favor da noção de redes referenciais. Assim, nosso objetivo foi propor tal noção tendo o gênero como norteador da construção e funcionamento das redes e tendo em vista a interferência delas nos processos de elaboração referencial, em que se inserem as recategorizações.

Em nosso trabalho, de ordem qualitativa, apontamos, nas contribuições bibliográficas, que poucos teóricos têm se voltado a discutir, com mais presteza, toda a complexidade envolvida nas teias de referentes. E ainda menos associando seu uso à conformidade de padrões do gênero e à modelagem das entidades em suas evoluções referenciais. Por esse motivo, nossa inquietação teórica consistiu em comprovar certos usos e funções das arquiteturas de redes na estrutura retórica dos subgêneros da nota jornalística.

Dentre as características que destacamos nas redes referenciais, diremos que elas podem ser erigidas não somente por aquilo que emerge na superfície linguística, mas especialmente, pelo que o leitor pode captar inferencialmente, através de variados indícios do cotexto. Com isso, podemos dizer que das redes se extraem muito mais do que interconexões puramente semânticas ou gramaticais, já que as ancoragens entre os referentes podem ser múltiplas, de tal modo a fazer com que todos eles interajam dentro de um mesmo entorno discursivo, em prol da construção dos sentidos.

Isto porque entendemos os referentes como entidades agenciadas intersubjetivamente no discurso, mediante uma negociação incessante e criativa entre os interlocutores, à proporção que as relações culturais, discursivas e sociocognitivas vão tornando os objetos de discurso rodeados de significações. Desse modo, tais realizações se fazem realmente concretas e repletas de sentidos quando se aplicam a esferas sociais de uso dos gêneros, tais como na comunidade discursiva jornalística, gerando as mais diversas disposições de redes referenciais nas notas de jornais a obedecerem suas funções retóricas, assim como aos intentos comunicativos e argumentativos dos jornalistas, ou das instituições

de que fazem parte, o que se reflete nos variados percursos de construção referencial, pelas redes projetadas em tais subgêneros.

Dessa maneira, mesmo que tratemos de categorias de redes que podemos antever de certo modo, no gênero, nossa análise aponta uma riqueza de possibilidades de realizações textuais, tanto no que se refere às variedades de configurações de redes, no plano de construção dos gêneros quanto no tocante às incomensuráveis probabilidades de relações entre os objetos de discurso a ocasionarem seus modos de continuidade (manutenção e progressão), em revelação da própria natureza mutável do referente em constante (re)processamento.

Com base nas investigações desta tese, destacamos alguns pontos que consideramos cruciais com base nos aspectos das redes compartilhados pelos gêneros textuais:

- As redes de elementos referenciais são extremamente dinâmicas e amoldáveis, de sorte a atender às construções dos subgêneros da nota jornalística, de modo que há certo grau de previsibilidade das categorias de redes correlacionadas a determinados elementos de construção prototípica deste gênero estudado. Assim, sugerimos que o critério de distribuição das redes referenciais neste gênero provenha de seus padrões de composição retórica, ocupando categorias que lhes cabem nessas estruturas;

- Verificamos que as notas noticiosa e opinativa têm como ponto maior de ancoragem o fato central da nota jornalística, garantindo, assim, a edificação da coerência e do gênero textual. Ainda que na nota de cunho opinativo, a rede a qual revela as opiniões ocupe um posto de alta abrangência no gênero, chegando mesmo a se confundir com o fato central muitas vezes, mesmo assim ela se move tomando-o como elemento-chave. E nisso salientamos uma característica não só do evento ou processo de centralidade, mas também de outros referentes em formas de unidades retóricas: certas estruturas além do fato, tais como o fato relacionado, (a perspectiva de) desdobramento do fato, o posicionamento do opinante, os argumentos que sustentam esse posicionamento, dentre outros estudados, são tidos por nós na condição de potenciais referentes em si mesmos (que, inclusive, podem ser encapsulados em uma expressão referencial), além da questão de já serem unidades da composição que suscitam uma rede de elementos em torno de si, os quais, por sua vez, vão se articulando em novas redes. Com isso, acreditamos que a análise das redes atreladas ao gênero seja uma forma de explicar como tais referentes se interligam;

- Nisto verificamos que as categorias de redes que atendem às diversas funções na estruturação genérica fornecem variadas informações aos referentes acarretando suas evoluções dentro dessa complexa rede de interação.

Além de tais aspectos das redes em condicionamento aos gêneros, podemos ainda fazer certas constatações de cunho mais geral:

- Constatamos determinadas ocorrências de referentes construídos sem a explicitação lexical por expressões referenciais que o nomeiam, que se dão pela recorrência do leitor ao conhecimento sociocognitivo compartilhado e da capacidade inferencial que carrega consigo;

- As redes de referentes se mostram sempre interligadas na construção dos sentidos, de uma forma, ou de outra, mesmo que as relações entre elas não nos pareçam ser todas iguais.

Sob tais vínculos, há infinitas possibilidades a interferirem nos modos de continuidade referencial, que se flagram a todo instante no universo textual, conforme já asseveram Cavalcante e Brito (2016).

Destacamos, ainda, uma constatação secundária que decorre de nossa análise:

- Percebemos que certas continuidades referenciais acontecem nas redes dos subgêneros noticioso e opinativo das notas, conforme os modos sugeridos por Custódio Filho (2011), que são a mudança por confirmação e por acréscimo de dados sobre as entidades. O mesmo não acontece com relação à mudança por correção, a qual não foi encontrada em nossa amostra; porém presumimos a manifestação de mudanças não enquadradas na classificação desse autor, que é o caso das recategorizações por desconfirmação, cujos modos de desconfirmar talvez se conformem às imposições de certos gêneros.

Certas críticas são também aqui ressaltadas no que concerne ao modelo retórico do gênero por nós analisado:

- Dentre as críticas que fazemos ao trabalho de Figueiredo (2003), está o fato de a autora não ter considerado as formas de implicitudes pelas quais certos elementos retóricos do texto podem ocorrer. Destacamos também a não observação da autora no que tange às situações dialógicas da linguagem, por exemplo, na possibilidade da existência de mais de um opinante no texto, cujos pontos de vista contrários dialogam entre si, o que, neste caso, vem a recategorizar polifonicamente os referentes.

- Criticamos, ainda, a divisão de Figueiredo (2003) das notas comentário e comentário relatado em dois subgêneros, uma vez que julgamos que ambos deveriam ser tratados como

um só tipo, em virtude do mesmo padrão retórico-composicional e propósitos gerais em comum que neles enxergamos.

Determinadas demandas de pesquisas futuras são por nós destacadas:

- Uma das possibilidades de interveniência das relações entre os referentes que merece maiores discussões ocorre por causa da contiguidade discursiva entre eles, em face do direcionamento argumentativo, o qual existe tanto na nota noticiosa quanto na opinativa. Segundo observamos, por um lado, a avaliação de um referente pode influenciar sobre a avaliação de outro, convergindo ambos, seja em sentido positivo, seja em sentido negativo. Por outro lado, julgamos que um referente avaliado positivamente pode influenciar, contrariamente, na avaliação negativa do outro, ou vice-versa. Logo, pensamos que a orientação argumentativa pode, em seu benefício, construir referentes em convergência ou em dissociação de sentidos com outro referente, podendo isto ser estudado de forma mais meticulosa, em trabalhos que venham a tratar do tema da avaliação nos textos, nos quais sugerimos observar-se a diversidade de pistas deixadas pelo cotexto, nas comparações entre um referente e outro (s);

- Além disso, recomendamos novas rediscussões dos critérios de identificação e de delimitação das anáforas, especialmente do que se entende por anáfora indireta, uma vez que reconhecemos, nos textos analisados, certas relações entre os referentes que não são normalmente tidas como tais.

De qualquer modo, encontramos-nos muito longe da pretensão de exaurir as viabilidades de categorias e de funções relativas a essas tessituras. Reforçamos aqui que nosso escopo foi atingir alguma sistematização de facetas dos imbricamentos entre referentes, os quais nos são dados a conhecer nos limites dessa pesquisa.

De um modo geral, julgamos que a noção das redes referenciais seja bastante profícua, podendo ser aplicada a novas pesquisas, mediante outras variáveis que não o gênero nota jornalística a que foram atreladas segundo os objetivos desta tese, ou ainda, mediante outros parâmetros que não os gêneros textuais propriamente ditos.

Enfim, em consequência do que sistematizamos, podemos dizer que a descrição das interações entre todos os referentes do texto na constituição dos gêneros e das funções dessas relações na continuidade e nas transformações referenciais não havia sido antes realizada pelos pesquisadores da Linguística Textual de modo esmiuçado, motivo pelo qual esta pesquisa nos faz alcançar um novo patamar de compreensão sobre o fenômeno. Prova disso é o fato de que não seja mais possível se falar de retomadas referenciais sem admitir que

as entidades de um texto estejam todas conectadas em rede, o que pode ser corroborado pela análise de outras manifestações de textos e de gêneros, no futuro das pesquisas em torno desse assunto.

Dito isso, afirmamos que as entidades construídas no texto são, antes de tudo, referentes inseridos no contexto do gênero e nele encontram seu papel, que, por outro lado, também se encarrega de transformar os referentes em benefício argumentativo do produtor do texto. Tudo isso graças à grandiosa capacidade de (re)criação de que é dotada a linguagem humana.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean Michel. **A Linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALVES, Antônia Suele. **Anáforas indiretas: uma rediscussão dos critérios classificatórios**. 115 p. Dissertação (mestrado em Linguística) Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

ALVES FILHO, Francisco; VIEIRA, Maria Lourdilene. Construção de objetos de discurso: considerações em casos que o referente é um ator social. *Revista Investigações*. Recife, v. 24, n 2, p. 135-156, jul., 2011.

ANTUNES, Irandé. **Aspectos da coesão do texto: uma análise em editoriais jornalísticos**. Recife: Editora da UFPE, 1996.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

APOTHÉLOZ, Deniz.; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construcción de la référence et strategies de designation. Tradução (inérita) Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Org.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995, p. 227-271.

ASKEHAVE, Inger; SWALES, John. Identificação de gênero e propósito comunicativo: um problema e uma possível solução. In: BEZERRA, Benedito; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica. (orgs.) **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1953].

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Hucitec, 1999.

BAWARSHI, Anis; REIFF, Mary Jo. **Genre - An introduction to history, theory, research, and pedagogy**. Indiana: Parlor Press, 2010.

BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. Tradução de Ângela Dionísio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2005.

BAZERMAN, Charles. **Gênero, agência e escrita**. Tradução de Ângela Dionísio e Judith C. Hoffnagel. São Paulo: Cortez, 2006.

BHATIA, Vijay. A análise de gêneros hoje. In: BEZERRA, Benedito; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica. (orgs.) **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2001.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BONINI, Adair. **Projeto gêneros do jornal (as Relações entre Gênero Textual e Suporte)**. 2001. Disponível em < <http://geocities.yahoo.com.br/adbonini/projet.htm>>.

BONINI, Adair. **Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos**. Florianópolis: Insular, 2002.

BONOMI, Andrea. **Lo spirito dela narrazione**. Milão: Bompiani, 1994.

BRITO, Mariza Angélica. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência**. 212p. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BROWN, Gilian; YULE, George. **Discourse Analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CAVALCANTE, Mônica. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan/jun., 2003.

CAVALCANTE, Mônica. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, Ingedore et al. (orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

CAVALCANTE, Mônica. **Referenciação: sobre coisas ditas e não-ditas**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica. **Os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2012.

CAVALCANTE, Mônica; BRITO, Mariza Angélica Paiva. O caráter naturalmente recategorizador das anáforas. In: AQUINO, Zilda Gaspar Oilveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto (orgs.) **Estudos do discurso, caminhos e tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, 2016, p. 119-133.

CAVALCANTE, Mônica; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica. **Coerência, referenciação e ensino**. SP: Cortez, 2014.

CIULLA E SILVA, Alena. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos**. 201p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CONTE, Maria Elisabeth. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M.; RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (orgs.) **Referenciação**. São Paulo; Contexto (Coleção Clássicos da Linguística), 2003, p. 177-190.

CORBLIN, Francis. **Les formes de reprise dans le discours: anaphores et chaines de référence**. Rennes: Presses de l'Université de Rennes, 1995.

COSTA, Maria Helenice. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão**. 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação.** 270 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

FIGUEIREDO, Lisette Fernandes. **A nota jornalística no Jornal do Brasil: um estudo do gênero textual e de sua função no jornal.** 133f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2003.

FIGUEIREDO, Lisette Fernandes; BONINI, Adair. Um estudo do gênero nota jornalística a partir de exemplares publicados no Jornal do Brasil. In: CAVALCANTE, Mônica et al. (orgs.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares: gêneros e sequências textuais.** v. 1. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007, p. 82-112.

FOLHA de SÃO PAULO. **Novo Manual da redação.** 8 ed. São Paulo: Folha de S. Paulo, 1998.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqayia. **Cohesion in English.** London: Longman, 1976.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqayia. **Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective.** Austrália: Deakin University, 1985.

ILARI, Rodolfo. Alguns problemas no estudo da anáfora textual. **Revista Letras.** Curitiba, v. 56, n 21, p. 195-215, jul./dez, 2001.

JAGUARIBE, Vicência. **A recategorização no texto literário: as negociações discursivas em poemas.** Projeto de Tese de Doutorado. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

JUBRAN, Clélia. *et al.* Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.) **Gramática do português falado,** v. II. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

JUBRAN, Clélia. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Caderno de Estudos Linguísticos.** Campinas, v.48, n 1, p. 33-41, 2006.

KOCH, Ingedore. **Coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1989.

KOCH, Ingedore. **Argumentação e linguagem**. São Paulo: Cortez, 1999.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOCH, Ingedore; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 251-300.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2010.

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. **Escrever e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2016.

KOCH, Ingedore; FÁVERO, Leonor. **Linguística Textual**: uma introdução. São Paulo: Cortez, 2009.

KOCH, Ingedore; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, São Paulo, v.14, n.especial, p. 169-190, 1998.

LAGE, Nilton. **Estrutura da notícia**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1993.

LEITE, Ricardo Lopes. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: CAVALCANTE, M. (et al.) (orgs.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. v.2, RJ: Lucerna, 2007.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. **(Re) categorização metafórica e humor: trabalhando a construção dos sentidos**. 170 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, 2003.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia: um estudo de processos de recategorização**. Fortaleza: Tese (Doutorado em Linguística) Universidade Federal do Ceará, 2009.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. A construção de referentes no texto/discurso: um processo de múltiplas âncoras. In: CAVALCANTE, Mônica; LIMA, Silvana (orgs.) **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**. Curitiba, n. 56, p.217-258, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETI, Dino (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006, p. 191-240.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto: o que é e como se faz**. Recife: EDUFPE, 1985.

MATOS, Janaica Gomes. **As funções discursivas das recategorizações**. 164 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MATOS, Janaica Gomes; CAVALCANTE, Mônica. Discutindo as marcas avaliativo-argumentativas das recategorizações. **Revista Intersecções**. São Paulo, ed. 18, n. 1, p. 93-111, 2016.

MATOS, Janaica Gomes; CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. O entrelaçamento de referentes nas recategorizações em piadas: qual o papel das cadeias referenciais? **Revista Calidoscópio**. São Leopoldo, vol. 14, n 3, p.499-508, 2016.

MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MILLER, Carolyn. Genre as a social action. In: FREEDMAN, Aviva; MEDWAY, Peter. (org.) **Genre and the New Rhetoric**. London: Taylor & Francis, 2009, p. 67-78.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NEVES DA SILVA, S. R. **Cadeias referenciais: o objeto de discurso e sua evolução na progressão textual**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

OLIVEIRA, Maria Marly. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

PANISSOD, Christiane. **Quantification et anaphore: entité anaphorique complexe (méronymique, processuelle, situationnelle)**. Conférence TALN, Cargèse, 12-17 juillet, 1999.

PINHEIRO, Clemilton. Integração de fatos formulativos e interacionais na construção do texto: um estudo sobre o uso de formas referenciais na organização tópica. **Revista Linguagem em (Dis)curso**. Santa Catarina, v, 4, n. 1, jul/ dez. 2003.

RONCARATI, Cláudia. **Cadeias do texto: construindo sentidos**. São Paulo: Parábola, 2010.

SILVA, Franklin; CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. O caráter não linear da recategorização referencial. In: CAVALCANTE, Mônica; LIMA, Silvana (orgs.) **Referenciação: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVA, Franklin. **Formas e funções das introduções referenciais**. 127f. Fortaleza, Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, 2013.

SILVA, Mirna. **Notícia e reportagem: uma proposta de distinção**. 134 p. Fortaleza, Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, 2002.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

SOUSA, Luciana Ribeiro de. **O estabelecimento da cadeia referencial em português: uma análise em diferentes sequências textuais**. 172 p. São Paulo, Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2013.

SWALES, John. **Genre analysis: English in academic and research settings**. New York: Cambridge University Press, 1990.

SWALES, John. Repensando o gênero: um novo olhar sobre os efeitos da comunidade discursiva. In: BEZERRA, Benedito; BIASI-RODRIGUES, Bernadete; CAVALCANTE, Mônica. (orgs.) **Gêneros e sequências textuais**. Recife: Edupe, 2001 [1992].

TAVARES, Diana. **Processos de recategorização: uma proposta classificatória**. Fortaleza, 139 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Sistema de Bibliotecas. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos da Universidade Federal do Ceará**. Fortaleza: UFC, 2017.

VAN DIJK, Teun. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.

VAN DIJK, Teun. **Contexto e discurso: uma abordagem sociocognitiva**. SP: Contexto, 2012.